Carlos Castaneda

Autor do best seller **A Erva do Diabo**

O Poder do Silêncio

NOVA ERA

12ª EDIÇÃO

Índice

Nota do tradutor
Introdução
Parte I - As Manifestações do Espírito
    O PRIMEIRO CERNE ABSTRATO
    A IMPECABILIDADE DO NAGUAL ELIAS
Parte II - O Assalto do Espírito
    O ABSTRATO
    A ÚLTIMA SEDUÇÃO DO NAGUAL JULIAN
Parte III - As Artimanhas do Espírito
    LIMPANDO O ELO COM O ESPÍRITO
    AS QUATRO DISPOSIÇÕES DA ESPREITA
Parte IV - A Descida do Espírito
    VENDO O ESPÍRITO
    A CAMBALHOTA DO PENSAMENTO
    MOVENDO O PONTO DE AGLUTINAÇÃO
    O LUGAR DA NÃO-PIEDADE
Parte V - Os Requisitos do Intento
    QUEBRANDO O ESPELHO DA AUTO-REFLEXÃO
    O PASSAPORTE PARA A IMPECABILIDADE
Parte VI - Manejando o Intento
    O TERCEIRO PONTO
    AS DUAS PONTES DE MÃO ÚNICA
    INTENTANDO APARÊNCIAS

O PODER DO SILÊNCIO

Esclarecimento

Meus livros são um relato verdadeiro de um método de ensino que Don Juan Matus, um feiticeiro índio mexicano, usava para ajudar-me a compreender o mundo dos feiticeiros. Nesse sentido, meus livros são o relato de um processo em andamento que se torna mais claro para mim à medida que o tempo passa.

São necessários anos de treinamento para ensinarmos a lidar inteligentemente com o mundo da vida cotidiana. Nossa instrução — seja em raciocínio plano ou tópicos formais — é rigorosa, porque o conhecimento que estamos tentando transmitir é muito complexo. Os mesmos critérios aplicam-se ao mundo dos feiticeiros; sua instrução, que se baseia em instrução oral e na manipulação da consciência, embora diferente da nossa, é exatamente tão rigorosa quanto esta, porque o seu conhecimento é tão, ou mais, complexo.

Nota do tradutor

Nas traduções dos livros anteriores de Castaneda, a palavra inglesa intent foi indiscriminadamente interpretada como “vontade”, “volição”, “intenção” (will, volition, intention). Neste volume, entretanto, em que Castaneda aborda mais detalhadamente a “mestria do intento” (mastery of intent), atribuindo à palavra um significado

mais amplo e transcendental, optou-se por interpretar intent, de maneira mais acertada, como “intento”.

Introdução

Em várias ocasiões Don Juan tentou, para o meu proveito, dar nome ao seu conhecimento. Ele sentia que o nome mais apropriado era nagualismo, mas que o termo era obscuro demais. Chamá-lo simplesmente “conhecimento” tornava-o vago, e chamá-lo “bruxaria” seria rebaixá-lo. “A mestria do intento” era muito abstrata, e “a busca da liberdade total” longa demais e metafórica. Finalmente, por ser incapaz de encontrar um nome mais apropriado, chamou-o “feitiçaria”, embora admitisse não ser realmente adequado.

Através dos anos, deu-me diferentes definições de feitiçaria, mas sempre manteve que as definições mudam à medida que o conhecimento cresce. Perto do final de meu aprendizado, senti que estava em condição de apreciar uma definição mais clara, assim pedi- lhe mais uma vez.

— Do ponto de vista do homem comum — disse Don Juan — a feitiçaria é bobagem ou um mistério agourento além de seu alcance. Ele está certo, não porque este seja um fato absoluto, mas porque ao homem comum falta a energia para lidar com feitiçaria. — Parou por um momento antes de continuar: — Os seres humanos nascem com uma quantidade finita de energia — continuou —, uma energia que é sistematicamente desdobrada, começando no momento do nascimento, de modo que possa ser usada de modo mais vantajoso pela modalidade do tempo.

— O que quer dizer por modalidade do tempo? — perguntei.

— A modalidade do tempo é o feixe preciso de campos de energia sendo percebidos. Acredito que a percepção do homem mudou através das eras. O próprio tempo decide o modo; o tempo decide quais feixes precisos de campos de energia, dentre um número incalculável, devem ser usados. E manipular a modalidade do tempo... esses poucos e selecionados campos de energia... toma toda a nossa energia disponível, não nos deixando nada que nos ajude a usar qualquer dos outros campos de energia.

Eu permanecia atento à sua explanação.

Convidou-me com um leve movimento das sobrancelhas a considerar tudo isso.

— Isto é o que quero dizer quando afirmo que o homem comum não tem a energia necessária para lidar com feitiçaria. Se usar apenas a energia que tem, não pode perceber os mundos que os feiticeiros percebem. Para fazê-lo, os feiticeiros precisam usar um grupo de campos de energia não usado normalmente. Claro que, se o homem comum perceber esses mundos e compreender a percepção dos feiticeiros, deve se utilizar do mesmo grupo que esses usaram. E isto simplesmente não é possível, porque toda a sua energia já está desdobrada. — Fez uma pausa, como se procurando pelas palavras apropriadas para demonstrar seu ponto de vista. — Pense dessa maneira. Não é que, à medida que o tempo passa, você esteja aprendendo feitiçaria; antes, o que está aprendendo é economizar energia. E essa energia irá capacitá-lo a manipular alguns dos campos de energia que lhe são agora inacessíveis. E isto é feitiçaria: a habilidade de usar campos de energia que não são empregados para perceber o mundo normal que conhecemos. Feitiçaria é um estado de consciência. Feitiçaria é a capacidade de perceber algo que a percepção comum não consegue.

“Tudo pelo que fiz você passar, cada uma das coisas que lhe mostrei era apenas um instrumento para convencê-lo de que há mais coisas do que o olho pode perceber. Não necessitamos de ninguém para nos ensinar feitiçaria, porque de fato não há nada a aprender. O que necessitamos é de um professor para nos convencer de que há poder incalculável ao alcance de nossos dedos. Que paradoxo estranho! Cada guerreiro na trilha do conhecimento pensa, num momento ou outro, que está aprendendo feitiçaria, mas tudo o que está fazendo é permitir a si mesmo ser convencido do poder oculto em seu ser, e que pode alcançá-lo.

— E isto que está fazendo, Don Juan, convencendo-me?

— Isso mesmo. Estou tentando convencê-lo de que pode alcançar esse poder. Passei pela mesma coisa. E era tão difícil de ser convencido quanto você.

— Uma vez que o alcançamos, o que fazemos exatamente com ele, Don Juan?

— Nada. Uma vez que o alcançamos, este irá, por si mesmo, fazer uso de campos de energia que estão disponíveis para nós, embora inacessíveis. E isto, como eu disse, é feitiçaria. Começamos então a ver, isto é, perceber, algo mais; não como imaginação, mas como real e concreto. E então começamos a conhecer sem a necessidade de usar palavras. E o que cada um de nós faz com esta percepção aumentada, com aquele conhecimento silencioso, depende de nosso próprio temperamento.

Em outra ocasião deu-me outro tipo de explicação. Discutíamos um assunto não relacionado quando de repente ele mudou o tema e começou a contar-me uma piada. Riu e, muito suavemente, bateu em minhas costas entre as omoplatas, como se estivesse envergonhado e eu

fosse muito superior para ele tocar-me. Deu curtas risadas diante de minha reação nervosa.

— Você é muito sensível — falou, caçoando, e bateu em minhas costas com mais força.

Meus ouvidos zumbiram. Por um instante perdi o fôlego; parecia como se ele tivesse machucado meus pulmões. Cada respiração causava-me grande desconforto. No entanto, depois que tossi e engasguei algumas vezes, minhas passagens nasais abriram-se e encontrei-me aspirando o ar em grandes e calmantes golfadas. Tinha uma grande sensação de bem-estar que nem sequer me aborreci com ele por seu golpe, tão duro quanto inesperado.

Então Don Juan começou uma explicação muito notável. Clara e Concisamente, deu-me uma definição diferente e mais precisa de feitiçaria.

Eu entrara num admirável estado de consciência! Tinha tal clareza de mente que era capaz de compreender e assimilar tudo que Don Juan dizia. Ele explicou que no universo há uma força imensurável e indescritível que os feiticeiros chamam intento, e que absolutamente tudo o que existe no cosmo inteiro está ligado ao intento por um elo de conexão. Feiticeiros, ou guerreiros, como os chamava, preocupavam-se em discutir, compreender e utilizar este elo de conexão. Estavam especialmente empenhados em limpá-lo dos efeitos atordoantes causados pelas preocupações comuns de suas vidas cotidianas. A feitiçaria a este nível podia ser definida como um procedimento de limpar o elo de conexão de um indivíduo ao intento. Don Juan salientou que este “processo de limpeza” era extremamente difícil de compreender, ou aprender a executar. Os feiticeiros, portanto, dividiam sua instrução em duas categorias. Uma era a instrução para o estado de consciência da vida cotidiana, no qual o processo de

limpeza era apresentado de modo disfarçado. A outra era a instrução para os estados de consciência intensificados, tais como o que eu estava experimentando no momento, nos quais os feiticeiros obtinham o conhecimento diretamente do intento, sem a intervenção perturbadora da linguagem falada.

Don Juan explicou que, usando a consciência intensificada durante milhares de anos de doloroso esforço, os feiticeiros obtiveram percepções específicas do intento, e passaram esse precioso conhecimento direto de geração a geração, até o presente. Disse que a tarefa da feitiçaria é tomar esse conhecimento aparentemente incompreensível e torná-lo compreensível pelos padrões da consciência da vida cotidiana.

Explicou então o papel do guia nas vidas dos feiticeiros. Segundo ele, um guia é chamado “o nagual”, e o nagual é um homem ou uma mulher com energia extraordinária, um professor que tem sobriedade, resistência, estabilidade; alguém que os videntes vêem como uma esfera luminosa com quatro compartimentos, como se quatro bolas luminosas fossem comprimidas juntas. Por causa de sua extraordinária energia, os naguais são intermediários. Sua energia permite-lhes canalizar paz, harmonia, alegria e conhecimento diretamente da fonte, do intento, e transmiti-los a seus companheiros. Os naguais são responsáveis por proporcionar o que os feiticeiros chamam “a oportunidade mínima”: a consciência da conexão do indivíduo com o intento.

Avisei-lhe que minha mente absorvia tudo o que me dizia, e a única parte de sua explicação ainda obscura para mim era a necessidade de dois conjuntos de ensinamentos. Podia compreender tudo o que dizia sobre o mundo dos feiticeiros com facilidade, e no entanto ele descreveu o processo de compreender como muito difícil.

— Você irá precisar de uma vida inteira para recordar as percepções que teve hoje — disse ele — porque a maioria delas era conhecimento silencioso. Dentro de instantes você as terá esquecido.

Este é um dos imperscrutáveis mistérios da consciência.

Então Don Juan fez-me mudar de nível de consciência, com um golpe no lado esquerdo, na beira da caixa torácica.

Perdi instantaneamente minha extraordinária clareza mental, não podendo sequer me lembrar de tê-la possuído...

O próprio Don Juan deu-me a tarefa de escrever sobre as premissas da feitiçaria. Certa vez, muito casualmente, nos primeiros estágios de meu aprendizado, sugeriu que eu escrevesse um livro para fazer uso das notas que sempre tomara. Eu acumulara resmas de anotações e nunca considerei o que fazer com das.

Argumentei ser uma sugestão absurda, pois eu não era escritor.

— É claro que você não é um escritor — disse ele —, portanto terá de usar de feitiçaria. Primeiro, precisa visualizar suas experiências como se estivesse revivendo-as e então deve ver o texto em seu sonhar.

Para você, escrever não será um exercício literário, mas antes um exercício de feitiçaria.

Escrevi dessa maneira sobre as premissas da feitiçaria exatamente como Don Juan as explicou para mim, dentro do contexto de seus ensinamentos.

Em seu esquema de ensino, o qual foi desenvolvido por feiticeiros de tempos antigos, havia duas categorias de instrução. Uma era chamada “ensinamentos para o lado direito”, desenvolvida no estado normal de consciência. A

outra era chamada “ensinamentos para o lado esquerdo”, posta em prática apenas em estados de consciência intensificada.

Essas duas categorias permitiam que os professores ensinassem a seus aprendizes em três áreas de habilidades: a mestria da consciência, a arte da espreita e a mestria do intento.

Essas três áreas de habilidade, são os três enigmas que os feiticeiros encontram em sua busca ao conhecimento.

A mestria da consciência é o enigma da mente; a perplexidade que os feiticeiros experimentam quando reconhecem o espantoso mistério e propósito da consciência e da percepção.

A arte da espreita é o enigma do coração; o desconcerto que os feiticeiros sentem ao se tornarem conscientes de duas coisas: primeiro, que o mundo parece para nós inalteravelmente objetivo e factual, por causa das peculiaridades de nossa consciência e percepção; segundo, que se diferentes peculiaridades de percepção entram em jogo, as próprias coisas do mundo que parecem tão inalteravelmente objetivas e factuais mudam.

A mestria do intento é o enigma do espírito, ou o paradoxo do abstrato — os pensamentos e ações dos feiticeiros projetados além de nossa condição humana.

A instrução de Don Juan quanto à arte da espreita e à mestria do intento dependia de sua instrução sobre a mestria da consciência, que era a pedra fundamental de seus ensinamentos, que consistem das seguintes premissas básicas: 1. O universo é uma aglomeração infinita de campos de energia, semelhantes a filamentos de luz; 2. Esses campos de energia, chamados de “emanações da Águia”, radiam de uma fonte de proporções inconcebíveis,

metaforicamente denominada Águia; 3. Os seres humanos também são compostos de um número incalculável dos mesmos campos de energia fílamentosos. Essas emanações da Águia formam uma aglomeração encapsulada que se manifesta como uma bola de luz do tamanho do corpo da pessoa com os braços estendidos lateralmente, como um ovo luminoso gigante; 4. Apenas um grupo muito pequeno de campos de energia no interior dessa bola luminosa são acesos por um ponto de intenso brilho localizado na superfície da bola; 5. A percepção ocorre quando os campos de energia desse pequeno grupo imediatamente ao redor do ponto de brilho estendem sua luz para iluminar campos de energia idênticos no exterior da bola.

Uma vez que os únicos campos de energia perceptíveis são aqueles iluminados pelo ponto brilhante, esse ponto é chamado “o ponto onde a percepção é aglutinada”, ou simplesmente “o ponto de aglutinação”; 6. O ponto de aglutinação pode ser movido de sua posição usual sobre a superfície da bola luminosa para outra posição na superfície ou no interior .Uma vez que o brilho do ponto de aglutinação pode iluminar qualquer campo de energia com o qual entrar em contato, quando se move para uma nova posição ilumina de imediato novos campos de energia, tornando-os perceptíveis. Esta percepção é conhecida como ver; 7. Quando o ponto de aglutinação se desloca, torna possível a percepção de um mundo inteiramente diferente — tão objetivo e factual como aquele que normalmente percebemos. Os feiticeiros entram nesse outro mundo para obter energia, poder, soluções para problemas gerais e particulares, ou para encarar o inimaginável; 8. Intento penetrante que nos faz perceber. Não nos tornamos conscientes porque percebemos; antes, percebemos como resultado da pressão e intrusão do intento; 9. O objetivo dos feiticeiros é atingir um estado de consciência total de modo a experimentar todas as possibilidades de percepção

disponíveis ao homem. Esse estado de consciência implica mesmo uma maneira alternativa de morrer.

Um nível de conhecimento prático era incluído como parte do ensino da mestria da consciência. Nesse nível prático Don Juan ensinava os procedimentos necessários a mover o ponto de aglutinação. Os dois grandes sistemas desenvolvidos pelos feiticeiros videntes dos tempos antigos para realizar isto eram: sonhar, o controle e utilização de sonhos; e espreitar, o controle do comportamento.

Mover o ponto de aglutinação de um indivíduo era uma manobra essencial que todo feiticeiro tinha de aprender. Alguns deles, os naguais, também aprendiam a executá-lo para outros. Eram capazes de desalojar o ponto de aglutinação de sua posição costumeira, desferindo um forte golpe diretamente contra o ponto de aglutinação. Esse golpe, que era experimentado como um soco na omoplata direita — embora o corpo nunca fosse tocado —, resultava num estado de consciência intensificada.

De acordo com essa tradição, era exclusivamente nesses estados de consciência intensificada que Don Juan executava a parte mais importante e dramática de seus ensinamentos: as instruções para o lado esquerdo. Por causa da extraordinária qualidade desses estados, ele pedia que eu não os discutisse com outros até que tivéssemos concluído tudo no esquema de ensino dos feiticeiros. Esse pedido não era difícil de aceitar. Nesses estados únicos de consciência, minha capacidade de entender a instrução era inacreditavelmente aumentada, mas ao mesmo tempo minha capacidade de descrever ou mesmo lembrá-la ficava diminuída. Eu podia funcionar nesses estados com habilidade e segurança, mas não podia lembrar-me de coisa alguma a seu respeito depois de retornar a minha consciência normal.

Levei anos para me tornar capaz de fazer a conversão crucial de minha consciência aumentada para o normal. Minha razão e o bom senso retardavam esse momento porque colidiam com a realidade irracional e impensável da consciência intensificada e do conhecimento direto. Por anos o descompasso entre uma consciência e outra forçou-me a evitar o assunto, não pensando a respeito.

Tudo que escrevi sobre o meu aprendizado de feitiçaria, até o presente, tem sido um relato de como Don Juan ensinou-me a mestria da consciência. Não descrevi ainda a arte da espreita ou a mestria do intento.

Don Juan ensinou-me seus princípios e aplicações com a ajuda de dois de seus companheiros: um feiticeiro chamado Vicente Medrano e outro chamado Silvio Manuel, mas tudo o que aprendi deles ainda permanece nublado no que Don Juan chamou de complexidades da consciência intensificada. Até agora foi impossível para mim escrever ou mesmo pensar com coerência sobre a arte da espreita e a mestria do intento. Meu engano foi encará-las como temas de memória e reminiscência normais. São, e ao mesmo tempo não são. Para resolver esta contradição, não persegui os temas diretamente — uma impossibilidade virtual —, mas lidei com eles de modo indireto através do tópico conclusivo da instrução de Don Juan: as histórias dos feiticeiros do passado.

Ele contava essas histórias para tornar evidente o que chamava os cernes abstratos de suas lições. Mas eu era incapaz de perceber a natureza dos cernes abstratos, apesar de suas minuciosas explicações, as quais, agora sei, destinavam-se mais a abrir minha mente do que explicar tudo de modo racional. Seu modo falar fez-me acreditar por muitos anos que suas explicações dos cernes abstratos eram como dissertações acadêmicas; e tudo que fui capaz de fazer, sob essas circunstâncias, foi tomar suas

explicações como eram dadas. Elas tornaram-se parte de minha aceitação tácita de seus ensinamentos, mas sem o comprometimento completo de minha parte, essencial para compreendê-las.

Don Juan apresentou três conjuntos de seis cernes abstratos cada, arranjados num nível crescente de complexidade. Lidei aqui com o primeiro conjunto, que é composto do seguinte: as manifestações do espírito, o assalto do espírito, as artimanhas do espírito, a descida do espírito, os requisitos do intento e a manipulação do intento.

Parte I - As Manifestações do Espírito

O PRIMEIRO CERNE ABSTRATO

Don Juan, sempre que era pertinente, costumava contar-me breves histórias sobre os feiticeiros de sua linhagem, em especial seu mestre, o nagual Julian. Não eram realmente histórias, mas sim descrições do modo pelo qual esses feiticeiros se comportavam e dos aspectos de suas personalidades. Cada um desses relatos era designado a lançar luz sobre um tópico específico em meu aprendizado.

Eu ouvira as mesmas histórias dos outros quinze membros do grupo de feiticeiros de Don Juan, mas nenhum desses relatos havia sido capaz de dar-me uma imagem clara das pessoas que descreviam.

Uma vez que não tinha maneira de persuadir Don Juan a fornecer-me maiores detalhes sobre esses feiticeiros, resignei-me à idéia de nunca saber a respeito deles em profundidade.

Uma tarde, nas montanhas do México meridional, Don Juan, após ter-me explicado mais sobre as complexidades da mestria da consciência, fez uma declaração que me aturdiu por completo.

— Acho que é tempo de falarmos sobre os feiticeiros de nosso passado — disse ele.

Explicou que era necessário que eu começasse a tirar conclusões baseado numa visão sistemática do passado, conclusões tanto sobre o mundo dos afazeres diários Quanto sobre o mundo dos feiticeiros.

— Os feiticeiros são vitalmente preocupados com o seu passado — disse ele —, mas não me refiro a seu passado pessoal. Para os feiticeiros, seu passado é o que os outros feiticeiros fizeram em dias passados. E o que vamos fazer agora é examinar esse passado.

“O homem comum também examina o passado. Mas é principalmente seu passado pessoal que examina, e o faz por motivos pessoais. Os feiticeiros fazem praticamente o oposto; consultam seu passado de modo a obter um ponto de referência.

— Mas não é isso o que todos fazem? Olhar o passado para obter um ponto de referência?

— Não! — respondeu enfaticamente. — O homem comum mede- se contra o passado, seja seu passado pessoal ou o conhecimento passado de seu tempo, de modo a encontrar justificações para o seu comportamento presente ou futuro, ou para estabelecer um modelo para si mesmo. Apenas os feiticeiros buscam de modo genuíno um ponto de referência no seu passada — Talvez, Don Juan, as coisas fossem claras para mim se me dissesse o que é um ponto de referência para um feiticeiro.

— Para os feiticeiros, estabelecer um ponto de referência significa obter uma oportunidade de examinar o intento — replicou. — O que é exatamente o objetivo desse tópico final de instrução. E nada pode dar aos feiticeiros uma visão melhor do intento do que examinar histórias de outros feiticeiros, esforçando-se para compreender a mesma força. — Explicou que, ao examinar o seu passado, os feiticeiros de sua linhagem tomavam cuidadosa ciência da ordem abstrata básica de seu conhecimento. — Em feitiçaria há vinte e um cernes abstratos — continuou Don Juan —, e então, baseadas nesses cernes abstratos, há grande quantidade de histórias de feitiçaria sobre os naguais de nossa linhagem lutando para compreender o espírito. É tempo de contar-lhe sobre os cernes abstratos e as histórias de feitiçaria.

Esperei que Don Juan começasse a contar-me as histórias, mas ele mudou de assunto e voltou a explicar a consciência.

— Espere um minuto — protestei. — E as histórias de feitiçaria?

Não vai contá-las?

— Claro que vou, mas não são histórias que se pode contar como se fossem lendas. Você deve pensar seu caminho através delas e então repensá-las, revivê-las, por assim dizer.

Houve um grande silêncio. Fiquei muito cauteloso e receei que, se persistisse em pedir-lhe para contar-me as histórias, poderia estar me metendo em algo que poderia lamentar mais tarde. Mas minha curiosidade era maior que o meu bom senso.

— Bem, vamos a elas então — murmurei.

Don Juan, obviamente captando o sentido de meus pensamentos, sorriu com malícia. Levantou-se e fez-me sinal para segui-lo. Havíamos ficado sentados sobre algumas rochas secas no fundo de uma fenda.

Estávamos no meio da tarde. O céu achava-se escuro e nublado.

Nuvens baixas, quase pretas, pairavam sobre os picos a leste. Em comparação, as nuvens altas faziam o céu parecer claro ao sul. Chovera forte mais cedo, mas então a chuva pareceu retirar-se para um esconderijo, deixando atrás apenas uma ameaça.

Eu devia estar enregelado até os ossos, pois fazia muito frio. Mas me sentia quente. Enquanto agarrava uma pedra que Don Juan me dera para segurar, percebi que esta sensação de estar quente num clima quase congelante me era familiar, embora sempre me espantasse.

Quando parecia a ponto de congelar, Don Juan me daria um galho para segurar, ou uma pedra, ou colocaria um punhado de folhas sob a minha camisa, na ponta de meu esterno, e aquilo seria suficiente para erguer a minha temperatura corporal.

Eu havia tentado recriar sem sucesso, por mim mesmo, o efeito de suas ministrações. Explicou-me que não eram as ministrações e sim o seu silêncio interior que me mantinham aquecido, e que os galhos ou pedras ou folhas eram apenas engenhos para prender minha atenção e mantê-la em foco.

Movendo-nos com rapidez, subimos o íngreme lado oeste de uma montanha até alcançarmos uma saliência de rocha bem no topo.

Estávamos nos contrafortes de uma cadeia mais alta de montanhas. Da saliência rochosa eu podia ver que a neblina começara a mover-se para a ponta sul do vale abaixo de nós. Nuvens baixas, encrespadas, pareciam estar se fechando sobre nós, também, deslizando dos altos picos negros esverdeados das montanhas a oeste. Depois da chuva, sob o escuro céu nublado, o vale, as montanhas do leste e do sul apareciam cobertas por um manto de silêncio negro-esverdeado.

— Este é o lugar ideal para se ter uma conversa — disse Don Juan, sentando-se no solo rochoso de uma caverna rasa oculta.

A caverna era perfeita para nos sentarmos lado a lado. Nossas cabeças quase tocavam o teto e nossas costas acomodavam-se de modo agradável de encontro à superfície curva da parede rochosa. Era como se a caverna tivesse sido deliberadamente escavada para acomodar duas pessoas de nossos tamanhos.

Percebi outro detalhe estranho da caverna; quando estava em pé sobre a saliência, podia ver o vale inteiro e as cadeias de montanhas ao leste e ao sul, mas quando me sentava, ficava encaixado entre as rochas. No entanto, a saliência estava ao mesmo nível do solo da caverna, e era plana.

Eu estava para apontar este estranho efeito para Don Juan, mas ele se antecipou.

— Esta caverna é feita pelo homem — disse ele. — A saliência é inclinada, mas o olho não registra a inclinação.

— Quem fez esta caverna, Don Juan?

— Os antigos feiticeiros. Talvez há milhares de anos. E uma das peculiaridades desta caverna é que animais e

insetos e mesmo as pessoas se mantêm afastados dela. Os antigos feiticeiros parecem tê-la carregado com uma carga amedrontadora que faz todo ser vivo sentir-se desconfortável.

Mas, por estranho que parecesse, eu me sentia irracionalmente seguro e feliz ali. Uma sensação de contentamento físico fazia meu corpo inteiro tinir. Eu de fato sentia a sensação mais agradável, mais deleitosa em meu estômago. Era como se meus nervos estivessem sendo comichados.

— Não me sinto desconfortável — comentei.

— Nem eu. O que significa apenas que você e eu não estamos tão longe em temperamento daqueles antigos feiticeiros do passado; algo que me preocupa demais.

Temi continuar naquele assunto, de modo que esperei que ele falasse.

— A primeira história de feitiçaria que vou lhe contar é chamada “As manifestações do espírito” — começou Don Juan —, mas não deixe que o título o mistifique. As manifestações do espírito são apenas o primeiro cerne abstrato ao redor do qual a primeira história de feitiçaria está construída.

“Esse primeiro cerne abstrato é uma história em si mesma. A história diz que tempos atrás houve um homem, um homem comum sem quaisquer atributos especiais. Era, como todos os demais, um conduto para o espírito. E em virtude disso, como todos os demais, era parte do espírito, parte do abstrato. Mas não sabia disso. O mundo mantinha-o tão ocupado que ele realmente não tinha o tempo nem a inclinação para examinar o assunto.

“O espírito tentou, sem sucesso, revelar sua conexão. Usando uma voz interior, o espírito revelou seus segredos, mas o homem era incapaz de compreender as revelações. Naturalmente, ouvia a voz interior, mas acreditava que fossem seus próprios sentimentos que estava sentindo e seus próprios pensamentos que estava pensando.

“O espírito, para sacudi-lo de sua modorra, deu-lhe três sinais, três manifestações sucessivas. O espírito cruzou fisicamente o caminho do homem da maneira mais óbvia. Mas o homem estava alheio a qualquer coisa a não ser a preocupação consigo mesmo.

Don Juan parou e olhou para mim, como fazia sempre que estava à espera de meus comentários e perguntas. Eu não tinha nada a dizer.

Não compreendia o ponto que estava tentando demonstrar.

— Acabei de contar-lhe o primeiro cerne abstrato — continuou. — A única outra coisa que poderia acrescentar é que por causa da absoluta relutância do homem em compreender, o espírito foi forçado a usar de artimanhas. E as artimanhas tornaram-se a essência do caminho dos feiticeiros. Mas isso é outra história.

Don Juan explicou que os feiticeiros compreendiam este cerne abstrato como uma planta dos acontecimentos, ou um padrão recorrente que aparecia todas as vezes em que o intento estivesse dando uma indicação de algo significativo. Cernes abstratos, assim, eram plantas de cadeias completas de eventos.

Assegurou-me que, por meios além da compreensão, cada detalhe de cada cerne abstrato recorria para cada aprendiz de nagual.

Assegurou-me, mais, que havia ajudado o intento a envolver-me em todos os cernes abstratos da feitiçaria da mesma maneira como seu benfeitor, o nagual Julian, e todos os naguais antes dele haviam envolvido seus aprendizes. O processo pelo qual cada aprendiz de nagual encontrava os cernes abstratos criava uma série de histórias tecidas ao redor desses cernes abstratos, incorporando os detalhes particulares da personalidade de cada aprendiz e das circunstâncias.

Falou, por exemplo, que eu tinha minha própria história sobre as manifestações do espírito, ele tinha a dele, seu benfeitor tinha suas próprias, assim como o nagual que o precedera, e assim por diante.

— Qual é a minha história sobre as manifestações do espírito? — perguntei, algo incrédulo.

— Se algum guerreiro está consciente de suas histórias, é você — replicou ele. — Afinal, você tem escrito a respeito delas durante anos.

Mas não percebeu os cernes abstratos porque é um homem prático.

Você faz tudo apenas com o propósito de aumentar sua praticabilidade.

Embora tenha manipulado suas histórias à exaustão, não fazia idéia de que havia um cerne abstrato nelas. Tudo o que fiz lhe parece, portanto, como uma atividade prática freqüentemente extravagante: ensinar feitiçaria a um aprendiz relutante e, na maior parte do tempo, estúpido.

Enquanto os vê nesses termos, os cernes abstratos irão escapar-lhe.

— Deve perdoar-me, Don Juan, mas suas afirmações são muito confusas. O que está dizendo?

— Estou tentando introduzir as histórias de feitiçaria como tema — replicou. — Nunca falei a você de modo específico sobre esse tópico porque tradicionalmente é deixado oculto. É o último artifício do espírito. Disse que quando o aprendiz compreende os cernes abstratos é como colocar a pedra que encima e sela uma pirâmide.

Estava ficando escuro e parecia que ia chover outra vez.

Preocupei-me com o fato de que se o vento soprasse de leste para oeste enquanto estava chovendo, iríamos ficar ensopados naquela caverna.

Estava certo de que Don Juan sabia disso, mas ele pareceu ignorá-lo.

— Não irá chover novamente até amanhã de manhã — comentou.

Ouvir meus pensamentos íntimos sendo respondidos fez-me saltar involuntariamente e bater com o topo da cabeça no teto da caverna. Foi uma pancada que soou mais do que doeu.

Don Juan dobrou-se de riso. Depois de alguns momentos minha cabeça começou de fato a doer e tive de massageá-la.

— A sua companhia me é tão agradável como a minha deve ter sido para o meu benfeitor — disse ele, e começou a rir outra vez.

Ficamos quietos por alguns minutos. O silêncio ao meu redor era agourento. Imaginei que podia ouvir o farfalhar das nuvens baixas enquanto essas desciam sobre nós das montanhas mais altas. Então percebi que o que estava ouvindo era o vento suave. De minha posição na caverna rasa, este soava como o sussurrar de vozes humanas.

— Tive a incrível boa sorte de ter sido ensinado por dois naguais — disse Don Juan, e quebrou o efeito magnético que o vento exercera sobre mim naquele momento. — Um foi, é claro, meu benfeitor, o nagual Julian, e o outro foi seu benfeitor, o nagual Elias. Meu caso foi único.

— Por que seu caso foi único?

— Porque durante gerações os naguais reuniram seus aprendizes anos depois que seus próprios mestres deixaram o mundo. Exceto meu benfeitor. Tornei-me aprendiz do nagual Julian oito anos antes que seu benfeitor deixasse o mundo. Fui agraciado por oito anos. Foi a coisa mais feliz que me podia ter acontecido, pois tive a oportunidade de ser ensinado por dois temperamentos opostos. Era como estar respaldado por um pai poderoso e um avô ainda mais poderoso que não vêem pelo mesmo prisma. Em tal disputa, o avô sempre vence. Assim, sou propriamente o produto dos ensinamentos do nagual Elias. Eu era mais próximo dele não apenas em temperamento mas também em aparência.

Diria que devo a ele minha excelente sintonia. Entretanto, devo ao meu benfeitor, o nagual Julian, o grosso do trabalho que houve para transformar-me de um ser miserável em um guerreiro impecável.

— Como era o nagual Julian fisicamente? — perguntei.

— Sabe que até hoje é difícil para mim visualizá-lo? Sei que isso soa absurdo, mas dependendo de suas necessidades ou das circunstâncias, ele podia ser jovem ou velho, bem-apessoado ou rústico, esgotado e fraco ou forte e viril, gordo ou magro, de altura média ou muito baixo.

— Quer dizer que era um ator desempenhando diferentes papéis com o auxílio de truques?

— Não, não havia truques envolvidos, e ele não era apenas um ator. Foi, sem dúvida, um grande ator em seu próprio direito, mas isto é diferente. O ponto é que era capaz de transformar-se e tornar-se todas essas pessoas diametralmente opostas. Ser um grande ator permitia-lhe retratar todas as minuciosas peculiaridades de comportamento que tornavam cada ser específico real. Digamos que ficava à vontade em cada mudança de ser. Assim como você fica à vontade a cada mudança de roupa.

Ansiosamente, pedi a Don Juan que me contasse mais sobre as transformações de seu benfeitor. Disse que alguém lhe ensinara como trazer à tona essas transformações, mas que explicar mais alguma coisa o forçaria a saltar para histórias diferentes.

— Como era o nagual Julian quando não estava se transformando?

— Digamos que antes de se tornar um nagual ele era muito magro e musculoso. Seu cabelo era preto, espesso e ondulado. Tinha um nariz longo e fino, fortes dentes brancos, um rosto oval, maxilar forte e brilhantes olhos castanho-escuros. Tinha cerca de um metro e setenta e cinco. Não era índio nem mesmo um mexicano moreno, mas também não era um branco anglo-saxão. Na realidade, sua compleição parecia diferente de todo mundo, em especial nos anos posteriores, quando sua compleição mudava sempre de escura para muito clara e novamente de volta à escura. Quando o conheci, era um velho moreno claro, depois, quando o tempo passou, tornou-se um jovem de pele clara, talvez apenas alguns anos mais velho do que eu. Naquela época, eu tinha vinte anos.

“Mas se as mudanças de sua aparência exterior eram assombrosas, as mudanças de humor e comportamento que acompanhavam cada transformação eram ainda mais

assombrosas. Por exemplo, quando era um jovem gordo, mostrava-se alegre e sensual.

Quando era um velho magro, era mesquinho e vingativo. Quando era um velho gordo, era o maior imbecil que havia.

— Alguma vez era ele mesmo?

— Não do modo que eu sou eu mesmo — replicou. — Uma vez que não estou interessado em transformação, sou sempre o mesmo.

Mas ele não era nada como eu. — Olhou para mim como se estivesse verificando minha força interior. Sorriu, balançou a cabeça de um lado para o outro e irrompeu numa sonora gargalhada.

— O que é tão engraçado, Don Juan?

— O fato de que você ainda é melindroso e rígido demais para apreciar inteiramente a natureza das transformações de meu benfeitor e sua intenção total. Apenas espero que quando lhe contar a respeito delas você não fique morbidamente obcecado.

Por alguma razão senti-me de súbito realmente desconfortável e tive de mudar de assunto.

— Por que os naguais são chamados “benfeitores” e não apenas professores? — perguntei nervosamente.

— Chamar um nagual de benfeitor é uma cortesia de seus aprendizes. Um nagual cria uma sensação irresistível de gratidão em seus discípulos. Afinal, um nagual molda-os e guia-os através de áreas inimagináveis.

Observei que ensinar era, na minha opinião, o ato maior e mais altruísta que alguém podia realizar para outro.

— Para você, ensinar é falar sobre padrões — disse ele. — Para um feiticeiro, ensinar é o que um nagual faz por seus aprendizes. Para eles o nagual sonda a força que prevalece no universo: intento, a força que muda e reordena as coisas ou as mantém como são. O nagual formula, depois dirige as conseqüências que essa força pode exercer sobre seus discípulos. Sem a moldagem do intento pelo nagual, não haveria temor, nem maravilha para eles. E seus aprendizes, em vez de embarcarem numa viagem mágica de descobrimento, estariam apenas aprendendo uma profissão: curandeiro, feiticeiro, adivinho, charlatão, ou seja o que for.

— Pode explicar o intento para mim?

— A única maneira de conhecer o intento — replicou — é conhecêlo diretamente através de uma conexão viva que existe entre o intento e todos os seres sencientes. Os feiticeiros chamam de intento o indescritível, o espírito, o abstrato, o nagual. Eu preferiria chamá-lo nagual, mas isto se sobrepõe com o nome para o líder, o benfeitor, que também é chamado nagual, portanto optei por chamá-lo espírito, intento, o abstrato.

Don Juan parou de repente e recomendou que eu me mantivesse quieto e pensasse sobre o que me havia contado. A esta altura estava muito escuro. O silêncio era tão profundo que em vez de embalar-me para um estado descansado, agitou-me. Não consegui manter a ordem em meus pensamentos. Tentei localizar minha atenção na história que ele me havia contado, mas em lugar disso pensei em tudo o mais, até que finalmente adormeci.

A IMPECABILIDADE DO NAGUAL ELIAS

Eu não tinha como saber quanto tempo dormi naquela caverna. A voz de Don Juan assustou-me e acordei. Ele estava dizendo que a primeira história de feitiçaria concernente às manifestações do espírito era um relato do relacionamento entre o intento e o nagual. Era a história de como o espírito armou uma isca para o nagual, um discípulo em perspectiva, e sobre como o nagual teve de avaliar a isca antes de tomar sua decisão de aceitá-la ou rejeitá-la.

Estava muito escuro na caverna, e o pequeno espaço era confinante. Ordinariamente uma área daquele tamanho ter-me-ia deixado claustrofóbico, mas a caverna continuava acalmando-me, dissipando meus sentimentos de aborrecimento. Além disso, algo na configuração da caverna absorvia os ecos das palavras de Don Juan.

Don Juan explicou que todo o ato executado por feiticeiros, em especial pelos naguais, era executado ou como um modo de reforçar seu elo com o intento ou como uma resposta desencadeada pelo próprio elo.

Os feiticeiros, e especificamente os naguais, tinham portanto de estar ativa e permanentemente atentos às manifestações do espírito. Tais manifestações eram

chamadas gestos do espírito ou, de modo mais simples, indicações ou presságios.

Repetiu uma história que já me havia contado; a história de como havia encontrado seu benfeitor, o nagual Julian.

Don Juan fora induzido por dois homens desonestos a aceitar um trabalho numa fazenda isolada. Um dos homens, o feitor da fazenda, simplesmente tomou posse de Don Juan e, com efeito, tornou-o um escravo.

Desesperado e sem outro curso de ação, Don Juan fugiu. O violento feitor perseguiu-o e apanhou-o numa estrada de interior onde baleou Don Juan no peito e deixou-o como morto.

Don Juan estava deitado inconsciente na estrada, sangrando até a morte, quando o nagual Julian chegou. Usando seu conhecimento de curandeiro, parou a hemorragia, levou Don Juan, ainda inconsciente, para casa, e curou-o.

As indicações que o espírito deu ao nagual Julian sobre Don Juan foram, primeiro, um pequeno ciclone que ergueu um cone de poeira na estrada a alguns metros de onde este estava deitado. O segundo presságio foi o pensamento que cruzou a mente do nagual Julian um instante antes de ouvir o disparo de uma arma a poucos metros: que era tempo de ter um aprendiz de nagual. Momentos depois, o espírito deu-lhe o terceiro presságio, quando correu para proteger-se, e em lugar disso colidiu com o homem armado, pondo-o a correr, talvez evitando que atirasse em Don Juan uma segunda vez. Uma colisão com alguém era o tipo de asneira que nenhum feiticeiro, muito menos um nagual, jamais deveria fazer.

O nagual Julian logo avaliou a oportunidade. Quando viu Don Juan, compreendeu a razão da manifestação do

espírito: aqui estava um homem duplo, um candidato perfeito para ser seu aprendiz de nagual.

Isso levantou uma perturbadora preocupação racional em mim.

Eu queria saber se os feiticeiros podiam interpretar um presságio de modo errado. Don Juan replicou que embora minha pergunta soasse perfeitamente legítima, era inaplicável, como a maioria de minhas perguntas, porque a fizera baseado em minhas experiências no mundo da vida cotidiana. Assim, referiam-se sempre a procedimentos testados, passos a serem seguidos e regras de meticulosidade, mas nada tinham a ver com as premissas da feitiçaria. Salientou que a falha em meu raciocínio era que eu sempre deixava de incluir minhas experiências no mundo dos feiticeiros.

Argumentei que muito poucas das minhas experiências no mundo dos feiticeiros tinham continuidade, e portanto não podia usar essas experiências em minha atual vida do dia-a-dia. Muito poucas vezes, e apenas quando me encontrava em estados de profunda consciência intensificada, eu me lembrava de tudo. No nível de consciência intensificada que eu em geral atingia, a única experiência que havia tido continuidade entre o passado e o presente fora a de conhecê-lo.

Ele respondeu cortantemente que eu era capaz de me empenhar em raciocínios de feiticeiros porque havia experimentado as premissas da feitiçaria em meu estado de consciência normal. Num tom mais suave, acrescentou que a consciência intensificada não revelava tudo até que o edifício inteiro do conhecimento de feitiçaria fosse completado.

Respondeu então minha pergunta sobre se os feiticeiros podiam ou não interpretar de modo errado os presságios. Explicou que quando um feiticeiro interpretava um presságio, sabia seu significado exato sem ter qualquer noção de como o sabia. Este era um dos efeitos desconcertantes do elo de conexão com o intento. Os feiticeiros tinham um senso de saber coisas diretamente. A medida de sua certeza dependia da força e clareza de seu elo de conexão.

Disse que a sensação que todos conhecem como "intuição" é a ativação de nosso elo com o intento. E desde que os feiticeiros perseguem com deliberação a compreensão e o fortalecimento desse elo, podia-se dizer que intuem tudo infalível e acuradamente. Interpretar presságios é lugar-comum para feiticeiros — os enganos acontecem apenas quando sentimentos pessoais intervêm e turvam o elo de conexão dos feiticeiros com o intento. De outro modo o seu conhecimento direto é totalmente acurado e funcional.

Permanecemos quietos por algum tempo.

Repentinamente ele disse: — Vou contar-lhe uma história sobre o nagual Elias e a manifestação do espírito. O espírito manifesta-se a um feiticeiro, em especial a um nagual, a todo momento. Entretanto, esta não é a verdade completa. A verdade completa é que o espírito se revela a todos com a mesma intensidade e consistência, mas apenas os feiticeiros, e os naguais em particular, estão sintonizados a tais revelações.

Don Juan começou a sua história. Contou que um dia o nagual Elias dirigia-se a cavalo para a cidade, levando-o por um atalho ao lado de alguns milharais quando de repente seu cavalo sobressaltou-se, assustado por um vôo rápido e baixo de um falcão que errou o chapéu de palha do nagual

por poucos centímetros. O nagual logo desmontou e começou a olhar ao redor. Viu um jovem estranho entre as hastes altas e secas do milho. O homem estava vestindo um caro terno escuro que parecia deslocado ali. O nagual Elias estava acostumado à visão de camponeses ou proprietários de terras pelos campos, mas nunca havia visto um homem da cidade vestido com elegância, movendo-se através dos campos com aparente desprezo por suas dispendiosas roupas e sapatos.

O nagual acalmou o cavalo e caminhou na direção do jovem.

Reconheceu o vôo do falcão assim como a aparência do homem como manifestações óbvias do espírito que não podia desdenhar. Chegou muito perto do jovem e viu o que estava acontecendo. O homem estava perseguindo uma camponesa que corria poucos metros a sua frente, esquivando-se e rindo com ele.

A contradição era realmente aparente para o nagual. As duas pessoas cabriolando pelo milharal não se pertenciam. O nagual pensou que o homem devia ser o filho do proprietário e a mulher uma criada na casa. Sentiu-se embaraçado em observá-los e estava por virar-se e partir quando o falcão mergulhou outra vez sobre o milharal e desta vez roçou a cabeça do jovem. O falcão assustou o casal, e eles pararam e olharam para o alto, tentando dissipar outro mergulho. O nagual percebeu que o homem era magro e bonito e tinha olhos assustadores e inquietos.

Então o par cansou-se de observar o falcão e voltou à sua brincadeira. O homem agarrou a mulher, abraçou-a e suavemente pousou-a no solo. Mas em vez de tentar fazer amor com ela, como o nagual supôs que faria em seguida, retirou as próprias roupas e desfilou nu diante da mulher.

Ela não fechou os olhos envergonhada nem gritou com embaraço ou pavor. Riu, magnetizada pelo homem nu e saltitante, que se movia ao seu redor como um sátiro, fazendo gestos obscenos e rindo. Por fim, aparentemente vencida pela visão, deixou escapar um grito selvagem, levantou-se e atirou-se nos braços do jovem.

Don Juan disse que o nagual Elias lhe confessara que as indicações do espírito naquela ocasião haviam sido muito intrigantes.

Era claramente evidente que o homem era insano. De outro modo, sabendo o quanto os camponeses protegiam suas mulheres, não teria considerado a idéia de seduzir uma jovem camponesa em plena luz do dia a poucos metros da estrada — e completamente nu.

Don Juan irrompeu numa risada e contou-me que naqueles dias tirar as roupas e empenhar-se num ato sexual a plena luz do dia em tal lugar significava que o indivíduo devia ser ou insano ou abençoado pelo espírito. Acrescentou que o que o homem havia feito podia não parecer notável atualmente. Mas então, quase cem anos atrás, as pessoas eram infinitamente mais inibidas.

Tudo isso convenceu o nagual Elias, desde o momento em que pousou os olhos sobre o homem de que este era ao mesmo tempo insano e abençoado pelo espírito. Preocupou-se que os camponeses pudessem aparecer, enraivecer-se e linchar o homem ali mesmo. Mas ninguém apareceu. Pareceu ao nagual como se o tempo estivesse suspenso.

Quando o homem terminou de fazer amor, vestiu as roupas, tirou um lenço, limpou meticulosamente os sapatos e, fazendo loucas promessas à moça o tempo todo, seguiu seu caminho. O nagual Elias seguiu-o. Com efeito, seguiu-o

por vários dias e descobriu que seu nome era Julian e que era um ator.

O nagual viu-o no palco com freqüência suficiente para perceber que o ator tinha muito carisma. A audiência, em especial as mulheres, amava-o. E ele não tinha escrúpulos em fazer uso de seus dons carismáticos para seduzir as admiradoras femininas. Enquanto o nagual seguia o ator, pôde testemunhar sua técnica de sedução mais do que uma vez. Esta envolvia mostrar-se nu às fãs ardorosas assim que ficava a sós com elas, depois esperar até que as mulheres, espantadas por sua exibição, se rendessem. A técnica parecia muito efetiva para ele.

O nagual teve de admitir que o ator era um grande sucesso, exceto por um aspecto. Estava mortalmente doente. O nagual havia visto a sombra negra da morte que o seguia por toda a parte.

Don Juan tornou a explicar algo que me havia dito anos antes — que nossa morte era um ponto negro exatamente atrás do ombro esquerdo. Disse que os feiticeiros sabiam quando uma pessoa estava próxima de morrer porque podiam ver o ponto negro, que se tornava uma sombra móvel do mesmo tamanho e formato da pessoa a quem pertencia.

Ao reconhecer a presença iminente da morte, o nagual foi atirado numa perplexidade atordoante. Perguntou-se por que o espírito estava destacando uma pessoa tão doente. Aprendera que num estado natural prevalecia a reposição, não o reparo. E o nagual duvidava que tivesse a habilidade ou a força de curar esse jovem ou resistir à sombra negra de sua morte. Duvidava mesmo ser capaz de descobrir por que o espírito o havia envolvido numa demonstração de desperdício tão grande.

O nagual nada podia fazer a não ser permanecer com o ator, segui-lo por toda a parte, e esperar pela oportunidade de ver em maior profundidade. Don Juan explicou que a primeira reação de um nagual, ao ser defrontado com as manifestações do espírito, é ver as pessoas envolvidas. O nagual Elias havia sido meticuloso quanto a ver o homem desde o momento em que pôs os olhos nele. Também havia visto a camponesa que era parte da manifestação do espírito, mas nada havia visto que, em seu julgamento, pudesse corroborar a demonstração do espírito.

Ao testemunhar outra sedução, entretanto, a habilidade de ver do nagual assumiu uma nova profundidade. Desta vez a fã adoradora do ator era a filha de um rico proprietário de terras. E desde o início ela esteve com o controle total. O nagual descobriu sobre o seu encontro porque entreouviu-a desafiando o ator a encontrá-la no dia seguinte. O nagual estava escondido do outro lado da rua ao amanhecer quando a jovem deixou sua casa, e em vez de dirigir-se à missa matinal foi ao encontro marcado. O ator estava esperando no lugar combinado, e ela o coagiu a segui-la ao campo aberto. Ele pareceu hesitar, mas a moça o insultou e não lhe permitiu recuar.

Ao observá-los em sua escapada, o nagual teve a absoluta convicção de que algo iria acontecer naquele dia que nenhum dos participantes estava antecipando. Vira que a sombra negra do ator havia crescido a quase o dobro de sua altura. O nagual deduzira do misterioso olhar duro nos olhos da jovem que ela também havia sentido a sombra negra da morte num nível intuitivo. O ator parecia preocupado. Não ria como fizera em outras ocasiões.

Os dois caminharam por um bom pedaço. Em certo ponto, notaram o nagual seguindo-os, mas ele instantaneamente fingiu estar trabalhando a terra, um

camponês que pertencia àquele lugar. Isso fez o casal relaxar e permitiu que o nagual chegasse mais perto.

Chegou então o momento em que o ator arrancou as roupas e mostrou-se à moça. Mas em vez de desmaiar e cair em seus braços como haviam feito suas outras conquistas, essa moça começou a bater- lhe. Chutou-o e socou-o sem piedade e pisou sobre seus pés descalços, fazendo-o berrar de dor.

O nagual sabia que o homem não havia ameaçado ou molestado a jovem. Não havia encostado um dedo nela. Ela era a única lutando. Ele apenas tentava aparar os golpes e tentava com persistência, mas sem entusiasmo, atraí-la, mostrando-lhe seus genitais.

Diante daquela cena, o nagual encheu-se tanto de repulsa como de admiração. Podia perceber que o ator era um libertino irreparável, mas também podia perceber com a mesma facilidade que havia algo único, embora revoltante, a seu respeito. Ele ficou intrigado ao ver que o elo de conexão do homem com o espírito era extraordinariamente límpido.

Por fim o ataque cessou. A mulher parou de bater no ator. Mas então, em vez de fugir, rendeu-se, deitou e disse ao ator que agora este podia agir ao seu modo.

O homem estava tão exausto que se encontrava praticamente inconsciente. No entanto, apesar de sua fadiga, seguiu em frente e consumou a sedução.

O nagual estava rindo e ponderando sobre a grande determinação do homem quando a mulher gritou e o ator começou a ofegar. O nagual viu como a sombra negra atingiu o ator. Lançou-se como uma adaga, com acurácia milimétrica em sua fenda.

Nesse ponto Eton Juan fez uma digressão para elaborar sobre algo que havia explicado antes. Havia descrito a fenda. Uma abertura em nosso casulo luminoso à altura do umbigo, onde a força da morte martelava sem cessar. O que Don Juan explicou agora foi que quando a morte atinge seres saudáveis, o faz com um golpe semelhante a uma bola — como o soco de um punho. Mas quando os seres estavam morrendo, a morte atingia-os com uma estocada semelhante à de uma adaga.

Desse modo o nagual Elias soube sem qualquer dúvida que o ator estava praticamente morto e que sua morte encerrava automaticamente o seu próprio interesse nos desígnios do espírito. Não havia mais desígnios; a morte havia nivelado tudo.

Ele ergueu-se de seu esconderijo e começou a se afastar quando algo o fez hesitar. Foi a calma da jovem. Esta vestia sem preocupação as poucas peças de roupa que havia tirado e assobiava de modo desafinado, como se nada houvesse acontecido.

Então o nagual viu que, ao relaxar para aceitar a presença da morte, o corpo do homem havia liberado um véu protetor e revelado sua verdadeira natureza. Era um homem duplo de tremendos recursos, capaz de criar uma cortina de proteção ou disfarce — um feiticeiro natural e candidato perfeito a aprendiz nagual, não fosse pela sombra negra da morte.

Ele ficou completamente desconcertado por essa visão.

Compreendia agora os desígnios do espírito, mas não conseguia compreender como um homem tão inútil poderia encaixar-se no esquema de coisas dos feiticeiros.

Nesse meio tempo a mulher levantara-se, e sem conceder sequer um olhar ao homem, cujo corpo se

contorcia com os espasmos da morte, afastou-se.

O nagual então viu sua luminosidade e percebeu que sua extrema agressividade era resultado de um enorme fluxo de energia supérflua.

Ficou convencido de que se ela não canalizasse essa energia para um uso sóbrio, esta iria esgotar o que ela possuía de melhor e não se podia imaginar que infortúnios iria causar-lhe.

Enquanto o nagual observava a despreocupação cora a qual ela se afastou, percebeu que o espírito lhe havia concedido outra manifestação. Precisava ser calmo, despreocupado. Devia agir como se não tivesse nada a perder e intervir pela coisa em si. Ao verdadeiro modo nagual, decidiu encarar o impossível, com ninguém, exceto o espírito, por testemunha.

Don Juan comentou que eram necessários incidentes como este para testar se um nagual é a coisa real ou uma fraude. Naguais tomam decisões. Sem se importar com as conseqüências, entram em ação ou escolhem não fazê-lo. Os impostores ponderam e ficam paralisados. O nagual Elias, tendo feito sua decisão, caminhou tranqüilo para o lado do homem que morria e fez a primeira coisa que seu corpo, não sua mente, compeliu-o a fazer: golpeou o ponto de aglutinação do homem para provocar sua entrada em consciência intensificada. Golpeou-o freneticamente outra vez e mais outra até seu ponto de aglutinação se mover. Auxiliados pela própria força da morte, os golpes do nagual enviaram o ponto de aglutinação do homem para um lugar onde a morte não mais importava, e ali ele parou de morrer.

Quando o ator estava respirando outra vez, o nagual tomara consciência da magnitude de sua responsabilidade. Se o homem devia repelir a força de sua morte, seria

necessário que permanecesse em profunda consciência intensificada até que a morte tivesse sido repelida. A avançada deterioração física do homem significava que esse não podia ser movido do ponto em que se encontrava ou morreria de imediato. O nagual fez a única coisa possível naquelas circunstâncias: construiu um casebre ao redor do corpo. Ali, por três meses, cuidou do homem totalmente imobilizado.

Meus pensamentos racionais assumiram a dianteira, em lugar de apenas escutar; quis saber como o nagual Elias podia construir um abrigo na terra de outra pessoa. Eu sabia da paixão da população rural sobre a propriedade da terra e os conseqüentes sentimentos de territorialidade.

Don Juan admitiu que havia feito a mesma pergunta ele próprio.

E o nagual Elias havia dito que o próprio espírito o tornara possível.

Este era o caso com tudo o que um nagual empreendia, desde que seguisse as manifestações do espírito.

A primeira coisa que o nagual Elias fez, quando o ator estava respirando novamente, foi correr atrás da jovem. Ela era uma parte importante da manifestação do espírito. Alcançou-a não muito longe do local onde o ator se achava deitado, mais morto do que vivo. Em vez de falar a ela sobre a luta do homem e tentar convencê-la a ajudá-lo, tornou a assumir a responsabilidade total por seus atos e saltou sobre ela como um leão, golpeando seu ponto de aglutinação com uma poderosa pancada. Tanto a moça quanto o ator eram capazes de suportar golpes de vida ou morte. Seu ponto de aglutinação moveu-se, mas começou a vaguear erraticamente, uma vez que estava frouxo.

O nagual carregou a jovem para onde o ator estava deitado. Então passou o dia todo tentando evitar que ela perdesse o juízo e que o homem perdesse a vida.

Quando estava convicto de ter um grau de controle, procurou o pai da moça e disse-lhe que um raio devia ter atingido sua filha e a tornado temporariamente louca. Levou o pai para onde ela estava deitada e explicou que o jovem, independente de quem fosse, havia recebido a carga total do raio com seu corpo, salvando assim a moça da morte certa, mas prejudicando-se a ponto de não poder ser mexido.

O pai agradecido ajudou o nagual a construir um abrigo para o homem que lhe havia salvado a filha. E em três meses o nagual realizou o impossível: curou o jovem.

Quando chegou o momento de partir, o senso de responsabilidade do nagual e seu dever exigiram que ele ao mesmo tempo prevenisse a jovem sobre o seu excesso de energia e as injuriosas conseqüências que este teria sobre sua vida e bem-estar, e pedir-lhe que se juntasse ao mundo dos feiticeiros, uma vez que essa seria a única defesa contra sua força autodestrutiva.

A moça não respondeu. E o nagual Elias foi obrigado a contar-lhe o que todo nagual tem dito a um aprendiz em perspectiva através das eras: que os feiticeiros falam da feitiçaria como um pássaro mágico e misterioso que interrompeu seu vôo por um momento, de modo a dar ao homem esperança e propósito; que os feiticeiros vivem sob a asa desse pássaro, ao qual chamam pássaro da sabedoria, pássaro da liberdade; que o nutrem com sua dedicação e impecabilidade. Contou-lhe que os feiticeiros sabiam que o vôo do pássaro da liberdade era sempre uma linha reta, uma vez que não havia maneira de fazer uma volta, não havia maneira de fazer um circulo e retornar; e que o

pássara da liberdade podia fazer apenas duas coisas: levar os feiticeiros consigo, ou deixá-los para trás.

O nagual Elias não podia falar do mesmo modo ao jovem ator, que ainda estava mortalmente doente. O jovem não tinha muita escolha. Ainda assim, o nagual disse-lhe que, se desejava curar-se, teria de seguir o nagual incondicionalmente. O ator aceitou os termos no mesmo instante. No dia em que o nagual Elias e o ator partiram de volta para casa, a jovem estava esperando em silêncio, na saída da cidade. Não trazia mala, nem mesmo uma cesta. Parecia ter vindo apenas para despedir-se. O nagual continuou caminhando sem olhar para ela, mas o ator, transportado numa maca, fez um esforço para dizer-lhe um adeus. Ela riu e, sem proferir palavra, juntou-se ao grupo nagual. Não tinha dúvidas nem problemas em deixar tudo para trás.

Compreendera perfeitamente que não havia uma segunda oportunidade para ela, que o pássaro da liberdade ou levava os feiticeiros consigo ou deixava-os para trás.

Don Juan comentou que isso não era surpreendente. A força da personalidade do nagual era sempre tão esmagadora que ele era praticamente irresistível, e o nagual Elias havia afetado de modo profundo essas duas pessoas. Tivera três meses de inteiração diária para acostumá-los à sua consistência, sua imparcialidade, sua objetividade. Haviam ficado encantados com a sua sobriedade e, acima de tudo, por sua total dedicação a eles. Através de seu exemplo e suas ações, o nagual Elias proporcionara-lhes uma visão continuada do mundo dos feiticeiros: protetor e nutriente, e no entanto profundamente exigente. Era um mundo que admitia muito poucos enganos.

Ele lembrou-me então de algo que me havia repetido com freqüência mas que eu sempre conseguira não considerar. Avisou que eu não devia me esquecer, sequer por um instante, que o pássaro da liberdade tinha muito pouca paciência com indecisão e, quando voava para longe, nunca regressava.

A gélida ressonância de sua voz fez com que os arredores, que apenas um segundo antes haviam estado pacificamente obscuros, se iluminassem com urgência.

Don Juan convocou a obscuridade pacífica de volta tão rapidamente como havia convocado a urgência. Cutucou-me de leve no braço.

— Aquela mulher era tão poderosa que poderia dançar círculos ao redor de qualquer um — comentou. — Seu nome era Talia.

Parte II - O Assalto do Espírito

O ABSTRATO

Regressamos à casa de Don Juan nas primeiras horas da manhã.

Levamos um longo tempo para descer a montanha, principalmente porque eu tinha receio de cair num precipício no escuro, e Don Juan precisava parar para recuperar o fôlego que perdia ao rir de mim.

Sentia-me exausto, mas não conseguia adormecer. Antes do almoço, começou a chover. O som da pesada precipitação sobre o teto de telhas, em vez de tornar-me sonolento, removeu qualquer vestígio de sono.

Levantei-me e fui à procura de Don Juan. Encontrei-o cochilando numa cadeira. Assim que me aproximei, ele estava completamente desperto. Eu disse bom dia.

— Você parece não ter tido problemas em adormecer — comentei.

— Quando você estiver assustado ou abatido, não se deite para dormir — comentou, sem olhar para mim. — Durma sentado numa cadeira macia como estou fazendo.

Certa vez ele havia sugerido que, se eu desejava dar ao meu corpo um descanso reparador, devia tirar longos cochilos, deitado sobre o estômago, com o rosto voltado para a esquerda e os pés além da extremidade da cama. Para evitar apanhar um resfriado, recomendara que eu colocasse um travesseiro macio sobre os ombros, afastado do pescoço, e usasse meias grossas, ou apenas deixasse os sapatos calçados.

Ao ouvir sua sugestão pela primeira vez, pensei que estava sendo engraçado, mas depois mudei de opinião. Dormir naquela posição me ajudava a descansar extraordinariamente bem. Quando comentei os surpreendentes resultados, aconselhou-me a seguir suas sugestões ao pé da letra sem me preocupar em acreditar ou desacreditar dele.

Sugeri a Don Juan que ele podia ter contado na noite anterior sobre o dormir na posição sentada. Expliquei-lhe que a causa da minha insônia, ao lado de minha extrema fadiga, era uma estranha preocupação sobre o que ele me havia contado na caverna dos feiticeiros.

— Pare com isso! Você tem visto e ouvido coisas infinitamente mais perturbadoras sem perder um momento de sono. Algo mais está preocupando-o.

Por um momento pensei que Don Juan queria dizer que eu não estava sendo sincero com ele sobre minha verdadeira preocupação.

Comecei a explicar, mas ele continuou falando como se eu não tivesse me manifestado.

— Você afirmou categoricamente à noite passada que a caverna não o fazia sentir-se desconfortado. Bem, obviamente ela o fez. Na noite passada não continuei sobre o assunto da caverna porque estava esperando para observar sua reação.

Don Juan explicou que a caverna fora desenhada por feiticeiros dos tempos antigos para servir de catalisador. Sua forma havia sido construída com extremo cuidado para acomodar duas pessoas como dois campos de energia. A teoria dos feiticeiros é que a natureza da rocha e o modo pelo qual ela havia sido escavada permitiam aos dois corpos, às duas bolas luminosas, entrelaçarem sua energia.

— Levei-o àquela caverna de propósito — continuou — não porque goste do lugar, eu não gosto, mas porque este foi criado como um instrumento para empurrar o aprendiz profundamente para a consciência intensificada. Mas infelizmente, assim como ajuda, ela também obscurece os fatos. Os antigos feiticeiros não eram dados ao pensamento. Inclinavam-se para a ação.

— Você sempre disse que seu benfeitor era assim — retruquei.

— Isso é exagero meu, bem semelhante a quando digo que você é um tolo. Meu benfeitor era um nagual moderno, envolvido na busca da liberdade, mas inclinava-se para a ação em lugar de pensamento. Você é um nagual moderno, envolvido na mesma causa, mas com fortes inclinações para as aberrações da razão.

Deve ter achado sua comparação muito engraçada; seu riso ecoou no aposento vazio.

Quando levei a conversação de volta ao tema da caverna, fingiu não me ouvir. Eu sabia que estava fingindo por causa da cintilação dos seus olhos e do modo como sorria.

— À noite passada, contei-lhe deliberadamente o primeiro cerne abstrato na esperança de que, refletindo sobre o modo pelo qual agi com você através dos anos, você tivesse uma idéia sobre os outros cernes. Você tem estado comigo por muito tempo, de modo que me conhece bem. Durante cada minuto de nossa associação tenho tentado ajustar minhas ações e pensamentos aos padrões dos cernes abstratos.

"A história do nagual Elias é uma outra coisa. Embora pareça ser uma história sobre pessoas, é na realidade uma história sobre intento. O intento cria edifícios à nossa frente e convida-nos a penetrá-los. Este é um modo pelo qual os feiticeiros compreendem o que está acontecendo ao seu redor.

Don Juan lembrou-me de que eu sempre insistira em tentar descobrir a ordem subjacente em tudo que me dizia. Pensei que me tivesse criticando por minha tentativa de transformar tudo o que me ensinava num problema de ciência social. Comecei a dizer-lhe que minha opinião havia mudado sob sua influência. Ele me deteve e sorriu.

— Você realmente não pensa muito bem — disse ele e suspirou.

— Quero que compreenda a ordem subjacente do que lhe ensino. Minha objeção é quanto ao que você pensa ser a ordem subjacente. Para você, esta significa procedimentos secretos ou uma consistência oculta. Para mim, significa duas coisas: tanto o edifício que o intento constrói num

piscar de olhos e coloca diante de nós para penetrá-los, e os sinais que nos dá de modo a que não nos percamos quando estamos dentro.

“Como pode ver, a história do nagual Elias era mais que apenas um relato da seqüência de detalhes que formaram o evento. Abaixo de tudo aquilo encontrava-se o edifício do intento. E a história pretendia dar-lhe uma idéia de como eram os naguais do passado, de modo que você reconhecesse como eles agiam para ajustar seus pensamentos e ações aos edifícios do intento.

Houve um silêncio prolongado. Eu não tinha nada a dizer. Em vez de deixar a conversação morrer, falei a primeira coisa que veio à cabeça.

Comentei que, das histórias que ouvira sobre o nagual Elias, havia formado uma opinião muito positiva a seu respeito. Gostava do nagual Elias, mas por razões desconhecidas, tudo que Don Juan me contara sobre o nagual Julian me preocupava.

A mera menção de meu desconforto deliciou Don Juan além da medida. Teve de levantar-se de sua cadeira para evitar sufocar com seu riso. Colocou um braço em meu ombro e disse que ou amávamos ou odiávamos os que eram reflexos de nós mesmos.

Outra vez uma tola autoconsciência evitou que lhe perguntasse o que queria dizer. Don Juan continuou rindo, obviamente consciente do meu humor. Por fim comentou que o nagual Julian era como uma criança cujas sobriedade e moderação vinham sempre de fora. Ele não tinha disciplina interior além de seu treinamento como aprendiz de feitiçaria.

Tive um impulso irracional de defender-me. Avisei a Don Juan que minha disciplina vinha de dentro de mim.

— É claro — disse-me com complacência. — Você apenas não pode esperar ser exatamente como ele — começou a rir outra vez.

Às vezes Don Juan exasperava-me tanto que eu ficava a ponto de gritar. Mas meu mau humor não durou muito. Dissipou-se de modo tão rápido que outra preocupação começou a se avolumar. Perguntei-lhe se era possível que eu tivesse entrado em consciência intensificada sem ter consciência do fato? Ou talvez tivesse permanecido nela por dias?

— Nesse estágio você entra em consciência intensificada por si mesmo. A consciência intensificada é um mistério apenas para nossa razão. Na prática, é muito simples, como com tudo mais; complicamos as coisas tentando tornar razoável a imensidão que nos rodeia — comentou o que eu deveria estar pensando sobre o cerne abstrato que me dera em vez de discutir de modo inútil sobre minha pessoa.

Expliquei-lhe que havia estado pensando a respeito durante toda a manhã e havia chegado à percepção de que o tema metafórico da história era as manifestações do espírito. O que não podia discernir, entretanto, era o cerne abstrato sobre o qual eu estava falando. Tinha de ser algo não colocado.

— Repito — disse ele, como se fosse um professor forçando seus alunos. — Manifestações do espírito é um nome para o primeiro cerne abstrato nas histórias de feitiçaria. Obviamente, o que os feiticeiros reconhecem como um cerne abstrato é algo que lhe escapa nesse momento. Essa parte que lhe escapa os feiticeiros conhecem como o edifício do intento, ou a voz silenciosa do espírito, ou o arranjo ulterior do abstrato.

Eu dizia compreender o ulterior como significando algo não abertamente revelado, como em “motivo ulterior”. E ele replicou que, neste caso, ulterior significava mais; significava conhecimento sem palavra, fora de nossa compreensão imediata — em especial a minha.

Concedeu que a compreensão à qual se referia estava meramente além de minhas aptidões do momento, mas não além das minhas possibilidades últimas de compreensão.

— Se os cernes abstratos estão além de minha compreensão, qual é a vantagem de falar a seu respeito, Don Juan?

— Segundo a regra, os cernes abstratos e as histórias de feitiçaria devem ser contados neste ponto — replicou. — E algum dia o arranjo ulterior do abstrato, que é conhecimento sem palavras ou o edifício do intento inerente às histórias, será revelado a você pelas próprias histórias. Eu ainda não compreendi.

“O arranjo ulterior do abstrato não é apenas a ordem na qual os cernes abstratos foram apresentados a você, ou o que estes têm em comum, ou mesmo a teia que os reúne. Em lugar disso, é conhecer o abstrato diretamente, sem a intervenção da linguagem.

Eu permanecia atento às suas explicações.

Perscrutou-me em silêncio da cabeça aos pés com o propósito óbvio de ver-me.

— Ainda não é evidente para você — declarou.

Fez um gesto de impaciência, mesmo de irritação, como se estivesse aborrecido com minha lentidão. E isso preocupou-me. Don Juan não era dado a expressões de desapontamento.

— Não tem nada a ver com você ou seus atos — avisou ele quando lhe perguntei se estava zangado ou desapontado comigo. — Foi um pensamento que cruzou-me a mente no momento em que vi você.

Há um detalhe em seu ser luminoso que os antigos feiticeiros teriam dado tudo para possuir.

— Diga-me qual é — solicitei.

— Vamos deixar para outra ocasião. Enquanto isso, continuaremos com o elemento que nos impede: o abstrato. O elemento sem o qual não poderia existir nem o caminho do guerreiro nem quaisquer guerreiros em busca de conhecimento.

Explicou que as dificuldades que eu estava experimentando não lhe eram novas. Ele próprio havia atravessado agonias para compreender a ordem ulterior do abstrato. E se não fora pela mão auxiliadora do nagual Elias, teria terminado exatamente como seu benfeitor, todo ação e muito pouco entendimento.

— Como era o nagual Elias? — perguntei, para mudar de assunto.

— Não era nem um pouco como seu discípulo. Era um índio.

Muito escuro e maciço. Tinha feições rudes, boca grande, nariz pronunciado, pequenos olhos negros, espesso cabelo preto sem um traço de grisalho. Era mais baixo que o nagual Julian e tinha grandes mãos e pés. Era muito humilde e sábio, mas não tinha exuberância.

Comparado ao meu benfeitor, era opaco. Sempre consigo mesmo, ponderando questões. O nagual Julian costumava brincar que seu professor distribuía sabedoria às toneladas.

Por trás de suas costas costumava chamá-lo o nagual tonelagem.

“Nunca encontrei um motivo para suas brincadeiras. Para mim o nagual Elias era como uma lufada de ar fresco. Explicava tudo para mim com paciência. De modo semelhante ao qual uso para explicar as coisas para você, mas talvez com um certo algo mais. Não o chamaria de compaixão, mas antes, empatia. Os guerreiros são incapazes de sentir compaixão porque não mais sentem pena de si mesmos. Sem a força propulsora da autopiedade, a compaixão não tem significado.

— Está dizendo que um guerreiro é todo por si mesmo?

— De certo modo, sim. Para um guerreiro tudo começa e termina consigo mesmo. Entretanto o seu contato com o abstrato faz com que supere seu sentimento de auto-importância. Então o eu torna-se abstrato e impessoal.

“O nagual Elias sentia que nossas vidas e personalidades eram bem similares. Por essa razão sentia-se obrigado a ajudar-me. Não sinto essa similaridade com você, assim suponho que o encaro de modo muito semelhante à maneira pela qual o nagual Julian costumava olhar-me.

Don Juan explicou que o nagual Elias tomou-o sob sua proteção desde o primeiro dia em que chegou à casa de seu benfeitor para iniciar seu aprendizado, e começou a explicar o que estava acontecendo em seu treinamento, indiferente ao fato de Don Juan ser capaz ou não de compreender. Sua necessidade de ajudar Don Juan era tão intensa que praticamente o manteve prisioneiro. Protegia-o desta maneira dos rudes ataques do nagual Julian.

— No início eu costumava ficar na casa do nagual Elias todo o tempo, e a adorava. Na casa de meu benfeitor eu

estava sempre vigiando, em guarda, temeroso do que iria fazer comigo em seguida.

Mas na casa do nagual Elias sentia-me confiante, à vontade.

“Meu benfeitor costumava pressionar-me sem piedade. E eu não conseguia imaginar por que estava pressionando-me de modo tão duro.

Eu pensava que o homem estava simplesmente louco.

Don Juan disse que o nagual Elias era um índio do estado de Oaxaca, que fora ensinado por outro nagual chamado Rosendo, que vinha da mesma área. Don Juan descreveu o nagual Elias como sendo um homem muito conservador que prezava sua privacidade. E era, no entanto, um famoso curandeiro e feiticeiro, não apenas em Oaxaca, mas em todo México meridional. Não obstante, apesar de sua ocupação e notoriedade, vivia em completo isolamento no extremo oposto do país, no México setentrional.

Don Juan parou de falar. Ergueu as sobrancelhas e fixou-me com um olhar interrogativo. Mas tudo que eu queria era que continuasse sua história.

— A cada vez que penso que você deveria fazer perguntas, você não as faz. Estou certo de que me ouviu dizer que nagual Elias era um feiticeiro famoso que lidava diariamente com as pessoas no sul do México e ao mesmo tempo era um eremita do norte do México. Isto não desperta sua curiosidade?

Senti-me terrivelmente estúpido. Disse-lhe que me havia cruzado a mente, enquanto me contava esses fatos, o pensamento de que o homem devia ter terríveis dificuldades indo de um lugar ao outro.

Don Juan riu e, desde que me conscientizara da pergunta, perguntei como havia sido possível ao nagual Elias estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Sonhar é o avião a jato do feiticeiro. O nagual Elias era um sonhador assim como meu benfeitor era um espreitador. Era capaz de criar e projetar o que os feiticeiros conhecem como corpo de sonhar, ou o Outro, e está em dois lugares distantes ao mesmo tempo. Com seu corpo de sonhar, podia ocupar-se de seus negócios como feiticeiro, e com seu eu natural um ser recluso.

Comentei que me surpreendia que pudesse aceitar tão facilmente a premissa de que o nagual Elias possuía a habilidade de projetar uma imagem tridimensional de si mesmo, e no entanto não conseguia pela minha própria vida compreender as explicações sobre o cerne abstrato.

Segundo Don Juan, eu podia aceitar a idéia da vida dupla do nagual Elias porque o espírito estava fazendo ajustes finais em minha capacidade de consciência. Explodi numa barreira de protestos diante da obscuridade de sua declaração.

— Ela não é obscura — avisou. — É a constatação de um fato.

Você poderia dizer que é um fato incompreensível no momento, mas que o momento irá mudar.

Antes que eu pudesse responder, recomeçou a falar sobre o nagual Elias. Disse que o nagual Elias tinha uma mente muito inquisidora e tinha muita habilidade com as mãos. Em suas jornadas como sonhador via muitos objetos, os quais copiava em madeira e ferro forjado. Don Juan assegurou-me que alguns desses modelos eram de uma beleza estranha e assustadora — Que tipos de objetos? — perguntei.

— Não há um meio de saber. Você deve considerar que, por ser um índio, o nagual Elias entrava em suas jornadas de sonhar da mesma maneira como um animal selvagem ronda em busca de alimento. Um animal nunca aparece num lugar onde haja sinais de atividade. Vem apenas quando não há ninguém por perto. O nagual Elias, como sonhador solitário, visitava, digamos, a lixeira do infinito, quando ninguém estava presente, e copiava tudo o que via, mas nunca sabia para que aquelas coisas eram usadas ou qual a sua fonte.

Outra vez, não tive problemas em aceitar o que ele dizia. A idéia não me parecia nada artificial. Estava pensando nisso quando ele me interrompeu com um gesto das sobrancelhas. Continuou então seu relato sobre o nagual Elias.

— Visitá-lo era para mim o maior prazer, e ao mesmo tempo uma fonte de estranha culpa. Costumava aborrecer-me mortalmente ali. Não porque o nagual Elias fosse aborrecido, mas porque o nagual Julian não tinha igual e estragava qualquer um por toda a vida.

— Mas pensei que você ficasse confiante e à vontade na casa do nagual Elias.

— Ficava, e esta era a fonte de minha culpa e meu problema imaginário. Como você, eu adorava atormentar-me. Penso que bem no início encontrei paz na companhia do nagual Elias, porém mais tarde, quando compreendi melhor o nagual Julian, segui seu caminho.

Contou-me que a casa do nagual Elias tinha uma parte aberta e coberta na frente, onde ele tinha uma forja, uma bancada de carpinteiro e ferramentas. A casa de tijolo cru coberta de telhas consistia de um enorme aposento com chão de terra onde vivia com cinco mulheres videntes, que

eram na realidade suas esposas. Havia também quatro homens, feiticeiros videntes de seu grupo que viviam em pequenas casas à volta da casa do nagual. Eram todos índios de diferentes partes do país que haviam migrado para o México setentrional.

— O nagual Elias tinha grande respeito pela energia sexual — comentou Don Juan. — Acreditava que esta foi-nos concedida de modo que possamos usá-la para sonhar. Para ele, sonhar havia caído em desuso porque pode desfazer o precário equilíbrio mental de pessoas suscetíveis.

“Ensinei-o a sonhar da mesma maneira que ele me ensinou. Ele ensinou-me que, enquanto sonhamos, o ponto de aglutinação move-se muito suave e naturalmente.

“O equilíbrio mental nada mais é que a fixação do ponto de aglutinação num lugar ao qual estamos acostumados. Se os sonhos fazem esse ponto mover-se e sonhar é usado para controlar esse movimento natural, e energia sexual é necessária para sonhar, o resultado é às vezes desastroso quando a energia sexual é dissipada era sexo em vez de sonhar. Então os sonhadores movem seus pontos de aglutinação erraticamente e perdem o juízo.

— O que está tentando explicar-me, Don Juan? — perguntei porque senti que o assunto de sonhar não havia sido uma tendência natural da conversação.

— Você é um sonhador. Se não tiver cuidado com sua energia sexual, pode muito bem se acostumar à idéia de movimentos erráticos de seu ponto de aglutinação. Há um momento você estava espantado por suas reações. Bem, seu ponto de aglutinação move-se quase erraticamente, porque sua energia sexual não está equilibrada.

Fiz um comentário estúpido e inoportuno sobre a vida sexual dos machos adultos.

— Nossa energia sexual é o que governa sonhar — explicou. — O nagual Elias ensinou-me, e eu ensinei a você, que você ou faz amor com sua energia sexual ou sonha com ela. Não há outra maneira. A razão pela qual menciono tudo isto é porque você está encontrando grande dificuldade em mover seu ponto de aglutinação para aprender nosso último tópico: o abstrato.

“A mesma coisa aconteceu comigo. Só depois que minha energia sexual foi libertada do mundo é que tudo se encaixou no lugar. Esta é a regra para sonhadores. Os espreitadores são o oposto. Meu benfeitor era, você poderia dizer, um libertino sexual tanto como homem comum quanto como nagual.

Don Juan pareceu estar a ponto de revelar os feitos do seu benfeitor, mas obviamente mudou de idéia. Balançou a cabeça e alegou que me achava ainda muito rígido para tais revelações. Não insisti.

Segundo ele, o nagual Elias tinha a sobriedade que apenas os sonhadores adquiriam após inconcebíveis batalhas consigo mesmo. Ele usava sua sobriedade para mergulhar a si mesmo na tarefa de responder às perguntas de Don Juan.

— O nagual Elias explicou que minha dificuldade em compreender o espírito era a mesma que a dele — continuou Don Juan. — Ele pensava que havia dois fatos diferentes. Primeiro, a necessidade de compreender de modo indireto o que o espírito é, e a outra, compreender o espírito diariamente.

“Você está tendo problemas com o primeiro. Assim que compreender o que é o espírito, o segundo fato será resolvido automaticamente e vice-versa. Se o espírito falar

com você, usando suas palavras silenciosas, você decerto logo saberá o que é o espírito.

Explicou que para o nagual Elias a dificuldade era nossa relutância em aceitar a idéia de que o conhecimento podia existir sem palavras para explicá-lo.

— Mas não tenho dificuldade em aceitar isso — retruquei.

— Aceitar essa proposição não é fácil como dizer que você a aceita — ressaltou Don Juan. — O nagual Elias costumava contar-me que a totalidade da humanidade se havia afastado do abstrato, embora em alguma época devemos ter estado perto dele. Este deve ter sido nossa fonte sustentadora. Então alguma coisa aconteceu e puxou-nos para longe do abstrato. Agora não conseguimos voltar a ele. O nagual costumava dizer que são necessários anos para que um aprendiz seja capaz de voltar ao abstrato, isto é, saber que o conhecimento e a linguagem podem existir independentemente um do outro.

Don Juan repetiu que o ponto crucial de nossa dificuldade em voltar ao abstrato era nossa recusa em aceitar que podíamos saber sem palavras ou mesmo sem pensamentos.

Eu ia argumentar que ele estava falando bobagens quando tive a forte sensação que estava perdendo algo e que esse ponto era de vital importância para mim. Ele estava de fato tentando dizer-me algo, algo que eu não conseguia apreender ou que não podia ser dito por completo.

— Conhecimento e linguagem são separados — repetiu suavemente.

Eu estava quase por dizer: “Sei disso”, como se de fato o soubesse.

— Já lhe expliquei que não há maneira de falar sobre o espírito — continuou — porque espírito pode apenas ser experimentado. Os feiticeiros tentam explicar essa condição quando afirmam que o espírito não é nada que você possa ver ou sentir. Mas está pairando sobre nós o tempo todo. Às vezes vem para algum de nós. Durante a maior parte do tempo parece indiferente.

Fiquei quieto. E Don Juan continuou a explicar. Disse que de muitas maneiras o espírito era uma espécie de animal selvagem.

Mantinha distância de nós até o momento em que algo atraía-o. Era então que o espírito se manifestava.

Levantei a questão de que se o espírito não era uma entidade, ou uma presença, e não tinha essência, como podia alguém atraí-lo?

— O seu problema — disse ele — é que você considera apenas a sua própria idéia do que é abstrato. Por exemplo, a essência interior do homem, ou o princípio fundamental, são abstratos para você. Ou talvez algo um pouco menos vago, tal como caráter, volição, coragem, dignidade, honra. O espírito, naturalmente, pode ser descrito em termos de todas essas coisas. E é isso que é tão confuso, é que é todas essas coisas e nenhuma delas.

Acrescentou que o que eu considerava abstrações eram ou os opostos de todas as praticidades sobre os quais eu podia pensar ou coisas que eu decidira não ter existência concreta.

— E no entanto, para um feiticeiro um abstrato é algo sem paralelo na condição humana.

— Mas são a mesma coisa — gritei. — Não vê que estamos ambos falando sobre a mesma coisa?

— Não estamos — insistiu. — Para um feiticeiro, o espírito é um abstrato simplesmente porque ele o conhece sem palavras ou mesmo pensamentos. E um abstrato porque não pode conceber o que seja o espírito. E no entanto, sem a menor chance ou desejo de compreendêlo, um feiticeiro manipula o espírito. Reconhece-o, acena-lhe, convida-o, familiariza-se com ele, e expressa-o através de seus atos.

Sacudi a cabeça em desespero. Não podia ver a diferença.

— A raiz de sua concepção errônea é que usei o termo “abstrato” para descrever o espírito — explicou. — Para você, abstratos são palavras que descrevem status da intuição. Um exemplo é a palavra “espírito”, que não descreve a razão ou a experiência pragmática, e a qual, naturalmente, não tem utilidade para você senão a de estimular sua imaginação.

Eu estava furioso com Don Juan. Chamei-o de obstinado, e riu de mim. Sugeri que se eu pensasse sobre a proposição de que o conhecimento podia ser independente da linguagem, sem preocupar-me em compreendê-la, talvez pudesse ver a luz.

— Considerei isto — afirmou. — Não foi o ato de encontrar-me que importou para você. No dia em que o encontrei, você descobriu o abstrato. Mas uma vez que não podia falar a respeito, você não o percebeu. Os feiticeiros encontram o abstrato sem pensar a respeito, sem vê-lo, tocá-lo ou sentir sua presença.

Permaneci quieto porque não apreciava discutir com ele. Às vezes considerava-o de fato propositalmente obscuro.

Mas Don Juan pareceu estar divertindo-se muito.

A ÚLTIMA SEDUÇÃO DO NAGUAL JULIAN

Estava fresco e quieto no pátio da casa de Don Juan como no claustro de um convento. Havia uma grande quantidade de árvores frutíferas plantadas bem juntas, o que parecia controlar a temperatura e absorver todos os ruídos. Quando fui a primeira vez em sua casa, havia feito comentários críticos sobre a maneira e lógica pela qual as árvores frutíferas haviam sido plantadas. Eu lhes daria mais espaço. Sua resposta foi que aquelas árvores não eram propriedade sua, eram árvores guerreiras livres e independentes que se haviam juntado ao seu grupo de guerreiros, e que meus comentários, que se aplicavam a árvores comuns, não eram relevantes.

Sua resposta soou metafórica para mim. O que eu não sabia então era que Don Juan tornava literalmente o que dizia.

Don Juan e eu estávamos agora sentados em cadeiras de vime de frente para as árvores frutíferas. Todas as árvores estavam dando fruto.

Comentei que não era apenas uma visão bonita mas também extremamente intrigante, pois não era a estação das frutas.

— Há uma história interessante a respeito — admitiu. — Como sabe, essas árvores são guerreiros do meu grupo. Estão dando frutos agora porque todos os membros do meu grupo têm conversado e expressado sentimentos sobre nossa viagem definitiva, aqui diante delas. E as árvores sabem agora que quando embarcamos em nossa viagem definitiva, irão acompanhar-nos.

Olhei para ele, espantado.

— Não posso deixá-las para trás. São guerreiros também.

Entraram contudo para o grupo do nagual. E sabem como me sinto a seu respeito. O ponto de aglutinação das árvores está localizado muito baixo em seu enorme casulo luminoso, e isso lhes permite conhecer nossos sentimentos, por exemplo, os sentimentos que estamos tendo agora enquanto discutimos minha viagem definitiva.

Permaneci em silêncio, pois não desejava alongar-me no assunto.

Don Juan falou e dissipou meu mau humor.

— O segundo cerne abstrato das histórias de feitiçaria é chamado o assalto do espírito. O primeiro cerne, as manifestações do espírito, é o edifício que o intento constrói e coloca diante de um feiticeiro, convidando-o então a entrar. É o edifício do intento visto por um feiticeiro. O assalto do espírito é o mesmo edifício visto pelo iniciante que é convidado, ou melhor, forçado a entrar.

“Este segundo cerne abstrato poderia ser uma história em si mesma Segundo a história, depois que o espírito se manifestou àquele homem sobre o qual conversamos e não obteve resposta, o espírito armou uma armadilha para o homem. Era um subterfúgio final, não porque o homem fosse especial, mas porque a incompreensível cadeia de evento do espírito tornou aquele homem disponível no exato momento em que o espírito bateu à porta.

“Não é preciso dizer que seja o que for que o espírito revelou àquele homem não fez sentido para este. Com efeito, ia de encontro a tudo que o homem sabia, tudo que era. O homem, naturalmente, recusou-se de imediato, e não

em termos incertos, a ter qualquer coisa a ver com o espírito. Não ia deixar-se cair por tal rematada besteira.

Sabia melhor o que fazer. O resultado foi um beco sem saída total.

“Posso dizer que essa é uma história idiota, e que o que lhe dei é o pacificador para aqueles que se sentem desconfortáveis com o silêncio do abstrato.

Espiou-me por um momento e então sorriu.

— Você gosta de palavras — falou acusadoramente. — A mera idéia de conhecimento silencioso assusta-o. Mas as histórias, não importa o quanto estúpidas, deliciam-no e fazem-no sentir-se seguro.

Seu sorriso era tão malicioso que não pude deixar de rir.

Então lembrou-me de que eu já havia ouvido o seu relato detalhado sobre a primeira vez em que o espírito havia batido à sua porta. Por um momento não pude deduzir sobre o que estava falando.

— Não foi simplesmente o meu benfeitor quem tropeçou em mim quando eu estava morrendo do tiro — explicou. — O espírito também me encontrou e bateu à minha porta naquele dia. Meu benfeitor compreendeu que estava ali para ser um conduto para o espírito. Sem a intervenção do espírito, encontrar meu benfeitor não teria significado coisa alguma.

Explicou que um nagual pode ser um conduto apenas depois que o espírito tenha manifestado sua intenção de ser usado — seja quase imperceptivelmente ou através de comandos diretos. Dessa maneira, não era possível para um nagual escolher seus aprendizes de acordo com sua própria volição ou seus próprios cálculos. Mas, uma vez que a

disposição do espírito era revelada através de presságios, o nagual não poupava esforços para satisfazê-lo.

— Após uma vida inteira de prática — continuou —, os feiticeiros, em particular os naguais, sabem se o espírito os está convidando a entrar no edifício que está sendo exibido à sua frente. Aprenderam a disciplinar seus elos de conexão ao in-tento. Assim, são sempre prevenidos, sempre sabem o que o espírito tem reservado para eles.

Don Juan disse que o progresso ao longo do caminho dos feiticeiros era, em geral, um processo drástico cujo propósito era colocar em ordem esse elo de conexão. O elo de conexão do homem comum com o intento está praticamente morto, e os feiticeiros começam com um elo que é inútil, porque não responde voluntariamente.

Salientou que para reviver esse elo os feiticeiros necessitavam de um propósito rigoroso, feroz — um estado mental especial chamado intento inflexivo. A parte mais difícil do aprendizado da feitiçaria era aceitar que o nagual era o único ser capaz de proporcionar intento inflexivo.

Argumentei que não podia haver dificuldade.

— Um aprendiz é alguém que está lutando para limpar e reviver seu elo de conexão com o espírito — explicou. — Uma vez que o elo é revivido, ele não é mais um aprendiz, mas até esse momento, para manter-se em movimento, necessita de um propósito ferrenho, o qual, naturalmente, não possui. Assim, permite ao nagual que proporcione o propósito de que faça o que é necessário para renunciar à sua individualidade. Esta é a parte difícil.

Lembrou-me de algo que me havia dito com freqüência: que voluntários não eram bem-vindos no mundo dos feiticeiros, porque já possuíam um propósito próprio, que tornava particularmente difícil para eles renunciar à sua individualidade. Se o mundo dos feiticeiros exigia idéias e ações contrárias ao propósito dos voluntários, os voluntários simplesmente recusavam-se a mudar.

— Reviver um elo de um aprendiz é o trabalho mais intrigante e desafiador de um nagual — continuou Don Juan —, e uma de suas maiores dores de cabeça também. Dependendo, é claro, da personalidade do aprendiz, os desígnios do espírito são ou sublimamente simples ou os mais complexos labirintos.

Don Juan assegurou-me que, embora eu pudesse ter tido noções do contrário, meu aprendizado não lhe havia sido tão oneroso como o dele deve ter sido para o seu benfeitor. Admitiu que eu tinha um tanto de autodosciplina que vinha bem a propósito, enquanto ele próprio não tivera nenhuma. E seu benfeitor, por sua vez, tivera ainda menos.

— A diferença é discernível nas manifestações do espírito — continuou. — Em alguns casos, mal são notados; em meu caso era comando. Eu havia sido alvejado. O sangue estava se esvaindo de um buraco em meu peito. Meu benfeitor

teve de agir com rapidez e segurança, exatamente como seu próprio benfeitor tivera de fazer por ele. Os feiticeiros sabem que quanto mais difícil é o comando, tanto mais difícil se revela o discípulo.

Don Juan explicou que um dos aspectos mais vantajosos de sua associação com dois naguais era o fato de poder ouvir as mesmas histórias a partir de dois pontos de vista opostos.

Por exemplo, a história sobre o nagual Elias e as manifestações do espírito, da perspectiva do aprendiz, era a história do difícil assalto do espírito à porta de seu benfeitor.

— Tudo que era ligado ao meu benfeitor era muito difícil — disse ele e começou a rir. — Quando tinha 24 anos, o espírito não apenas bateu à sua porta, mas quase derrubou-a completamente.

Explicou que a história havia em realidade começado anos antes, quando seu benfeitor era um belo adolescente de uma boa família na Cidade do México. Era rico, educado, encantador, e tinha uma personalidade carismática. As mulheres se apaixonavam por ele à primeira vista. Mas ele já era auto-indulgente e indisciplinado, preguiçoso com respeito a qualquer coisa que não lhe desse gratificação imediata.

Don Juan disse que com essa personalidade e seu tipo de criação — era o filho único de uma rica viúva que, juntamente com quatro irmãs adoráveis, mimava-o em demasia — ele podia comportar-se apenas de uma maneira. Mesmo entre os seus amigos também auto- indulgentes, era visto como um delinqüente moral que vivia para fazer qualquer coisa que o mundo considerasse moralmente errada. Com o passar do tempo, seus excessos

enfraqueceram-no fisicamente e ele caiu mortalmente doente de tuberculose — a doença temida da época. Mas sua doença, em vez de restringi-lo, criou uma condição física na qual se sentia mais sensual do que nunca. Uma vez que não possuía nenhum autocontrole, entregou-se por completo à devassidão, e sua saúde deteriorou-se até que não havia esperança.

O dito que desgraça pouca é bobagem era decerto verdadeiro para o benfeitor de Don Juan naquela época. À medida que sua saúde declinava, sua mãe, que era sua única fonte de manutenção e a única restrição sobre ele, morreu. Deixou-lhe uma considerável herança, que deveria tê-lo mantido adequadamente pela vida toda, mas, indisciplinado como era, em poucos meses havia gasto até o último centavo. Sem qualquer profissão ou ocupação para se amparar, viu-se precisando mendigar para viver.

Sem dinheiro não tinha mais amigos; e mesmo as mulheres que antes o amaram voltaram-lhe as costas. Pela primeira vez na vida, encontrou-se confrontando uma dura realidade. Considerando o estado de saúde, este deveria ter sido o fim. Mas era resistente. Decidiu trabalhar para viver.

Seus hábitos sensuais, entretanto, não podiam ser modificados e forçaram-no a procurar trabalho no único lugar onde se sentia confortável: no teatro. Suas qualificações eram que se tratava de um canastrão de nascença e havia passado a maior parte da vida adulta na companhia de atrizes. Juntou-se a um grupo teatral nas províncias, longe de seu círculo familiar de amigos e conhecimentos, e tornou-se um ator muito ativo, o herói tísico em peças sobre religião e moral.

Don Juan comentou sobre a estranha ironia que sempre marcara a vida de seu benfeitor. Ali estava ele, um perfeito pecador, morrendo como resultado de seus modos

dissolutos e interpretando os papéis de santos e místicos. Fez até mesmo o papel de Jesus na peça da Paixão durante a Semana Santa.

Sua saúde durou por uma tournée teatral nos estados do norte.

Então duas coisas aconteceram na cidade de Durango: sua vida chegou a um fim e o espírito bateu à sua porta.

Tanto sua morte quanto o assalto do espírito chegaram ao mesmo tempo — em pleno dia entre os arbustos. Sua morte apanhou-o no ato de seduzir uma jovem. Já se encontrava muito fraco, e naquele dia esforçou-se em demasia. A jovem, que era vivaz e forte, e loucamente apaixonada, o havia, prometendo fazer amor com ele, induzido a caminhar até um ponto isolado a quilômetros de parte alguma.

Inclusive lutou com ele por horas. Quando por fim submeteu-se, ele estava completamente exausto, e tossindo tanto que não podia respirar.

Durante sua última explosão apaixonada sentiu uma dor perfurante no ombro. Seu peito parecia estar sendo rasgado em dois, e um acesso de tosse fez com que tivesse ânsias incontroláveis. Mas sua compulsão de buscar o prazer manteve-o ativo até que a morte chegou na forma de uma hemorragia. Foi então que o espírito fez sua entrada, trazido por um índio que veio ao seu auxílio. Cedo, ele havia notado o índio seguindo-os, mas não lhe dedicara maior atenção, absorto como estava na sedução.

Viu, como num sonho, a jovem. Esta não estava assustada nem perdeu a compostura. Silenciosa e eficiente, vestiu outra vez as roupas e partiu tão rápido quanto um coelho perseguido por cães.

Também viu o índio precipitando-se para ele, tentando fazê-lo sentar-se. Ouviu-o pronunciando coisas idiotas. Ouviu-o oferecendo-se ao espírito e murmurando palavras incompreensíveis numa linguagem estranha.

Postando-se atrás dele, desferiu-lhe um violento golpe nas costas.

Muito racionalmente, o homem que morria deduziu que o índio estava tentando ou desalojar o coágulo de sangue ou matá-lo.

Como o índio batia sem parar em suas costas, o homem à morte ficou convencido de que o índio era o amante ou marido da mulher e estava assassinando-o. Mas vendo os olhos intensamente brilhantes daquele índio, mudou de idéia. Percebeu que o índio estava louco e não se achava ligado à mulher. Com seu último resquício de consciência, focalizou a atenção nos murmúrios do homem. Ouviu-o dizer que o poder do homem era incalculável, que a morte existia apenas porque a havíamos intentado desde o momento de nosso nascimento, que o intento da morte podia ser suspendido fazendo o ponto de aglutinação mudar de posição.

Viu então que o índio era totalmente insano. Sua situação era tão teatral — morrendo nas mãos de um índio louco murmurando disparates — que fez voto de que seria um ator canastrão até o amargo fim, e prometeu a si mesmo não morrer fosse da hemorragia, fosse dos golpes, mas morrer de riso. E riu até a morte chegar.

Don Juan observou que naturalmente seu benfeitor não podia ser levado a sério. Ninguém poderia levar a sério tal pessoa, especialmente um aprendiz em perspectiva do qual não se esperava ser voluntário para a tarefa da feitiçaria.

Ele avisou então que me dera diferentes versões do que consistia essa tarefa de feitiçaria. Disse que não seria presunção de sua parte revelar que do ponto de vista do espírito, a tarefa consistia em limpar nosso elo de conexão com ele. O edifício que o intento exibe diante de nós é, então, uma casa de limpeza, dentro da qual encontramos tanto os procedimentos para limpar nosso elo de conexão quanto o conhecimento silencioso que permite que o processo de limpeza tenha lugar. Sem estes conhecimentos silenciosos nenhum processo poderia funcionar, e tudo o que teríamos seria uma indefinida sensação de necessitar de algo.

Explicou que os eventos desencadeados pelos feiticeiros como resultado do conhecimento silencioso eram tão simples e no entanto tão abstratos que os feiticeiros haviam decidido há muito tempo falar sobre esses eventos apenas em termos simbólicos. As manifestações e o assalto do espírito eram o exemplo.

Falou que, por exemplo, a descrição do que teve lugar durante o encontro inicial entre um nagual em perspectiva, do ponto de vista dos feiticeiros, e um aprendiz seria absolutamente incompreensível. Não haveria sentido em explicar que o nagual, em virtude de sua longa experiência, estava focalizando algo que não pudéssemos imaginar, sua segunda atenção — a consciência aumentada obtida através do treinamento em feitiçaria — sobre sua conexão invisível com algum abstrato indefinível. Estava fazendo isso para enfatizar e clarear a conexão de outro alguém com aquele abstrato indefinível.

Observou que cada um de nós era impedido do conhecimento silencioso por barreiras naturais, específicas a cada indivíduo; que a mais impregnável de minhas barreiras era a tendência de disfarçar minha complacência como independência.

Desafiei-o a dar-me um exemplo concreto. Lembrei-lhe que certa vez me prevenira que um tema de discussão favorito era erguer críticas gerais que não podiam ser amparadas por exemplos concretos.

Don Juan olhou-me e resplandeceu.

— No passado, costumava dar-lhe plantas de poder — retrucou.

— No início, você foi a extremos para convencer-se de que o que estava experimentando eram alucinações. Depois quis que fossem alucinações especiais. Lembro-me que me diverti com sua insistência em chamá-las experiências alucinatórias didáticas.

Disse que minha necessidade de provar minha independência ilusória forçara-me a uma posição onde eu não podia aceitar que o que ele me falara estava acontecendo, embora fosse o que eu sabia silenciosamente por mim mesmo. Eu sabia que ele estava empregando plantas de poder, como os instrumentos muito limitados que eram, para fazer-me entrar em estados parciais ou temporários de consciência intensificada, ao mover meu ponto de aglutinação de sua localização habitual.

— Você usou sua barreira de independência para fazê-lo passar por esta obstrução — explicou. — A mesma barreira continuou a funcionar até o presente, de modo que você continuará a reter essa sensação de angústia indefinida, talvez não de modo tão pronunciado. Agora a pergunta é: como você está arranjando suas conclusões de modo que suas experiências atuais se encaixem em seu esquema de complacência?

Confessei que a única maneira pela qual eu conseguia manter minha independência era não pensando de maneira alguma sobre as minhas experiências.

O abundante riso de Don Juan fê-lo cair de sua cadeira de vime.

Levantou-se e caminhou ao redor para recuperar o fôlego. Sentou-se outra vez e se compôs. Empurrou a cadeira para trás e cruzou as pernas.

Disse que nós, como homens comuns, não sabíamos, nem jamais iríamos saber, que havia algo inteiramente real e funcional — nosso elo de ligação com o intento — que nos dava nossa preocupação hereditária com o destino. Assegurou que durante nossas vidas ativas nunca temos a chance de ir além do nível da mera preocupação, porque desde tempos imemoriais a rotina dos afazeres diários nos entorpeceu. É apenas quando nossas vidas quase se encontram por terminar que nossa preocupação com o destino começa a assumir um caráter diferente. Começa a fazer-nos ver através da neblina das ocupações diárias. Infelizmente, esse despertar sempre vem de mãos dadas com a perda de energia causada pelo envelhecimento, quando não temos mais força para transformar nossa preocupação em descoberta pragmática e positiva. Nesse ponto, tudo que é deixado é uma angústia amorfa e penetrante, um desejo por algo indescritível, e simples raiva por ter errado o alvo.

— Gosto de poemas por muitas razões — falou. — Uma razão é que estes captam o humor dos guerreiros e explicam o que dificilmente pode ser explicado.

Segundo ele, os poetas eram profundamente conscientes de nosso elo de ligação com o espírito, mas que essa consciência era intuitiva, não do modo deliberado e pragmático dos feiticeiros.

— Os poetas não têm conhecimento de primeira mão do espírito — continuou. — É por isso que seus poemas não

podem realmente atingir o centro dos verdadeiros gestos para o espírito. No entanto, atingem muito perto dele.

Apanhou um de meus livros de poesia de uma cadeira próxima a ele, uma coletânea de Juan Ramón Jiménez. Abriu-o na página onde havia colocado um marcador, estendeu-o para mim e fez sinal para que eu lesse.

Sou eu quem caminha esta noite em meu quarto ou sou o mendigo que espreitava em meu jardim ao cair da noite?

Olho ao redor e descubro que tudo é o mesmo e não é o mesmo...

A janela estava aberta?

Não havia eu já adormecido?

Não era verde-pálido o jardim?...

O céu era claro e azul...

e há nuvens e está ventando e o jardim está escuro e triste.

Penso que meu cabelo era negro...

Eu me vestia de cinzento...

E meu cabelo é cinzento e estou vestindo negro...

É este o meu passo?

Tem essa voz, que agora ressoa em mim, os ritmos da voz que eu costumava ter?

Sou eu mesmo ou sou o mendigo que espreitava em meu jardim ao anoitecer?

Olho ao redor...

Há nuvens e está ventando...

O jardim está escuro e triste...

Eu venho e vou... Não é verdade que eu já adormeci?

Meu cabelo está cinzento... E tudo é o mesmo e não é o mesmo...

Reli o poema para mim mesmo e captei a sensação de impotência e perplexidade do poeta. Perguntei a Don Juan se se sentia o mesmo.

— Penso que o poeta sente a pressão do envelhecimento e a ansiedade que essa percepção produz — respondeu. — Mas isto é apenas uma parte. A outra parte, que me interessa, é que o poeta, embora nunca mova seu ponto de aglutinação, intui que algo extraordinário está em jogo. Ele intui com grande certeza que há algum fator não mencionado, assustador por causa de sua simplicidade, que está determinando nosso destino.

Parte III - As Artimanhas do Espírito

LIMPANDO O ELO COM O ESPÍRITO

O sol não havia ainda surgido por trás dos picos do leste, mas o dia já estava quente. Quando atingimos a primeira encosta íngreme, alguns quilômetros dos limites da cidade seguindo pela estrada, Don Juan parou de caminhar e afastou-se para o lado da estrada pavimentada.

Sentou-se ao lado de algumas pedras enormes que haviam sido dinamitadas da face da montanha quando cortaram a estrada e fez-me sinal para que me juntasse a ele. Em geral parávamos ali para conversar ou descansar a caminho das montanhas próximas. Don Juan anunciou que

esta viagem ia ser longa e que poderíamos ficar nas montanhas durante dias.

— Vamos conversar agora sobre o terceiro cerne abstrato — disse Don Jun. — É chamado as artimanhas do abstrato, ou espreitar a si mesmo, ou limpar o elo.

Fiquei surpreso diante da variedade de nomes, mas nada comentei. Esperei que continuasse sua explicação.

— E outra vez, como com o primeiro e segundo cernes, esta poderia ser uma história em si mesma. A história conta que depois de bater à porta daquele homem sobre o qual estivemos falando e não tendo obtido sucesso com ele, o espírito usou o único meio disponível: as artimanhas. Afinal, o espírito havia resolvido impasses prévios através de artimanhas. Era óbvio que, se pretendia causar um impacto nesse homem, teria de seduzi-lo. Portanto, o espírito começou a instruir o homem sobre os mistérios da feitiçaria. E o aprendizado de feitiçaria tornou-se o que é: um caminho de artifícios e subterfúgios.

“De acordo com a história, o espírito seduziu o homem, fazendo-o mudar para a frente ou para trás entre níveis de consciência a fim de mostrar-lhe como economizar a energia necessária para reforçar seu elo de conexão.

Don Juan contou-me que, se aplicássemos sua história a um ambiente moderno, teríamos o caso do nagual, conduto vivo do espírito, repetindo a estrutura deste cerne abstrato e recorrendo a artifícios e subterfúgios para poder ensinar.

Subitamente levantou e começou a caminhar na direção da cadeia de montanhas. Segui-o e iniciamos nossa escalada, lado a lado.

Bem ao final da tarde atingimos o topo das montanhas mais altas. Mesmo àquela altitude ainda fazia muito calor.

Durante todo o dia havíamos seguido uma trilha quase invisível. Por fim atingimos uma pequena clareira, um antigo posto de vigia comandando o norte e o oeste.

Sentamo-nos ali e Don Juan retornou nossa conversação às histórias de feitiçaria. Avisou que agora eu sabia a história do intento manifestando-se ao nagual Elias e a história do espírito assaltando a porta do nagual Julian. E eu sabia como ele havia encontrado o espírito, e decerto não podia esquecer como eu o havia encontrado.

Todas essas histórias, declarou, apresentavam a mesma estrutura; apenas os caracteres diferiam. Cada história era uma tragicomédia abstrata com um participante abstrato, o intento e dois atores humanos, o nagual e seu aprendiz. O texto era o cerne abstrato.

Pensei que havia finalmente compreendido o que queria dizer, mas não podia de fato explicar nem mesmo para mim o que havia compreendido, nem conseguia explicá-lo a Don Juan. Quando tentei colocar meus pensamentos em palavras, descobri-me balbuciando.

Don Juan pareceu reconhecer meu estado mental. Sugeriu que eu relaxasse e ouvisse. Disse-me que sua próxima história era sobre o processo de trazer um aprendiz para o reino do espírito, um processo que os feiticeiros chamavam as artimanhas do espírito, ou limpando o elo de conexão ao intento.

— Já lhe contei a história sobre como o nagual Julian levou-me para sua casa depois que fui atingido e cuidou de meu ferimento até a minha recuperação. Mas não lhe expliquei como ele limpou meu elo, como me ensinou a espreitar a mim mesmo.

“A primeira coisa que um nagual faz com seu aprendiz em perspectiva é fraudá-lo. Isto é, dá-lhe um golpe em seu

elo de conexão com o espírito. Há duas maneiras de fazer isto. Uma é através de canais seminormais, os quais usei com você, e a outra por meio de feitiçaria direta, que meu benfeitor usou comigo.

Don Juan contou-me outra vez a história de como seu benfeitor havia convencido as pessoas que se reuniram na estrada de que o homem ferido era seu filho. Então pagou alguns homens para carregar Don Juan, inconsciente do choque e da perda de sangue, para sua própria casa. Don Juan acordou ali, dias mais tarde, e encontrou um velho gentil e sua gorda esposa cuidando de seu ferimento.

O velho disse que seu nome era Belisário e que sua mulher era uma curandeira famosa e que ambos estavam curando seu ferimento.

Don Juan avisou que não tinha dinheiro, e Belisário sugeriu que, quando se recuperasse, poder-se-ia arranjar pagamento de alguma espécie.

Don Juan falou que estava profundamente confuso, o que não era nada de novo para ele. Era apenas um musculoso e inquieto índio de vinte anos, sem cérebro, sem educação formal e um terrível temperamento. Não tinha concepção de gratidão. Pensou que era muito gentil por parte do velho e de sua mulher terem ajudado, mas sua intenção era esperar que o ferimento sarasse e então simplesmente desvanecesse no meio da noite.

Quando se recuperou o suficiente e estava pronto para fugir, o velho Belisário levou-o para um aposento e em sussurros trêmulos revelou que a casa onde estavam pertencia a um homem monstruoso que o mantinha e também sua mulher como prisioneiros. Pediu a Don Juan que os ajudasse a recuperar sua liberdade, a escapar de seu captor e atormentador. Antes que Don Juan pudesse

replicar, um monstruoso homem com cara de peixe retirado diretamente de uma história de terror irrompeu no aposento, como se tivesse estado ouvindo por trás da porta. Era cinza-esverdeado, tinha um único olho que não piscava no meio da testa, e era grande como uma porta. Deu um bote na direção de Don Juan, sibilando como uma serpente, pronto para rasgá-lo em pedaços, e apavorou-o tanto que este desmaiou.

— Seu modo de dar um golpe em meu elo de ligação com o espírito foi de mestre — riu Don Juan. — Meu benfeitor, sem dúvida, havia-me feito mudar para a consciência intensificada antes da entrada do monstro, de modo que, o que eu vi realmente, como um homem monstruoso, era o que os feiticeiros chamam um ser inorgânico, um campo de energia informe.

Don Juan disse que conhecia inúmeros casos nos quais a mente diabólica de seu benfeitor criara situações hilariantemente embaraçosas para todos os seus aprendizes, em especial para o próprio Don Juan, cuja seriedade e rigidez faziam-no o tema perfeito para as brincadeiras didáticas de seu benfeitor. Acrescentou que essas brincadeiras entretinham muito seu benfeitor.

— Se você pensa que rio de você, o que faço, isso não é nada comparado com o quanto ele ria de mim. Meu diabólico benfeitor havia aprendido a chorar para esconder o riso. Você simplesmente não pode imaginar quanto ele costumava chorar quando comecei meu aprendizado.

Continuando com a história, Don Juan afirmou que sua vida nunca foi a mesma depois do choque de ver aquele homem monstruoso.

Seu benfeitor assegurou que assim fosse. Don Juan explicou que uma vez que um nagual apresentou seu

discípulo em perspectiva, especialmente seu discípulo nagual, às artimanhas, deve lutar para assegurar a sua participação. A participação podia ser de dois tipos diferentes. Ou o discípulo em perspectiva é tão disciplinado e afinado que é necessária apenas sua decisão de juntar-se ao nagual, como havia sido o caso com a jovem Talia, ou o discípulo em perspectiva é alguém com pouca ou nenhuma disciplina, caso no qual um nagual deve gastar tempo e grande quantidade de trabalho para convencê-lo.

No caso de Don Juan, por ser ele um inculto camponês jovem sem um pensamento na cabeça, o processo de colocá-lo na linha assumiu aspectos bizarros.

Pouco depois do primeiro golpe, seu benfeitor deu-lhe um segundo, ao mostrar a Don Juan sua habilidade em transformar-se. Um dia seu benfeitor transformou-se num jovem. Don Juan foi incapaz de conceber essa transformação como qualquer coisa a não ser um exemplo da arte de um ator consumada — Como ele realizava essas mudanças? — perguntei.

— Ele era ao mesmo tempo um mágico e um artista — replicou Don Juan. — Sua magia era que se transformava movimentando seu ponto de aglutinação para a posição que desencadearia qualquer mudança particular que desejasse. E sua arte era a perfeição de suas transformações.

— Realmente não compreendo o que está me contando.

Don Juan explicou que a percepção é o gonzo para tudo que o homem é ou faz, e que essa percepção é governada pela localização do ponto de aglutinação. Portanto, se esse ponto muda de posição, a percepção de mundo do homem muda de acordo. O feiticeiro que conhecesse exatamente onde colocar seu ponto de aglutinação podia transformar-se em qualquer coisa que desejasse.

— A proficiência do nagual Julian em mover seu ponto de aglutinação era tão magnífica que ele podia realizar as transformações mais sutis — continuou Don Juan. — Quando um feiticeiro se transforma num corvo, por exemplo, esta é definitivamente uma grande realização. Mas isso implica uma vasta e portanto grosseira mudança do ponto de aglutinação. Entretanto, movê-lo para a posição de um homem gordo, ou um homem velho, requer a mudança mínima e o conhecimento mais aguçado da natureza humana.

— Eu preferiria evitar pensar ou falar sobre essas coisas como fatos — retruquei.

Don Juan riu como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada que se poderia imaginar.

— Havia uma razão para as transformações de seu benfeitor ou ele estava apenas se divertindo?

— Não seja estúpido. Os guerreiros não fazem coisa alguma apenas para se divertirem — replicou. — Suas transformações eram estratégicas. Eram ditadas pela necessidade, como sua transformação de velho para jovem. Vez por outra havia conseqüências divertidas, mas isso é outro assunto.

Lembrei-lhe de que lhe perguntara antes como seu benfeitor aprendera essas transformações. Respondera-me então que seu benfeitor tivera um mestre, mas não me contaria quem.

— Aquele feiticeiro muito misterioso que é nosso guardião lhe ensinou — replicou Don Juan de modo sucinto.

— Que feiticeiro misterioso é esse?

— O desafiador da morte — respondeu ele e olhou para mim interrogativamente.

Para todos os feiticeiros do grupo de Don Juan o desafiador da morte era um caráter muito vivido. De acordo com eles, o desafiador da morte era um feiticeiro dos tempos antigos. Havia sido bem-sucedido em sobreviver até o presente, manipulando seu ponto de aglutinação, fazendo-o mover-se de modos específicos para localizações específicas no âmbito de seu campo de energia total. Tais manobras permitiram a sua consciência e força vital persistirem.

Don Juan contara-me sobre o acordo que os videntes de sua linhagem haviam estabelecido com o desafiador da morte séculos antes.

Ele orientava-os em troca de energia vital. Por causa desse acordo, consideravam-no seu guardião e chamavam-no “o proprietário”.

Ele havia explicado que os feiticeiros dos tempos antigos eram especialistas em fazer o ponto de aglutinação mover-se. Ao fazê-lo, haviam descoberto coisas extraordinárias sobre a percepção, mas descobriram também como era fácil perder-se na aberração. A situação do desafiador da morte era para Don Juan um exemplo clássico de aberração.

Costumava repetir sempre que podia que a sobriedade era crucial para lidar com a movimentação de ponto de aglutinação. Se o ponto de aglutinação era empurrado por alguém que não apenas o via mas também tinha energia suficiente para movê-lo, este deslizava, dentro da bola luminosa, para qualquer localização que quem empurrasse almejava. Seu brilho era suficiente para iluminar os campos de energia filamentosa que tocava. A percepção de mundo resultante era completa, mas não a mesma que a nossa percepção normal da vida cotidiana.

Continuando a história, Don Juan contou que logo ficou acostumado a pensar no velho que havia salvado sua vida como um homem em realidade jovem, disfarçado de velho. Mas um dia o jovem era outra vez o velho Belisário que Don Juan encontrara primeiro. Ele e a mulher que Don Juan pensava ser sua mulher arrumaram suas trouxas, e dois homens sorridentes com um par de mulas apareceram de lugar nenhum.

Don Juan riu, saboreando sua história. Disse que enquanto os tropeiros carregavam as mulas, Belisário puxou-o para um lado e salientou que ele e sua mulher estavam outra vez disfarçados. Era de novo um velho e sua linda esposa era uma índia gorda e irascível.

— Eu era tão jovem e estúpido que apenas o óbvio tinha valor para mim — continuou Don Juan. — Apenas dois dias antes, eu havia presenciado sua incrível transformação de um homem fraco com mais de setenta anos para um jovem vigoroso com cerca de 25, e aceitei sua palavra de que a idade era apenas um disfarce. Sua mulher também se transformara de uma índia gorda e irascível numa jovem esbelta e linda. A mulher, é claro, não se transformara do mesmo modo que meu benfeitor. Ele apenas trocara a mulher. Naturalmente, eu poderia ter visto tudo naquela época, mas a sabedoria sempre nos chega de modo doloroso e aos poucos.

Don Juan disse que o velho assegurou-lhe que seu ferimento estava curado embora ainda não se sentisse perfeitamente bem.

Abraçou então Don Juan, e numa voz de fato triste sussurrou: “O monstro gostou tanto de você que me libertou junto com minha mulher da servidão e tomou-o como seu único criado.” — Eu teria rido dele — continuou Don Juan — não fosse por um profundo rosnado animal e

um ruído apavorante que vinham dos aposentos do monstro.

Os olhos de Don Juan estavam brilhando com delícia interior. Eu desejava permanecer sério, mas não pude evitar o riso.

Belisário, consciente do pavor de Don Juan, desculpou-se profusamente pela volta do destino que o havia liberado, aprisionando Don Juan. Estalou a língua em desgosto e amaldiçoou o monstro. Tinha lágrimas nos olhos quando fez a lista de todas as tarefas que o monstro desejava feitas diariamente. E quando Don Juan protestou, confiou, em tom baixo, que não havia modo de escapar, porque o conhecimento de bruxaria do monstro era incomparável.

Don Juan pediu a Belisário que lhe recomendasse alguma linha de ação. E Belisário entrou numa longa explicação sobre planos de ação serem apropriados apenas quando se estava lidando com seres humanos normais. No contexto humano, podemos planejar e conspirar, e dependendo da sorte, mais nossa esperteza e dedicação, podemos ser bem-sucedidos. Mas diante do desconhecido, especificamente a situação de Don Juan, a única esperança de sobrevivência era aquiescer e compreender.

Belisário confessou a Don Juan num murmúrio inaudível que, para assegurar que o monstro nunca viesse atrás dele, estava se dirigindo ao estado de Durango para aprender feitiçaria. Perguntou a Don Juan se ele, também, não desejava considerar a idéia de aprender feitiçaria. E Don Juan, horrorizado à idéia, respondeu que não queria nada com bruxas.

Don Juan dobrou-se de tanto rir e admitiu que gostava de pensar sobre como o benfeitor deve ter desfrutado daquele jogo. Ainda mais quando ele próprio, num frenesi

de medo e paixão, rejeitou o convite de boa-fé para aprender feitiçaria, dizendo; “Sou um índio. Nasci para odiar e temer bruxas.” Belisário trocou um olhar com sua mulher e seu corpo começou a entrar em convulsões. Don Juan percebeu que ele estava chorando em silêncio obviamente ferido pela rejeição. A mulher teve de animá-lo até que reconquistou a compostura. Quando Belisário e sua mulher estavam se afastando, ele voltou-se e ofereceu mais um conselho a Don Juan. Avisou que o monstro tinha horror a mulheres, e Don Juan deveria ficar à procura de uma substituição masculina na tênue eventualidade de que o monstro gostasse suficientemente dele para trocar de escravo. Mas ele não deveria alimentar suas esperanças, porque se passariam anos antes que sequer pudesse sair da casa. O monstro gostava de se assegurar que seus escravos eram leais ou ao menos obedientes.

Don Juan não pôde suportar mais. Desmoronou, começou a chorar, e disse a Belisário que ninguém iria escravizá-lo. Sempre poderia matar-se. O velho ficou muito comovido pela explosão de Don Juan e confessou que havia tido a mesma idéia, mas, infelizmente, o monstro era capaz de ler seus pensamentos e evitara que tirasse sua própria vida todas as vezes em que tentara.

Belisário fez outra oferta de levar Don Juan consigo a Durango para aprender feitiçaria. Alegou que era a única solução possível. E Don Juan disse-lhe que a sua solução era como saltar da frigideira para o fogo.

Então Belisário começou a chorar ruidosamente e abraçou Don Juan. Amaldiçoou o momento em que salvara a vida do outro homem e jurou que não tinha idéia de que iriam trocar de lugar. Assoou o nariz, e olhando para Don Juan com os olhos em fogo disse: “O disfarce é a única maneira de sobreviver. Se não se comportar de modo apropriado, o monstro pode roubar-lhe a alma e

transformá-lo num idiota que faz suas tarefas e nada mais. É uma pena que não tenho tempo de ensiná lo como agir.” Então chorou ainda mais.

Don Juan, sufocando com as lágrimas, pediu-lhe para descrever como poderia disfarçar-se. Belisário confidenciou que o monstro tinha uma visão terrível e recomendou que Don Juan experimentasse com várias roupas que servissem a sua imaginação. Havia, afinal, anos à sua frente para tentar diferentes disfarces. Abraçou Don Juan à porta, sem conter o choro. Sua mulher tocou a mão de Don Juan acanhadamente. E então os dois partiram.

— Nunca em minha vida, antes ou depois, senti tal terror e desespero — disse Don Juan. — O monstro sacudia coisas no interior da casa como se estivesse esperando impacientemente por mim. Sentei- me junto à porta e uivei como um cão sofrendo dores. Então vomitei de puro medo.

Don Juan ficou sentado durante horas, incapaz de mover-se. Não ousava partir, nem entrar. Não era exagero dizer que estava de fato para morrer quando viu Belisário acenando os braços, tentando freneticamente captar-lhe a atenção do outro lado da rua.

Simplesmente vê-lo outra vez deu alívio instantâneo a Don Juan.

Belisário estava agachado na calçada observando a casa. Fez sinal a Don Juan para que não se movesse.

Depois de um tempo terrivelmente longo, Belisário arrastou-se alguns metros com as mãos e os joelhos na direção de Don Juan. Então agachou-se de novo, totalmente imóvel. Arrastando-se daquele modo, avançou até chegar ao lado de Don Juan. Passaram-se horas. Muitas pessoas haviam passado, mas ninguém parecia ter notado o desespero de Don Juan ou as ações do velho. Quando ambos

estavam lado a lado, Belisário sussurrou que não achara correto deixar Don Juan como um cachorro amarrado a um poste. Sua mulher havia levantado objeções, mas ele voltara para tentar resgatá-lo. Afinal, havia obtido sua liberdade graças a Don Juan.

Perguntou a Don Juan num sussurro de comando se ele estava pronto e disposto a fazer qualquer coisa para escapar dali. Don Juan assegurou-lhe que faria qualquer coisa. Da maneira mais furtiva, Belisário passou a Don Juan uma trouxa de roupas. Então delineou o seu plano. Don Juan deveria ir à área da casa mais distante dos aposentos do monstro e trocar suas roupas bem devagar, tirando uma peça de cada vez, a começar pelo chapéu, deixando os sapatos por último. Então deveria colocar todas as roupas numa armação de madeira, uma estrutura semelhante a um boneco que deveria construir, de modo eficiente e rápido, assim que estivesse dentro da casa. O passo seguinte do plano era Don Juan colocar o único disfarce que poderia enganar o monstro: as roupas da trouxa.

Don Juan correu para dentro da casa e aprontou tudo. Construiu uma armação como a de um espantalho com varas que encontrou nos fundos da casa, tirou suas roupas e vestiu o boneco. Quando abriu a trouxa, teve a surpresa de sua vida. A trouxa consistia em roupas de mulher! — Senti-me estúpido e perdido — disse Don Juan — e quando ia vestir outra vez minhas próprias roupas, ouvi os grunhidos desumanos daquele homem monstruoso. Ele fora criado para desprezar as mulheres, para acreditar que sua única função era cuidar dos homens.

Vestir roupas de mulher para mim era o mesmo que me transformar era mulher. Mas meu medo do monstro era tão intenso que fechei os olhos e coloquei as malditas roupas.

Olhei para Don Juan, imaginando-o em roupas de mulher. Era uma imagem tão simplesmente ridícula que contra minha vontade caí numa larga risada.

Don Juan contou que quando o velho Belisário, esperando por ele do outro lado da rua, viu-o com o disfarce, começou a chorar incontrolavelmente. Chorando, guiou Don Juan aos limites da cidade onde sua mulher estava esperando com os dois tropeiros. Um deles, com muita ousadia, perguntou a Belisário se ele estava raptando a estranha garota para vendê-la a um prostíbulo. O velho chorou tanto que parecia à beira de desmaiar. Os jovens tropeiros não sabiam o que fazer, mas a mulher de Belisário, em lugar de se lamentar, começou a berrar de tanto rir. E Don Juan não podia entender por quê.

O grupo começou a mover-se no escuro. Tomaram trilhas pouco usadas e dirigiram-se direto para o norte. Belisário não falava muito.

Parecia estar apavorado e esperando problemas. Sua mulher brigava com ele o tempo todo e se queixava de que tinham atirado fora sua chance de liberdade ao levar Don Juan com eles. Belisário deu-lhe ordens estritas para não mencioná-lo outra vez por medo que os tropeiros descobrissem o disfarce de Don Juan. Preveniu Don Juan de que, por ele não saber portar-se de modo convincente como mulher, deveria agir como se fosse uma moça com problemas mentais.

Dentro de alguns dias o medo de Don Juan diminuiu bastante.

Com efeito, ficou tão confiante que não podia sequer se lembrar de ter estado amedrontado. Se não fosse pelas roupas que continuava usando, poderia ter imaginado que a experiência toda não passasse de um pesadelo.

Usar roupas de mulher sob aquelas condições implicava, naturalmente, uma série de drásticas mudanças. A mulher de Belisário treinou Don Juan, com verdadeira seriedade, em todos os aspectos, para executar tarefas femininas.

Don Juan ajudava a cozinhar, a lavar roupas, juntar lenha.

Belisário raspou-lhe a cabeça, passou-lhe um remédio de cheiro forte, e contou aos tropeiros que a moça tivera uma infestação de piolhos. Don Juan disse que corno ainda era um jovem imberbe não era de fato difícil se passar por mulher. Mas sentia-se desgostoso consigo mesmo, com todas essas pessoas e, acima de tudo, com seu destino. Acabar usando roupa de mulher e desempenhando tarefas femininas era mais do que podia agüentar.

Num dia teve o suficiente. Os tropeiros foram a gota dágua.

Esperavam e exigiam que essa moça estranha os obedecesse em tudo.

Don Juan disse que também devia estar em permanente guarda, porque eles fariam avanços.

Senti-me compelido a fazer uma pergunta.

— Os tropeiros estavam mancomunados com seu benfeitor?

— Não — replicou e começou a rir alto. — Eram simplesmente duas pessoas simpáticas que haviam caído temporariamente sob seu encanto. Belisário havia alugado suas mulas para transportar plantas medicinais e disse-lhes que pagaria muito bem se o ajudassem a raptar uma jovem.

O escopo das ações do nagual Julian agitou minha imaginação.

Imaginei Don Juan afastando avanços sexuais e rugi de risos.

Don Juan continuou seu relato. Contou que falou ao velho de modo áspero que aquela farsa havia durado tempo demais, os homens estavam fazendo avanços sexuais. Belisário despreocupadamente aconselhou-o a ser mais compreensivo, porque homens são homens, e recomeçou a chorar, confundindo Don Juan por completo, que se encontrou defendendo com fúria as mulheres. Estava tão apaixonado com a causa das mulheres que assustou a si mesma Avisou a Belisário que iria terminar de modo pior do que se tivesse ficado como escravo do monstro.

O turbilhão mental de Don Juan aumentou quando o velho chorou incontrolavelmente e murmurou insanidades: a vida era doce, o pequeno preço que era preciso pagar por ela era uma piada. O monstro iria devorar a alma de Don Juan e nem mesmo lhe permitir o suicídio.

“Namore com os tropeiros”, aconselhou a Don Juan em tom e maneira conciliatórios. “Eles são camponeses primitivos. Tudo que querem é brincar. Assim, empurre-os de volta quando o cutucarem. Deixe que lhe toquem a perna. O que importa?” E outra vez, chorou sem se controlar.

Don Juan perguntou-lhe por que chorava daquele modo. “Porque você é perfeito para isso tudo”, disse ele e o corpo se contorceu com a força de seus soluços.

Don Juan agradeceu-lhe por seus bons sentimentos e por todas as preocupações que estava tendo por sua conta. Disse a Belisário que agora se sentia seguro e desejava partir.

— A arte de espreitar é aprender todos os truques de seu disfarce — retrucou Belisário, não dando atenção ao

que Don Juan lhe dizia. — E devem ser apreendidos com tanta eficiência que ninguém perceba o seu disfarce. Para isso, você precisa ser implacável, esperto, paciente e agradável.

Don Juan não tinha idéia sobre o que Belisário falava. Em vez de descobrir, pediu-lhe algumas roupas de homem. Belisário foi muito compreensivo. Deu a Don Juan algumas roupas velhas e uns poucos pesos. Prometeu a Don Juan que seu disfarce estaria sempre ali no caso de precisar e pressionou-o veementemente a vir a Durango com ele para aprender feitiçaria e livrar-se do monstro de uma vez por todas.

Don Juan recusou-se e agradeceu. Assim Belisário despediu-se e bateu- lhe nas costas repetidas vezes e com força considerável.

Don Juan mudou as roupas e perguntou a Belisário pelas direções. Este respondeu que se Don Juan seguisse a trilha em direção ao norte, mais cedo ou mais tarde alcançaria a próxima cidade. Disse que ambos poderiam até mesmo cruzar os caminhos outra vez, pois estavam todos seguindo na mesma direção — afastando-se do monstro.

Livre, por fim, Don Juan partiu o mais rápido possível. Deve ter andado uns sete quilômetros antes de encontrar sinais de pessoas.

Sabia que havia uma cidade por perto e pensou que talvez pudesse obter trabalho ali até decidir para onde ir. Sentou-se para descansar por um momento, antecipando as dificuldades normais que um estranho encontraria numa pequena cidade esquecida, quando pelo canto do olho viu uns movimentos nos arbustos ao lado da trilha de mulas. Sentiu que alguém o observava. Ficou tão aterrorizado que levantou-se de um salto e começou a correr na direção da

cidade; um monstro saltou para ele, tentando agarrar-lhe o pescoço. Errou por pouco. Don Juan berrou como nunca havia berrado antes, mas ainda teve o autocontrole suficiente para voltar-se e correr de volta na direção de origem. Enquanto Don Juan corria por sua vida, o monstro o perseguia, atravessando com ruídos os arbustos apenas a alguns metros. Don Juan disse que aquele foi o som mais aterrorizante que jamais ouvira. Finalmente avistou as mulas movendo-se bem devagar a distância e gritou por socorro.

Belisário reconheceu Don Juan e correu em sua direção, demonstrando terror. Atirou a trouxa de roupas de mulheres gritando: “Corra como uma mulher, seu tolo.” Don Juan admitiu que não sabia como teve a presença de espírito para correr como mulher, mas o fez. O monstro parou de persegui-lo. E Belisário mandou-o trocar-se rapidamente enquanto mantinha o monstro afastado.

Após vestir-se, Don Juan reuniu-se à mulher de Belisário e aos tropeiros sorridentes sem olhar para ninguém. Viraram para outro lado e tomaram outras trilhas. Ninguém falou por vários dias; então Belisário começou a dar-lhe lições diárias. Disse a Don Juan que as mulheres índias eram práticas e iam diretamente ao coração das coisas, mas que também eram muito tímidas, e quando desafiadas mostravam sinais físicos de terror e os olhos movediços, as bocas apertadas e narinas dilatadas. Todos esses sinais eram acompanhados por uma teimosia temerosa, seguida por riso discreto.

Ele fez com que Don Juan praticasse suas habilidades de comportamento feminino em todas as cidades pelas quais passavam. E Don Juan acreditava honestamente que ele estava-lhe ensinando a ser ator. Mas Belisário insistia que estava-lhe ensinando a arte de espreitar.

Explicou a Don Juan que espreitar era uma arte aplicável a tudo, e que havia quatro passos para aprendê-la; implacabilidade, esperteza, paciência e doçura.

Senti-me compelido a interromper seu relato mais uma vez.

— Mas a espreita não é ensinada em profunda consciência intensificada? — perguntei.

— É claro — replicou com um sorriso. — Mas você pode compreender que para alguns homens usar roupas de mulheres é a porta para a consciência intensificada. Com efeito, tais meios são mais efetivos que empurrar o ponto de aglutinação, mas são muito difíceis de arranjar.

Don Juan contou que seu benfeitor afiava-o diariamente nas quatro disposições da espreita e insistia que Don Juan compreendesse que implacabilidade não deveria ser rudeza, esperteza não deveria ser crueldade, paciência não deveria ser negligência e doçura não deveria ser tolice.

Ensinou-lhe que esses quatro passos deviam ser praticados e aperfeiçoados até que estivessem tão suaves que passassem despercebidos. Acreditava serem as mulheres espreitadoras naturais. E sua convicção era tão forte que insistia que apenas no disfarce de mulher qualquer homem poderia realmente aprender a arte de espreitar.

— Fui com ele a todo mercado em toda cidade pela qual passamos e pechinchei com todos. Meu benfeitor ficava por perto observando-me.

“Seja implacável mas encantador”, costumava dizer. “Seja esperto mas simpático. Seja paciente mas ativo. Seja doce mas letal. Apenas mulheres sabem fazê-lo. Se um homem agir dessa maneira, está sendo afetado.” E como

para assegurar-se de que Don Juan mantinha-se na linha, o homem monstruoso aparecia de tempo em tempo. Don Juan tinha vislumbres dele perambulando pelos campos. Costumava vê-lo com mais freqüência depois que Belisário lhe dava uma vigorosa massagem nas costas, supostamente para aliviar uma aguda dor nervosa em seu pescoço. Don Juan riu e disse que não tinha nenhuma idéia de que estava sendo manipulado para a consciência intensificada.

— Levamos um mês para alcançar a cidade de Durango. No decorrer daquele mês, tive um ligeiro exemplo das quatro disposições da espreitar. Isso realmente não me mudou muito, mas deu-me a oportunidade de ter um vislumbre do que era ser mulher.

AS QUATRO DISPOSIÇÕES DA ESPREITA

Don Juan disse que eu deveria sentar-me naquele antigo posto de vigia e usar o impuxo da terra para mover meu ponto de aglutinação e rememorar outros estados de consciência intensificada na qual havia- me ensinado a espreitar.

— Nos últimos dias, mencionei muitas vezes as quatro disposições da espreita — continuou. — Mencionei implacabilidade, esperteza, paciência e doçura, com esperança de que você pudesse lembrar-se do que lhe ensinei a respeito. Seria maravilhoso se você pudesse usar essas quatro disposições como instrumento para levá-lo à recordação total.

Ficou quieto pelo que me pareceu um momento incomumente longo. Então fez uma declaração que não deveria ter-me surpreendido, mas o fez. Disse que me havia ensinado as quatro disposições da espreita no México setentrional com ajuda de Vicente Medrano e Silvio Manuel.

Não elaborou, mas deixou que sua afirmação se aprofundasse.

Tentei lembrar-me, mas por fim desisti e quis gritar que não conseguia me lembrar de algo que nunca havia acontecido.

Enquanto estava lutando para dar voz a meu protesto, pensamentos ansiosos começaram a cruzar minha mente. Como sempre fazia quando solicitado a recordar a consciência intensificada, tornei-me obsessivamente consciente de que não havia de fato continuidade nos eventos que experimentei sob sua direção. Aqueles eventos não estavam atados um ao outro como eram os eventos de minha vida diária, numa seqüência linear. Era perfeitamente possível que ele estivesse certo. No mundo de Don Juan, eu não tinha certeza de coisa alguma.

Tentei dar voz às minhas dúvidas, mas ele recusou-se a ouvir e apressou-me a relembrar. A essa altura estava realmente escuro.

Começara a ventar, mas eu não sentia o frio. Don Juan dera-me uma rocha achatada para colocar sobre o esterno. Minha consciência estava agudamente sintonizada a tudo ao redor. Senti um puxão abrupto, que não era externo nem interno, mas antes a sensação de um repuxar continuado numa parte não identificável de mim mesmo. De repente comecei a recordar com atordoante clareza um encontro que tivera anos antes. Lembrei-me dos acontecimentos e das pessoas tão vividamente que fiquei assustado. Senti um arrepio.

Contei tudo isso a Don Juan, que não pareceu impressionado ou preocupado. Aconselhou-me a não ceder ao medo mental ou físico.

Minha recordação era tão fenomenal que era como se eu estivesse revivendo a experiência. Don Juan manteve-se quieto. Sequer olhava para mim. Senti-me entorpecido. A sensação de entorpecimento passou lentamente.

Repeti as mesmas coisas que sempre dissera a Don Juan quando me recordava de um evento sem existência linear.

— Como pode ser isso, Don Juan? Como posso ter esquecido tudo isso?

E ele reafirmou as mesmas coisas que sempre afirmava.

— Nesse tipo de recordação o esquecimento não tem nada a ver com a memória normal. Tem a ver com o movimento do ponto de aglutinação.

Afirmou que embora eu possuísse conhecimento total do que é intento, ainda não comandava esse conhecimento. Saber o que é intento significa que o indivíduo pode, a qualquer tempo, explicar esse conhecimento ou usá-lo. Um nagual, por força de sua posição, é obrigado a comandar seu conhecimento dessa maneira.

— O que você recordou? — perguntou-me.

— A primeira vez em que me falou sobre a disposição da espreita.

Algum processo, inexplicável em termos de minha consciência usual do mundo, havia liberado uma memória que um minuto antes não existia. E recordei uma seqüência inteira de eventos que haviam acontecido muitos anos antes.

Exatamente quando estava deixando a casa de Don Juan em Sonora, este me pedira para encontrá-lo na semana seguinte por volta de meio- dia, do lado americano da

fronteira, em Nogales, Arizona, na agência dos ônibus Greyhound.

Cheguei cerca de uma hora adiantado. Ele estava parado junta à porta. Cumprimentei-o. Não respondeu mas puxou-me de lado de modo apressado e sussurrou que eu deveria tirar as mãos dos bolsos. Fiquei perplexo. Não me deu tempo de responder, mas avisou que minha braguilha estava aberta, e que estava vergonhosamente evidente que eu estava sexualmente excitado.

A rapidez com a qual me precipitei a cobrir-me foi fenomenal.

Quando percebi que era uma brincadeira, estávamos na rua. Don Juan ria, batendo-me nas costas com força e sem parar, como se estivesse apenas celebrando a piada. Subitamente encontrei-me num estado de consciência intensificada.

Caminhamos até uma cafeteria e sentamo-nos. Minha mente estava tão clara que eu desejava olhar para tudo, ver a essência das coisas.

— Não desperdice energia! — alertou Don Juan em voz áspera. — Trouxe você aqui para descobrir se pode comer quando seu ponto de aglutinação se move. Não tente fazer mais do que isso.

Mas então um homem sentou-se à mesa diante de mim e toda minha atenção ficou presa a ele.

— Mova os olhos em círculos — orientou Don Juan. — Não olhe para aquele homem.

Achei impossível parar de observar o homem. Senti-me irritado com as solicitações de Don Juan.

— O que você vê?

Estava vendo um casulo luminoso feito de asas transparentes, que se encontravam dobradas sobre o próprio casulo. As asa desdobravam-se, vibravam por um instante, caíam, e eram substituídas por novas asas, que repetiam o mesmo processo.

Don Juan girou minha cadeira rudemente até eu ficar de frente para a parede.

— Que desperdício — disse ele com um ruidoso suspiro depois que descrevi o que havia visto. — Você desperdiçou quase toda a sua energia. Restrinja-se. Um guerreiro necessita de foco. Quem se importa com asas num casulo luminoso?

Explicou que a consciência intensificada era como um trampolim.

A partir deste um indivíduo podia saltar para o infinito. Ressaltou, outra vez e mais outra, que quando o ponto de aglutinação estava desalojado, alojava-se outra vez numa posição muito próxima da costumeira ou continuava movendo-se para o infinito.

— As pessoas não têm idéia do estranho poder que carregamos dentro de nós mesmos — continuou. — Neste momento, por exemplo, você tem o meio de atingir o infinito. Se continuar com seu comportamento desnecessário, pode conseguir empurrar seu ponto de aglutinação além de um certo ponto do qual não há regresso.

Compreendi o perigo sobre o qual falava, ou melhor, tinha a sensação corporal de que estava parado à beira de um abismo, e, se me inclinasse para a frente, cairia nele.

— Seu ponto de aglutinação moveu-se para a consciência intensificada — continuou — porque emprestei-lhe a minha

energia.

Comemos em silêncio, comida muito simples. Don Juan não permitiu que eu tomasse café ou chá.

— Enquanto está usando minha energia, você não está em seu próprio tempo. Está no meu. Eu bebo água — explicou Don Juan.

Quando caminhávamos de volta ao meu carro, senti-me ligeiramente nauseado. Oscilei e quase perdi o equilíbrio, era uma sensação similar à de caminhar ao usar óculos pela primeira vez.

— Tome cuidado consigo mesmo — pediu Don Juan, sorrindo. — No lugar para onde estamos indo você terá de ser extremamente preciso.

Disse-me para atravessar a fronteira internacional para a cidade gêmea de Nogales, México. Enquanto estava dirigindo, ele dava-me as direções: em que rua entrar, quando virar à direita ou à esquerda, em que velocidade seguir.

— Conheço esta área — retruquei bastante irritado. — Diga-me aonde quer ir e o levarei. Como um motorista de táxi.

— Muito bem. Leve-me para Heavenward Avenue 1573.

Eu não conhecia Heavenward Avenue, ou se tal rua de fato existia. Na verdade, tinha a suspeição de que ele havia apenas inventado um nome para confundir-me. Mantive silêncio. Havia uma cintilação zombeteira em seus olhos brilhantes.

— A egomania é um tirano real. Precisamos trabalhar incessantemente para destroná-la.

Continuou a dar-me as coordenadas. Finalmente pediu que parasse diante de uma casa de esquina, bege-clara, numa vizinhança próspera. Havia algo com a casa que de imediato chamou-me a atenção: uma espessa camada de cascalho ocre ao redor de toda ela. A sólida porta de entrada, as janelas corrediças e o madeirame da casa estavam todos pintados de ocre, como o cascalho. Todas as janelas visíveis tinham as venezianas fechadas. Pelo seu aspecto era um típico lar suburbano de classe média.

Saímos do carro. Don Juan foi na frente. Não bateu nem abriu a porta com machado, mas quando chegamos, a porta abriu-se em silêncio em dobradiças lubrificadas — por si mesma, até onde pude constatar.

Don Juan entrou bem rápido. Não me convidou a entrar.

Simplesmente segui-o. Estava curioso para ver quem havia aberto a porta por dentro, mas não havia ninguém ali.

O interior da casa era muito agradável. Não havia quadros nas paredes lisas escrupulosamente limpas. Nem lâmpadas ou estante de livros. Um chão de cerâmica dourada contrastava de modo muito agradável com a cor quase branca das paredes. Estávamos num pequeno vestíbulo estreito que se abria para uma espaçosa sala de estar de pé-direito alto e uma lareira de tijolos. Metade do aposento estava completamente vazio, mas perto da lareira havia um semicírculo de mobília clara: duas grandes poltronas beges no meio, flanqueadas por duas cadeiras de braços revestidas de tecido da mesma cor. Havia uma sólida mesa de café redonda e pesada de carvalho no centro. A julgar pelo que estava vendo na casa, as pessoas que viviam ali pareciam ser prósperas, mas frugais. E obviamente gostavam de sentar-se ao redor do fogo.

Dois homens, talvez em torno de 55 anos, sentavam-se nas cadeiras de braço. Levantaram-se quando entramos. Um deles era índio, o outro latino-americano. Don Juan apresentou-me primeiro ao índio, que estava mais perto de mim.

— Este é Silvio Manuel. É o feiticeiro mais poderoso e perigoso do meu grupo, e também o mais misterioso.

As feições de Silvio Manuel pareciam ter saído de um afresco maia-Sua compleição era pálida, quase amarela. Mais parecia um chinês. Os olhos eram estreitos, mas sem a dobra epicântica. Eram grandes, negros e brilhantes. Não tinha barba. O cabelo era negro com manchas de grisalho. Tinha as maçãs do rosto altas e os lábios carnudos. Tinha em torno de um metro e setenta, magro, rijo, e usava uma camisa esporte amarela, calças marrons e uma jaqueta leve e bege.

A julgar pelas roupas e maneirísmos gerais, parecia ser mexicano- americano.

Sorri e estendi minha mão a Silvio Manuel, mas ele não a tomou.

Assentiu superficialmente.

— E este é Vicente Medrano — disse Don Juan, voltando-se para o outro homem. — É o mais sábio e mais velho de meus companheiros.

É mais velho não em termos de idade, mas porque foi o primeiro discípulo de meu benfeitor.

Vicente assentiu também sem muita importância, e também não disse palavra.

Era bem mais alto que Silvio Manuel mas tão magro quanto o índio. Tinha uma compleição rosada e barba e

bigode cuidadosamente aparados. As feições eram quase delicadas: um nariz fino, belamente cinzelado, boca pequena, lábios finos. Sobrancelhas espessas e escuras contrastavam com o cabelo e a barba salpicados de cinza. Os olhos eram castanhos e também brilhantes e riam apesar de sua expressão carrancuda.

Estava vestido de modo conservador num terno de algodão esverdeado, com camisa esporte de colarinho aberto. Também parecia ser mexicano-americano. Julguei que fosse o proprietário da casa.

Em contraste, Don Juan parecia um peão índio. Seu chapéu de palha, seus sapatos gastos, as velhas calças cáqui e a camisa xadrez mais pareciam com roupa de jardineiro ou trabalhador braçal.

A impressão que tive, ao ver os três juntos, foi que Don Juan estava disfarçado. Veio-me a imagem militar em que Don Juan era o oficial comandante de uma operação clandestina, um oficial que, não importa o quanto tentasse, não conseguia esconder seus anos de comando.

Também tive a sensação de que os três deviam ter a mesma idade, embora Don Juan parecesse muito mais velho que os outros dois, e no entanto parecesse infinitamente mais forte.

— Acho que vocês já sabem que Carlos é de longe o maior indulgente que jamais conheci — disse-lhes Don Juan com a mais séria das expressões. — Maior mesmo que nosso benfeitor. Asseguro-lhes que se existe alguém que leva a indulgência a sério, é este o homem.

Ri, mas ninguém mais o fez. O dois homens observaram-me com um brilho estranho nos olhos.

— De certo vocês formarão um trio memorável — continuou Don Juan. — O mais velho e mais sábio, o mais perigoso e poderoso, e o mais auto-indulgente.

Eles permaneciam sérios. Perscrutaram-me até que fiquei autoconsciente. Então Vicente quebrou o silêncio.

— Não sei por que você o trouxe para dentro da casa — disse num tom seco e cortante. — Ele tem pouca utilidade para nós. Ponha-o lá fora no quintal.

— E amarre-o — acrescentou Silvio Manuel. Don Juan voltou-se para mim.

— Venha — disse numa voz suave e apontou com um rápido movimento lateral da cabeça para os fundos da casa.

Era mais do que óbvio que os dois homens não gostaram de mim.

Eu não sabia o que dizer. Estava definitivamente zangado e ferido, mas aqueles sentimentos foram de algum modo defletidos pelo meu estado de consciência intensificada.

Caminhamos para o quintal. Don Juan apanhou por acaso uma corda de couro e enlaçou-a em volta do meu pescoço com grande velocidade. Seus movimentos eram tão rápidos e seguros que um instante depois, antes que eu pudesse notar, estava amarrado pelo pescoço, como um cachorro, a uma das duas colunas de concreto que suportavam o pesado telhado sobre o pórtico dos fundos.

Eton Juan balançou a cabeça de um lado para o outro num gesto de resignação ou descrédito e voltou para dentro da casa enquanto eu começava a gritar para que me desamarrasse. A corda estava tão apertada em volta do meu pescoço que não me permitia gritar tão alto quanto gostaria.

Não pude acreditar no que estava acontecendo. Contendo minha raiva, tentei desfazer o nó junto ao pescoço. Era tão compacto que as tiras de couro pareciam coladas. Feri as unhas tentando separá-las.

Tive um ataque de ira incontrolável e grunhi como um animal impotente. Então agarrei a corda, enrolei-a em volta dos antebraços e, apoiando os pés de encontro à coluna de concreto, puxei. Mas o couro era resistente demais para a força de meus músculos. Senti-me humilhado e assustado. O medo trouxe-me um momento de sobriedade.

Sabia que havia permitido à falsa aura de razoabilidade de Don Juan enganar-me.

Estudei minha situação tão objetivamente quanto pude e vi que não havia como escapar, exceto cortando a corda de couro.

Desesperado, comecei a esfregá-la contra o canto agudo da coluna de concreto. Pensei que se pudesse gastar a corda antes que algum dos homens viesse para os fundos, tinha uma chance de correr até meu carro e partir, para nunca retornar.

Bufei e suei e esfreguei a corda até gastá-la quase toda. Então encostei um pé de encontro à coluna, enrolei a corda outra vez em volta dos antebraços e puxei-a desesperadamente até que estalou, lançando- me de volta para dentro da casa.

Quando me estatelei de costas pela porta aberta, Don Juan, Vicente e Silvio Manuel estavam parados no meio da sala, aplaudindo.

— Que reentrada dramática — disse Vicente, ajudando-me a levantar. — Você me enganou. Não pensei que fosse capaz de tais explosões.

Don Juan aproximou-se de mim e logo desfez o nó, livrando-me o pescoço do pedaço de corda à sua volta.

Eu estava tremendo de medo, esforço e raiva. Com a voz trêmula perguntei a Don Juan por que estava me atormentando desse modo. Os três riram e naquele momento pareciam a coisa menos ameaçadora que havia.

— Queríamos testá-lo e descobrir que tipo de homem você de fato é — explicou Don Juan.

Levou-me até uma das poltronas e de modo educado ofereceu-me o lugar. Vicente e Silvio Manuel sentaram-se nas cadeiras de braços.

Don Juan sentou-se de frente para mim na outra poltrona.

Ri meio tenso mas não estava mais apreensivo com minha situação, nem quanto a Don Juan e seus amigos. Todos os três olhavam para mim com franca curiosidade. Vicente não conseguia parar de sorrir, embora parecesse tentar desesperadamente parecer sério. Silvio Manuel balançava a cabeça ritmicamente enquanto olhava para mim. Seus olhos estavam fora de foco, mas fixos em mim.

— Nós o amarramos — continuou Don Juan — porque queríamos saber se você é dócil, ou paciente, ou implacável, ou esperto.

Descobrimos que não é nenhuma dessas coisas. Melhor dizendo, você é um grande indulgente, exatamente como eu havia dito.

— Se você não tivesse sido indulgente em ser violento, de certo teria notado que o formidável nó na corda que o prendia estava frouxo, Ele se abre de estalo. Vicente criou esse nó para enganar seus amigos.

— Você puxou a corda com violência. Certamente não é dócil — disse Silvio Manuel.

Todos ficaram quietos por um momento, depois começaram a rir.

— Você não é implacável nem esperto — continuou Don Juan. — Se fosse, teria desfeito ambos os nós com facilidade e fugido com uma valiosa corda de couro. Não é paciente também. Se fosse, teria gemido e chorado até que percebesse que havia uma tesoura ao lado da parede com a qual poderia ter cortado a corda em dois segundos e se livrado de toda a agonia e esforço.

— Então, não pode ser ensinado a ser violento ou obtuso. Você já é isso. Mas pode aprender a ser implacável, esperto, paciente e dócil.

Don Juan explicou-me que a implacabilidade, esperteza, paciência e docilidade eram a essência da espreita. Eram o básico que com todas as suas ramificações precisava ser ensinado em passos cuidadosos e meticulosos.

Estava definitivamente se dirigindo a mim, mas falava olhando para Vicente e Sílvio Manuel, que escutavam com extrema atenção e balançavam as cabeças em concordância uma vez ou outra.

Salientou repetidas vezes que ensinar a espreitar era uma das coisas mais difíceis que os feiticeiros faziam. E insistiu que não importa quanto eles próprios fizessem para ensinar-me espreitar, e não importa quanto eu acreditasse no contrário, era a impecabilidade que ditava seus atos.

— Asseguramos-lhe que sabemos o que estamos fazendo. Nosso benfeitor, o nagual Julian, providenciou isso — disse Don Juan, e todos os três caíram num riso tão ruidoso que me senti desconfortável. Não sabia o que pensar.

Don Juan reiterou que um ponto muito importante a considerar era que, para um observador, o comportamento dos feiticeiros podia parecer malicioso, quando na realidade seu comportamento era sempre impecável.

— Como pode saber a diferença, quando está no lado que recebe?

— perguntei.

— Atos maliciosos são executados por pessoas pelo ganho pessoal — explicou. — Os feiticeiros, no entanto, têm um propósito ulterior para seus atos, que nada tem a ver com ganho pessoal. O fato de que se divertem com seus atos não conta como ganho. Antes, trata-se de uma condição de seu caráter. O homem comum age apenas se há oportunidade de lucro. Os guerreiros dizem que agem não pelo lucro mas pelo espírito.

Pensei a respeito. Agir sem considerar ganho era realmente um conceito estranho. Eu fora educado para investir e ter esperança por alguma espécie de retribuição por tudo que fazia.

Don Juan deve ter tomado meu silêncio e compenetração como ceticismo. Riu e olhou para seus dois companheiros.

— Tome a nós quatro, como exemplo — continuou. — Você, você próprio, acredita que está investindo nessa situação e no final irá lucrar com ela. Se ficar bravo conosco, ou se nós o desapontarmos, você pode recorrer a atos maliciosos para tirar sua desforra, pois nós, pelo contrário, não pensamos em ganho pessoal. Nossos atos são ditados pela impecabilidade, não podemos ficar zangados ou desiludidos com você.

Don Juan sorriu e explicou-me que a partir do momento do nosso encontro na agência de ônibus naquele dia, tudo

que fizera comigo, embora não o tivesse parecido, fora ditado pela Impecabilidade.

Explicou que precisava levar-me a uma posição desprotegida para ajudar-me a entrar na consciência intensificada. Foi essa a finalidade ao dizer que minha braguilha estava aberta.

— Foi uma maneira de causar-lhe um choque — disse com um sorriso. — Somos índios grosseiros, assim todos os nossos choques são algo primitivo. Quanto mais sofisticado o guerreiro, maior sua fineza e elaboração de seus choques. Mas devo admitir que Obtivemos um belo golpe de nossa crueza, especialmente quando o amarramos pelo pescoço como a um cachorro.

Os três sorriram, mas sem fazer estardalhaço, como se houvesse mais alguém dentro da casa a quem não queriam perturbar.

Numa voz muito baixa, Don Juan disse que por eu estar num estado de consciência intensificada, podia compreender mais de imediato o que ia contar-me acerca das duas mestrias: espreita e intento. Chamou-as a glória culminante dos feiticeiros antigos e novos, a própria coisa com a qual os feiticeiros estavam preocupados atualmente, preocupação semelhante à dos feiticeiros há milhares de anos. Assegurou que espreitar era o princípio, e que antes de tudo ser tentado no caminho do guerreiro, os guerreiros precisam aprender a espreitar; em seguida devem aprender a intentar, e apenas então podiam mover seu ponto de aglutinação a vontade.

Eu sabia exatamente sobre o que ele estava falando. Sabia, sem entender como, o que mover o ponto de aglutinação podia realizar. Mas não tinha as palavras para explicar o que sabia. Tentei repetidamente traduzir meu

conhecimento para eles. Os três riam diante de minhas falhas e coagiram-me a tentar de novo.

— Você gostaria se eu falasse por você? — perguntou Don Juan.

— Eu poderia ser capaz de encontrar as palavras certas que você quer usar mas não consegue.

Por seu olhar, decidi que estava pedindo seriamente minha permissão. Achei a situação tão incongruente que comecei a rir.

Don Juan, demonstrando grande paciência, perguntou-me outra vez, e tive outro ataque de riso. O olhar de surpresa e preocupação dos três revelou que minha reação era incompreensível para eles. Don Juan levantou-se e anunciou que estava cansado demais e que era tempo de eu voltar ao mundo normal.

— Espere, espere — implorei —, estou bem. Simplesmente acho engraçado que você esteja me pedindo para dar-lhe permissão.

— Preciso pedir sua permissão — disse Don Juan — porque você é o único que pode permitir que as palavras acumuladas dentro de você sejam sondadas. Acho que me enganei ao supor que você compreenderia mais do que o que ocorre de fato. As palavras são muito poderosas e importantes c são a propriedade mágica de quem quer que as tenha.

“Os feiticeiros têm uma regra básica: dizem que quanto mais profundamente se move o ponto de aglutinação, tanto maior a sensação que um indivíduo tem conhecimento mas não as palavras para explicálo.

Às vezes o ponto de aglutinação de pessoas comuns pode mover-se sem uma causa conhecida e sem eles estarem conscientes disso, exceto que ficam com a língua presa, confusos e evasivos.

Vicente interrompeu e sugeriu que eu ficasse com eles um pouco mais. Don Juan concordou e voltou-se para encarar-me.

— O primeiríssimo princípio da espreita é que um guerreiro espreita a si mesmo. Espreita a si mesmo implacavelmente, com esperteza, paciência e docilmente.

Eu queria rir mas ele não me deu tempo. De modo muito sucinto definiu a espreita como a arte de usar o comportamento de maneiras novas para propósitos específicos. Disse que o comportamento humano normal no mundo da vida cotidiana era rotina. Qualquer comportamento que escapava à rotina causava um efeito incomum em nosso ser total. Esse efeito incomum era o que os feiticeiros buscavam, porque era cumulativo.

Explicou que os feiticeiros videntes dos tempos antigos, através de sua visão, primeiro haviam notado que o comportamento incomum produzia um tremor no ponto de aglutinação. Breve descobriram que se o comportamento incomum era praticado sistematicamente e dirigido com sabedoria, forçava no final o movimento do ponto de aglutinação.

— O desafio real para aqueles feiticeiros videntes — continuou Don Juan — era encontrar um sistema de comportamento que não fosse mesquinho nem caprichoso, mas que combinasse a moralidade e o senso de beleza que diferencia os videntes feiticeiros das bruxas comuns.

Parou de falar, e todos olharam para mim como que buscando sinais de fadiga em meus olhos ou rosto.

— Qualquer um que tenha sucesso em mover seu ponto de aglutinação para uma nova posição é um feiticeiro — continuou Don Juan. — E a partir dessa nova posição, pode fazer todos os tipos de coisas boas e más aos seus semelhantes. Ser um feiticeiro, portanto, pode ser o mesmo que ser um sapateiro, ou um padeiro. A causa dos feiticeiros videntes é ir além dessa posição. E para fazê-lo necessitam de moralidade e beleza.

Disse que, para os feiticeiros, a espreita era o alicerce sobre o qual tudo o mais que faziam era construído.

— Alguns feiticeiros têm objeção ao termo espreita — continuou —, mas o nome surgiu porque implica comportamento sub-reptício.

“É chamado também a arte da furtividade, mas esse termo é igualmente desafortunado. Nós mesmos, por causa do nosso temperamento não-militante, o chamamos arte da loucura controlada.

Você pode chamá-lo como quiser. Entretanto, iremos continuar com o termo espreita uma vez que é tão fácil dizer espreitador e, como meu benfeitor costumava dizer, tão estranho dizer fazedor de loucura controlada.

Eles riram como crianças à menção de seu benfeitor.

Compreendi-o perfeitamente. Não tinha perguntas nem dúvidas.

Tinha a sensação de que precisava agarrar-me a cada palavra proferida por Don Juan para fixar-me. De outro modo, meus pensamentos teriam corrido à sua frente.

Percebi que meus olhos estavam fixos no movimento de seus lábios como meus ouvidos no som de suas palavras. Mas uma vez que percebi isso, não consegui mais acompanhá-lo. Minha concentração foi quebrada. Don Juan continuou falando mas eu não estava ouvindo.

Estava me interrogando sobre a inconcebível possibilidade de viver permanentemente em consciência intensificada. Perguntava a mim mesmo qual seria o valor de sobrevivência? O indivíduo seria capaz de examinar melhor as situações? De ser mais rápido que o homem comum, ou talvez mais inteligente?

Don Juan de repente parou de falar e perguntou-me sobre o que eu estava pensando.

— Ah, você é tão prático — comentou ele depois que lhe contei meus sonhos. — Pensei que em consciência intensificada seu temperamento ia ser mais artístico, mais místico.

Don Juan voltou-se para Vicente e pediu-lhe para responder a minha pergunta.

Vicente limpou a garganta e secou as mãos, esfregando-as contra as coxas. Dava a clara impressão de sofrer de pavor do palco. Senti pena dele. Meus pensamentos começaram a girar. E quando o ouvi gaguejando, uma imagem surgiu em minha mente — a imagem que sempre tivera da timidez de meu pai, de seu medo das pessoas. Mas antes que tivesse tempo de me render a essa imagem, os olhos de Vicente se iluminaram com alguma estranha luminosidade interior.

Armou uma cara comicamente séria para mim e depois falou com autoridade e modo professoral.

— Para responder a sua pergunta, não há valor de sobrevivência na consciência intensificada; de outro modo, a raça humana inteira estaria ali. Estão a salvo disso, no entanto, porque é difícil entrar ali.

Sempre há, entretanto, a remota possibilidade de um homem comum entrar em tal estado. Se o faz, consegue confundir-se, às vezes irreparavelmente.

Os três explodiram de rir.

— Segundo os feiticeiros, a consciência intensificada é o portal do intento. E usam-na como tal. Pense a respeito — sugeriu Don Juan.

Eu olhava para cada um deles por sua vez. Minha boca estava aberta e eu sentia que se a mantivesse aberta seria

capaz de compreender o enigma por fim. Fechei os olhos e a resposta veio a mim.

Eu assenti. Não a pensei. Mas não conseguia colocá-la em palavras, não importava quanto tentasse.

— Isso, isso — Don Juan —, você obteve outra resposta de feiticeiro inteiramente por si mesmo, mas ainda não tem energia suficiente para aplaná-la e transformá-la em palavras.

A sensação que eu estava experimentando era mais do que simplesmente a de ser incapaz de dar voz aos meus pensamentos; era como reviver algo que eu houvesse esquecido eras atrás: não saber o que eu sentia porque ainda não havia aprendido a falar, e por isso me faltavam recursos para traduzir meus sentimentos em pensamentos.

— Pensar e dizer exatamente o que você pretende requer invisíveis quantidades de energia — avisou Don Juan, e interrompeu os meus sentimentos.

A força de minha divagação havia sido tão intensa que me fizera esquecer o que havia iniciado. Olhei perturbado para Don Juan e confessei que não tinha idéia do que eles ou eu havíamos dito ou feito exatamente no momento antes. Lembrei-me do incidente da corda de couro e do que Don Juan me dissera logo depois, mas não consegui recordar a sensação que me havia inundado poucos momentos atrás.

— Você está seguindo o caminho errado — alertou Don Juan. — Está tentando lembrar pensamentos da maneira com que o faz normalmente, mas esta é uma situação diferente. Um segundo atrás você teve uma opressiva sensação de que sabia algo muito específico.

Tais sentimentos não podem ser recordados pelo uso da memória. Você deve recordá-los intentando-os de volta.

Voltou-se para Silvio Manuel que se havia estendido na cadeira de braços, as pernas sob a mesa de café. Silvio Manuel olhou fixamente para mim. Seus olhos eram negros, como duas peças de obsidiana brilhantes. Sem mover um músculo, deixou escapar um perfurante grito de pássaro.

— Intento!! — berrou ele. — Intento!! Intento!!! A cada grito sua voz tornava-se mais e mais desumana e perfurante. Os cabelos atrás de meu pescoço ficaram em pé. Senti minha pele se arrepiando. Minha mente, entretanto, em vez de localizar- se no pavor que eu estava experimentando, partiu diretamente para recordar a sensação que eu tivera. Mas antes que eu pudesse saboreála por completo, a sensação expandiu-se e explodiu em algo mais.

Compreendi então não apenas por que a consciência intensificada era o portal do intento mas também compreendi o que era o intento. E, acima de tudo, compreendi que aquele conhecimento não podia ser transformado em palavras. Aquele conhecimento ali estava para qualquer um. Ali estava para ser sentido, ser usado, mas não explicado.

Um indivíduo podia penetrar nele mudando de nível de consciência, portanto a consciência intensificada era uma entrada. Mas mesmo a entrada não podia ser explicada. Podia-se apenas fazer uso dela.

Houve ainda uma outra peça de conhecimento que veio a mim naquele dia sem qualquer coação: que o conhecimento natural do intento era disponível para qualquer um, mas o seu comando pertencia àqueles que o investigavam.

Sentia-me muito cansado nesse momento, e sem dúvida como resultado disso minha educação católica veio a pesar

fortemente em minhas reações. Por um momento acreditei que intento era Deus.

Comentei isso com Don Juan, Vicente e Silvio Manuel. Os três riram. Vicente, ainda em seu tom professoral, disse que não podia possivelmente ser Deus, porque intento era uma força que não podia ser descrita, muito menos representada.

— Não seja presunçoso — disse-me Don Juan asperamente. — Não tente especular com base em seu primeiro e único julgamento.

Espere até comandar seu conhecimento, então decida o que é o quê.

Relembrar as quatro disposições da espreita exauriu-me. O mais dramático resultado era uma diferença maior que a comum. Eu não me teria importado se caísse morto, não se Don Juan caísse. Não me importava se permanecêssemos naquele antigo posto de vigia para passar a noite ou se partíssemos de volta na escuridão total.

Don Juan foi muito compreensivo. Guiou-me pela mão como se eu fosse cego, até um rochedo maciço, e ajudou-me a sentar com as costas de encontro ao rochedo. Recomendou que eu deixasse o sono natural devolver-me a um estado normal de consciência.

Parte IV - A Descida do Espírito

VENDO O ESPÍRITO

Logo depois de um almoço tardio, enquanto ainda estávamos à mesa, Don Juan anunciou que ambos iríamos passar a noite na caverna dos feiticeiros e que

precisávamos pôr-nos a caminho. Disse que era imperativo que eu sentasse ali novamente, na escuridão total para permitir à formação rochosa e ao intento dos feiticeiros moverem meu ponto de aglutinação.

Comecei a levantar-me de minha cadeira, mas ele me deteve.

Avisou que havia algo que desejava explicar-me primeiro. Esticou-se, colocando os pés no assento de uma cadeira, então inclinou-se para trás numa posição relaxada e confortável.

— À medida que o vejo com maiores detalhes, percebo mais e mais como você e meu benfeitor são similares — disse Don Juan.

Senti-me tão ameaçado que não deixei que continuasse. Disse-lhe que não podia imaginar que similaridades eram aquelas, mas se houvesse alguma — uma possibilidade que não considerava tranqüilizante —, apreciaria se ele me falasse a respeito delas, para dar- me uma oportunidade de corrigir ou evitá-las.

Don Juan riu até as lágrimas rolarem por suas faces.

— Uma das similaridades é que quando você age, o faz muito bem, mas quando pensa, você sempre tropeça. Meu benfeitor era assim.

Ele não pensava muito bem.

Quando eu ia defendê-lo, para dizer que não havia nada de errado com o meu pensamento, captei uma cintilação de malícia em seus olhos; parei abruptamente. Don Juan percebeu minha mudança e riu com uma nota de surpresa. Devia estar esperando o oposto.

— O que quero dizer, por exemplo, é que você apenas tem problemas em compreender o espírito quando pensa a respeito — continuou com um sorriso repreensivo. — Mas quando age, o espírito revela-se com facilidade para você. Meu benfeitor era assim.

“Antes de partirmos para a caverna, vou contar-lhe uma história sobre meu benfeitor e o quarto cerne abstrato.

“Os feiticeiros acreditam que, até o próprio momento da descida do espírito, qualquer um de nós poderia afastar-se do espírito; mas não depois.

Don Juan deteve-se deliberadamente para incentivar-me, com um movimento das sobrancelhas, a considerar o que me contava.

— O quarto cerne abstrato é o ímpeto total da descida do espírito.

O quarto cerne abstrato é um ato de revelação. O espírito revela-se a nós. Os feiticeiros o descrevem como o espírito postado em emboscada e depois baixando sobre nós, sua presa. Os feiticeiros dizem que a descida do espírito é sempre oculta. Acontece, e no entanto parece não ter acontecido de maneira nenhuma.

Fiquei muito nervoso. O tom de voz de Don Juan estava dando- me a sensação de que ele preparava algo para atirar em mim a qualquer momento.

Perguntou se eu lembrava do momento em que o espírito descera sobre mim, selando minha aliança permanente ao abstrato.

Eu não tinha idéia sobre o que ele estava falando.

Don Juan continuou: — Há uma passagem que uma vez cruzada não permite regresso.

Ordinariamente, desde o momento em que o espírito assalta, passam-se anos antes que o aprendiz atinja essa passagem. Às vezes, entretanto, a passagem é atingida quase que de imediato. O caso do meu benfeitor é um exemplo.

Don Juan disse que todo feiticeiro devia ter uma memória clara dessa passagem de modo que pudesse lembrar do seu novo potencial de percepção. Explicou que não era necessário ser aprendiz de feitiçaria para alcançar essa passagem, e que a única diferença entre um homem comum e um feiticeiro, em tais casos, é o que cada um enfatiza. Um feiticeiro enfatiza o cruzamento dessa passagem e usa a lembrança do fato como ponto de referência. Um homem comum não atravessa a passagem e faz o máximo para esquecer tudo a seu respeito.

Retruquei que discordava, porque não podia aceitar que havia apenas uma soleira para cruzar.

Don Juan olhou na direção do céu com desalento e balançou a cabeça num gesto brincalhão de desespero. Continuei com minha argumentação, não para discordar dele, mas para esclarecer as coisas em minha mente. No entanto, rapidamente perdi o ímpeto. De repente tinha a sensação de estar escorregando através de um túnel.

— Os feiticeiros dizem que o quarto cerne abstrato ocorre quando o espírito corta nossas cadeias de auto-reflexão. Cortar nossas cadeias é maravilhoso, mas também muito indesejável, pois ninguém deseja ser livre.

A sensação de deslizar através de um túnel persistiu por um momento mais, então tudo ficou claro para mim. E comecei a rir.

Estranhas noções acumuladas dentro de mim estavam explodindo em forma de riso.

Don Juan pareceu estar lendo minha mente como se ela fosse um livro.

— Que sensação estranha: perceber que tudo que pensamos, tudo que dizemos depende da posição do ponto de aglutinação — comentou.

E aquilo era exatamente o que eu estivera pensando e rindo a respeito.

— Sei que nesse momento seu ponto de aglutinação moveu-se e que você compreendeu o segredo de nossas correntes. Elas nos aprisionam, mas mantendo-nos pregados em nosso confortável ponto de auto-reflexão, defendem-nos dos assaltos do desconhecido.

Eu estava tendo um daqueles extraordinários momentos nos quais tudo a respeito do mundo dos feiticeiros estava claro como cristal.

Compreendia tudo.

— Uma vez que nossas correntes são cortadas — continuou Don Juan —, não estamos mais presos pelas preocupações do mundo cotidiano. Permanecemos num mundo cotidiano, mas não pertencemos mais a ele. Para isso ocorrer, devemos partilhar das preocupações das pessoas, e sem correntes não conseguimos.

Don Juan contou que o nagual Elias explicara-lhe que o que distingue pessoas normais é que partilhamos de um punhal metafórico.

As preocupações de nossa auto-reflexão. Com esse punhal, cortamo-nos e sangramos; e o trabalho de nossas cadeias de auto-reflexão é proporcionar-nos a sensação de que estamos sangrando juntos, que estamos partilhando de algo maravilhoso: nossa humanidade. Mas se fôssemos examiná-lo, iríamos descobrir que sangramos sozinhos; que

não estamos partilhando nada; que tudo o que estamos fazendo é brincar com nossa reflexão, manipulável e irreal, feita pelo homem.

— Os feiticeiros não se encontram mais no mundo dos afazeres diários — continuou Don Juan — porque não são mais presa de sua auto-reflexão.

Don Juan começou então sua história sobre seu benfeitor e a descida do espírito. Disse que a história começava exata-mente depois que o espírito havia batido à porta do jovem ator.

Interrompi-o e perguntei-lhe por que usava consistentemente os termos “jovem” ou “jovem ator” para referir-se ao nagual Julian.

— Na época desta história ele não era um nagual — replicou Don Juan. — Era um jovem ator. Em minha história não posso apenas chamá-lo Julian, porque para mim mesmo sempre foi o nagual Julian.

Como sinal de deferência por sua vida inteira de impecabilidade, sempre prefixamos “nagual” ao nome de um nagual.

Don Juan continuou com sua história. Contou que o nagual Elias havia detido a morte do jovem ator, fazendo-o passar para a consciência intensificada, após horas de luta, o jovem ator recobrou a consciência.

O nagual Elias não mencionou seu nome, mas apresentou-se como um curandeiro profissional que caíra sobre a cena de uma tragédia, onde duas pessoas quase haviam morrido. Apontou para a jovem Talia, estendida no solo. O rapaz ficou atônito ao vê-la deitada inconsciente perto dele. Lembrou-se de tê-la visto enquanto fugia. Ficou espantado ao ouvir o velho curandeiro explicar que sem

dúvida Deus havia punido Talia por seus pecados, atingindo-a com um raio e fazendo-a perder o juízo.

— Mas como pode haver raios se nem está chovendo? — perguntou o jovem ator numa voz pouco audível. Ficou visivelmente irritado quando o velho índio replicou que os caminhos de Deus não deviam ser questionados.

Outra vez interrompi Don Juan. Estava curioso para saber se a jovem havia de fato perdido o juízo. Ele lembrou-me que o nagual Elias havia desferido um formidável golpe em seu ponto de aglutinação. Disse que ela não havia perdido o juízo, mas como resultado do golpe deslizava para dentro e para fora da consciência intensificada, criando uma séria ameaça para sua saúde. Depois de uma luta gigantesca, entretanto, o nagual Elias ajudou a estabilizar o seu ponto de aglutinação e ela entrou plenamente para a consciência intensificada.

Don Juan comentou que as mulheres são capazes de tal golpe de mestre; podem manter de modo permanente uma nova posição de seu ponto de aglutinação, e Talia não tinha par. Assim que suas cadeias foram quebradas, compreendeu tudo imediatamente e aquiesceu com os desígnios do nagual.

Don Juan, recontando sua história, disse que o nagual Elias — que era não apenas um soberbo sonhador, mas também um soberbo espreitador — havia visto que o jovem ator era corrompido e vaidoso, mas apenas parecia ser duro e calejado. O nagual sabia que se trouxesse a idéia de Deus, pecado e retribuição, as crenças religiosas do ator fariam com que sua atitude cínica entrasse em colapso.

Após ouvir sobre a punição de Deus, a fachada do ator começou a desmoronar. Começou a expressar remorso, mas o nagual deteve-o de imediato e salientou que quando a

morte estava tão perto, sensações de culpa não mais importavam.

O jovem ator ouvia com atenção mas, embora se sentisse muito doente, não acreditava que não corria perigo de morrer. Pensava que sua fraqueza e desmaio haviam sido provocados por sua perda de sangue.

Como se tivesse lido a mente do jovem ator, o nagual explicou-lhe que aqueles pensamentos otimistas estavam fora de lugar, que sua hemorragia teria sido fatal não fosse pelo tampão que ele, como curandeiro, havia criado.

— Quando bati-lhe nas costas, coloquei um tampão para deter o vazamento de sua força vital — disse o nagual ao jovem ator cético. — Sem essa restrição, o inevitável processo de sua morte iria continuar.

Se não acredita em mim, prová-lo-ei retirando o tampão com outro golpe.

Enquanto falava, o nagual Elias bateu no lado direito da caixa torácica do jovem ator. Num momento o jovem estava com ânsias e sufocando. O sangue escorria-lhe da boca enquanto tossia incontrolavelmente. Outra pancada em suas costas parou a dor e as ânsias agonizantes. Mas não fizeram parar seu medo e ele desmaiou.

— Posso controlar sua morte para sempre — avisou o nagual quando o jovem ator recobrou a consciência. — Mas depende de você, de como sinceramente vai aquiescer a tudo que eu lhe disser para fazer.

O nagual disse que as primeiras exigências do jovem eram imobilidade e silêncio totais. Se não desejava que seu tampão saísse, acrescentou o nagual, devia portar-se como se tivesse perdido os seus poderes de movimento e fala. Um

único movimento ou uma única palavra seriam suficientes para reiniciar a sua morte.

O jovem ator não estava acostumado a concordar com sugestões ou pedidos. Sentiu uma onda de raiva. Quando começava a dar voz a seu protesto, a dor abrasadora e as convulsões recomeçaram.

— Pare com isso, e o curarei — disse o nagual. — Aja como o imbecil fraco e imprestável que é e irá morrer.

O ator, um jovem orgulhoso, ficou atordoado pelo insulto.

Ninguém jamais o havia chamado de imbecil, fraco e imprestável.

Desejou exprimir sua fúria, mas a dor era tão severa que não pôde reagir a indignidade.

— Se deseja que eu lhe alivie a dor, deve obedecer-me cegamente — disse o nagual com apavorante frieza. — Faça-me um sinal com a cabeça. Mas saiba agora que no momento em que mudar de idéia e agir como vergonhoso retardado que é, irei imediatamente puxar o tampão e deixar que morra.

Com seu último resquício de forças, o ator assentiu. O nagual bateu-lhe nas costas e a dor desvaneceu-se. Mas juntamente com a dor aguda, algo mais se desvaneceu: a neblina de sua mente. E então o jovem ator soube tudo sem compreender coisa alguma. O nagual apresentou-se outra vez. Disse-lhe que seu nome era Elias e que era o nagual. E o ator sabia o que tudo aquilo significava.

Então o nagual Elias voltou a atenção à semiconsciente Talia.

Encostou a boca à sua orelha esquerda e sussurrou comandos para ela de modo a fazer seu ponto de

aglutinação parar seus movimentos erráticos. Acalmou-lhe o medo contando-lhe, em sussurros, histórias de feiticeiros que haviam passado pela mesma coisa que ela experimentava. Quando estava bastante calma, apresentou-se como o nagual Elias, um feiticeiro; e no entanto tentou cora ela a coisa mais difícil em feitiçaria: mover o ponto de aglutinação para além da esfera do mundo que conhecemos.

Don Juan comentou que feiticeiros amadurecidos eram capazes de mover-se para além do mundo que conhecemos, o que não ocorria com pessoas inexperientes. O nagual Elias sempre insistia que ordinariamente não teria sonhado intentar tal feito, mas naquele dia outra coisa que não seu conhecimento ou sua volição estava fazendo-o agir. No entanto, a manobra funcionou. Talia moveu para além do mundo que conhecemos e voltou em segurança.

Então o nagual Elias teve outra percepção. Sentou-se entre as duas pessoas estendidas no chão — o ator estava nu, coberto apenas com a capa de montaria do nagual Elias — e reviu a situação deles.

Disse-lhes que ambos haviam, pela força da circunstância, caído numa armadilha armada pelo próprio espírito. Ele, o nagual, era parte ativa daquela armadilha, porque tendo-os encontrado nas condições em que havia, fora forçado a tornar-se seu protetor temporário e empenhar seus sentimentos de feitiçaria para ajudá-los. Como seu protetor temporário era seu dever avisá-los de que estavam por atingir uma soleira única; e que ficava por conta deles, tanto individualmente como juntos, atingir essa soleira entrando numa disposição de abandono mas não negligência, uma disposição de cuidado mas não indulgência. Não quis dizer mais por medo de confundi-los ou influenciar sua decisão. Sentiu que se eles deviam cruzar

aquela passagem, teria de ser com ajuda mínima de sua parte.

O nagual então deixou-os a sós naquele ponto isolado e foi à cidade para arranjar ervas medicinais, colchões e travesseiros para serem trazidos até eles. Sua idéia era de que na solidão iriam alcançar e cruzar aquela soleira.

Por um longo tempo os dois jovens Ficaram deitados perto um do outro, imersos em seus próprios pensamentos. O fato de que seus pontos de aglutinação se haviam movido significava que podiam pensar com maior profundidade do que de hábito, mas também significava que se preocupavam, ponderavam e estavam amedrontadas numa profundidade igualmente maior.

Uma vez que Talia podia falar e estava um pouco mais forte, quebrou o silêncio, perguntando ao jovem ator se estava assustado.

Sentiu uma grande compaixão dele e tirou um xale que usava para colocar sobre seus ombros e segurou-lhe a mão.

O jovem não se atrevia a falar. Seu medo de que a dor voltasse era grande demais. Desejava desculpar-se com ela; dizer que seu único arrependimento era tê-la ferido, e que não importava se estava para morrer — pois sabia com certeza que não ia sobreviver àquele dia.

Os pensamentos de Talia estavam no mesmo tema. Ela contou que também tinha apenas um arrependimento: havia lutado com ele suficientemente para trazer sua morte. Sentia-se mais calma agora, uma sensação pouco familiar para ela que era sempre agitada e dirigida por sua grande força. Avisou que sua morte estava muito perto também, e que estava contente por tudo terminar naquele dia.

O jovem ator, ouvindo seus próprios pensamentos sendo ditos por Talia, teve um estremecimento. Uma onda de energia veio então a ele e fê-lo sentar-se. Não sentia dor, nem estava tossindo. Aspirou grande golfadas de ar, algo que não se lembrava ter feito antes. Tomou da mão da moça e começaram a falar sem vocalizar.

Don Juan avisou que foi naquele instante que o espírito veio a eles, e eles viram. Eram profundamente católicos e o que viram foi uma visão do céu, onde tudo estava vivo, banhado em luz. Haviam visto um mundo de paisagens miraculosas.

Quando o nagual regressou, estavam exaustos, embora não feridos. Talia estava inconsciente, mas o jovem havia conseguido permanecer consciente por um supremo esforço de autocontrole.

Insistiu em sussurrar alguma coisa no ouvido do nagual.

— Vimos o céu — sussurrou, as lágrimas rolando pelas faces.

— Vocês viram mais do que isso — retorquiu o nagual Elias. — Vocês viram o espírito.

Don Juan explicou que a descida do espírito é sempre oculta e, naturalmente, Talia e o jovem ator não conseguiam agarrar-se a sua visão. Logo esqueceram-na, como qualquer um o faria. A qualidade única de sua experiência era que, sem qualquer treinamento e sem estarem conscientes do fato, haviam sonhados juntos e visto o espírito.

Para eles terem alcançado isto com tal facilidade era realmente extraordinário.

— Aqueles dois eram de fato os seres mais notáveis que jamais encontrei — acrescentou Don Juan.

Eu, naturalmente, desejava saber mais a respeito deles. Mas Don Juan alegou que aquilo era tudo que existia a respeito de seu benfeitor e do quarto cerne abstrato.

Pareceu lembrar-se de algo que não estava contando para mim e riu ruidosamente. Então bateu-me nas costas e disse-me que era tempo de partirmos para a caverna.

Quando chegamos à saliência rochosa, estava quase escuro. Don Juan sentou-se muito apressado, na mesma posição da primeira vez.

Estava à minha direita, tocando-me com o ombro. Imediatamente pareceu entrar em profundo estado de relaxamento, que me puxou para a imobilidade total e o silêncio. Não podia sequer ouvir sua respiração.

Fechei os olhos, e ele cutucou-me para mantê-los abertos.

O tempo estava muito escuro, uma imensa fadiga havia começado a deixar meus olhos doloridos com coceira. Por fim relaxei a resistência e fui puxado para o sono mais profundo e mais negro que jamais tivera.

No entanto não estava de todo adormecido. Podia sentir o negrume espesso a meu redor. Tinha uma sensação inteiramente física de vadear através da escuridão. Então ela repentinamente tornou-se avermelhada, depois laranja, depois brilhantemente branca, como uma luz de néon muito forte. Aos poucos focalizei minha visão até perceber que permanecia sentado na mesma posição com Don Juan — porém não mais na caverna. Estávamos num topo de montanha olhando para baixo, para magníficas planícies com montanhas a distância. Essa bela pradaria estava banhada num brilho que, como raio de luz, emanava da própria terra. Para onde olhasse, via paisagens familiares: rochas, morros, rios, florestas, canyons, realçados e

transformados por sua vibração, o seu brilho interior. Esse brilho tão agradável aos meus olhos também vibrava de meu próprio ser.

— Seu ponto de aglutinação se moveu — Don Juan pareceu dizer- me.

As palavras não tinham som; mas eu entendia o seu significado.

Minha reação racional foi tentar explicar a mim mesmo que eu havia sem dúvida ouvido-o como se ele estivesse falando num vácuo, talvez porque meus ouvidos haviam sido temporariamente afetados.

— Seus ouvidos estão bem. Estamos num reino diferente da consciência — Don Juan pareceu dizer-me outra vez.

Eu não conseguia falar. Sentia a letargia do sono profundo evitando que eu proferisse uma palavra, embora estivesse alerta.

“O que está acontecendo?”, pensei.

“A caverna fez seu ponto de aglutinação mover-se”, pensou Don Juan.

Ouvi seus pensamentos como se fossem minhas próprias palavras, enunciadas para mim mesmo.

Senti um comando que não estava expresso em pensamento. Algo coordenou-me a olhar de novo para a pradaria.

Quando olhei para a maravilhosa paisagem, filamentos de luz começaram a radiar de tudo, naquela pradaria. No início foi como uma explosão de um número infinito de fibras curtas, depois as fibras se tornaram longos feixes filamentosos de luminosidade reunidos em faixas de luz

vibrante que alcançaram o infinito. De fato não havia modo de extrair o sentido do que estava vendo, ou de descrevê-lo, exceto como filamentos de luz vibratória. Os filamentos não estavam misturados ou entrelaçados. Entretanto saltavam e continuavam a saltar, em todas as direções, e cada um era separado, embora todos estivessem inexplicavelmente enfeixados.

“Você está vendo as emanações da Águia e a força que as mantém separadas e as enfeixa”, pensou Don Juan.

Assim que captei seu pensamento, os filamentos de luz pareceram consumir toda a minha energia. A fadiga sobrepujou-me. Apagou minha visão e atirou-me na escuridão.

Quando voltei a ficar consciente de mim mesmo, havia algo tão familiar ao meu redor, embora eu não pudesse dizer o que fosse, que acreditei estar de volta num estado de consciência normal. Don Juan encontrava-se adormecido a meu lado, seu ombro contra o meu.

Então percebi que a escuridão à nossa volta era tão intensa que eu não podia sequer ver minhas mãos. Especulei que talvez fossem as nuvens baixas encrespadas que desciam a cada noite chuvosa das montanhas mais altas como uma avalanche silenciosa. E no entanto, apesar da total escuridão, de algum modo vi que Don Juan havia aberto os olhos logo depois que recuperei a consciência, embora não olhasse para mim. Instantaneamente percebi que vê-lo não era uma conseqüência da luz em minha retina. Era melhor, uma sensação corporal.

Fiquei tão entretido em observar Don Juan sem meus olhos que não estava prestando atenção ao que ele me dizia. Por fim ele parou de falar e voltou o rosto para mim como se para olhar-me nos olhos.

Tossiu para limpar a garganta e começou a falar numa voz muito baixa. Contou que seu benfeitor costumava vir à caverna com bastante freqüência, tanto com ele quanto com seus outros discípulos, mas com mais freqüência sozinho. Nessa caverna seu benfeitor viu a mesma pradaria que havíamos acabado de ver, uma visão que lhe deu a idéia de descrever o espírito como o fluxo das coisas.

Don Juan repetiu que seu benfeitor não era um bom pensador. Se fosse, teria percebido num instante que o que havia visto e descrito como o fluxo das coisas era o intento, a força que permeia tudo. Don Juan acrescentou que se seu benfeitor teve consciência da natureza de sua visão, não revelou. E, ele próprio, tinha a idéia de que seu benfeitor nunca o soube. Em vez disso, seu benfeitor acreditava que havia visto o fluxo das coisas, o que era absolutamente verdadeiro, mas não do modo que ele pensava.

Don Juan foi tão enfático a respeito disso, que desejei perguntar- lhe qual era a diferença, mas não consegui falar. Minha garganta parecia congelada. Ficamos ali sentados em completo silêncio e imobilidade durante horas. E no entanto não experimentei qualquer desconforto. Meus músculos não ficaram cansados, minhas pernas não adormeceram, minhas costas não doeram. Quando recomeçou a falar, nem sequer percebi a transição e de imediato abandonei-me ao ouvir sua voz. Era um som melódico e rítmico que emergia da escuridão total que me cercava.

Explicou que naquele exato momento eu não estava em meu estado normal de consciência nem em consciência intensificada. Eu estava suspenso numa calmaria, numa escuridão de não-percepção.

Meu ponto de aglutinação havia-se afastado da percepção do mundo cotidiano, mas não se movera o

suficiente para atingir e iluminar um feixe totalmente novo de campos de energia. Propriamente falando, estava entre duas possibilidades perceptivas. Esse estado intermediário, essa calmaria da percepção havia sido alcançada através da influência da caverna, a qual ela própria era guiada pelo intento dos feiticeiros que a escavaram.

Don Juan pediu-me para prestar bastante atenção ao que iria dizer em seguida. Contou que há milhares de anos, por meio da visão, os feiticeiros tiveram consciência de que a terra era senciente e que sua consciência podia afetar a consciência dos humanos. Tentaram encontrar uma maneira de usar a influência da terra sobre a consciência humana e descobriram que certas cavernas eram muito eficientes. Don Juan disse que a procura por cavernas se transformou num trabalho de tempo integral para aqueles feiticeiros e através de seus esforços foram capazes de descobrir uma variedade de uso para uma variedade de configurações de cavernas. Acrescentou que, de todo aquele trabalho, o único resultado pertinente a nós era esta caverna em particular e sua capacidade de mover o ponto de aglutinação até que este atingia uma calmaria de percepção.

Enquanto Don Juan falava, tive a perturbadora sensação de que algo estava clareando em minha mente. Algo estava afunilando minha consciência para um longo canal estreito. Todos os pensamentos sem importância e sensações supérfluas de minha consciência normal eram espremidos para fora. Don Juan estava perfeitamente consciente do que acontecia comigo. Ouvi seu suave risinho de satisfação. Disse que agora podíamos falar com mais facilidade e nossa conversação teria mais profundidade.

Lembrei-me naquele momento de uma grande quantidade de coisas que ele me explicara antes. Por exemplo, sabia que estava sonhando. Na verdade achava-

me profundamente adormecido, embora estivesse totalmente consciente de mim mesmo através de minha segunda atenção — a contraparte de meu estado normal de atenção.

Tinha certeza de estar adormecido por causa de uma sensação corporal e uma dedução racional baseada em afirmações que Don Juan havia feito no passado. Eu acabara de ver as emanações da Águia, e Don Juan afirmara que era impossível para os feiticeiros ter uma visão continuada das emanações da Águia de qualquer modo, exceto sonhando, portanto eu tinha de estar sonhando.

Don Juan explicou que o universo é feito de campos de energia que desafiam a descrição ou a análise. Disse que pareciam filamentos de luz comum, exceto pelo fato de ser inanimada comparada às emanações da Águia, que exsudam consciência. Eu nunca havia, até esta noite, sido capaz de vê-Ias de uma maneira continuada, e com efeito eram feitas de uma luz viva. Don Juan mantivera antes desse dia que meu conhecimento e controle do intento não eram adequados para suportar o impacto daquela visão. Explicara que a percepção normal ocorre quando o intento ilumina uma porção dos filamentos luminosos no interior de nosso casulo. A percepção extraordinária, ou seja ver, ocorre quando, por força do intento, um grupo diferente de campos de energia entra em atividade e se ilumina. Disse que quando um número crucial de campos de energia é aceso no interior do casulo luminoso, o feiticeiro é capaz de ver os próprios campos de energia.

Em outra ocasião, Don Juan reencontrou o pensamento racional dos antigos feiticeiros. Contou-me que, através de sua visão, eles perceberam que a consciência acontecia quando os campos de energia no interior de nosso casulo luminoso estavam alinhados com os mesmos campos de

energia exterior. E acreditaram ter descoberto o alinhamento como fonte da consciência.

Após um exame minucioso, entretanto, tornou-se evidente que o que eles haviam chamado alinhamento das emanações da Águia não explicava inteiramente o que estavam vendo. Haviam percebido que apenas uma porção muito pequena do número total de filamentos luminosos no interior do casulo estava energizado, enquanto o resto permanecia inalterado. Ver esses poucos filamentos energizados havia criado uma falsa descoberta. Os filamentos não precisavam estar alinhados para se iluminarem, pois os filamentos do interior do casulo eram os mesmos que os do exterior. Fosse o que fosse que os energizava, era definitivamente uma força independente. Sentiram que não podiam continuar a chamá-la consciência, como haviam feito, porque a consciência era o brilho dos campos de energia ao serem iluminados. Assim, a força que acendia os campos foi chamada vontade.

Don Juan contou que sua visão, ao tornar-se ainda mais sofisticada e efetiva, os antigos feiticeiros perceberam que a vontade era a força que mantinha as emanações da Águia separadas e era responsável não apenas por nossa consciência, mas também por tudo no universo. Viram que essa força tinha consciência total e que saltavam dos próprios campos de energia que faziam o universo. Decidiram então que intento era um nome mais apropriado do que vontade. Ao longo do tempo, no entanto, o nome demonstrou-se desvantajoso, porque não descreve sua esmagadora importância nem a conexão viva que tem com tudo no universo. Don Juan havia afirmado que nossa grande falha coletiva é que vivemos nossas vidas negligenciando completamente aquela conexão. O fervilhar de nossas vidas, nossos incessantes interesses, preocupações, esperanças, frustrações e medo têm

precedência, e no dia-a-dia não percebemos que estamos ligados a tudo o mais.

Segundo Don Juan, a idéia cristã de termos sido expulsos do jardim do Éden era uma alegoria para o fato de havermos perdido nosso conhecimento silencioso, o conhecimento do intento. A feitiçaria, então, era uma volta ao princípio, um retorno ao paraíso.

Permanecemos sentados na caverna em silêncio total, talvez por horas, ou talvez fossem apenas alguns instantes. Subitamente Don Juan começou a falar, e o som inesperado de sua voz chocou-me. Não captei suas palavras. Limpei a garganta para pedir-lhe que as repetisse e esse ato levou-me completamente para fora de minha flexibilidade.

Percebi que a escuridão ao meu redor não era mais impenetrável. Agora podia falar. Senti que estava de volta ao meu estado normal de consciência.

Numa voz calma, Don Juan disse-me que pela primeira vez em minha vida eu havia visto o espírito, a força que sustenta o universo.

Enfatizou que intento não é algo que alguém possa usar ou comandar ou mover de algum modo — não obstante, podia-se usá-lo, comandá-lo ou movê-lo como se desejasse. Essa contradição, explicou, é a essência da feitiçaria. A falha de compreendê-lo havia levado gerações de feiticeiros à dor e à pena inimagináveis. Os naguais dos dias modernos, num esforço para evitar pagar esse preço em dor, haviam desenvolvido um código de comportamento chamado o caminho do guerreiro, ou a ação impecável, o qual preparava os feiticeiros realçando sua sobriedade e prudência. Don Juan explicou que certa ocasião num remoto passado, os feiticeiros eram profundamente interessados no elo de conexão geral que o intento tem com

tudo o mais. E focalizando sua segunda atenção naquele elo, adquiriram não apenas conhecimento direto mas também a habilidade de manipular esse conhecimento e realizar feitos impressionantes. Não adquiriram, entretanto, a sanidade mental necessária para manejar todo aquele poder.

Assim, numa disposição judiciosa, os feiticeiros decidiram focalizar sua segunda intenção apenas num elo de conexão de criaturas que têm consciência. Isso incluía toda a faixa dos seres orgânicos existentes assim como toda a faixa do que os feiticeiros chamam seres inorgânicos, ou aliados, que descrevem como entidade com consciência, mas sem vida como compreendemos vida. Essa solução também não teve sucesso, porque também não lhes conseguia trazer sabedoria.

Em sua redução seguinte, os feiticeiros focalizaram sua atenção exclusivamente no elo que conecta os seres humanos ao intento. O resultado foi muito semelhante aos anteriores.

Os feiticeiros buscaram, então, uma redução final. Cada feiticeiro se ocuparia com sua conexão individual. Mas isso se demonstrou também ineficaz.

Don Juan disse que embora houvesse diferenças notáveis entre essas quatro áreas de interesse, uma era tão corruptora quanto as demais. Assim, no final, os feiticeiros ocuparam-se exclusivamente com a capacidade que seu elo individual com o intento tinha de libertá-los para acender o fogo interior.

Ele afirmou que todos os feiticeiros dos dias atuais precisam lutar de modo feroz para obter sanidade mental. A luta de um nagual é especialmente dura porque ele tem mais força, um comando maior sobre os campos de energia

que determinam a percepção e mais treino e familiaridade com as complexidades do conhecimento silencioso, que nada mais é que o contato direto com o intento.

Examinada dessa maneira, a feitiçaria torna-se uma tentativa de restabelecer nosso conhecimento do intento e recuperar seu uso sem sucumbir a ele. E os cernes abstratos das histórias de feitiçarias são sombras de realização, graus de nossa consciência do intento.

Compreendi a explanação de Don Juan com perfeita clareza.

Porém, quanto mais compreendia e mais clara se tornavam suas afirmações, maior meu senso de perda e desalento. Em dado momento considerei seriamente acabar com minha vida ali mesmo. Senti que estava amaldiçoado. Quase em lágrimas, disse a Don Juan que não valia a pena continuar sua explicação, pois eu sabia que estava por perder minha clareza mental e, quando voltasse ao meu estado normal de consciência, não lembraria de ter visto ou ouvido qualquer coisa.

Minha consciência mundana iria impor seu hábito de repetição de uma vida inteira, e a razoável previsibilidade de sua lógica. Era por isso que me sentia condenado. Disse-lhe que me ressentia de meu destino.

Don Juan respondeu que mesmo em consciência intensificada eu ansiava pela repetição e que periodicamente iria insistir em aborrecê-lo, descrevendo meus ataques de sensação de desvalia. Disse que se eu tivesse de enfrentá-los, seria lutando, não me desculpando ou sentindo pena de mim mesmo e que não importava qual era nosso destino específico, contanto que o encarássemos com abandono útil.

Suas palavras fizeram com que eu me sentisse estaticamente feliz. Repeti muitas vezes, as lágrimas correndo por minha face, que concordava com ele. Havia uma felicidade tão profunda em mim que suspeitei que meus nervos estavam escapando ao controle. Chamei por todas as minhas forças para deter isso e senti o efeito sóbrio de meus freios mentais. Mas quando isso aconteceu, minha claridade mental começou a difundir-se. Lutei em silêncio — tentando ser ao mesmo tempo menos sóbrio e menos nervoso. Don Juan não emitiu qualquer som e deixou-me sozinho.

Quando restabeleci meu equilíbrio, estava quase amanhecendo.

Don Juan levantou-se, estendeu os braços acima da cabeça e tensionou os músculos, fazendo suas juntas estalarem. Ajudou-me a levantar e comentou que eu havia passado uma noite extremamente iluminante: havia experimentado o que era o espírito e havia sido capaz de convocar forças ocultas para realizar algo, o que na superfície equivalia a acalmar meu nervosismo, mas ao nível mais profundo havia de fato sido um movimento de vontade muito bem-sucedido de meu ponto de aglutinação.

Fez sinal então que era tempo de começarmos nosso caminho de volta.

A CAMBALHOTA DO PENSAMENTO

Entramos em sua casa por volta das sete horas da manhã, em tempo do desjejum. Eu estava faminto mas não cansado. Tínhamos deixado a caverna para descer até o vale ao amanhecer. Don Juan, em vez de seguir a rota mais direta, fez uma longa volta que nos levou ao longo do rio.

Explicou que tínhamos de recolher nossas capacidades antes que voltássemos para casa.

Respondi que era muito gentil de sua parte dizer “nossas capacidades” quando eu era o único cujas capacidades estavam desordenadas. Mas ele replicou que estava agindo não por gentileza mas pelo treinamento de guerreiro. Um guerreiro, disse, estava em guarda permanente contra a aspereza do comportamento humano. Um guerreiro era mágico e implacável, um dissidente com o gosto e as maneiras mais refinados, cuja tarefa mundana era afiar, mas com disfarce, suas bordas cortantes, de modo que ninguém fosse capaz de suspeitar de sua implacabilidade.

Depois do desjejum pensei que seria bom dormir um pouco, mas Don Juan contrapôs que eu não tinha tempo a desperdiçar. Disse que muito breve eu perderia o pouco de clareza que possuía e, se fosse dormir, a perderia toda.

— Não é necessário um gênio para deduzir que dificilmente há algum modo de falar sobre o intento — falou rapidamente enquanto me Perscrutava da cabeça aos pés —, mas fazer esta afirmação nada significa. Esta é a razão por que os feiticeiros apóiam-se em lugar disso em histórias de feitiçaria. E sua esperança é que algum dia os cernes abstratos das histórias virão a fazer sentido para o ouvinte.

Compreendi o que estava dizendo, mas ainda não conseguia conceber o que fosse no cerne abstrato ou o que deveria significar para mim. Tentei pensar a respeito. As imagens passavam com rapidez através de minha mente, não me deixando tempo para pensar a respeito delas. Não conseguia desacelerá-las o suficiente sequer para reconhecêlas, Por fim, a raiva tomou conta de mim e dei um murro na mesa.

Don Juan sacudiu-se da cabeça aos pés, engasgando-se de tanto rir.

— Faça o que fez à noite passada — incentivou-me, piscando. — Diminua sua rapidez.

Minha frustração tornou-me muito agressivo. Logo apresentei alguns argumentos sentidos; então tive consciência do meu erro e me desculpei por minha falta de contenção.

— Não se desculpe — pediu ele. — Devo dizer-lhe que a compreensão atrás da qual você está é impossível neste momento. Os cernes abstratos das histórias de feitiçaria nada significam para você agora. Mais tarde, quero dizer daqui a alguns anos, poderão fazer sentido perfeito para você.

Implorei a Don Juan que não me deixasse no escuro, que discutisse o cerne abstrato. Não estava nada claro para mim o que ele queria que fizesse com ele. Assegurei-lhe que meu atual estado de consciência intensificada poderia ser de grande ajuda para mim, permitindo-me compreender sua discussão. Incentivei-o a apressar, pois eu não podia garantir quanto tempo este estado iria durar. Avisei- lhe que em breve voltaria ao meu estado normal e me tornaria um idiota maior do que era naquele momento. Disse-o meio por galhofa. Seu riso revelou-me que o tomara como tal, mas fiquei profundamente afetado pelas minhas próprias palavras. Uma tremenda sensação de melancolia invadiu-me.

Don Juan pegou suavemente meu braço, puxou-me para uma poltrona confortável, e então sentou-se diante de mim. Olhou fixamente nos meus olhos, e por um momento fui incapaz de quebrar a força de seu olhar.

— Os feiticeiros espreitam a si mesmos constantemente — comentou numa voz reconfortadora, como se tentando acalmar-me com o som de sua voz.

Desejei dizer que meu nervosismo havia passado e que provavelmente havia sido causado pela falta de sono, mas ele não me permitiu dizer coisa alguma. Assegurou-me de que já havia me ensinado tudo o que tinha para saber sobre espreitar, mas eu ainda não recuperara meu reconhecimento da profundeza da consciência intensificada, onde o tinha armazenado. Disse-lhe que sentia a desagradável sensação de estar arrolhado. Parecia haver algo trancado dentro de mim, algo que me fazia bater portas e chutar mesas, algo que me frustrava e me tornava irascível.

— Essa sensação de estar arrolhado é experimentada por todo ser humano. É um lembrete da existência de nossa conexão com o intento.

Para os feiticeiros essa sensação é ainda mais aguda, precisamente porque seu objetivo é sensibilizar seu elo de conexão até que possam fazê-lo funcionar à vontade.

“Quando a pressão de seu elo de conexão é grande demais, os feiticeiros aliviam-na espreitando a si mesmos.

— Ainda acho que não compreendo o que quer dizer por espreitar — falei. — Mas em certo nível penso que sei exatamente o que quer dizer.

— Tentarei ajudar você a esclarecer o que sabe, então. Espreitar é um procedimento, um procedimento muito simples. Espreitar é comportamento especial que segue certos princípios. É um comportamento secreto, furtivo, enganoso, designado a provocar um choque. E quando você espreita a si mesmo, você choca a si mesmo, usando seu

próprio comportamento de um modo implacável e astucioso.

Explicou que quando a consciência de um feiticeiro ficava enredada pelo peso de suas aquisições perceptivas, o que estava acontecendo comigo, o melhor, ou talvez o único remédio, era usar a idéia da morte para proporcionar esse choque de espreita.

— A idéia da morte, portanto, é de importância monumental na vida de um feiticeiro — continuou Don Juan. — Mostrei-lhe coisas inumeráveis a respeito da morte para convencê-lo de que o conhecimento de nosso fim pendente e inevitável é o que nos dá sobriedade. Nosso engano mais caro como homens comuns é não se importar com o senso de imortalidade. É como se acreditássemos que, se não pensássemos a respeito da morte, nos pudéssemos proteger dela.

— Precisa concordar, Don Juan, que não pensar sobre a morte decerto protege-nos de nos preocuparmos a respeito.

— Sim, isto serve a tal propósito, mas tal propósito não tem valor para os homens comuns e representa uma caricatura para os feiticeiros. Sem uma visão clara da morte, não há ordem, nem sobriedade, nem beleza. Os feiticeiros lutam para ganhar essa percepção crucial de modo a ajudá-los a perceber no nível mais profundo possível que não têm segurança sequer de que suas vidas continuarão além do momento. Essa percepção dá aos feiticeiros a coragem de serem pacientes e no entanto entrarem em ação, coragem de aquiescer sem serem estúpidos.

Don Juan fixou seu olhar em mim, sorriu e balançou a cabeça.

— Sim — continuou —, a idéia da morte é a única coisa que pode dar coragem aos feiticeiros. Estranho, não é? Dá aos feiticeiros a coragem de serem atenciosos sem serem vaidosos, e acima de tudo dálhes a coragem de serem implacáveis sem serem convencidos.

Sorriu outra vez e cutucou-me. Disse-lhe que estava absolutamente aterrorizado pela idéia da minha morte, que pensava a respeito com freqüência, mas que certamente isso não me dava coragem ou me incentivava a entrar em ação. Apenas me tornava cínico ou fazia com que eu caísse em estado de profunda melancolia.

— Seu problema é muito simples — disse ele. — Você fica facilmente obcecado. Estive lhe dizendo que os feiticeiros espreitam a si mesmos para quebrar o poder de suas objeções. Há muitas maneiras de espreitar a si mesmo. Se não deseja usar a idéia de sua morte, use os poemas que lê para mim para espreitar a si mesmo.

— Como disse?

— Disse-lhe que há muitas razões pelas quais gosto de poema — retrucou ele. — O que eu faço é espreitar a mim mesmo com ele.

Provoco um choque em mim mesmo com eles. Escuto, e enquanto você lê, calo meu diálogo interno e deixo meu silêncio interior ganhar impulso. Então a combinação do poema e do silêncio desfecha o choque.

Explicou que os poetas inconscientemente anseiam pelo mundo dos feiticeiros. Por não serem feiticeiros no caminho do conhecimento, os anseios são tudo o que têm.

— Vamos ver se você pode sentir sobre o que estou falando — disse, estendendo-me um livro de poemas de José Gorostiza.

Abri-o na página marcada, e ele apontou o poema de que gostava.

... este incessante morrer obstinado, esta morte vivente, que te retalha, oh, Deus, em tua rigorosa obra nas rosas, nas pedras, nos astros indomáveis e na carne que se queima, como uma fogueira acesa por uma música, um sonho, um matiz que atinge o olho, ...e tu, tu próprio, talvez tenhas morrido eternidades de eras ai fora, sem que saibamos a respeito, nos refugos, migalhas, cinzas de ti; tu que ainda estás presente, como um astro imitado por sua própria luz, uma luz vazia sem astros que nos alcança, escondendo sua infinita catástrofe.

— Quando ouço as palavras — manifestou-se Don Juan quando terminei de ler —, sinto que aquele homem está vendo a essência das coisas e posso ver com ele. Não me importo sobre o que seja o poema.

Importo-me apenas sobre o sentimento que os anseios do poeta trazem até mim. Empresto seus anseios, e com eles empresto a beleza. E me maravilho diante do fato de que ele, como um verdadeiro guerreiro, derrame-o sobre os receptores, os espectadores, retendo para si mesmo apenas sua ansiedade. Esse impuxo, esse choque de beleza, é espreitar.

Eu estava muito comovido. A explicação de Don Juan tocara uma corda estranha em mim.

— Diria, Don Juan, que a morte é o único inimigo real que temos?

— perguntei-lhe um momento depois.

— Não — respondeu com convicção. — A morte não é um inimigo, embora cause esta sensação. A morte não é nosso destruidor, embora pensemos que o seja.

— O que é, então, senão nosso destruidor?

— Os feiticeiros consideram a morte como o único oponente valoroso que temos. A morte é nosso desafiante. Nascemos para aceitar este desafio, homens comuns ou feiticeiros. Os feiticeiros sabem a respeito; os homens comuns não.

— Eu pensaria diria, Don Juan, que a vida, e não a morte, é o desafio.

— A vida é o processo pelo qual a morte nos desafia — retrucou ele. — A morte é a força ativa. A vida é a arena. E nessa arena há apenas dois contendores em qualquer época: o próprio indivíduo e a morte.

— Eu pensaria, Don Juan, que nós seres humanos somos os desafiantes.

— De maneira alguma — retorquiu. — Somos passivos. Pense a respeito. Se nos movemos, é apenas quando sentimos a pressão da morte. A morte estabelece o ritmo de nossas ações e sentimentos e empurra-nos incansavelmente até que nos quebra e ganha o prêmio, ou então nos elevamos acima de todas as possibilidades e derrotamos a morte.

“Os feiticeiros derrotam a morte e a morte reconhece a derrota, deixando que os feiticeiros partam livres, para nunca mais serem desafiados.

— Isto significa que os feiticeiros se tornam imortais?

— Não. Não é isso — replicou. — A morte deixa de desafiá-los.

Isso é tudo.

— Mas o que significa isso, Don Juan?

— Significa que o pensamento deu uma cambalhota para o inconcebível.

— O que é uma cambalhota do pensamento para o inconcebível?

— perguntei, tentando não soar beligerante. — O problema que você e eu temos é que não partilhamos dos mesmos significados.

— Você não está sendo verdadeiro — interrompeu Don Juan. — Você compreende o que quero dizer. Para você, pedir uma explicação racional de “uma cambalhota do pensamento para o inconcebível” é um disfarce. Você sabe exatamente o que é.

— Não, não sei.

Então percebi que sabia, ou melhor, que intuía o que significava.

Havia alguma parte de mim que podia transcender minha racionalidade e compreender e explicar, além do nível de metáfora, uma cambalhota do pensamento para o inconcebível. O problema era que aquela parte de mim não era forte o suficiente para emergir à vontade.

Expliquei isso a Don Juan, que riu e comentou que minha consciência era como um ioiô: às vezes subia a um ponto elevado e meu comando era apurado, enquanto em outras vezes descia, e eu me tornava um calhorda racional. Mas durante a maior parte do tempo pairava numa média sem valor onde eu não era nem peixe nem carne.

— Uma cambalhota do pensamento para o inconcebível — explicou ele com ar de resignação — é a descida do espírito; o ato de quebrar nossas barreiras perceptíveis. É o momento no qual a percepção do homem atinge seus limites. Os feiticeiros praticam a arte de enviar escoteiros;

batedores avançados, para testar nossos limites perceptíveis. Esta é outra razão pela qual gosto de poemas. Tomo-os como batedores avançados. Mas como lhe disse antes, os poetas não sabem tão exatamente quanto os feiticeiros o que esses batedores avançados podem realizar.

No início da noite. Don Juan disse que tínhamos muitas coisas a discutir e perguntou-me se eu queria sair para uma caminhada.

Eu me encontrava num estado mental peculiar. Mais cedo havia notado um estranho alheamento que ia e vinha em mim mesma No início pensei que fosse a fadiga física nublando meus pensamentos. Mas meus pensamentos eram cristalinamente claros. Assim fiquei convencido de que o afastamento era um produto de minha mudança para a consciência intensificada.

Deixamos a casa e vagueamos ao redor da praça da cidade. Mais que depressa perguntei a Don Juan sobre meu alheamento antes que tivesse chance de começar qualquer outra coisa. Explicou-o como uma mudança de energia. Disse que a energia que era ordinariamente usada para manter a posição fixa do ponto de aglutinação ficara liberada, focalizara-se automaticamente naquele elo de conexão. Assegurou-me que não havia técnicas ou manobras que um feiticeiro pudesse aprender por antecipação para mover a energia de um lugar para outro.

Antes era questão de uma mudança instantânea tendo lugar, uma vez que certo nível de proficiência havia sido atingido.

Perguntei-lhe o que era o nível de proficiência. Entendimento puro, replicou. Para atingir aquele deslocamento instantâneo de energia, era necessária uma conexão clara com o intento, e para obter uma conexão

clara era preciso apenas intentá-la através do entendimento puro.

Naturalmente quis que ele explicasse o entendimento puro. Ele riu e sentou-se num banco.

— Vou lhe contar algo fundamental sobre feiticeiros e seus atos de feitiçaria — continuou. — Algo sobre a cambalhota de seu pensamento para o inconcebível.

Disse que alguns feiticeiros eram contadores de histórias. Contar histórias para eles não era apenas o batedor avançado que testava seus limites perceptíveis mas o seu caminho para a perfeição, para o poder, para o espírita Ficou em silêncio por um momento, obviamente buscando um exemplo apropriada Então lembrou-me que os índios yaquis tinham uma coleção de eventos históricos que chamavam “às datas memoráveis”. Eu sabia que as datas memoráveis eram relatos orais de sua história como nação quando mantiveram guerra contra os invasores de sua terra: primeiro os espanhóis, depois os mexicanos.

Don Juan, ele próprio um yaqui, afirmou enfaticamente que as datas memoráveis eram relatos de suas derrotas e desintegração.

— Assim, o que você diria — perguntou-me —, uma vez que é um homem estudado, sobre contador de histórias feiticeiro, tomando um relato das datas memoráveis, digamos, por exemplo, a história de Calixto Muni, e mudando o final de modo que, em vez de descrever como Calixto Muni foi amarrado e esquartejado pelos executores espanhóis, que é o que aconteceu, ele contasse uma história de Calixto Muni, o rebelde vitorioso que teve sucesso na libertação de seu povo?

Eu conhecia a história de Calixto Muni. Era um índio yaqui que, de acordo com as datas memoráveis, serviu por

muitos anos num navio bucaneiro no mar do Caribe para aprender estratégia de guerra. Então voltou para sua Sonora nativa, e conspirou para iniciar um levante contra os espanhóis declarando uma guerra de independência, apenas para ser traído, capturado e executado.

Don Juan coagiu-me a comentar. Contei-lhe que teria de assumir que mudar o relato factual da maneira que ele estava descrevendo seria um instrumento psicológico, uma espécie de pensamento desejoso por parte do feiticeiro contador de histórias. Ou talvez fosse uma maneira pessoal, idiossincrática, de aliviar a frustração. Acrescentei que até mesmo chamaria tal feiticeiro contador de histórias de patriota, porque era incapaz de aceitar a amarga derrota.

Don Juan riu até ficar engasgado.

— Mas não é questão de um feiticeiro contador de histórias.

Todos eles o fazem — argumentou.

— Então é um instrumento socialmente sancionado de exprimir o pensamento desejoso de uma sociedade inteira, um modo socialmente aceito de aliviar o stress psicológico de modo coletivo.

— Seu argumento é lisonjeiro, convincente e razoável — comentou. — Mas porque seu espírito está morto, você não consegue ver a falha de seu argumento.

Olhou-me como se me coagindo a compreender o que estava dizendo. Eu não tinha comentários, e qualquer coisa que pudesse dizer ter-me-ia feito soar mesquinho.

— O feiticeiro contador de histórias que muda o final do relato “factual” — disse ele — o faz sob direção e sob os auspícios do espírito.

Por conseguir manipular sua conexão alusiva com o intento, pode efetivamente mudar as coisas. O feiticeiro contador de histórias assinala que intentou tirando seu chapéu, colocando-o no solo e fazendo-o girar trezentos e sessenta graus completos contra os ponteiros do relógio. Sob os auspícios do espírito, este simples ato mergulha-o no próprio espírito. Ele deixou seu pensamento dar uma cambalhota para o inconcebível.

Don Juan levantou o braço acima da cabeça e apontou por um instante para o céu acima do horizonte.

— Por ser o seu entendimento puro um batedor avançado testando a imensidão lá fora — continuou Don Juan —, o feiticeiro contador de histórias sabe, sem sombra de dúvida, que em algum lugar, de algum modo, naquele infinito, neste exato momento o espírito desceu. Calixto Muni está vitorioso. Ele libertou seu povo. Seu objetivo transcendeu sua pessoa.

MOVENDO O PONTO DE AGLUTINAÇÃO

Dois dias depois, Don Juan e eu fizemos uma viagem às montanhas. A meio caminho contrafortes acima. Sentamo-nos para descansar. Mais cedo naquele dia, Don Juan havia decidido encontrar o lugar apropriado no qual explicar certos aspectos intrincados da mestria da consciência. Usualmente, ele preferia ir à cadeia mais próxima de montanhas a oeste. Desta vez, entretanto, escolheu os picos do leste.

Eram muito mais altos e distantes. Para mim pareciam mais úmidos, escuros e maciços. Mas não saberia dizer se esta impressão era minha própria ou se de alguma maneira eu tinha absorvido os sentimentos de Don Juan sobre essas montanhas.

Abri minha mochila. As mulheres videntes do grupo de Don Juan haviam-na preparado para mim, e descobri que haviam embrulhado algum queijo. Experimentei um momento de desagrado, porque, embora gostasse de queijo, não me fazia bem. No entanto, era incapaz de recusá-lo toda vez que estivesse disponível.

Don Juan havia apontado para isso como uma verdadeira fraqueza e zombara de mim. No início eu ficava embaraçado, mas descobri que quando não tinha queijo por perto, não sentia falta dele. O problema era que os brincalhões práticos do grupo de Don Juan sempre embrulhavam um grande pedaço de queijo para mim, o qual, naturalmente, eu sempre terminava por comer.

— Termine-o de uma só vez — aconselhou-me Don Juan com um brilho malicioso nos olhos. — Dessa maneira, não terá mais de se preocupar com ele.

Talvez influenciado por sua sugestão, tive o mais intenso desejo de devorar o pedaço de queijo. Don Juan riu tanto que suspeitei que mais uma vez havia conspirado com seu grupo para apanhar-me.

Numa disposição mais séria, sugeriu que passássemos a noite ali nos contrafortes e que tirássemos um dia ou dois para atingir os picos mais altos. Concordei.

Casualmente, Don Juan perguntou-me se havia recordado tudo sobre as quatro disposições da espreita. Admiti que tentara, mas que minha memória falhara.

— Não se lembra de como lhe ensinei a natureza da implacabilidade? Implacabilidade, o oposto da autopiedade?

Não consegui lembrar-me. Don Juan pareceu estar considerando o que dizer em seguida. Então parou. Os cantos de sua boca caíram num gesto de fingida

impotência. Encolheu os ombros, levantou-se, e rapidamente caminhou uma curta distância até um pequeno ponto plano no topo de um morro.

— Todos os feiticeiros são implacáveis — comentou, enquanto nos sentávamos no solo plano. — Mas você sabe disso. Discutimos longamente este conceito.

Depois de um longo silêncio, Don Juan disse que iríamos continuar discutindo o cerne abstrato das histórias de feitiçaria, mas que pretendia falar cada vez menos a respeito porque estava se aproximando o tempo em que ficaria por minha conta descobri-los e conhecer seu significado.

— Como já lhe disse, o quarto cerne abstrato das histórias de feitiçaria é chamado a descida do espírito, ou ser movido pelo intento.

Segundo a história, para deixar os mistérios da feitiçaria se revelarem ao homem sobre o qual estivemos conversando, foi necessário para o espírito descer sobre aquele homem. O espírito escolheu o momento quando o homem estava distraído, desprotegido e, demonstrando nenhuma piedade, o espírito deixou sua presença por si mesma mover o ponto de aglutinação do homem para uma posição específica. Esse ponto passou a ser conhecido para os feiticeiros dali por diante como o lugar da não-piedade. A implacabilidade tornou-se, desse modo, o primeiro princípio da feitiçaria.

“O primeiro princípio não deve ser confundido com o primeiro efeito do aprendizado de feitiçaria, o qual é a mudança entre a consciência normal e a intensificada.

— Não compreendo o que está tentando explicar — queixei-me.

— O que quero dizer é que, aparentemente, ter o ponto de aglutinação movido é a primeira coisa que realmente acontece a um aprendiz de feitiçaria — replicou. — Assim, é apenas natural que um aprendiz assuma que este seja o primeiro princípio da feitiçaria. Mas não é. A implacabilidade é o primeiro princípio da feitiçaria. Mas discutimos isso antes. Agora estou apenas tentando ajudá-lo a recordar.

Eu poderia honestamente ter dito que não tinha idéia sobre o que estava falando, mas também tive a estranha sensação de que tinha.

— Traga de volta a recordação da primeira vez que lhe ensinei implacabilidade — incentivou. — Recordar tem a ver com mover o ponto de aglutinação.

Esperou por um momento para ver se eu estava seguindo a sua sugestão. Como estava óbvio que eu não conseguia, continuou sua explicação. Disse que, misterioso como era o movimento para a consciência intensificada, tudo o que alguém necessitava para realizá-lo era a presença do espírito.

Comentei que suas declarações naquele dia eram ou extremamente obscuras ou eu estava terrivelmente obtuso, porque não conseguia seguir sua linha de pensamento de maneira alguma.

Replicou com firmeza que minha confusão era sem importância e insistiu que a única coisa de real importância era que eu compreendesse que o mero contato com o espírito podia provocar qualquer movimento do ponto de aglutinação.

— Expliquei-lhe que o nagual é o conduto do espírito — continuou. — Uma vez que ele gasta uma vida inteira redefinindo de modo impecável seu elo de conexão com o

intento, e uma vez que tem mais energia que o homem comum, pode permitir que o espírito se expresse através de si. Assim, a primeira coisa que o aprendiz de feiticeiro experimenta é uma mudança em seu nível de consciência, uma mudança provocada simplesmente pela presença do nagual. E o que quero que você saiba é que realmente não há procedimento envolvido em fazer o ponto de aglutinação mover-se. O espírito toca o aprendiz, e seu ponto de aglutinação se move. É simples como isso.

Disse-lhe que suas afirmações eram perturbadoras porque contradiziam o que eu havia aprendido dolorosamente a aceitar através da experiência pessoal: que a consciência intensificada era realizável como uma manobra sofisticada, embora inexplicável, executada por Don Juan, por meios da qual ele manipulava a minha percepção.

Através dos anos de nossa associação, ele havia, vez após vez, feito com que eu entrasse na consciência intensificada, golpeando-me as costas.

Apontei para essa contradição.

Ele replicou que golpear as minhas costas era mais um truque para prender minha atenção e remover as dúvidas de minha mente do que uma manobra segura para manipular minha percepção. Chamou-o de simples truque, adequado a sua personalidade moderada.

Comentou, não exatamente como brincadeira, que eu tinha sorte por ele ser um homem simples, não dado a comportamento estranho. De outra maneira, em vez de truques simples, eu haveria de ter suportado rituais bizarros antes que lhe pudesse remover todas as dúvidas de minha mente, para deixar que o espírito movesse o meu ponto de aglutinação.

— O que precisamos fazer para permitir que a magia tome conta de nós é banir a dúvida de nossas mentes — disse ele. — Uma vez que as dúvidas são banidas, tudo é possível.

Lembrou-me de um evento que eu havia testemunhado alguns meses antes na Cidade do México, que havia considerado incompreensível até que o explicara, usando o paradigma dos feiticeiros.

O que eu havia testemunhado foi uma operação cirúrgica realizada por uma famosa curandeira psíquica. Um amigo meu era o paciente. A curandeira era uma mulher que entrava num transe muito dramático para operá-lo.

Pude observar que, usando uma faca de cozinha, ela abriu sua cavidade abdominal na região umbilical, destacou seu fígado doente, lavou-o num balde de álcool, colocou-o de volta e fechou a abertura, sem sangue, apenas com a pressão de suas mãos.

Havia um certo número de pessoas no aposento semi-escuro, testemunhas da operação. Alguns pareciam ser observadores interessados como eu. Outros pareciam ser ajudantes da curandeira.

Depois da operação, conversei brevemente com três dos observadores. Todos concordavam que haviam testemunhado os mesmos eventos que eu. Quando falei com meu amigo, o paciente, ele relatou que sentira a operação como uma dor surda e constante em seu estômago e uma sensação de queimação de seu lado direito.

Eu narrara tudo isso a Don Juan e tentara mesmo uma explicação cética. Dissera-lhe que a semi-obscuridade do aposento, na minha opinião, emprestava-se perfeitamente para todos os tipos de truques manuais, que poderiam ter sido responsáveis pela visão dos órgãos internos sendo

puxados para fora da cavidade e lavados em álcool. O choque emocional causado pelo dramático transe da curandeira — que eu também considerava artimanha — ajudou a criar uma atmosfera de fé quase religiosa.

Don Juan apontara logo que essa era uma opinião cética, não uma explanação cética, porque não explicava o fato de que meu amigo realmente havia sido curado. Don Juan propôs então uma visão alternativa baseada no conhecimento dos feiticeiros. Explicara que o evento girava sobre o fato de a curandeira ser capaz de mover o ponto de aglutinação do número exato de pessoas de sua audiência. A única artimanha envolvida — se podia chamar isso de artimanha — era que o número de pessoas presentes no aposento não poderia exceder o número que ela conseguia manejar.

Seu transe dramático e a representação que o acompanhara eram, de acordo com ele, ou instrumentos muito bem pensados que a curandeira usava para prender a atenção dos presentes ou manobras inconscientes ditadas pelo próprio espírito. Independente do que fossem, eram o meio mais apropriado através do qual a curandeira podia convocar a unidade de pensamento necessária para remover a dúvida das mentes dos presentes e forçá-los à consciência intensificada.

Don Juan salientou que não fora um truque manual quando ela cortou o corpo com uma faca de cozinha e removeu os órgãos internos.

Esses eram eventos verdadeiros, os quais, em virtude de terem lugar em consciência intensificada, estavam fora do reino do julgamento cotidiano.

Eu havia perguntado a Don Juan como a curandeira conseguia mover os pontos de aglutinação daquelas

pessoas sem tocá-las. Em resposta, ele argumentara que o poder da curandeira, um dom ou uma realização estupenda, era para servir como conduto para o espírito. Era o espírito, e não a curandeira, que havia movido aqueles pontos de aglutinação.

— Expliquei a você, embora não compreendesse uma palavra — continuou Don Juan —, que a arte da curandeira e seu poder consistiam em remover as dúvidas das mentes daquelas pessoas presentes. Fazendo-o, ela era capaz de permitir ao espírito que movesse seus pontos de aglutinação. Como aqueles pontos se haviam movido, tudo era possível. Eles haviam entrado no reino onde os milagres são banalidades.

Afirmou de modo enfático que a curandeira também devia ser uma feiticeira, e que se eu fizesse um esforço para recordar a operação, iria recordar que ela havia sido implacável com as pessoas ao seu redor, especialmente o paciente.

Repeti para ele o que podia me lembrar da sessão. O timbre e a entonação da voz feminina e equilibrada da curandeira mudaram de modo dramático, quando ela entrou em transe, para uma voz áspera, profunda e masculina. Aquela voz anunciara que o espírito de um guerreiro da antigüidade pré-colombiana havia possuído o corpo da curandeira. Uma vez feito o anúncio, a atitude da curandeira mudou radicalmente. Estava possuída. Estava absolutamente segura de si mesma e operou com total certeza e firmeza.

— Eu prefiro a palavra “implacabilidade” a “certeza” e “firmeza” — comentou Don Juan, depois continuou: — Aquela curandeira precisou ser implacável para criar um ambiente apropriado para intervenção do espírito.

Afirmou que eventos difíceis de explicar, tais como aquela operação, na realidade eram muito simples. Eram feitos difíceis por nossa insistência em pensar. Se não pensássemos, tudo se encaixava no lugar.

— Isto é realmente absurdo, Don Juan — comentei, de modo sincero.

Lembrei-o de que ele exigia pensamento sério de todos os seus aprendizes, e até mesmo criticava seu próprio mestre por não ser um bom pensador.

— É claro que insisto que todos ao meu redor pensem com clareza. E explico, a qualquer um que queira ouvir, que a única maneira de pensar com clareza é não pensar de modo algum. Estava convencido de que você compreendia a contradição dos feiticeiros.

Protestei em voz alta contra a obscuridade de suas afirmações.

Ele riu e zombou de minha compulsão a defender-me. Então explicou outra vez que para um feiticeiro havia dois tipos de pensamento. Um era o pensamento comum do dia-a-dia, governado pela posição normal de seu ponto de aglutinação. Era pensamento turvo que não respondia realmente às suas necessidades e deixava uma grande confusão em sua cabeça. O outro era o pensamento preciso. Era funcional, econômico e deixava muito poucas coisas inexplicadas. Don Juan comentou que, para esse tipo de pensamento prevalecer, o ponto de aglutinação precisava ser movido. Ou ao menos o pensamento do tipo cotidiano tinha de parar para permitir que o ponto de aglutinação se movesse.

Dai a contradição aparente, que na realidade não era nenhuma contradição.

— Desejo que você recorde algo que fez no passado. Que recorde um movimento especial de seu ponto de aglutinação. E para fazê-lo, deve pensar do modo como pensa normalmente. Então o outro, o tipo que chamo de pensamento claro, assumirá, fazendo-o recordar.

— Mas como paro de pensar? — perguntei, embora soubesse de antemão a sua resposta.

— Intentando um movimento de seu ponto de aglutinação. O intento é chamado com os olhos.

Contei a Don Juan que minha mente estava indo e voltando entre momentos de tremenda lucidez, quando tudo era cristalino, e lapsos de profunda fadiga mental durante os quais não conseguia compreender o que estava dizendo. Ele tentou deixar-me à vontade, explicando que minha instabilidade era causada por uma ligeira flutuação de meu ponto de aglutinação, que não se havia estabilizado na nova posição que atingira alguns anos antes. A flutuação era o resultado de restos de sentimentos de autopiedade.

— Que nova posição é essa, Don Juan?

— Anos atrás, e é isso que desejo que se recorde, seu ponto de aglutinação alcançou o lugar da não-piedade — replicou ele.

— Desculpe-me.

— O lugar da não-piedade é a sede da implacabilidade. Mas você sabe de tudo isso. Por enquanto, contudo, até que você se recorde, digamos que a implacabilidade, sendo uma posição específica do ponto de aglutinação, é mostrada nos olhos dos feiticeiros. É como uma película tremeluzente sobre os olhos. Os olhos dos feiticeiros são brilhantes. Quanto maior o brilho, tão mais implacável o feiticeiro.

Neste momento, seus olhos estão opacos.

Explicou que, quando o ponto de aglutinação se movia para o lugar da não-piedade, os olhos começavam a brilhar. Quanto mais firme o ponto de aglutinação em sua nova posição, tanto mais os olhos brilhavam.

— Tente se recordar do que já sabe a respeito disso — incentivou- me.

Ficou em silêncio por um momento, depois falou sem olhar para mira.

— Recordar não é o mesmo que relembrar — continuou. — Relembrar é ditado pelo tipo de pensamento cotidiano, enquanto recordar é ditado pelo movimento do ponto de aglutinação. Uma recapitulação de suas vidas, que os feiticeiros fazem, é a chave para mover seus pontos de aglutinação. Os feiticeiros começam sua recapitulação pensando, relembrando os atos mais importantes de suas vidas. Após apenas pensar a respeito deles, movem-se então para estar realmente no local do evento. Quando conseguem fazer isso, estar no local do evento, foi porque moveram com sucesso seu ponto de aglutinação ao lugar preciso onde estava quando o evento teve lugar.

Trazer de volta o evento total por meio do movimento do ponto de aglutinação é conhecido como a recordação dos feiticeiros.

Olhou para mim por um instante, como se tentando assegurar-se de que eu estava escutando.

— Nossos pontos de aglutinação estão constantemente se movendo, movimentos imperceptíveis. Os feiticeiros acreditam que, para fazer seus pontos de aglutinação se moverem a pontos precisos, devemos empenhar por intento. Uma vez que não há maneira de saber o que é o intento, os feiticeiros deixam que seus olhos o chamem.

— Tudo isso é de fato incompreensível para mim — retruquei. Don Juan colocou as mãos atrás da cabeça e deitou-se no chão.

Fiz o mesmo. Permanecemos em silêncio por um longo tempo. O vento pastoreava as nuvens. Seu movimento quase me deixou atordoado. E a vertigem mudou abruptamente para uma sensação familiar de angústia.

Cada vez que estava com Don Juan, eu sentia, especialmente em momentos de descanso e quietude, uma

subjugante sensação de desespero — um anseio por algo que não conseguia descrever. Quando estava a sós, ou com outras pessoas, nunca era vítima dessa sensação.

Don Juan explicara que o que eu sentia e interpretava como anseio era, com efeito, o súbito movimento de meu ponto de aglutinação.

Quando Don Juan começou a falar, de repente o som de sua voz chocou-me e eu me sentei.

— Você precisa recordar a primeira vez em que seus olhos brilharam, porque aquela foi a primeira vez que seu ponto de aglutinação alcançou o lugar da não-piedade. A implacabilidade possuiu-o então. Ela faz os olhos dos feiticeiros brilharem, e este brilho convida o intento. Cada ponto para o qual seus pontos de aglutinação se movem é indicado por um brilho específico de seus olhos. Como seus olhos têm sua própria memória, podem convocar a recordação de qualquer lugar, convocando o brilho específico associado àquele ponto.

Explicou que a razão pela qual os feiticeiros colocavam tanta ênfase no brilho de seus olhos e em seu olhar é porque os olhos são diretamente ligados ao intento. Contraditória como pudesse parecer, a verdade é que os olhos são conectados apenas superficialmente ao mundo da vida cotidiana. Sua conexão mais profunda é com o abstrato.

Eu não conseguia conceber como os meus olhos podiam armazenar esse tipo de informação, e comentei isso. Don Juan argumentou que as possibilidades do homem são tão vastas e misteriosas que os feiticeiros, antes de pensar a respeito, haviam escolhido explorá-las, com nenhuma esperança de algum dia compreendê-las. Perguntei-lhe se

os olhos do homem comum também eram afetados pelo interno.

— Naturalmente! Você sabe de tudo isso. Mas você o sabe a um nível tão profundo que se trata de conhecimento silencioso. Você não tem energia suficiente para explicá-lo, mesmo a si próprio.

“O homem comum sabe a mesma coisa sobre seus olhos, mas tem ainda menos energia que você. As únicas vantagens que os feiticeiros podem ter sobre os homens comuns é que armazenaram sua energia, o que significa uma conexão mais precisa, mais clara com o intento. Isso também significa que podem recordar à vontade, usando o brilho de seus olhos para mover seus pontos de aglutinação.

Don Juan parou de falar e fixou-me com o olhar. Senti claramente seus olhos guiando, empurrando e puxando alguma coisa indefinida em mim. Eu não podia fugir de seu olhar. Sua concentração era tão intensa que, com sinceridade, causou uma sensação física em mim: senti como se estivesse no interior de uma fornalha. E, muito abruptamente, estava olhando para dentro. Era uma sensação muito semelhante a uma divagação distraída, mas com estranha sensação de uma consciência intensa de mim mesmo e de uma ausência de pensamentos. Supremamente consciente, eu estava olhando para dentro, para o nada.

Com um esforço gigantesco, puxei-me para fora daquilo e me levantei.

— O que fez comigo, Don Juan?

— Às vezes você é absolutamente insuportável. O seu desperdício é revoltante. Seu ponto de aglutinação estava exatamente no ponto mais vantajoso para recordar qualquer coisa que você quisesse, e o que você fez? Deixou tudo ir embora para perguntar-me o que lhe fiz.

Ficou em silêncio por um momento e então sorriu quando sentei- me outra vez.

— Mas ser irritante é de fato sua maior qualidade — acrescentou ele. — Assim, por que deveria me queixar?

Ambos caímos num riso ruidoso. Era uma brincadeira entre nós.

Anos antes eu ficara ao mesmo tempo muito comovido e muito confuso pela tremenda dedicação de Don Juan em ajudar-me. Eu não podia imaginar por que ele deveria demonstrar-me tal gentileza. Era evidente que ele não necessitava de mim de modo algum em sua vida.

Obviamente não estava investindo em mim. Mas eu tinha aprendido, através de experiências dolorosas da vida, que nada era grátis; e ser incapaz de prever qual seria o prêmio de Don Juan me fazia ficar tremendamente desconfortável.

Uma vez perguntei a Don Juan diretamente, num tom muito cínico, o que ele ganhava com nossa associação. Aleguei que não era capaz de adivinhar.

— Nada que você compreendesse — replicou ele.

Sua resposta irritou-me. De modo beligerante disse-lhe que não era estúpido e que ele podia tentar ao menos explicar-me.

— Embora você pudesse compreender, decerto não iria gostar — disse com o sorriso que mostrava quando me preparava algo. — Realmente quero poupá-lo.

Eu estava fisgado, e insisti que contasse o que queria dizer.

— Está certo de que quer ouvir a verdade? — perguntou, sabendo que eu jamais poderia dizer não, mesmo se minha

vida dependesse disso.

— É claro que quero ouvir seja o que for que está balançando à minha frente — respondi cortantemente.

Ele começou a rir como se diante de uma grande piada; quanto mais ria, tanto maior minha irritação.

— Não vejo o que há de tão engraçado.

— Às vezes não se deve mexer com a verdade subjacente — disse ele. — A verdade subjacente aqui é como um bloco embaixo de uma grande pilha de coisas, uma pedra fundamental. Se olharmos duramente para o bloco de baixo, poderíamos não gostar dos resultados. Prefiro evitar isso.

Tornou a rir. Seus olhos, brilhando de malícia, pareciam convidar-me a perseguir ainda mais o tema. E tornei a insistir que precisava saber sobre o que ele estava falando. Tentei falar calmo mas persistente.

— Bem, se isso é o que você quer — disse ele com ar de alguém que foi vencido pela solicitação. — Antes de tudo, gostaria de avisar que tudo o que faço por você é gratuito. Não precisa pagar por isso. Como sabe, tenho sido impecável com você. E como também sabe, minha impecabilidade com você? não é um investimento. Não o estou preparando para tomar conta de mim quando estiver muito fraco para cuidar de mim mesmo. Mas retiro algo de incalculável valor de nossa associação, uma espécie de prêmio por lidar impecavelmente com aquela pedra fundamental que mencionei. E o que ganho é a própria coisa que você talvez não compreenda ou não aprecie.

Parou e encarou-me, com um brilho diabólico nos olhos.

— Fale-me a respeito, Don Juan! — exclamei, irritado com suas táticas de protelação.

— Quero que tenha em mente que o estou contando a você por sua insistência — disse, ainda sorrindo.

Calou-se de novo. A essa altura eu fumegava.

— Se me julgar por minhas ações com você, teria de admitir que tenho tido incomparável paciência e consistência. Mas o que você não sabe é que para realizar isso lutei pela impecabilidade como nunca o fiz antes. Para me ocupar com você, tenho me transformado diariamente, restringindo-me com o mais excruciante esforço.

Don Juan estivera certo. Não gostei do que ele disse. Tentei não perder a compostura e respondi com sarcasmo:
— Não sou tão ruim, Don Juan.

Minha voz soou surpreendentemente antinatural para mim.

— Oh, sim, você é mau assim — retorquiu ele com expressão séria. — Você é mesquinho, perdulário, conceituoso, coercitivo, malhumorado, vaidoso. É moroso, ponderado e mal-agradecido. Tem uma inexaurível capacidade de auto-indulgência. E, pior de tudo, tem uma idéia exaltada de si mesmo, sem nada para apoiá-la.

“Poderia dizer com sinceridade que sua mera presença me faz ter vontade de vomitar.

Eu queria ficar zangado. Queria protestar, queixar-me de que ele não tinha direito de falar daquela maneira, mas não consegui emitir uma única palavra. Havia desmoronado. Sentia-me atordoado.

Minha expressão depois de ouvir a verdade subjacente deve ter sido horrível, pois Don Juan gargalhou de tal maneira que pensei que ele fosse sufocar.

— Sabia que você não iria gostar ou compreender isso. As razões dos guerreiros são muito simples, mas sua finura é extrema. É uma oportunidade rara para um guerreiro ter uma genuína chance de ser impecável apesar de seus sentimentos básicos. Você me proporcionou tal chance única. O ato de dar livre e impecavelmente me rejuvenesce e renova minha existência. O que ganho com nossa associação é com efeito de valor incalculável para mim. Sou seu devedor.

Seus olhos estavam brilhando, mas sem malícia, quando me encarou.

Don Juan começou a explicar o que havia feito.

— Sou um nagual, movi seu ponto de aglutinação com o brilho de meus olhos — disse ele trivialmente. — Os olhos do nagual podem fazer isso. Não é difícil. Afinal, os olhos de todos os seres vivos podem mover o ponto de aglutinação de outros, especialmente se seus olhos estiverem focalizados no intento. Sob condições normais, entretanto, os olhos das pessoas são focalizados no mundo, buscando alimento... abrigo... — cutucou meu ombro. — Buscando amor — acrescentou e caiu numa ruidosa gargalhada.

Don Juan zombava constantemente de mim sobre a minha “busca do amor”. Nunca esqueceu minha resposta inocente quando perguntou sobre o que eu buscava ativamente na vida. Achava que eu não tinha um objetivo claro, e riu muito quando lhe falei que buscava o amor.

— Um bom caçador magnetiza a sua presa com os olhos — continuou. — Com seu olhar move o ponto de aglutinação de sua presa, e no entanto seus olhos estão no mundo buscando alimento.

Perguntei-lhe se os feiticeiros podiam magnetizar as pessoas com seu olhar. Ele sorriu e respondeu que o que eu

realmente queria saber era se podia magnetizar as mulheres com meu olhar, apesar dos meus olhos estarem focalizados no mundo à procura do amor. Acrescentou, seriamente, que a válvula de segurança dos feiticeiros era que na época em que seus olhos se encontravam de fato, focalizados no intento, não estavam mais interessados em magnetizar ninguém.

— Mas, para os feiticeiros usarem o brilho de seus olhos para mover o seu próprio ponto de aglutinação ou de outros, devem ser implacáveis. Isto é, devem estar familiarizados com aquela posição específica do ponto de aglutinação chamado lugar de não-piedade. Isto é especialmente verdadeiro para os naguais.

Explicou que cada nagual desenvolvia uma marca de implacabilidade específica apenas a ele. Tomou meu caso como exemplo e disse que, por causa de minha configuração natural instável, eu aparecia aos videntes como uma esfera de luminosidade não composta de quatro bolas comprimidas numa só — a estrutura usual de um nagual —, mas como uma esfera composta de apenas três bolas comprimidas. Essa configuração fazia com que eu escondesse automaticamente minha implacabilidade por trás de uma máscara de indulgência e lassidão.

— Os naguais são muito furtivos — continuou Don Juan. — Sempre dão impressão de algo que não são, e o fazem com tamanha perfeição que todos, inclusive os que os conhecem melhor, acreditam em sua encenação.

— Realmente não posso compreender como pode dizer que estou fazendo uma encenação, Don Juan — protestei.

— Você se passa por um homem indulgente, relaxado. Dá a impressão de ser generoso, de ter grande compaixão. E

todos estão convencidos de sua genuinidade. Podem até mesmo jurar que este é o seu modo de ser.

— Mas este é o meu modo de ser! Don Juan curvou-se de tanto rir.

A direção que a conversação tomara não era de meu agrado.

Desejei esclarecer as coisas. Argumentei com veemência que eu era autêntico em tudo o que fazia, e desafiei-o a dar-me um exemplo onde eu fosse diferente. Alegou que eu tratava as pessoas compulsivamente com generosidade irrestrita, dando-lhes uma falsa sensação de minha despreocupação e abertura. E argumentei que ser aberto era minha natureza. Ele riu e retorquiu que, se fosse esse o caso, por que eu sempre exigia, sem o declarar, que as pessoas com quem eu lidava estivessem conscientes de que eu as estava enganando? A prova era que quando falhavam em ter consciência de minha trama e tomavam minha pseudolassidão por seu valor aparente, voltava-me sobre elas com exatamente a implacabilidade fria que estava tentando mascarar.

Seus comentários deixaram-me desesperado, pois não podia argumentar com eles. Permaneci quieto. Não queria demonstrar que estava ferido. Estava me perguntando o que fazer quando ele se levantou e começou a se afastar. Detive-o, segurando-o pela manga. Foi um movimento não planejado de minha parte que me espantou e fê-lo rir. Sentou-se outra vez com um olhar de surpresa no rosto.

— Não quis ser rude, mas preciso saber mais a respeito disto.

Este assunto me interessa.

— Faça seu ponto de aglutinação se mover — incentivou. — Discutimos a implacabilidade antes. Recorda?

Olhou-me com genuína expectativa, embora tenha visto que eu não podia recordar coisa alguma, pois continuou a falar sobre os padrões de implacabilidade dos naguais. Disse que seu próprio método consistia em sujeitar as pessoas a uma torrente de coerção e negativas, escondida por trás de falsa compreensão e razoabilidade.

— E quanto a todas as explicações que me dá? Não são o resultado de genuína razoabilidade e desejo de ajudar-me a compreender?

— Não — replicou ele. — São o resultado de minha implacabilidade.

Argumentei apaixonadamente que meu próprio desejo de compreender era verdadeiro. Ele deu-me uma pancadinha no ombro e explicou que meu desejo de compreender era verdadeiro, mas minha generosidade não o era. Falou que os naguais mascaravam sua implacabilidade automaticamente, mesmo contra a vontade.

Enquanto ouvia sua explicação, tive a sensação peculiar no fundo de minha mente de que em algum ponto havíamos discutido extensivamente o conceito de implacabilidade.

— Não sou um homem racional — continuou, olhando em meus olhos —, apenas pareço sê-lo porque minha máscara é muito efetiva. O que você percebe como razoabilidade é minha falta de piedade, porque é isso que é a implacabilidade: uma total falta de piedade.

“Em seu caso, uma vez que mascara sua falta de piedade com generosidade, você aparece despreocupado, aberto. Mas na verdade você é tão generoso quanto eu sou razoável. Somos ambos falsos.

Aperfeiçoamos a arte de disfarçar o fato de que não sentimos piedade.

Falou que a total falta de piedade de seu benfeitor era mascarada atrás da fachada de um brincalhão prático, leviano, com necessidade de se divertir à custa de qualquer um com quem entrava em contato.

— A máscara de meu benfeitor era a de um homem feliz, tranqüilo, sem uma preocupação no mundo — continuou Don Juan —, mas por baixo de tudo aquilo ele era, como todos os naguais, tão frio quanto o vento ártico.

— Mas você não é frio, Don Juan — disse, sinceramente.

— É claro que sou — insistiu. — A efetividade de minha máscara é o que lhe dá a impressão de calor.

Continuou explicando que a máscara do nagual Elias consistia de uma meticulosidade enlouquecedora sobre todos os detalhes e acurácia, os quais criavam a falsa impressão de atenção e minuciosidade.

Começou a descrever o comportamento do nagual Elias.

Enquanto falava, mantinha-se observando-me. E talvez porque estivesse observando-me com tanta atenção, fui incapaz de concentrar- me no que ele estava dizendo. Fiz um supremo esforço para reunir meus pensamentos.

Observou-me por um instante, depois voltou a explicar a implacabilidade, mas eu não necessitava mais de sua explicação. Disse- lhe que havia recordado o que ele desejava que recordasse: a primeira vez em que meus olhos haviam brilhado. Eu havia alcançado — por mim mesmo —, muito cedo em meu aprendizado, uma mudança em meu nível de consciência. Meu ponto de aglutinação atingira a posição chamada o lugar da não-piedade.

O LUGAR DA NÃO-PIEDADE

Don Juan disse-me que não havia necessidade de mencionar os detalhes de minha recordação, pelo menos não naquele momento, porque a conversa era usada apenas para levar alguém à recordação.

Uma vez que o ponto de aglutinação se movia, a experiência total era revivida. Também explicou-me que a melhor maneira de assegurar uma recordação completa era caminhando.

E assim ambos nos levantamos; caminhamos muito devagar e em silêncio, seguindo uma trilha naquelas montanhas, até que eu havia recordado tudo.

Estávamos nos arredores de Guaymas, ao norte do México, viajando desde Nogales, Arizona, quando se tornou evidente para mim que havia algo errado com Don Juan. Pela última hora, mais ou menos, estivera incomumente quieto e sombrio. Eu não pensara em nada disso, mas então, abruptamente, seu corpo contraiu-se sem controle. O queixo bateu no peito como se os músculos do pescoço não mais pudessem suportar o peso de sua cabeça.

— Está ficando enjoado, Don Juan? — perguntei, subitamente alarmado.

Ele não respondeu. Estava respirando através da boca.

Durante a primeira parte de nossa viagem, que havia levado várias horas, ele estivera bem. Havíamos conversado muito sobre tudo.

Quando paramos na cidade de Santa Ana para colocar gasolina, ele estava mesmo fazendo flexões de encontro ao teto do carro para relaxar os músculos dos ombros.

— O que está errado com você, Don Juan?

Fiquei muito ansioso. Ele coçou a cabeça baixa, murmurou que desejava ir a um restaurante em particular, e numa voz lenta e entrecortada deu-me a direção precisa de como chegar ao local.

Estacionei o carro numa rua lateral, a uma quadra do restaurante. Quando abri a porta do carro de meu lado, ele segurou meu braço com punhos de ferro. Dolorosamente, e com minha ajuda, arrastou-se para fora do carro, por sobre o assento do motorista. Já na calçada, segurou-se em meus ombros com as duas mãos para endireitar as costas. Em silêncio funesto, arrastamo-nos pela rua abaixo, na direção da construção malconservada onde se encontrava o restaurante.

Don Juan pendurava-se em meu braço com todo seu peso. Sua respiração era tão acelerada e o tremor em seu corpo tão alarmante que entrei em pânico. Tropecei e precisei encostar-me à parede para evitar que caíssemos na calçada. Minha ansiedade era tão intensa que eu não conseguia pensar. Olhei em seus olhos. Estavam opacos. Não apresentavam o seu brilho usual.

Entramos desajeitadamente no restaurante, e um garçom solícito precipitou-se para ajudar Don Juan.

— Como se sente hoje? — gritou no ouvido de Don Juan.

Praticamente carregou Don Juan da porta até uma mesa, sentou- o e então desapareceu.

— Ele o conhece, Don Juan? — perguntei quando estávamos sentados.

Sem olhar para mim ele murmurou algo ininteligível. Levantei-me e fui à cozinha procurar pelo garçom ocupado.

— Conhece o velho com quem estou? — perguntei quando fui capaz de interceptá-lo.

— Claro que o conheço — falou com a atitude de alguém que tem paciência exatamente suficiente para responder a uma pergunta. — Ele é o velho que sofre de ataques.

Aquela afirmação assentou as coisas para mim. Soube então que Don Juan havia sofrido um suave ataque enquanto estávamos viajando.

Não havia nada que eu pudesse ter feito para evitá-lo, mas sentia-me desamparado e apreensivo. A sensação de que o pior ainda não havia acontecido fez-me passar mal do estômago.

Voltei à mesa e sentei-me em silêncio. Subitamente o mesmo garçom chegou com duas travessas de camarões frescos e duas grandes tigelas de sopa de tartaruga do mar. Ocorreu-me o pensamento de que ou o restaurante servia apenas camarões e aquela sopa ou Don Juan comia a mesma coisa todas as vezes que vinha ali.

O garçom falou em voz tão alta com Don Juan que podia ser ouvido acima do ruído dos fregueses.

— Espero que goste de sua comida! — gritou. — Se precisar de mim, basta levantar o braço. Virei em seguida.

Don Juan balançou a cabeça em concordância, e o garçom saiu, depois de lhe dar algumas pancadinhas amistosas nas costas.

Don Juan comeu vorazmente, sorrindo consigo mesmo de tempos em tempos. Eu estava tão apreensivo que simplesmente a idéia de comida fazia-me sentir nauseado. Mas então atingi um limite familiar de ansiedade, que quanto mais preocupado ficava mais fome sentia.

Experimentei a comida e achei-a incrivelmente boa.

Senti-me um pouco melhor depois de ter comido, mas a situação não havia mudado, nem minha ansiedade diminuíra.

Quando Don Juan terminou de comer, elevou o braço diretamente acima da cabeça. Num momento, o garçom chegou e entregou-me a nota.

Paguei, e ele ajudou Don Juan a se levantar. Guiou-o pelo braço para fora do restaurante. O garçom ajudou-o a sair para a rua e despediu-se dele efusivamente.

Voltamos ao carro do mesmo modo laborioso, Don Juan pesadamente pendurado em meu braço, ofegando e parando para recuperar o fôlego a cada poucos passos. O garçom parara na entrada, como para se assegurar de que eu não iria deixar Don Juan cair. Ele levou dois ou três minutos inteiros para entrar no carro.

— Diga-me o que posso fazer por você, Don Juan? — implorei.

— Vire o carro para o outro lado — ordenou numa voz incerta, quase inaudível. — Quero ir para o outro lado da cidade, até a loja. Eles me conhecem ali, também. São meus amigos.

Avisei-lhe que não tinha idéia sobre que loja estava falando. Ele murmurou de modo incoerente e ficou enfurecido. Bateu com os pés no chão do carro. Esticou o beiço e começou a babar sobre a camisa.

Depois pareceu ter um instante de lucidez. Fiquei muito nervoso, observando-o lutar para ordenar os pensamentos. Por fim conseguiu dizer-me como chegar à loja.

Meu desconforto atingira o auge. Estava temeroso de que o ataque que Don Juan havia sofrido fosse mais sério do que eu imaginara. Queria me livrar dele, levá-lo a sua família ou seus amigos, mas não sabia onde estava. Não sabia mais o que fazer. Dei a volta em U e dirigi para a loja que ele dissera estar no outro lado da cidade.

Pensei em voltar ao restaurante e perguntar ao garçom se ele conhecia a família de Don Juan. Tive esperança de que alguém na loja pudesse conhecê-lo. Quanto mais pensava sobre minha situação, maior era a pena que sentia de mim mesmo. Don Juan estava acabado. Tive uma terrível sensação de perda e maldição. Ia sentir sua falta, mas minha sensação de perda era suplantada por meu sentimento de desagrado por estar atrelado a ele em seu pior momento.

Dirigi por quase uma hora procurando pela loja. Não consegui encontrá-la. Don Juan admitiu que poderia ter cometido um engano, que a loja poderia ser em uma cidade diferente. A essa altura sentia-me completamente exausto e não tinha idéia do que fazer em seguida.

Em meu estado normal de consciência, sempre tivera a estranha sensação de que sabia mais a seu respeito do que minha razão me dizia. Agora, sob a pressão de sua deterioração mental, estava certo, sem saber por que, que seus amigos estavam esperando por ele em alguma parte do México, embora não soubesse onde.

Minha exaustão era mais que física, era uma combinação de preocupação e culpa. Preocupava-me por me achar preso a um velho fraco que poderia, por tudo o que eu sabia, estar mortalmente doente. E me senti culpado por ser tão desleal para com ele.

Estacionei o carro perto da praia. Foram necessários cerca de dez minutos para que Don Juan saísse do carro. Caminhamos na direção do oceano, mas, quando chegamos mais perto, Don Juan empacou como uma mula e recusou-se a ir em frente. Murmurou que a água da baía Guaymas o assustava.

Voltou-se e caminhou à minha frente para a praça principal: uma praça empoeirada que não tinha sequer bancos. Don Juan sentou-se sobre o meio-fio. Um caminhão de limpeza de rua passou, girando suas escovas de aço, mas não havia água esguichando. A nuvem de poeira fez-me tossir.

Sentia-me tão perturbado pela minha situação que o pensamento de deixá-lo sentado ali passou por minha mente. Fiquei embaraçado por ter tido tal pensamento e bati nas costas de Don Juan.

— Precisa fazer um esforço e dizer-me para onde posso levá-lo — disse suavemente. — Para onde quer que eu vá.

— Quero que vá para o inferno! — replicou ele numa voz quebrada e áspera.

Ouvindo-o falar comigo desse modo, suspeitei que Don Juan poderia não ter sofrido um ataque, mas de alguma doença mental que o fizera perder o juízo e tornar-se violento.

Subitamente ele se levantou e afastou-se de mim. Percebi como parecia frágil. Havia envelhecido em questão de horas. Seu vigor natural desaparecera, e o que via diante de mim era um homem terrivelmente velho e fraco.

Precipitei-me para dar-lhe a mão. Uma onda de imensa piedade envolveu-me. Vi-me em sua situação, velho e fraco, incapaz de andar.

Era intolerável. Eu estava a ponto de chorar, não por Don Juan mas por mim mesmo. Segurei-lhe o braço e fiz-lhe uma promessa silenciosa de que olharia por ele, independente do que ocorresse.

Estava perdido numa divagação de autopiedade, quando senti a força atordoante de um tapa em meu rosto. Antes que me recobrasse da surpresa, Don Juan deu outro tapa atrás de meu pescoço. Estava parado diante de mim, tremendo de raiva. Sua boca estava semi-aberta e sacudia-se incontrolavelmente.

— Quem é você? — berrou ele numa voz aguda. Voltou-se para um grupo de espectadores que se havia reunido imediatamente.

— Não sei quem é esse homem — falou para eles —, ajudem-me.

Sou um velho índio solitário. Ele é um estrangeiro e quer me matar.

Eles fazem isso a velhos indefesos, matam-nos por prazer.

Houve um murmúrio de desaprovação. Vários homens jovens e rudes encararam-me de modo ameaçador.

— O que está fazendo, Don Juan? — perguntei-lhe em voz alta.

Desejava reassegurar a multidão de que estava com ele.

— Não conheço você — berrou Don Juan. — Deixe-me sozinho. — Virou-se para a multidão e pediu-lhes que o ajudasse. Queria que me detivessem até que a polícia chegasse. — Segurem-no — insistia. — E alguém, por favor, chame a polícia. Eles saberão o que fazer com esse homem.

Tive a imagem de uma cadeia mexicana. Ninguém iria saber onde eu estava. A idéia de que meses iriam se passar antes que alguém notasse meu desaparecimento fez-me reagir com extrema velocidade.

Chutei o primeiro rapaz que se aproximou de mim, e então parti numa corrida apavorada. Sabia que estava correndo pela minha vida. Vários jovens correram atrás de mim. Enquanto corria na direção da rua principal, percebi que numa cidade pequena como Guaymas havia policiais por toda a parte patrulhando a pé. Não havia nenhum à vista, e antes que me chocasse contra algum, entrei na primeira loja de meu caminho. Fingi estar olhando lembranças.

Os rapazes que corriam atrás de mim passaram fazendo barulho.

Concebi um plano rápido: comprar tantas coisas quantas pudesse.

Contava ser tomado por um turista pelas pessoas na loja. Então pediria a alguém para ajudar-me a levar os pacotes até meu carro.

Precisei de muito tempo para selecionar o que desejava. Paguei a um rapaz da loja para ajudar-me a carregar meus pacotes, mas quando me aproximei do carro, vi Don Juan parado a seu lado, ainda rodeado de pessoas. Estava falando com um policial que fazia anotações.

Era inútil. Meu plano havia falhado. Não havia como chegar até meu carro. Instruí o rapaz para deixar meus pacotes na calçada. Disse- lhe que um amigo meu logo passaria de carro para levar-me ao meu hotel. Ele partiu e fiquei escondido atrás dos pacotes que estava segurando diante do rosto, fora da vista de Don Juan e das pessoas à

sua volta. Vi o policial examinando a placa da Califórnia de meu carro.

E isto convenceu-me completamente que eu estava perdido. A acusação do velho maluco era grave demais. E o fato de que eu havia fugido teria apenas reforçado minha culpa aos olhos de qualquer policial. Além disso, não seria demais esperar que o policial ignorasse a verdade, apenas para prender um estrangeiro.

Fiquei parado junto a uma porta talvez por uma hora. O policial partiu, mas a multidão permaneceu à volta de Don Juan, que gritava e movia os braços agitadamente. Encontrava-me longe demais para ouvir o que ele dizia mas podia imaginar a tendência de seus gritos rápidos e nervosos.

Eu precisava bolar outro plano o mais rápido possível. Pensei em registrar-me num hotel e esperar ali por uns dois dias antes de aventurar-me para apanhar o carro. Pensei em voltar à loja e pedir-lhes que chamassem um táxi. Nunca precisara alugar um táxi em Guaymas e não tinha idéia se havia algum. Mas meu plano logo morreu com a percepção de que se a polícia fosse razoavelmente competente, e tivesse levado Don Juan a sério, iria verificar os hotéis. Talvez o policial tivesse deixado Don Juan exatamente para fazer isso.

Outra alternativa que passou por minha mente foi ir até a rodoviária e apanhar um ônibus para qualquer cidade ao longo da fronteira internacional, ou deixando Guaymas em qualquer direção.

Abandonei a idéia de imediato, pois sabia que Don Juan dera meu nome ao policial e que a policia já havia provavelmente alertado as empresas de ônibus. Minha

mente mergulhou em pânico cego. Respirei devagar para acalmar os nervos.

Percebi então que a multidão à volta de Don Juan estava começando a dispersar-se. O policial voltou com um colega e ambos afastaram-se, caminhando lentamente em direção ao fim da rua. Foi nesse ponto que senti um súbito impulso incontrolável. Foi como se meu corpo estivesse desconectado do cérebro. Caminhei para o carro, levando todos os pacotes. Sem mostrar mesmo o menor traço de medo ou preocupação, abri o porta-malas, coloquei os pacotes, depois abri a porta do motorista.

Don Juan estava na calçada, ao lado de meu carro, olhando-me ausentemente. Olhei para ele com uma frieza pouco comum. Nunca em minha vida tivera tal sensação. Não era ódio que sentia, nem mesmo raiva. Não estava sequer aborrecido com ele. O que senti não era resignação nem paciência. E decerto não era gentileza. Antes era uma indiferença fria, uma assustadora falta de piedade. Naquele instante, eu pouco me importava com o que iria acontecer com Don Juan ou comigo mesmo.

Don Juan sacudiu a parte superior do corpo da maneira como um cão se sacode para secar-se depois de um mergulho.

E então, como se tudo tivesse sido apenas um sonho ruim, ele era outra vez o homem que eu conhecia. Logo virou o casaco pelo avesso.

Era um casaco reversível, bege de um lado e preto do outro. Agora estava usando o casaco preto. Atirou o chapéu de palha para dentro do carro e penteou com cuidado o cabelo. Puxou o colarinho da camisa por sobre o colarinho do casaco, fazendo instantaneamente sua aparência ficar

mais jovem. Sem dizer uma palavra, ajudou-me a colocar o restante dos pacotes no carro.

Quando os dois policiais correram de volta em nossa direção, soprando seus apitos, atraídos pelo barulho das portas do carro sendo abertas e fechadas, Don Juan apressou-se a ir ao encontro deles.

Ouviu-os com atenção e assegurou que eles não tinham nada com que se preocupar. Explicou que eles deviam ter encontrado seu pai, um velho índio fraco com algum problema mental. Enquanto falava com eles, abriu e fechou as portas do carro como se verificando as fechaduras. Mudou os pacotes do porta-malas para o banco traseiro.

Sua agilidade e força juvenil eram o oposto dos movimentos do velho de poucos minutos atrás. Eu sabia que Don Juan estava representando para o policial que o vira antes. Se eu fosse aqueles policiais, não haveria dúvidas de que agora via o filho do velho índio com problemas mentais.

Don Juan deu-lhes o nome do restaurante onde conheciam seu pai e então subornou-os com uma propina desavergonhada.

Não me preocupei em dizer qualquer coisa aos policiais. Havia alguma coisa que me fazia sentir duro, frio, eficiente e silencioso. Entramos no carro sem uma palavra. Os policiais não tentaram perguntar-me qualquer coisa. Pareciam cansados demais mesmo para isso. Afastamo-nos.

— Que espécie de representação executou ali, Don Juan? — perguntei, e a frieza de meu tom surpreendeu-me.

— Foi a primeira lição em implacabilidade — respondeu.

Comentou que em nosso caminho para Guaymas prevenira-me sobre a iminente lição de implacabilidade. Confessei que não prestara atenção porque pensara que

estivéssemos apenas fazendo conversação para quebrar a monotonia da viagem.

— Eu nunca converso por conversar — retrucou ele asperamente.

— Você já deveria saber disso. O que fiz esta tarde foi criar a situação própria para que você movesse seu ponto de aglutinação ao ponto preciso onde a piedade desaparece. Esse ponto é conhecido como o lugar da não-piedade.

“O problema que os feiticeiros têm a resolver é que o lugar da não-piedade deve ser alcançado com o mínimo de ajuda possível. O nagual prepara o cenário, mas é o aprendiz que faz seu ponto de aglutinação se mover.

“Hoje você simplesmente fez isso. Ajudei-o talvez com um tanto de exagero dramático, movendo meu próprio ponto de aglutinação para uma posição específica que me transformou num velho frágil e imprevisível. Eu não estava apenas representando um velho frágil. Eu estava velho.

O brilho malicioso em seus olhos revelou-me que ele estava desfrutando o momento.

— Não era absolutamente necessário que eu o fizesse — continuou. — Poderia tê-lo levado a mover seu ponto de aglutinação sem a tática enérgica, mas não consegui me conter. Uma vez que esse evento jamais será repetido, eu queria saber se conseguia ou não agir, em certa medida, como meu próprio benfeitor. Acredite-me, surpreendi a mim mesmo tanto quanto devo ter surpreendido você.

Sentia-me incrivelmente à vontade. Não tinha problemas em aceitar o que ele me dizia, e nenhuma pergunta, porque compreendia tudo sem que fosse preciso Don Juan explicar nada.

Então ele comentou algo que eu já sabia, mas não conseguia verbalizar, porque não teria sido capaz de encontrar as palavras apropriadas para descrevê-lo. Disse que tudo o que os feiticeiros faziam era feito como conseqüência de um movimento de seus pontos de aglutinação, e que tais movimentos eram governados pela quantidade de energia que os feiticeiros tinham a seu comando.

Mencionei a Don Juan que eu sabia daquilo e muito mais. E ele comentou que dentro de todo ser humano havia um lado escuro e gigantesco de conhecimento silencioso que cada um de nós podia intuir.

Avisou-me que eu podia intuí-lo talvez com um pouco mais de clareza que o homem comum por causa de meu envolvimento no caminho do guerreiro. Disse então que os feiticeiras eram os únicos seres na terra que avançavam deliberadamente além do nível intuitivo treinando a si mesmos a fazer duas coisas transcendentais: primeiro conceber a existência do ponto de aglutinação e, segundo, fazer aquele ponto de aglutinação mover-se.

Enfatizou repetidamente que o conhecimento mais sofisticado dos feiticeiros era, primeiro, o de nosso potencial como seres perceptivos e, segundo, o conhecimento de que o conteúdo da percepção dependia da posição do ponto de aglutinação. Nesse ponto, comecei a experimentar uma dificuldade única em concentrar-me no que estava ouvindo, não porque estivesse distraído ou fatigado, mas porque minha mente, por sua própria conta, havia iniciado o jogo de antecipar suas palavras. Era como se uma parte minha desconhecida estivesse dentro de mim, tentando, sem sucesso, encontrar palavras adequadas para dar voz a um pensamento. À medida que Don Juan falava, eu sentia que podia antecipar como ele iria expressar os meus próprios pensamentos silenciosos. Fiquei

impressionado ao saber que sua escolha de palavras era sempre melhor do que poderia ter sido a minha. Mas antecipar suas palavras também diminuiu minha concentração.

De repente virei para o acostamento da estrada. E exatamente ali tive, pela primeira vez em minha vida, o claro conhecimento de um dualismo em mim. Duas partes obviamente separadas estavam dentro de meu ser. Uma era muito velha, à vontade, indiferente. Era pesada, escura, e conectada a tudo mais. Era a parte de mim que não se importava, porque era igual a qualquer coisa. Desfrutava das coisas sem expectativa. A outra parte apresentava-se leve, nova, penugenta, agitada. Era nervosa, rápida. Preocupava-se consigo mesmo porque era insegura e não desfrutava de nada, simplesmente porque lhe faltava a capacidade de conectar-se a qualquer coisa. Estava só, na superfície, vulnerável. Aquela era a parte com a qual eu olhava para o mundo.

Olhei de modo deliberado à minha volta com aquela parte. Para onde olhasse via extensas fazendas. E aquela parte insegura, penugenta e preocupada em mim ficou presa entre o orgulho da engenhosidade do homem e a tristeza pela destruição do magnífico velho deserto de Sonora transformado numa cena ordeira de sulcos e plantas domesticadas. A parte velha, escura, pesada de mim não se importava.

E as duas partes entraram num debate. A parte penugenta desejava que a parte pesada se preocupasse, e a parte pesada desejava que a outra parte parasse de se apressar e desfrutasse.

— Por que parou? — perguntou Don Juan.

Sua voz produziu uma reação, mas seria inadequado dizer que fui eu quem reagiu. O som de sua voz parecia solidificar a parte penugenta, e subitamente eu era reconhecivelmente eu mesmo.

Descrevi a Don Juan a percepção que acabara de ter sobre meu dualismo. Quando começou a explicá-lo em termos da posição do ponto de aglutinação, perdi minha solidez. A parte penugenta tornou-se tão penugenta quanto havia sido quando primeiro notei meu dualismo, e outra vez soube o que Don Juan estava dizendo.

Ele explicou que, ao mover-se, o ponto de aglutinação atinge o lugar da não-piedade, a posição de racionalidade e senso comum torna- se fraca. A sensação que eu estava tendo de um lado mais velho, escuro e silencioso era uma visão dos antecedentes da razão.

— Entendo muito bem o que está dizendo — argumentei. — Sei de muita coisa, mas não consigo me expressar. Não sei como começar.

— Já mencionei isso antes — disse de. — O que você está experimentando se chama dualismo. É uma visão a partir de outra posição de seu ponto de aglutinação. A partir dessa posição, você pode sentir a parte mais velha do homem. E o que a parte mais velha do homem conhece é chamado conhecimento silencioso. É um conhecimento ao qual você ainda não consegue dar voz.

— Por que não?

— Porque, para localizá-lo, é necessário que você tenha e use uma quantidade incomum de energia. Você não tem nesse momento esse tipo de energia para dispor. “O conhecimento silencioso é algo que todos nós temos. Algo que tem mestria e conhecimento completos de tudo. Mas

não consegue pensar, portanto, não consegue falar do que sabe.

“Os feiticeiros acreditam que, quando o homem tornou-se consciente de que sabia, e quis ficar consciente do que sabia, perdeu a visão deste saber. Esse conhecimento silencioso, que você não consegue descrever, é, naturalmente, o intento — o espírito, o abstrato. O erro do homem foi querer conhecê-lo diretamente, da maneira como conhecia a vida cotidiana. Quanto mais o desejava, tanto mais efêmero este se tornava.

— Mas o que significa isso em palavras simples, Don Juan?

— Significa que o homem renunciou ao conhecimento silencioso pelo mundo da razão. Quanto mais se agarra ao mundo da razão, tanto mais efêmero se torna o intento.

Dei partida ao carro e viajamos em silêncio. Don Juan não tentou ensinar-me as direções ou como dirigir — uma coisa que fazia com freqüência para exacerbar minha auto-estima. Eu não tinha idéia clara de para onde estava indo, contudo algo em mim sabia. Deixei que essa parte assumisse.

Muito tarde da noite chegamos à grande casa que o grupo de feiticeiros de Don Juan possuía numa área rural do estado de Sinaloa, a noroeste do México. A viagem pareceu não ter levado tempo algum.

Não conseguia lembrar-me do que ocorrera enquanto o carro estava em movimento. Sabia apenas que não havíamos conversado.

A casa parecia estar vazia. Não havia nenhum sinal de pessoas ali. Eu sabia, entretanto, que os amigos de Don

Juan se encontravam na casa. Podia sentir sua presença sem realmente precisar vê-los.

Don Juan acendeu algumas lanternas de querosene e sentamos a uma sólida mesa. Pareceu que Don Juan estava se aprontando para comer. Eu me perguntava o que dizer ou fazer quando uma mulher entrou em silêncio e colocou uma grande travessa de comida sobre a mesa. Eu não estava preparado para sua entrada, e quando ela saiu da obscuridade para a luz, como se tivesse se materializado do nada, ofeguei involuntariamente.

— Não fique assustado; sou eu, Carmela — apresentou-se e desapareceu, engolida outra vez pela escuridão.

Fiquei com a boca aberta prestes a gritar. Don Juan riu tanto que todos na casa devem tê-lo ouvido. Esperava que se apresentassem, mas ninguém apareceu.

Tentei comer, mas não sentia fome. Comecei a pensar a respeito da mulher. Não a conhecia. Isto é, podia quase identificá-la, mas não conseguia realmente lembrar dela na neblina que obscurecia meus pensamentos. Lutei para clarear a mente. Senti que isto requeria muita energia e desisti.

Ao parar de pensar a seu respeito, comecei a experimentar uma ansiedade estranha, atordoante. A princípio acreditei que a casa escura, maciça, e o silêncio que a envolvia eram deprimentes. Mas então minha angústia cresceu a proporções incríveis, exatamente depois de ter ouvido o tênue latir de cães ao longe. Por um momento pensei que meu corpo ia explodir. Don Juan interveio rapidamente. Saltou para onde eu me encontrava sentado e empurrou minhas costas até que elas estalaram. A pressão em minhas costas trouxe-me alívio imediato.

Quando eu havia me acalmado, percebi que perdera, juntamente com a ansiedade que quase me havia consumido, a sensação clara de saber tudo. Não podia mais antecipar como Don Juan iria articular o que eu próprio sabia.

Don Juan começou então uma explicação muito peculiar.

Primeiro disse que a origem da ansiedade que me havia assaltado com tamanha velocidade era o movimento súbito de meu ponto de aglutinação, provocado pela inesperada aparição de Carmela e pelo meu inevitável esforço de mover meu ponto de aglutinação a um lugar onde eu seria capaz de identificá-la por completo. Aconselhou-me a acostumar-me com a idéia de ataques recorrentes do mesmo tipo de ansiedade, porque meu ponto de aglutinação ia continuar movendo-se.

— Qualquer movimento do ponto de aglutinação é como morrer — explicou. — Tudo em nós fica desconectado, depois reconectado outra vez a uma fonte de poder muito maior. Essa amplificação de energia é sentida como uma ansiedade mortífera.

— O que devo fazer quando isso acontece?

— Nada. Apenas espere. A explosão de energia irá passar. O perigo é você não saber o que lhe está acontecendo. Como você sabe, não há perigo real.

Então falou sobre o homem antigo. Disse que aquele homem antigo sabia, da maneira mais direta, o que fazer e como fazê-lo melhor.

Mas, porque procedia tão bem, começou a desenvolver o senso do eu, que lhe deu a sensação de que podia predizer e planejar as ações que estava acostumado a realizar. E assim a idéia de um eu “individual” apareceu. Um eu

individual que começou a ditar a natureza e o escopo das ações do homem.

À medida que a sensação de eu individual se tornava mais forte, o homem perdeu sua conexão natural ao conhecimento silencioso. O homem moderno, sendo herdeiro desse desenvolvimento, encontra-se portanto tão desesperançadamente removido da fonte de tudo que só lhe resta expressar seu desespero em atos violentos e cínicos de autodestruição. Don Juan assegurou que a razão do cinismo e desespero do homem é a quantidade de conhecimento silencioso deixado nele, o qual faz duas coisas: primeiro, dá ao homem um vislumbre de sua antiga conexão à fonte de tudo; e segundo, faz o homem sentir que sem essa conexão não tem esperança de paz, de satisfação, de realização.

Pensei que havia apanhado Don Juan numa contradição. Apontei para ele que me dissera uma vez que a guerra era um estado natural para um guerreiro, que a paz era uma anomalia.

— Está certo — admitiu. — Mas a guerra, para um guerreiro, não significa atos de estupidez individual ou coletiva ou de violência sangrenta. A guerra, para um guerreiro, é a luta total contra aquele eu individual que privou o homem de seu poder.

Don Juan alegou então que era tempo de falarmos mais sobre a implacabilidade — a premissa mais básica da feitiçaria. Explicou que os feiticeiros haviam descoberto que qualquer movimento do ponto de aglutinação significava um movimento afastando-se da excessiva preocupação com aquele eu individual que era a marca do homem moderno. Continuou dizendo que os feiticeiros acreditavam que era a posição do ponto de aglutinação que fazia do homem

moderno um homicida egoísta, um ser totalmente envolvido com sua auto-imagem.

Tendo perdido a esperança de jamais retornar à fonte de tudo, o homem buscava consolo na sensação de si mesmo. E, ao fazê-lo, terminou por fixar seu ponto de aglutinação na posição exata necessária para perpetuar sua auto-imagem. Portanto, era seguro dizer que qualquer movimento do ponto de aglutinação para fora de sua posição costumeira resultava num movimento afastando-se da auto-reflexão do homem e de sua concomitante auto-estima.

Don Juan descreveu a auto-estima como a força gerada pela auto-imagem do homem. Reiterou que essa força é que mantém o ponto de aglutinação fixo onde está no presente. Por essa razão, o ataque do caminho dos guerreiros é voltado a destronar a auto-estima. E tudo que os feiticeiros fazem é na direção de realizar esse objetivo.

Explicou que os feiticeiros haviam desmascarado a auto-estima e descoberto que esta é a autopiedade disfarçada de alguma outra coisa.

— Isto não parece possível, mas é o que é — disse ele. — A autopiedade é o inimigo real e a fonte da miséria do homem. Sem um grau de piedade por si mesmo, o homem não poderia suportar ser tão importante como pensa ser. Entretanto, como a força da auto-estima está empenhada, desenvolve seu próprio impulso. E é esta natureza aparentemente independente da auto-estima que lhe dá seu falso senso de valor.

Sua explicação, que eu teria achado incompreensível sob condições normais, pareceu-me muito coerente. Mas por causa da dualidade que ainda permanecia em mim, pareceu bem simplista. Don Juan parecia ter voltado seus

pensamentos e palavras a um alvo específico. E eu, no meu estado normal de consciência, era esse alvo.

Ele continuou sua explicação, dizendo que os feiticeiros estão absolutamente convencidos de que, ao mover nossos pontos de aglutinação para fora de sua posição costumeira, adquirimos um estado de ser que poderia apenas ser chamado implacabilidade. Os feiticeiros sabiam, por meio de suas ações práticas, que assim que seus pontos de aglutinação se movem, sua auto-estima desmorona. Sem a posição costumeira de seus pontos de aglutinação, sua auto-imagem não pode mais ser sustentada. E sem o pesado foco sobre essa auto-imagem, perdem sua autocompaixão e, com ela, sua auto-estima. Os feiticeiros estão certos, portanto, em afirmar que essa auto-estima é apenas autopiedade disfarçada.

Então tomou a minha experiência da tarde e repassou-a gradativamente. Afirmou que um nagual em seu papel como líder ou professor deve atuar do modo mais eficiente, mas ao mesmo tempo mais impecável. Uma vez que não lhe é possível planejar de modo racional o curso de seus atos, o nagual sempre deixa que o espírito decida seu curso. Por exemplo, alegara que não tivera planos de proceder daquela maneira até que o espírito lhe dera uma indicação, muito cedo naquela manhã, enquanto estava tomando o desjejum em Nogales. Estimulou-me a recordar o evento e contar-lhe o que eu conseguia lembrar.

Recordei que durante o desjejum fiquei muito embaraçado porque Don Juan se divertira à minha custa.

— Pense sobre a garçonete — sugeriu-me Don Juan.

— Tudo que posso me lembrar a seu respeito é que era rude.

— Mas o que ela fez? — insistiu. — O que ela fez enquanto esperava por nosso pedido?

Depois de um momento de pausa lembrei-me de que era uma jovem de aparência dura que atirou o cardápio para mim e ficou parada ali, quase me tocando, exigindo em silêncio que eu apressasse meu pedido.

Enquanto ela esperava, batendo com impaciência o seu grande pé no chão, prendeu o longo cabelo no alto da cabeça. A mudança foi notável. Ela pareceu mais atraente, mais madura. Fui francamente seduzido pela sua mudança. Na verdade, desculpei seus maus modos por causa disso.

— Aquele foi um presságio — disse Don Juan. — Dureza e transformação foram a indicação do espírito.

Contou que seu primeiro ato do dia, como nagual, foi fazer-me saber de suas intenções. Com essa finalidade, falou em linguagem muito simples, mas de modo sub-reptício, que iria dar-me uma lição de implacabilidade.

— Lembra-se agora? — perguntou. — Falei com a garçonete e com uma velha senhora na mesa ao lado.

Guiado por ele desse modo, lembrei-me de Don Juan praticamente namorando com uma velha senhora e a garçonete de maus modos. Conversou com elas por um longo tempo enquanto eu comia. Contou-lhes histórias tolas e engraçadas sobre propinas e corrupção no governo e piadas sobre fazendeiros na cidade. Então perguntou à garçonete se ela era americana.

Ela respondeu que não e riu diante da pergunta. Don Juan alegou que aquilo era bom porque eu era um mexicano-americano em busca do amor. E que eu poderia muito bem começar aqui, depois de comer um desjejum tão bom.

As mulheres riram. Pensei que riam por eu estar embaraçado.

Don Juan disse-lhes que, seriamente falando, eu havia vindo do México para encontrar uma esposa. Perguntou se sabiam de alguma mulher honesta, modesta e casta que desejasse se casar e não fosse muito exigente em matéria de beleza masculina. Referiu-se a si mesmo como o meu porta-voz.

As mulheres estavam rindo muito. Eu me sentia de fato humilhado. Don Juan voltou-se para a garçonete e perguntou-lhe se ela se casaria comigo. Ela alegou que era noiva. Pareceu-me que ela estava levando Don Juan a sério.

— Por que não deixa que ele fale por si mesmo? — perguntou a velha senhora a Don Juan.

— Porque ele tem um impedimento de fala — disse ele.

— Ele gagueja horrivelmente.

A garçonete retrucou que eu estivera perfeitamente normal quando pedi a comida.

— Oh! Você é tão observadora — exclamou Don Juan.

— Ele só consegue falar como qualquer outra pessoa quando pede a comida. Disse-lhe muitas e muitas vezes que, se ele deseja falar normalmente, precisa ser implacável. Trouxe-o para cá para dar-lhe algumas lições de implacabilidade.

— Pobre homem — retrucou a velha.

— Bem, é melhor irmos andando se desejamos encontrar o amor para ele hoje — disse Don Juan enquanto se levantava para partir.

— Você é sério sobre esse negocio de casamento — comentou a jovem garçonete com Don Juan.

— Pode apostar — replicou ele. — Vou ajudá-lo a obter o que precisa, para que possa cruzar a fronteira e ir ao lugar da não-piedade.

Pensei que Don Juan estava chamando ou o casamento ou os Estados Unidos de lugar da não-piedade. Ri diante da metáfora e gaguejei horrivelmente por um momento, o que assustou as mulheres e fez Don Juan rir histericamente.

— Era imperativo que eu lhe afirmasse meu propósito — disse Don Juan, continuando sua explicação. — Eu o fiz, mas este lhe escapou por completo, como deveria.

Don Juan contou que desde o momento em que o espírito se manifestara, cada passo fora levado a sua conclusão satisfatória com absoluta facilidade. E meu ponto de aglutinação atingiu o lugar da não- piedade, quando, sob a pressão de sua transformação, foi forçado a abandonar seu costumeiro lugar de auto-reflexão.

— A posição da auto-reflexão — continuou Don Juan — força o ponto de aglutinação a agrupar um mundo de falsa compaixão, mas de crueldade muito real e autocentrismo. Naquele mundo os únicos sentimentos reais são aqueles que convém para quem os sente.

“Para um feiticeiro, a implacabilidade não é crueldade, e sim o oposto da autopiedade ou auto-estima. Implacabilidade é sobriedade.

Parte V - Os Requisitos do Intento

QUEBRANDO O ESPELHO DA AUTO-REFLEXÃO

Passamos uma noite no lugar onde eu recordara minha experiência em Guaymas. Durante aquela noite, como meu ponto de aglutinação estava flexível, Don Juan ajudou-me a alcançar novas posições, que de imediato se tornavam memórias embaçadas.

No dia seguinte eu era incapaz de lembrar o que havia acontecido ou o que eu havia percebido; tinha, não obstante, a aguda sensação de haver tido experiências bizarras. Don Juan concordou que meu ponto de aglutinação se movera além de suas expectativas, embora se recusasse a dar-me sequer um vislumbre do que eu havia feito. Seu único comentário foi que algum dia eu iria recordar tudo.

Por volta do meio-dia, continuamos a subir as montanhas.

Caminhamos em silêncio e sem parar até o final da tarde. Enquanto subíamos lentamente uma cadeia de montanhas pouco íngreme, Don Juan falou de repente. Não compreendi nada do que estava dizendo.

Repetiu-o até que percebi que desejava parar numa larga saliência visível de onde estávamos. Alegou que ali estaríamos protegidos do vento pelas pedras e grandes arbustos cerrados.

— Diga-me, que ponto na saliência seria o melhor para sentarmos por toda a noite? — perguntou-me.

Mais cedo, enquanto subíamos eu havia localizado a saliência quase imperceptível. Aparecia como uma faixa de obscuridade sobre a face da montanha. Eu a identificara com um olhar muito rápido. Agora que Don Juan estava pedindo minha opinião, detectei um ponto de escuridão ainda maior, no lado sul da saliência, um ponto quase negro.

A saliência escura e o ponto quase negro não geravam qualquer sensação de medo ou ansiedade. Senti que gostava daquela saliência. E gostava ainda mais de seu ponto escuro.

— Aquele ponto ali é muito escuro, mas gosto dele — comentei quando atingimos a saliência.

Don Juan concordou que aquele era o melhor lugar para sentar- se por toda a noite. Disse que era um lugar com um nível especial de energia, e que ele, também, gostava de sua obscuridade agradável.

Dirigimo-nos na direção de algumas rochas salientes. Don Juan limpou uma área ao lado das pedras e sentamos com as costas de encontro a elas.

Disse-lhe que por um lado eu considerara um palpite feliz de minha parte escolher aquele exato local, mas de outro não podia negligenciar o fato de que o havia percebido com meus olhos.

— Eu não diria que você o percebeu exclusivamente com os seus olhos.

Foi bem mais complexo do que isso.

— O que quer dizer com isso, Don Juan?

— Que você tem possibilidades das quais ainda não está consciente. Uma vez que você é realmente descuidado, pode pensar que tudo o que percebe é apenas percepção sensória comum.

Don Juan desafiava-me a descer a base da montanha outra vez, se eu desconfiasse dele, e corroborar o que estava dizendo. Alegou ser impossível ver a saliência escura apenas olhando para ela.

Afirmei com veemência que não tinha razão para duvidar dele. Eu não ia descer aquela montanha.

Ele insistiu para que descêssemos. Pensei que o estava fazendo apenas para provocar-me. Fiquei nervoso, entretanto, quando me ocorreu que Don Juan podia estar falando sério. Ele riu tanto que engasgou.

Comentou sobre o fato de que todos os animais podiam detectar, em seus arredores, áreas com níveis especiais de energia. A maior parte dos animais se assusta com esses lugares e evitava-os, com exceção dos leões da montanha e coiotes, que se deitavam e até mesmo dormiam em tais lugares sempre que ali se encontravam. Mas apenas os feiticeiros procuravam deliberadamente tais lugares por seus efeitos.

Perguntei-lhe quais eram os efeitos. Respondeu-me que eles emitiam imperceptíveis cargas de energia revigorante, e comentou que os homens comuns vivendo em lugares naturais podiam encontrar tais lugares, mesmo se não estivessem conscientes de tê-los encontrado nem conscientes de seus efeitos.

— Como sabem que os encontraram? — perguntei.

— Nunca sabem — replicou. — Feiticeiros observando homens viajando em trilhas de pedestre logo percebem que os homens sempre ficam cansados e descansam exatamente no ponto com um nível positivo de energia. Se, por outro lado, estão passando por uma área com um fluxo injurioso de energia, ficam nervosos e correm. Se você lhes perguntar a respeito, responderão que correram através daquela área porque se sentiam bem-dispostos. Mas é o oposto. O único lugar que os energiza é o lugar onde se sentem cansados.

Explicou que os feiticeiros são capazes de encontrar tais lugares percebendo com seus corpos inteiros pequenos impulsos de energia em seus arredores. A energia aumentada dos feiticeiros, derivada da amputação de sua auto-reflexão, permite a seus sentidos uma faixa maior de percepção.

— Estive tentando deixar claro para você o único curso válido de ação, seja para feiticeiros ou homens comuns, é para restringir nosso envolvimento com nossa auto-imagem — continuou. — O que um nagual objetiva com seus aprendizes é o estilhaçamento de seu espelho da auto-reflexão.

Acrescentou que cada aprendiz era um caso individual, e que o nagual devia deixar o espírito decidir sobre cada caso.

— Cada um de nós tem um grau diferente de ligação a sua auto- reflexão — continuou. — E essa ligação é sentida como necessidade. Por exemplo, antes de eu ter começado na trilha do conhecimento, minha vida era necessidade sem fim. Anos depois que o nagual Julian me tomou sob sua asa, eu continuava exatamente tão necessitado, senão mais.

“Mas há exemplo de pessoas, feiticeiros ou homens comuns, que não necessitam de ninguém. Obtêm paz, harmonia, alegria e conhecimento diretamente do espírito. Não necessitam de intermediários. Para você e para mim, é diferente. Sou seu intermediário, e o nagual Julian foi o meu. Intermediários, além de proporcionarem uma chance mínima — a consciência do intento —, ajudam a quebrar os espelhos de auto-reflexão das pessoas.

“A única ajuda concreta que você obteve de mim é o fato de que ataco sua auto-reflexão. Não fosse por isso, você estaria desperdiçando o seu tempo.

— Você me ensinou, Don Juan, mais do que qualquer outra pessoa em minha vida inteira — protestei.

— Ensinei-lhe todos os tipos de coisa para prender sua atenção.

Você irá jurar, entretanto, que esse ensinamento foi a parte importante.

Há muito pouco valor na instrução. Os feiticeiros afirmam que mover o ponto de aglutinação é tudo que importa. E esse movimento, como você bem sabe, depende de acúmulo de energia e não de instrução.

Então ele fez uma afirmação contraditória. Disse que qualquer ser humano que seguisse uma seqüência específica e simples de ações poderia aprender a mover seu ponto de aglutinação.

Retruquei que ele estava contradizendo a si mesmo. Para mim, uma seqüência de ações significa instruções; significa procedimentos.

— No mundo dos feiticeiros há apenas contradições de termos — replicou. — Na prática não há contradições. A seqüência de ações sobre a que estou falando é uma que se origina de estar consciente. Para tornar-se consciente dessas seqüências você necessita de um nagual. É por isso que falei que o nagual proporciona uma chance mínima, mas essa chance mínima não é instrução, como a que você necessita para aprender a operar uma máquina. A chance mínima consiste em se tornar consciente do espírito.

Don Juan explicou que a seqüência específica que tinha em mente exigia estar consciente de que a auto-estima é a força que mantém o ponto de aglutinação fíxo. Quando a auto-estima é podada, a energia que requer não é mais gasta. Essa energia aumentada serve então como o trampolim que lança o ponto de aglutinação, automaticamente e sem premeditação, para uma viagem inconcebível.

Uma vez que o ponto de aglutinação se moveu, o próprio movimento implica afastar-se da auto-reflexão, e isto, por sua vez, assegura um elo de conexão limpo com o espírito. Comentou que, afinal, era a auto-reflexão que havia desconectado o homem do espírito em primeiro lugar.

— Como já lhe expliquei — continuou Don Juan —, a feitiçaria é uma viagem de retorno. Voltamos vitoriosos ao espírito, tendo descido ao inferno. E do inferno trazemos troféus. O entendimento é um de nossos troféus.

Disse-lhe que sua seqüência parecia muito fácil e simples quando falava a respeito, mas quando eu havia tentado

colocá-la em prática, havia encontrado a antítese total da facilidade e simplicidade.

— Nossa dificuldade com essa progressão simples — disse ele — é que a maior parte de nós é relutante em aceitar que necessitamos de tão pouco para ir em frente. Estamos preparados para esperar instrução, ensino, guias, mestres. E quando nos dizem que não precisamos de ninguém, não acreditamos. Ficamos nervosos, depois desconfiados e por fim zangados e desapontados. Se necessitamos de ajuda, não é em métodos, mas em ênfase. Se alguém nos torna conscientes de que devemos restringir nossa auto-estima, essa ajuda é real.

“Segundo os feiticeiros, não deveríamos depender de ninguém para convencer-nos de que o mundo é infinitamente mais complexo que as nossas fantasias mais selvagens. Assim, por que somos independentes? Por que precisamos de alguém para guiar-nos quando podemos fazê-lo nós próprios? Interessante pergunta, hem?

Don Juan não comentou mais nada. Obviamente desejava que eu ponderasse a questão. Mas eu tinha outras preocupações em mente.

Minha recordação minara certas fundações que eu acreditava indestrutíveis e necessitava dele desesperadamente para redefini-las.

Quebrei um longo silêncio e dei voz a minha preocupação. Disse-lhe que havia chegado a aceitar ser possível para mim esquecer incidentes inteiros, do começo ao fim, se estes houvessem tido lugar na consciência intensificada. Até aquele dia eu tivera total recordação de tudo o que fizera sob sua guia em meu estado de consciência normal.

Entretanto, haver tido o desjejum com ele em Nogales não existira em minha mente antes que eu o recordasse. E aquele evento simplesmente deve ter ocorrido num lugar no mundo dos afazeres cotidianos.

— Você está esquecendo algo essencial — alertou ele. — A presença do nagual é suficiente para mover o ponto de aglutinação.

Brinquei com você por todo o tempo com a pancada do nagual. A pancada entre as omoplatas que eu desferia é apenas um pacificador.

Serve para remover suas dúvidas. Os feiticeiros usam o contato físico como um choque ao corpo. Não faz coisa alguma a não ser dar confiança ao aprendiz que está sendo manipulado.

— Então quem move o ponto de aglutinação, Don Juan?

— O espírito o faz — replicou ele em tom de alguém a ponto de perder a paciência.

Pareceu repreender-se, sorriu e balançou a cabeça de um lado para outro num gesto de resignação.

— É difícil para mim aceitar — aleguei. — Minha mente é governada pelo princípio de causa e efeito.

Ele teve um de seus usuais ataques de riso inexplicável — de meu ponto de vista, é claro. Devo ter parecido aborrecido. Ele colocou a mão em meu ombro.

— Fico rindo dessa maneira periodicamente porque você é demente — disse ele. — A resposta a tudo que você me pergunta está olhando-o diretamente nos olhos e você não a vê. Creio que a demência é sua maldição.

Seus olhos estavam tão brilhantes, tão profundamente loucos e maliciosos que acabei rindo também.

— Insisti ao ponto da exaustão de que não há procedimentos em feitiçaria — continuou. — Não há métodos, nem passos. A única coisa que importa é o movimento do ponto de aglutinação. E nenhum procedimento pode causar isso. É um efeito que acontece inteiramente por si mesmo.

Empurrou-me como se para endireitar meus ombros, e então encarou-me. Minha atenção ficou grudada às suas palavras.

— Vamos ver o que você deduz daqui — disse ele. — Acabo de explicar que o movimento do ponto de aglutinação acontece por si mesma Mas também falei que a presença do nagual move o ponto de aglutinação de seu aprendiz e que a maneira pela qual o nagual mascara sua implacabilidade ou ajuda ou atrapalha esse movimento.

Como você resolveria essa contradição?

Confessei que ia perguntar exatamente sobre essa contradição, mas não conseguia sequer começar a pensar em resolvê-la. Não era um praticante de feitiçaria.

— O que é você, então? — perguntou.

— Sou um estudante de antropologia, tentando deduzir o que os feiticeiros fazem.

Minha afirmação não era de todo verdadeira, mas não era uma mentira.

Don Juan riu sem parar.

— É tarde demais para isso. Seu ponto de aglutinação já se moveu. E é precisamente esse movimento que torna um

indivíduo um feiticeiro.

Afirmou que o que parecia uma contradição era na realidade os dois lados da mesma moeda. O nagual atrai o ponto de aglutinação ao movimento ajudando a destruir o espelho da auto-reflexão. Mas isso é tudo o que o nagual pode fazer. Quem move de fato é o espírito, o abstrato; algo que não pode ser visto ou sentido; algo que não parece existir, e no entanto existe. Por essa razão, os feiticeiros afirmam que o ponto de aglutinação move-se inteiramente por conta própria. Ou dizem que o nagual o move. O nagual, sendo o conduto do abstrato, tem permissão de expressá-lo através de suas ações.

Olhei para Don Juan interrogativamente.

— O nagual move o ponto de aglutinação, e no entanto não é ele próprio quem provoca realmente o movimento — explicou Don Juan. — Ou talvez seria mais apropriado dizer que o espírito se expressa de acordo com a impecabilidade do nagual. O espírito pode mover o ponto de aglutinação com a simples presença de um nagual impecável.

Alegou que esclarecera esse ponto porque, se fosse interpretado de maneira errada, levaria o nagual de volta à auto-estima e por conseguinte à sua destruição.

Ele mudou de assunto e disse que, porque o espírito não tinha essência perceptiva, os feiticeiros lidam de preferência com as instâncias e modos específicos pelos quais são capazes de estilhaçar o espelho da auto-reflexão.

Don Juan notou que essa área era importante para perceber o valor prático dos modos diferentes pelos quais os naguais mascaravam sua implacabilidade. Disse que a minha máscara de generosidade, por exemplo, era adequada para lidar com as pessoas num nível superficial, mas inútil para estraçalhar a auto-reflexão porque forçava-

me a pedir uma decisão quase impossível de sua parte. Eu esperava que saltassem para o mundo dos feiticeiros sem qualquer preparação.

— Uma decisão tal como este salto deve ser preparada — continuou. — E, para prepará-la, qualquer espécie de máscara para a implacabilidade de um nagual servirá, exceto a máscara de generosidade.

Talvez porque eu desejasse desesperadamente acreditar que era de fato generoso, seus comentários sobre meu comportamento renovaram meu terrível senso de culpa. Assegurou-me que eu não tinha motivos para estar envergonhado, e que o único efeito indesejável era que minha pseudogenerosidade não resultava em artimanhas positivas.

Com respeito a isso, falou, embora eu me parecesse a seu benfeitor de muitos modos, minha máscara de generosidade era crua demais, óbvia demais para ter valor para mim como professor. A máscara de razoabilidade, como a sua própria, entretanto, era muito efetiva em criar uma atmosfera propícia a mover o ponto de aglutinação.

Seus discípulos acreditavam totalmente em sua pseudo-razoabilidade.

Com efeito, eram tão inspirados por ela que podia facilmente lográ-los para esforçarem a si mesmos a qualquer grau.

— O que aconteceu com você aquele dia em Guaymas foi um exemplo de como a implacabilidade mascarada do nagual estilhaça a auto-reflexão. Minha máscara foi sua derrota. Você, como todos à minha volta, acreditava em minha razoabilidade. E, naturalmente, você esperava, acima de tudo, a continuidade dessa razoabilidade.

“Quando o defrontei não apenas com o comportamento senil de um velho frágil, mas com o próprio velho, sua mente chegou a extremos em seus esforços para reparar minha continuidade e a sua auto- reflexão. E assim você disse a si mesmo que eu deveria ter sofrido um ataque.

“Finalmente quando se tornou impossível acreditar na continuidade de minha razoabilidade, seu espelho começou a se quebrar. Daquele ponto em diante, o movimento de seu ponto de aglutinação era apenas uma questão de tempo. A única coisa em questão era se iria ou não alcançar o lugar da não-piedade. Devo ter parecido cético a Don Juan, pois ele explicou que o mundo de nossa auto-reflexão ou de nossa mente era muito inconsistente e era mantido coeso por algumas poucas idéias-chave que serviam como sua ordem subjacente. Quando essas idéias falhavam, a ordem subjacente parava de funcionar.

— Quais são essas idéias-chave, Don Juan?

— Em seu caso, naquela instância em particular, como no caso da audiência daquela curandeira sobre a qual falamos, a continuidade era a idéia-chave.

— O que é continuidade?

— A idéia de que somos um bloco sólido. Era nossas mentes, o que sustenta o nosso mundo é a certeza de que somos imutáveis.

Podemos aceitar que nosso comportamento pode ser modificado, que nossas reações e opiniões podem ser modificadas, mas a idéia de que somos maleáveis a ponto de mudar de aparência, a ponto de ser alguma outra pessoa, não é parte da ordem subjacente de nossa auto-reflexão.

Sempre que um feiticeiro interrompe essa ordem, o mundo da razão pára.

Desejei perguntar-lhe se quebrar a continuidade de um indivíduo era suficiente para causar o movimento do ponto de aglutinação. Ele pareceu antecipar minha pergunta. Disse que essa quebra era apenas um suavizador. O que ajudava o ponto de aglutinação mover-se era a implacabilidade do nagual.

Comparou então os atos que executara naquela tarde em Guaymas com os atos da curandeira que havíamos discutido previamente. Explicou que a curandeira havia estraçalhado a auto- reflexão das pessoas de sua audiência com uma série de atos para os quais eles não tinham equivalentes em suas vidas diárias — a dramática possessão do espírito, mudança de vozes, abertura do corpo do paciente. Assim que a continuidade da idéia deles próprios foi quebrada, seus pontos de aglutinação estavam prontos para ser movidos.

Lembrou-me de que havia descrito para mim no passado o conceito de parar o mundo. Comentara que parar o mundo era tão necessário para os feiticeiros quanto ler e escrever o eram para mim.

Consistia em introduzir um elemento dissonante no tecido do comportamento cotidiano para deter o fluxo de outro modo suave dos eventos ordinários — eventos que eram catalogados em nossas mentes por nossa razão.

O elemento dissonante era chamado “não fazer”, ou o oposto de fazer. “Fazer” era tudo que fosse parte de um todo para o qual tínhamos um valor cognitivo. Não fazer era um elemento que não pertencia àquele todo mapeado.

— Os feiticeiros, por serem espreitadores, compreendem bem o comportamento humano — disse ele. — Compreendem, por exemplo, que os seres humanos são criaturas de inventários. Saber os itens que entram ou não

entram em um inventário em particular é o que torna o homem um estudioso ou especialista em seu campo.

“Os feiticeiros sabem que quando o inventário de uma pessoa comum falha, a pessoa ou aumenta seu inventário ou o mundo de sua auto-reflexão entra em colapso. A pessoa comum está disposta a incorporar novos itens em seu inventário se estes não contradisserem a ordem subjacente do inventário. Mas se os itens contradisserem essa ordem, a mente da pessoa entra em colapso. O inventário é a mente. Os feiticeiros contam com isso quando tentam quebrar o espelho da auto- reflexão.

Explicou que naquele dia ele havia escolhido com cuidado os itens de seu ato para quebrar minha continuidade. Transformou-se lentamente até que era, com efeito, um velho frágil, e então, de modo a reforçar a quebra de minha continuidade, levou-me ao restaurante onde o conheciam como um velho.

Interrompi-o. Eu percebera uma contradição que não notara antes. Ele comentara, na época, que a razão pela qual se transformara era que desejava saber como era ser velho. A ocasião fora propícia e irrepetível. Eu havia compreendido aquela afirmação como significando que ele não fora um velho antes. Contudo, no restaurante, conheciam- no como o velho frágil que sofria de ataques.

— A implacabilidade de um nagual tem muitos aspectos — disse ele. — É como uma ferramenta que se adapta a muitos usos.

Implacabilidade é um estado de ser. É um nível de intento que o nagual atinge.

“O nagual usa-o para atrair o movimento de seu próprio ponto de aglutinação ou o de seus aprendizes. Ou o usa para espreitar. Comecei aquele dia como espreitador,

fingindo ser velho, e terminei como um homem genuinamente velho e frágil. Minha implacabilidade, controlada por meus olhos, fez meu próprio ponto de aglutinação mover-se.

“Embora freqüentasse o restaurante muitas vezes antes como um homem velho e doente, eu estivera apenas espreitando e brincando de ser velho. Antes daquele dia, meu ponto de aglutinação nunca se movera ao ponto preciso da idade e da senilidade.

Explicou que, assim que havia intentado ser velho, seus olhos perderam o brilho e eu logo o notara. O alarme estava escrito por todo o meu rosto. A perda do brilho em seus olhos era uma conseqüência de usar os olhos para intentar a posição de um velho. Quando seu ponto de aglutinação alcançou aquela posição, ele foi capaz de envelhecer em aparência, comportamento e sentimento.

Pedi-lhe para esclarecer a idéia de intentar com. os olhos. Tinha a leve noção de que o compreendia, no entanto não conseguia formular sequer para mim mesmo o que sabia.

— A única maneira de falar a respeito é dizer que o intento é intentado com os olhos — retrucou. — Sei que é assim. No entanto, exatamente como você, não consigo apontar o que sei. Os feiticeiros resolvem essa dificuldade particular aceitando algo muito óbvio. Os seres humanos são infinitamente mais complexos e misteriosos que as nossas mais loucas fantasias.

Insisti que ele não havia lançado qualquer luz sobre o assunto.

— Tudo o que posso dizer é que os olhos o fazem — respondeu secamente. — Não sei como, mas o fazem. Convocam o intento com algo indefinível que possuem, algo

em seu brilho. Segundo os feiticeiros, o intento é experimentado com os olhos, não com a razão.

Recusou-se a acrescentar qualquer coisa e voltou a explicar minha recordação. Disse que uma vez que seu ponto de aglutinação tinha alcançado a posição específica que o tornava genuinamente velho, as dúvidas deveriam ter sido removidas por completo de minha mente.

Mas, devido ao meu orgulho em ser super-racional, eu imediatamente dera o melhor de mim para explicar essa transformação.

— Disse-lhe muitas e muitas vezes que ser racional demais é uma desvantagem — disse ele. — Os seres humanos têm o senso muito profundo de magia. Somos parte do misterioso. Racionalidade é apenas uma camada superficial entre nós. Se arranhamos essa superfície, encontramos um feiticeiro por baixo. Alguns de nós, contudo, têm grande dificuldade em chegar abaixo do nível superficial; outros fazem- no com total facilidade. Você e eu somos muito parecidos a esse respeito, ambos temos de suar sangue antes de abandonarmos nossa auto-reflexão.

Expliquei-lhe que, para mim, agarrar-me a minha racionalidade sempre fora uma questão de vida ou morte. Mais ainda quando se tratava de minhas experiências em seu mundo.

Ele comentou que naquele dia em Guaymas minha racionalidade havia sido excepcionalmente difícil para ele. Desde o começo precisara fazer uso de todo instrumento que conhecia para miná-la. Com essa finalidade, começou colocando as mãos com força em meus ombros e quase derrubando-me com seu peso. Aquela brusca manobra física foi o primeiro choque contra meu corpo. E isto, aliado

ao meu medo causado por sua falta de continuidade, perfurou minha racionalidade.

— Mas perfurar sua racionalidade não foi suficiente — continuou Don Juan. — Eu sabia que, se o seu ponto de aglutinação ia atingir o lugar da não-piedade, tinha de quebrar qualquer vestígio de minha continuidade. Isto ocorreu quando me tornei de fato senil e fiz você correr pela cidade, e finalmente fiquei zangado cora você e o esbofeteei.

“Você ficou chocado, mas estava no caminho da recuperação instantânea quando dei ao seu espelho da auto-imagem o que deveria ter sido seu golpe final. Gritei assassinato sangrento. Não esperava que você fugisse. Havia esquecido sobre suas violentas explosões.

Contou que, apesar de minhas táticas de recuperação instantânea, meu ponto de aglutinação alcançara o lugar da não- piedade quando fiquei enraivecido pelo seu comportamento senil. Ou talvez tivesse sido o oposto: fiquei enraivecido porque meu ponto de aglutinação alcançara o lugar da não-piedade.

Não importava realmente. O que contava era que meu ponto de aglutinação chegara ali.

Uma vez que estava ali, meu próprio comportamento se modificara notadamente. Eu me tornara frio e calculista, indiferente à minha segurança pessoal.

Perguntei a Don Juan se ele havia visto tudo isso. Não me lembrava de contar-lhe a respeito. Replicou que, para saber o que eu estava sentindo, tudo o que precisava fazer era uma introspecção para relembrar sua própria experiência.

Salientou que meu ponto de aglutinação ficou fixo em sua posição nova quando ele voltou ao normal. A essa

altura, minha convicção sobre sua continuidade normal havia sofrido um transtorno tão profundo que a continuidade não mais funcionava como força coesiva.

E foi naquele momento, de sua nova posição, quando meu ponto de aglutinação permitiu-me construir outro tipo de continuidade, que expressei em termos de uma dureza estranha, destacada — uma dureza que se tornou num modo normal de comportamento dali por diante.

— A continuidade é tão importante em nossas vidas que quando se quebra é sempre instantaneamente reparada — continuou. — No caso dos feiticeiros, entretanto, uma vez que seu ponto de aglutinação atinge o lugar da não-piedade, a continuidade nunca é a mesma.

“Uma vez que você é naturalmente lento, ainda não notou que desde aquele dia em Guaymas você se tornou, entre outras coisas, capaz de aceitar qualquer tipo de descontinuidade por seu valor aparente — após uma luta fictícia de sua razão, naturalmente.

Seus olhos estavam brilhando de satisfação.

— Foi também naquele dia que você adquiriu sua implacabilidade mascarada — continuou. — Sua máscara não estava bem desenvolvida como está agora, é claro, mas o que obteve então foram os rudimentos do que se deveria tornar sua máscara de generosidade.

Tentei protestar. Não gostava da idéia da implacabilidade mascarada, independente de como ele a expusesse.

— Não use sua máscara comigo — disse ele, rindo. — Salve-a para um alvo melhor: alguém que não conheça você.

Estimulou-me a recordar com acurácia o momento em que a máscara viera a mim.

— Assim que você sentiu aquela fúria fria envolvendo-o — continuou —, teve de mascará-la. Você não brincou a respeito, como meu benfeitor teria feito, nem tentou parecer razoável a respeito, como eu teria. Você não fingiu estar intrigado por ela, como o nagual Elias teria fingido. Essas são as três máscaras de nagual que conheço. O que fez você então? Caminhou com tranqüilidade até seu carro e deu metade de seus pacotes ao rapaz que o estava ajudando a carregá-los.

Até aquele momento eu não lembrava de alguém ajudando-me a carregar os pacotes. Disse a Don Juan que havia visto luzes dançando diante de meu rosto, e pensara que as via porque, levado por minha fúria arrefecida, estava prestes a desmaiar.

— Você não estava prestes a desmaiar — respondeu Don Juan. — Você estava a ponto de entrar num estado de sonhar e ver o espírito inteiramente por si mesmo, como Talia e meu benfeitor.

Expliquei a Don Juan que não era generosidade o que me fizera dar os pacotes, mas a fúria arrefecida. Precisava fazer algo para me acalmar, e aquela foi a primeira coisa que me ocorreu.

— Mas é exatamente isso que venho lhe falando. Sua generosidade não é genuína — retorquiu e começou a rir de meu desalento.

O PASSAPORTE PARA A IMPECABILIDADE

Escurecera enquanto Don Juan falava sobre estilhaçar o espelho da auto-reflexão. Avisei-lhe que estava muito exausto e que deveríamos cancelar o resto da viagem e voltar para casa, mas ele insistiu que deveríamos usar cada minuto de nosso tempo disponível para rever as histórias de

feitiçaria ou recordar, fazendo o meu ponto de aglutinação mover-se tantas vezes quanto possível.

Comecei a me lamentar. Aleguei que um estado de profunda fadiga como o meu poderia apenas alimentar a incerteza e a falta de convicção.

— A sua incerteza é para ser esperada — disse Don Juan. — Afinal, você está lidando com um novo tipo de continuidade. Leva tempo para ficar acostumado a ele. Os guerreiros passam anos no limbo, onde não são homens comuns nem feiticeiros. — O que acontece com eles no final? Escolhem o lado?

— Não. Eles não têm escolha. Todos tornam-se conscientes do que já são: feiticeiros. A dificuldade é que o espelho da auto-reflexão é plenamente poderoso e só deixa suas vítimas irem depois de uma luta feroz.

Parou de falar e pareceu perdido em pensamentos. Seu corpo entrou num estado de rigidez que vira antes toda vez que ele estava empenhado no que eu caracterizava divagações, mas que ele descrevia como instâncias nas quais seu ponto de aglutinação se movia e ele era capaz de recordar.

— Vou contar-lhe a história da passagem de um feiticeiro para a impecabilidade — disse de repente, depois de cerca de meia hora de silêncio total. — Vou contar-lhe a história de minha morte. — Começou a contar o que havia acontecido depois de sua chegada a Durango ainda disfarçado em roupas de mulher, em seguida a sua viagem de um mês através do México Central. Disse que o velho Belisário levou-o diretamente a uma hacienda para esconder-se do homem monstruoso que o perseguia.

Assim que chegou, Don Juan — muito ousadamente em vista de sua natureza taciturna — apresentou-se a todos na

casa, Havia sete lindas mulheres e um estranho homem mal-humorado que não soltava uma única palavra. Don Juan deliciou as adoráveis mulheres com seu relato dos esforços do homem monstruoso para capturá-lo. Acima de tudo, elas ficaram encantadas com o disfarce que ele ainda vestia e a história que o acompanhava. Nunca se cansavam de ouvir os detalhes de sua viagem e todas aconselhavam-no sobre como aperfeiçoar o conhecimento que adquirira durante a viagem. O que surpreendia Don Juan era sua pose e segurança, que eram inacreditáveis para ele.

As sete mulheres eram magníficas e faziam-no sentir-se feliz.

Gostava delas e depositava-lhes total confiança. Elas tratavam-no com respeito ç consideração, mas algo em seus olhos alertou-o que sob suas fachadas de encanto existia uma aterrorizante frieza, um alheamento que Don Juan jamais conseguia penetrar.

Ocorreu-lhe o pensamento de que, para estas mulheres espirituosas e bonitas ficarem tão à vontade e não terem preocupação com formalidades, deviam de ser mulheres liberadas. No entanto era óbvio que isso não era verdade.

Don Juan era deixado sozinho para vaguear pela propriedade.

Estava impressionado pela enorme mansão e seus terrenos. Nunca vira coisa alguma semelhante. Era uma antiga casa colonial com um alto muro em volta. Do lado interno havia balcões com vasos de flores e pátios com enormes árvores frutíferas que proporcionavam sombra, privacidade e tranqüilidade.

Os aposentos eram espaçosos, e no térreo havia corredores arejados ao redor dos pátios. No andar superior,

havia dormitórios misteriosos, nos quais não era permitido a Don Juan colocar os pés.

Durante os dias seguintes, Don Juan ficara encantado pelo profundo interesse que as mulheres mostravam pelo seu bem-estar.

Faziam tudo por ele. Pareciam beber cada palavra sua. Nunca antes as pessoas foram tão gentis com ele. Mas também nunca antes se sentira tão solitário, embora acompanhado por lindas e estranhas mulheres.

Don Juan considerou essa sensação de solidão como algo incapaz de predizer o comportamento das mulheres ou de conhecer seus sentimentos reais. Sabia apenas aquilo que elas lhe contavam a respeito de si mesmas.

Poucos dias depois de sua chegada, a mulher que parecia ser a líder deu-lhe algumas roupas de homem novas e avisou que aquele disfarce de mulher não era mais necessário, porque, independente de quem fosse o homem monstruoso, agora não se encontrava à vista.

Disse-lhe que era livre para ir quando desejasse.

Don Juan pediu para ver Belisário, a quem não via desde o dia em que chegara. A mulher disse que Belisário partira, dizendo que Don Juan poderia permanecer na casa tanto tempo quanto quisesse — mas apenas se estivesse em perigo.

Então Don Juan confirmara estar em perigo mortal. Durante seus poucos dias na casa, vira o monstro constantemente, sempre movendo- se de modo furtivo pelos campos cultivados que rodeavam a casa. A mulher não acreditou nele e disse rudemente que o achava um artista canastrão, fingindo ver o monstro para continuar na casa. Avisou que ali não era um lugar para vagabundear e que

eram pessoas sérias e trabalhavam muito duro, não podendo sustentar fardo inútil.

Don Juan sentiu-se insultado. Saiu da casa pisando firme, mas quando avistou o monstro escondendo-se atrás dos arbustos ornamentais que ladeavam o caminho, seu pavor logo substituiu a raiva.

Correu de volta para a casa e implorou à mulher para deixá-lo ficar. Prometeu fazer trabalho de peão sem salário se apenas pudesse permanecer na hacienda.

Ela concordou, contanto que Don Juan aceitasse duas condições: que não fizesse quaisquer perguntas e executasse exatamente o que lhe fosse pedido sem exigir explicações. Preveniu-o de que, se ele quebrasse as regras, sua estada na casa estaria em risco.

— Permaneci na casa realmente sob protesto — continuou Don Juan. — Não gostei de aceitar as condições dela, mas sabia que o monstro estava lá fora. Na casa eu me encontrava a salvo. Sabia que o homem monstruoso era sempre detido num limite invisível que rodeava a casa, a uma distância de uns cem metros. Até onde conseguia discernir, havia alguma coisa em relação à casa que mantinha o homem monstruoso afastado, e isso era tudo com que eu me preocupava.

“Também percebi que quando as pessoas da casa estavam à minha volta, o monstro nunca aparecia.

Decorridas algumas semanas sem mudanças cm sua situação, o jovem que Don Juan acreditava ter estado vivendo na casa do monstro disfarçado como o velho Belisário reapareceu e disse a Don Juan que havia acabado de chegar, se chamava Julian e era proprietário da hacienda.

Don Juan naturalmente perguntou-lhe sobre seu disfarce, mas o jovem, encarando-o e sem a menor hesitação, negou conhecimento de qualquer disfarce.

— Como pode estar parado aqui em minha própria casa e falar tais besteiras? — gritou para Don Juan. — Quem imagina que sou?

— Mas... você é Belisário, não é? — insistiu Don Juan.

— Não — retrucou o jovem. — Belisário é um homem velho. Eu sou Julian, e sou jovem. Não pode ver?

Don Juan admitiu timidamente que não estava convencido se aquilo era um disfarce e de imediato percebeu o absurdo de sua afirmação. Se ser velho não era um disfarce, então era uma transformação, um absurdo ainda maior.

A confusão de Don Juan aumentou naquele momento. Ele perguntou sobre o monstro, e o jovem respondeu não ter idéia sobre o que ele estava falando. Afirmou que Don Juan estava assustado com alguma coisa, de outro modo o velho Belisário não lhe haveria dado o santuário. Mas fosse qual fosse a razão, esta não lhe dizia respeito.

Don Juan ficou mortificado pela frieza do tom e pelas maneiras de seu anfitrião. Arriscando-se a irritá-lo, Don Juan lembrou do encontro anterior. Seu anfitrião respondeu que nunca o vira antes, mas que honraria os desejos de Belisário.

O jovem acrescentou que não era apenas proprietário da casa mas também responsável por todas as pessoas naquela propriedade, incluindo Don Juan que, pelo fato de esconder-se entre eles, tornara-se um pupilo da casa. Se Don Juan não gostava do arranjo, estava livre para sair e tentar sua sorte com o monstro que só ele era capaz de ver.

Antes de decidir-se, Don Juan decidiu perguntar o que significava ser um pupilo da casa.

Ele levou Don Juan a um setor da mansão que estava em construção e disse que aquela parte da casa simbolizava sua própria vida e ações. A construção efetivamente estava a caminho, mas havia chance de nunca ser completada.

— Você é um dos elementos daquela construção incompleta — falou a Don Juan. — Digamos que você é a madeira que irá sustentar o telhado. Até que a coloquemos no lugar e assentemos o telhado sobre ela, não saberemos se irá suportar o peso. O mestre carpinteiro garante que sim. Eu sou o mestre carpinteiro. — Essa explicação metafórica não significou nada para Don Juan, que desejava saber o que era esperado dele em termos de trabalho manual. O jovem tentou outra abordagem.

“Sou um nagual. Trago a liberdade. Sou o líder das pessoas nesta casa. Você está aqui, e por causa disso tornou-se parte dela, goste ou não — Don Juan olhou para ele perplexo, incapaz de dizer qualquer coisa.

“Sou o nagual Julian. Sem minha intervenção, não há como chegar à liberdade.

Don Juan continuava sem compreender e começou a temer sobre sua segurança diante da mente sem dúvida errante do homem. Estava tão preocupado com essa situação inesperada que nem ficou curioso com o uso da palavra nagual. Sabia que nagual significava feiticeiro, embora fosse incapaz de absorver a implicação total das palavras do nagual Julian. Ou talvez, de alguma forma, o compreendesse perfeitamente, embora sua mente consciente não o fizesse.

O jovem olhou para ele por um momento e então avisou que o verdadeiro trabalho de Don Juan consistiria em ser

seu criado pessoal e assistente. Não receberia pagamento por isso, mas excelente acomodação e alimentação. De tempos em tempos haveria outros pequenos trabalhos para Don Juan, que requereriam atenção especial.

Ele mesmo se encarregaria de fazer os trabalhos ou de providenciar para que fossem feitos. Por esses serviços especiais, receberia pequenas quantias de dinheiro, depositadas numa conta mantida para ele pelos outros membros da propriedade. Assim, quando desejasse partir, disporia de algum dinheiro para mantê-lo.

Ele salientou que Don Juan não era prisioneiro mas, se permanecesse na casa, teria que trabalhar. Ainda mais importante que o trabalho eram os três requisitos indispensáveis. Tinha de fazer um esforço sério para aprender tudo que as mulheres lhe ensinassem. Sua conduta com todos os membros da propriedade deveria ser exemplar, o que significava que ele precisaria examinar seu comportamento e atitude em relação a eles a cada minuto do dia. E deveria dirigir-se ao jovem, em conversação direta, como nagual, e quando falando dele, referir-se a ele como o nagual Julian.

Don Juan aceitou os termos de má vontade. Mas embora mergulhasse instantaneamente em seu habitual mau humor e morosidade, aprendeu seu trabalho com rapidez. O que não compreendia era o que se esperava dele em termos de atitudes e comportamento. Embora não dispusesse de provas, sabia que mentiam e o exploravam.

Quando sua morosidade prevaleceu, entrou num estado permanente de mau humor e mal dizia uma palavra a quem quer que fosse.

Foi então que o nagual Julian reuniu todos os membros de sua propriedade e explicou-lhes que, embora

necessitando de um assistente, procederia de acordo com a decisão de todos. Se não gostavam da atitude morosa e desagradável de seu novo ordenança, tinham o direito de manifestar-se. Se a maioria desaprovasse o comportamento de Don Juan, o rapaz deveria partir e tentar a sorte em outro lugar, independente do que o esperava do lado de fora, um monstro ou sua própria imaginação.

O nagual Julian então levou-os para a frente da casa e desafiou Don Juan a mostrar o homem monstruoso. Don Juan apontou para ele, mas ninguém mais o viu. Don Juan correu desesperado de uma pessoa a outra, insistindo que o monstro estava ali, implorando-lhes que o ajudassem. Todos ignoraram os seus pedidos e chamaram-no louco.

Foi então que o nagual Julian colocou o destino de Juan em votação. O homem mal-humorado preferiu não votar. Encolheu os ombros e afastou-se. Todas as mulheres manifestaram-se contra a permanência de Don Juan. Argumentando que ele era simplesmente moroso e muito mal-humorado. Diante dos argumentos, entretanto, o nagual Julian mudou por completo de atitude e tornou-se o defensor de Don Juan. Sugeriu que as mulheres poderiam estar julgando mal o pobre jovem, que ele talvez não fosse louco de modo algum e realmente visse um monstro. Sua morosidade podia resultar de suas preocupações. E seguiu-se um grande debate. Os temperamentos incendiaram-se e em pouco tempo as mulheres gritavam com o nagual.

Don Juan ouviu a discussão mas estava além das preocupações.

Sabia que iam expulsá-lo dali e que o homem monstruoso iria capturálo e tomá-lo como escravo. Em sua total desproteção, começou a chorar.

Seu desespero e as lágrimas afetaram algumas das mulheres enraivecidas. A líder das mulheres propôs outra escolha: um período experimental de três semanas durante o qual as ações de Don Juan e suas atitudes seriam avaliadas diariamente por todas as mulheres. Ela preveniu Don Juan de que, se houvesse uma única queixa sobre sua atitude durante aquele tempo, seria expulso de uma vez por todas.

Don Juan relatou como o nagual Julian, de modo paternal, levou- o para um lado e começou a amedrontá-lo. Sussurrou que sabia da existência do monstro e que ele rondava a propriedade. Não obstante, por causa de certos acordos prévios com as mulheres, acordos que não podia divulgar, não tinha permissão de contar as mulheres o que sabia.

Aconselhou Don Juan a parar de demonstrar sua personalidade obstinada e morosa, e fingir ser o oposto.

— Finja estar feliz e satisfeito — disse a Don Juan. — Se não o fizer, as mulheres vão expulsá-lo daqui. Essa perspectiva apenas deveria ser suficiente para assustá-lo. Use esse medo como uma verdadeira força de impulso. A única coisa que você tem.

Qualquer hesitação ou segundos pensamentos que tivessem passado pela mente de Don Juan foram logo dissipados à visão do homem monstruoso. Enquanto esperava com impaciência junto à linha invisível, o monstro parecia consciente de como era precária a posição de Don Juan. Como se estivesse terrivelmente faminto, antecipando ansioso um banquete.

O nagual Julian assustou Don Juan ainda mais profundamente.

— Se eu fosse você, iria me comportar como um anjo. Agiria como essas mulheres quisessem, desde que isso me mantivesse afastado daquela besta infernal.

— Então você pode ver o monstro? — perguntou Don Juan.

— É claro que sim, e também vejo que se você partir, ou se as mulheres o expulsarem, o monstro irá capturá-lo e prendê-lo com correntes. Isto irá decerto mudar sua atitude. Os escravos não têm qualquer escolha a não ser portar-se bem com seus patrões. Dizem que a dor infligida por um monstro como aquele está acima de qualquer coisa.

Com isso, Don Juan sabia que sua única esperança era fazer-se tão adequado quanto pudesse. O medo de tornar-se escravo daquele homem monstruoso era com efeito uma poderosa força psicológica.

Don Juan contou-me que por algum desvio em sua própria natureza era aborrecido apenas com as mulheres; nunca procedia mal na presença do nagual Julian. Por alguma razão que Don Juan não conseguia determinar, em sua mente o nagual não era alguém que pudesse ser atingido fosse consciente ou subconscientemente.

O outro membro da propriedade, o homem mal-humorado, não tinha conseqüência para Don Juan, que formara uma opinião quando o conhecera, e o havia descartado. Considerava o homem fraco, indolente e dominado por aquelas belas mulheres. Mais tarde, já mais consciente da personalidade do nagual, soube que o homem era definitivamente apagado pelo brilho dos outros.

À medida que o tempo passava, a natureza da liderança e da autoridade entre eles tornou-se evidente para Don Juan. Ficou surpreso e de algum modo satisfeito em perceber que ninguém era melhor ou mais importante do

que o outro. Alguns executavam funções para as quais os outros eram incapazes, mas isso não os tornava superiores.

Apenas diferentes. Entretanto, a última decisão em tudo era automaticamente do nagual Julian, e este, aparentemente, tinha grande prazer em expressar suas decisões na forma de bestiais brincadeiras, que fazia com todos.

Também havia uma mulher misteriosa entre eles. Referiu-se a ela como Talia, a mulher nagual. Ninguém contou a Don Juan quem era ela, ou o que significava ser a mulher nagual. Esclareceram, entretanto, que uma das sete mulheres era Talia. Todos falavam a seu respeito, e a curiosidade de Don Juan ficou muito aguçada. Fazia tantas perguntas que a mulher, líder das outras, avisou que o ensinaria a ler e escrever para que pudesse usar melhor suas habilidades dedutivas. Então ele poderia escrever coisas em lugar de guardá-las na memória Desse modo, poderia acumular uma enorme coleção de fatos sobre Talia, fatos que deveria ler e estudar até que a verdade se tomasse evidente.

Talvez antecipando a resposta cínica que Don Juan tinha em mente, ela argumentou que, embora pudesse parecer algo absurdo, descobrir Talia era uma das tarefas mais difíceis e recompensadoras que alguém poderia empreender.

Ela comentou que isso era a parte divertida. Acrescentou mais seriamente que Don Juan deveria aprender contabilidade básica para ajudar o nagual a administrar a propriedade.

Ela logo começou as lições diárias, e em um ano Don Juan progrediu de modo tão rápido e extensivo que era

capaz de ler, escrever e organizar os livros de contabilidade.

Tudo havia ocorrido tão suavemente que ele não notou as mudanças em si mesmo, a mais notável das quais era um senso de afastamento. Até onde estava envolvido, retinha a impressão de que nada acontecia na casa, simplesmente por ser incapaz de se identificar com membros da propriedade. Aquelas pessoas eram espelhos sem reflexos.

— Refugiei-me naquela casa por cerca de três anos — continuou Don Juan. — Coisas incontáveis aconteceram-me durante esse tempo, mas não pensei que fossem de fato importantes. Ou pelo menos escolhi não considerá-las importantes. Acreditava que por três anos tudo o que fiz foi esconder-me, tremer de medo e trabalhar como uma mula.

Don Juan riu e disse que, a certo ponto, ao estímulo do nagual Julian, concordou em aprender feitiçaria a fim de livrar-se do medo que o consumia ao ver o monstro mantendo vigília. Mas embora o nagual Julian lhe falasse muitas coisas, parecia mais interessado em fazer brincadeiras com ele. Assim, acreditou que era honesto e correto dizer que não aprendeu qualquer coisa mesmo fracamente relacionada à feitiçaria, só porque era aparente que ninguém naquela casa conhecia ou praticava feitiçaria.

Um dia, entretanto, ele encontrou-se caminhando propositadamente, mas sem qualquer desejo de sua parte, na direção da linha invisível que mantinha o monstro afastado. O homem monstruoso estava, naturalmente, observando a casa como de costume.

Mas naquele dia, em vez de voltar-se e correr a buscar abrigo no interior da casa, Don Juan continuou caminhando. Uma onda incrível de energia fazia-o avançar sem preocupação por sua segurança.

Uma sensação de total alheamento permitiu-lhe encarar o monstro que o havia aterrorizado por tantos anos. Don Juan esperava que o monstro avançasse e o agarrasse pelo pescoço, mas este pensamento não mais criava qualquer terror nele. Chegando bem perto do homem monstruoso, encarou-o por um instante e então passou por sobre a linha. O monstro não o atacou como Don Juan sempre temera que fizesse, mas ficou indistinto. Perdeu sua definição e transformou-se numa brancura enevoada, uma faixa mal perceptível de neblina.

Don Juan avançou na direção da neblina e esta afastou-se como se por medo. Perseguiu a faixa de neblina pelos campos até ter certeza de que nada sobrara do monstro. Soube então que nunca havia existido um. Não podia, entretanto, explicar o que temera esse tempo todo.

Tinha a vaga sensação de que, embora soubesse exatamente o que era o monstro, alguma coisa evitava que pensasse a respeito. Imediatamente ocorreu-lhe que aquele vagabundo, o nagual Julian, sabia da verdade sobre o acontecido. Don Juan não ficaria admirado se o nagual Julian executasse esse tipo de truque.

Antes de confrontá-lo, Don Juan deu-se o prazer de caminhar sem escolta por toda a propriedade. Nunca antes fora capaz de fazer isso. Sempre que tivera necessidade de aventurar-se além da linha invisível, era escoltado por um membro da propriedade. Isso colocava uma séria restrição a sua mobilidade. As duas ou três vezes que tentara caminhar sem escolta, descobrira que se arriscava à aniquilação nas mãos do monstro.

Cheio de um estranho vigor, Don Juan voltou, mas em vez de celebrar sua nova liberdade e prazer, reuniu todo o pessoal da casa e, revoltado, exigiu que explicassem suas mentiras. Acusou-os de fazerem- no trabalhar como

escravo, brincando com o seu medo de um monstro inexistente.

As mulheres riam como se ele contasse a piada mais engraçada.

Apenas o nagual Julian parecia contrito, em especial quando Don Juan, a voz falhando de ressentimento, descreveu seus três anos de medo constante. O nagual Julian desmoronou e chorou abertamente quando Don Juan exigiu uma apologia pela maneira vergonhosa como havia sido explorado.

— Mas nós lhe afirmamos que o monstro não existia — alegou uma das mulheres.

Don Juan olhou irritado para o nagual Julian, que se encolheu humildemente.

— Ele sabia que o monstro existia — berrou Don Juan, apontando com o dedo acusador para o nagual.

Mas ao mesmo tempo estava consciente de que falava bobagens, porque o nagual Julian originalmente lhe dissera que o monstro não existia.

— O monstro não existia — corrigiu-se Don Juan, tremendo de raiva. — Era um de seus truques.

O nagual Julian, chorando, incapaz de se controlar, desculpou-se com Don Juan, enquanto as mulheres riam sem parar. Don Juan nunca as vira rindo tanto.

— Você sabia o tempo todo que nunca houve qualquer monstro.

Mas mentiu para mim — ele acusou o nagual Julian, que, com a cabeça baixa e os olhos cheios de lágrimas, admitiu a culpa.

— Certamente menti para você — murmurou. — Nunca houve nenhum monstro. O que você via como monstro era apenas uma onda de energia. O seu medo transformou-a numa monstruosidade.

— Você me disse que aquele monstro ia devorar-me. Como pôde mentir para mim dessa forma? — gritou-lhe Don Juan.

— Ser devorado por aquele monstro era simbólico — replicou suavemente o nagual Julian. — O seu inimigo real é a sua estupidez.

Você está em perigo mortal de ser devorado por esse monstro agora.

Don Juan berrou que não precisava suportar afirmações imbecis.

E insistiu que lhe reafirmassem que não havia mais quaisquer restrições quanto a sua liberdade para partir.

— Você pode partir quando quiser — disse sucintamente o nagual Julian.

— Então posso partir agora mesmo?

— Deseja isso? — perguntou o nagual.

— Sem dúvida. Quero deixar esse lugar miserável e esses mentirosos que vivem aqui — berrou Don Juan.

O nagual Julian ordenou que as economias de Don Juan lhe fossem pagas, e com os olhos brilhantes desejou-lhe felicidade, prosperidade e sabedoria.

As mulheres não quiseram se despedir dele. Ficaram olhando-o, e Don Juan baixou a cabeça para evitar o fogo de seus olhos.

Com o dinheiro no bolso e sem olhar para trás, Don Juan saiu, satisfeito pelo fim daquele tormento. O mundo exterior era um ponto de interrogação para ele. Ansiava por ele. No interior daquela casa havia sido privado dele. Era jovem, forte. Tinha dinheiro no bolso e sede de viver.

Deixou-os sem agradecer pelo que lhe fizeram. Sua raiva, inibida pelo medo por tanto tempo, finalmente pôde emergir. Aprendera inclusive a gostar deles — e agora sentia-se traído. Desejava correr para o mais longe possível daquele lugar.

Na cidade, teve seu primeiro encontro desagradável. Viajar era muito difícil e caro. Aprendeu que, se quisesse deixar a cidade imediatamente, não poderia escolher o seu destino, mas teria que esperar pelos tropeiros que quisessem levá-lo. Poucos dias depois partiu com reputado tropeiro para o porto Mazatlán.

— Embora tivesse apenas 23 anos na época — disse Don Juan —, eu sentia que tinha vivido uma vida cheia. A única coisa que não havia experimentado era sexo. O nagual Julian contou que era o fato de eu não ter estado com uma mulher que me dava minha força e resistência, e que tinha pouco tempo para arranjar as coisas antes que o mundo me envolvesse.

— O que ele queria dizer, Don Juan? — perguntei.

— Queria dizer que eu não tinha idéia sobre o tipo de inferno para onde me dirigia, e que tinha muito pouco tempo para erguer minhas barricadas, meus protetores silenciosos.

— O que é um protetor silencioso, Don Juan?

— É um salva-vidas. Um protetor silencioso é uma onda de energia inexplicável que vem a um guerreiro quando nada mais funciona.

“Meu benfeitor sabia que direção minha vida ia tomar uma vez que eu não estivesse mais sob sua influência. Assim, lutou para proporcionar-me tantas opções de feiticeiro quanto possível. Essas opções de feiticeiro deveriam ser meus protetores silenciosos.

— O que são opções de feiticeiro?

— São posições do ponto de aglutinação. Um número infinito de posições que o ponto de aglutinação pode alcançar. Em cada uma e em todas essas mudanças rasas ou profundas, um feiticeiro pode reforçar sua nova continuidade.

Reiterou que tudo o que experimentara, seja com seu benfeitor ou enquanto sob sua liderança, fora o resultado de um deslocamento mínimo ou considerável de seu ponto de aglutinação. Seu benfeitor fez com que experimentasse incontáveis opções de feiticeiro, mais do que o número que seria normalmente necessário, porque sabia que o destino de Don Juan seria ser chamado a explicar o que eram os feiticeiros e o que faziam.

— O efeito desses movimentos do ponto de aglutinação é cumulativo — continuou. — Pesa sobre você, independente da sua compreensão. Esse acúmulo funcionou para mim no final.

“Logo após eu ter entrado em contato com o nagual, meu ponto de aglutinação moveu-se tão profundamente que fui capaz de ver. Pude ver um campo de energia na forma de um monstro. E o ponto continuou movendo-se até que vi o

monstro como o que realmente era: um campo de energia. Eu havia sido bem-sucedido em ver, e não sabia.

Para mim, eu não fizera nem aprendera nada, era estúpido além do que se pode acreditar.

— Você era muito jovem, Don Juan — retruquei. — Não poderia ter feito de outra forma.

Ele riu. Estava a ponto de replicar, quando pareceu mudar de idéia. Encolheu os ombros e continuou com o relato.

Don Juan contou que ao chegar a Mazatlán era um tropeiro praticamente amadurecido, e foi-lhe oferecido trabalho permanente acompanhando um trem de mulas. Ficou muito satisfeito com os arranjos. A idéia de que iria fazer a viagem entre Durango e Mazatlán agradava-o demais. Havia duas coisas, entretanto, que o preocupavam: primeiro, que ainda não estivera com uma mulher, e segundo, uma necessidade forte mas inexplicável de seguir para o norte. Não sabia por quê. Sabia apenas que em algum lugar ao norte alguma coisa esperava por ele. A sensação persistiu tão fortemente que no final foi forçado a recusar a segurança de um trabalho permanente a fim de viajar para o norte.

Sua força superior e uma nova astúcia inesperada possibilitaram- lhe encontrar trabalho mesmo onde não havia nenhum, enquanto ele seguia firmemente seu caminho para o norte, para o estado de Sinaloa.

E ali sua viagem terminou. Conheceu uma jovem viúva, também uma índia yaqui, que fora mulher de um homem com quem Don Juan tinha um débito.

Tentou pagar o seu débito ajudando a viúva e seus filhos e, sem perceber, passou para papel de marido e pai.

Suas novas responsabilidades colocaram-lhe uma grande carga nos ombros.

Perdeu sua liberdade de movimento e mesmo sua necessidade de viajar mais para o norte. Sentia-se compensado por essa perda devido à profunda afeição que sentia pela mulher e seus filhos.

— Experimentei momentos de felicidades sublimes como marido e pai — disse Don Juan. — Mas era nesses momentos que notei pela primeira vez que algo estava terrivelmente errado. Notei que estava perdendo a sensação de afastamento, o alheamento que havia adquirido durante o meu tempo na casa do nagual Julian. Agora achava-me identificado com as pessoas que me rodeavam.

Don Juan contou que levou cerca de um ano de incessante envolvimento para fazê-lo perder qualquer vestígio da nova personalidade que havia adquirido na casa do nagual. Havia começado com uma afeição profunda embora alheia pela mulher e seus filhos.

Essa afeição intensa permitiu-lhe desempenhar o papel de marido e pai com abandono e prazer. À medida que o tempo passou, sua afeição transformou-se numa paixão desesperada que o fez perder sua eficiência. Perdeu a sensação de afastamento que lhe dera o poder para amar. Sem aquele afastamento, tinha apenas necessidades mundanas, desespero e desalento: as feições comuns do mundo na vida cotidiana.

Perdera também sua capacidade de empreendimento. Durante seus anos na casa do nagual, havia adquirido um dinamismo que lhe serviu bem quando partiu por conta própria.

Mas a dor mais forte era a perda progressiva de sua energia física.

Sem estar doente, um dia ficou totalmente paralisado. Não sentia dor.

Não entrou em pânico. Era como se o seu corpo soubesse que, caso parasse de se mover, obteria a paz e a quietude que necessitava tão desesperadamente.

Enquanto estava deitado na cama, desvalido, não fez nada a não ser pensar. Acabou percebendo que falhara por não ter um propósito abstrato. Sabia que as pessoas na casa do nagual eram extraordinárias porque perseguiam a liberdade como seu propósito abstrato. Não compreendia o que era a liberdade, mas sabia que era o oposto de suas próprias necessidades concretas.

Sua falta de um propósito abstrato tornara-o tão fraco e ineficiente que era incapaz de resgatar a família adotiva de sua pobreza abismai. Em vez disso, eles haviam-no puxado de volta para a verdadeira miséria, tristeza e desespero que ele próprio havia conhecido antes de encontrar o nagual.

Enquanto revivia a sua vida, tornou-se consciente de que a única época que não havia sido pobre e na qual não tivera necessidades concretas fora durante seus anos com o nagual. A pobreza era um estado de ser que voltara junto com suas necessidades concretas.

Pela primeira vez desde que fora alvejado e ferido, tantos anos antes, Don Juan compreendeu que o nagual Julian era efetivamente o nagual, o líder, o seu benfeitor. Compreendeu o que seu benfeitor queria dizer quando afirmou não haver liberdade sem a intervenção do nagual. Não tinha dúvida agora que seu benfeitor e todos os membros da casa eram feiticeiros. Mas o que Don Juan

compreendeu com a mais dolorosa clareza foi que ele havia atirado fora a chance de estar com ele.

Quando a pressão de sua incapacidade física pareceu insuportável, sua paralisia terminou tão misteriosamente como quando havia começado. Um dia ele simplesmente saiu da cama e foi trabalhar.

Mas a sua sorte não ficou nada melhor. Mal conseguia ganhar para sobreviver.

Passou-se outro ano. Não havia prosperado, mas tinha uma coisa na qual fora bem-sucedido além de suas expectativas: fizera uma recapitulação total de sua vida. Compreendeu então por que amava e não conseguia deixar aquelas crianças e por que não podia ficar com elas, e também compreendera por que não podia agir de uma maneira nem da outra.

Don Juan sabia que chegara a um impasse completo, e que morrer como guerreiro era a única ação congruente que aprendera na casa de seu benfeitor. Assim, todas as noites, depois de um dia frustrante de trabalho duro e sem sentido, esperava pacientemente que sua morte chegasse.

Estava tão completamente convencido de seu fim que sua mulher e os filhos esperavam com ele — num gesto de solidariedade, também desejando morrer. Todos os quatro sentavam-se em perfeita imobilidade, noite após noite, sem falha, e recapitulavam suas vidas enquanto esperavam pela morte.

Don Juan admoestara-os com as mesmas palavras que seu benfeitor usara para admoestá-lo.

— Não a deseje — avisara seu benfeitor. — Apenas espere até que ela chegue. Não tente imaginar como é a morte. Apenas esteja ali para ser apanhado em seu fluxo.

O tempo passado em silêncio fortaleceu-os mentalmente, mas fisicamente seus corpos emaciados revelavam estar perdendo a batalha.

Um dia, entretanto, Don Juan pensou que a sorte estava começando a mudar. Encontrou trabalho temporário com um grupo de peões de fazenda durante a estação da colheita. Mas o espírito tinha outros desígnios para ele. Alguns dias depois de ter começado a trabalhar, alguém roubou seu chapéu. Era impossível comprar um novo, mas precisava ter um para trabalhar sob o sol escaldante.

Confeccionou uma proteção improvisada cobrindo a cabeça com trapos e punhados de palha. Seus companheiros começaram a rir e zombar dele. Ignorou-os. Comparado às vidas das três pessoas que dependiam de seu trabalho, a sua aparência tinha pouco significado para ele. Mas os homens não paravam. Gritavam e riam até que o feitor, temendo que provocassem desordem, despediu Don Juan.

Uma raiva selvagem superou o senso de sobriedade e cuidado de Don Juan. Soube que havia sido injustiçado. O direito moral estava com ele. Deixou escapar um grito agudo e terrível e agarrou um dos homens, erguendo-o sobre os ombros, pretendendo quebrar-lhe a espinha. Mas pensou naquelas crianças famintas. Pensou em seus pequenos corpos disciplinados enquanto se sentavam com ele noite após noite esperando pela morte. Colocou o homem no chão e afastou- se.

Don Juan sentou-se na extremidade do campo onde os homens trabalhavam e todo o desespero acumulado explodiu finalmente. Era uma ira silenciosa, mas não contra as pessoas ao seu redor. Estava zangado consigo mesmo. Assim ficou até que sua raiva se gastou por completo.

— Fiquei sentado ali à vista de todas aquelas pessoas e comecei a chorar — continuou Don Juan. — Olhavam para mim como se eu estivesse louco, como realmente estava, mas eu não me importava.

“O feitor sentiu pena de mim e aproximou-se para dar-me uma palavra de conselho. Pensou que eu estava chorando por mim mesmo.

Não tinha meios de saber que eu estava chorando pelo espírito.

Don Juan disse que um protetor silencioso veio a ele depois que sua raiva se esgotou. Foi na forma de uma onda de energia inesperada que deixou-o com a clara sensação de que sua morte era iminente.

Sabia que não teria tempo de rever sua família adotiva. Desculpou-se com eles em voz alta por não ter tido a força e a sabedoria necessárias para livrá-los de seu inferno na terra.

Os trabalhadores da fazenda continuavam a rir e zombar dele.

Ouvia-os vagamente. As lágrimas brotavam enquanto ele se dirigia e agradecia ao espírito por tê-lo colocado no caminho do nagual, dando- lhe uma imerecida chance de ser livre. Ouvia os uivos dos homens que não compreendiam. Ouvia seus insultos e gritos como se partissem de si mesmo. Eles tinham o direito de ridicularizá-lo. Chegara às portas da eternidade e não tivera consciência.

— Compreendi como meu benfeitor estivera certo — disse Don Juan. — Minha estupidez era um monstro, e já havia me devorado.

Assim que tive aquele pensamento, soube que qualquer coisa que pudesse dizer ou fazer era inútil. Havia perdido a rainha oportunidade.

Agora, estava apenas servindo de palhaço para aqueles homens. Não era possível que o espírito se preocupasse com o meu desespero. Havia muitos de nós — homens com seus próprios infernos mesquinhos privados, nascidos de nossa estupidez — para que o espírito prestasse atenção.

“Ajoelhei-me e olhei para o sudoeste. Agradeci outra vez a meu benfeitor e confessei ao espírito que estava envergonhado. Muito envergonhado. E com meu último suspiro disse adeus ao mundo, que poderia ter sido maravilhoso se eu houvesse tido sabedoria. Uma imensa onda chegou para mim então. Senti-a, inicialmente. Então ouvia e por fim vi-a caminhando em minha direção do sudoeste, por sobre os campos. Assaltou-me e seu negrume cobriu-me. E a luz de minha vida foi-se. Meu inferno chegara ao fim. Eu estava finalmente morto?

Estava finalmente livre?

A história de Don Juan devastou-me. Ele ignorou todos os meus esforços de falar a respeito. Falou que em outra ocasião e outro lugar iríamos discutir. Exigiu entretanto que continuássemos com o nosso propósito inicial: elucidar a mestria da consciência.

Alguns dias depois, quando estávamos descendo das montanhas, subitamente ele começou a falar a respeito de sua história. Havíamos sentado para descansar. Na realidade, era eu que havia parado para recuperar o fôlego. Don Juan continuava com a respiração normal.

— A luta dos feiticeiros pela certeza é a luta mais dramática que há — disse Don Juan. — É dolorosa e cara.

Muitas, muitas vezes custou realmente as vidas de feiticeiros.

Explicou que qualquer feiticeiro para ter completa certeza sobre seus atos, sobre sua posição no mundo dos feiticeiros, ou de ser capaz de utilizar com inteligência sua nova continuidade, deve invalidar a continuidade de sua antiga vida. Apenas então suas ações podem ter a necessária segurança para fortalecer e equilibrar a fragilidade e instabilidade de sua nova continuidade.

— Os feiticeiros videntes dos tempos modernos chamam esse processo de invalidação do passaporte para a impecabilidade, ou a morte simbólica mas final dos feiticeiros — explicou Don Juan. — E naquele campo em Sinaloa eu obtive meu passaporte para a impecabilidade. Morri ali. A fragilidade de minha nova continuidade custou-me a vida.

— Mas, Don Juan, você morreu ou apenas desmaiou? — perguntei, tentando não parecer cínico.

— Morri naquele campo. Senti minha consciência fluindo para fora de mim e dirigindo-se na direção da Águia. Mas como eu havia recapitulado impecavelmente minha vida, a Águia não me devorou a consciência. A Águia cuspiu-me para fora. Porque meu corpo estava morto no campo, ela não me deixou seguir diretamente para a liberdade. Era como se me dissesse para voltar e tentar outra vez.

“Ergui-me para as alturas de negrume c tornei a descer para a luz da terra, e então encontrei-me numa cova rasa à margem do campo, coberta de rochas e terra.

Don Juan disse que soube estranhamente o que fazer depois de se desenterrar. Rearrumou a sepultura para parecer como se um corpo ainda estivesse ali e depois partiu. Sentia-se forte e determinado. Mas sabia que

precisava voltar à casa de seu benfeitor. Mas, antes de iniciar a viagem de retorno, desejava ver sua família e explicar-lhes que era um feiticeiro e por essa razão não podia permanecer com eles. Queria explicar que o seu fracasso fora devido a não saber que os feiticeiros nunca podem construir uma ponte para juntar-se às pessoas do mundo. Mas, se as pessoas desejam fazê-lo, devem construir uma ponte para juntar-se aos feiticeiros.

— Fui para casa — continuou Don Juan. — Mas a casa estava vazia. Os vizinhos chocados disseram-me que os trabalhadores da fazenda haviam vindo mais cedo com notícias de que eu caíra morto durante o trabalho, e então minha mulher e seus filhos haviam partido.

— Quanto tempo esteve morto, Don Juan?

— Um dia inteiro, aparentemente.

O sorriso de Don Juan brincava em seus lábios. Os olhos pareciam ser feitos de obsidiana brilhante. Observava minha reação, esperando por meus comentários.

— O que aconteceu com sua família, Don Juan?

— Ah, a pergunta de um homem sensível. Por um momento pensei que ia perguntar-me sobre a minha morte! Confessei que estivera por fazê-lo, mas que sabia que ele estava vendo minha pergunta como a formulei em minha mente, e só para contradizer perguntei outra coisa. Não mencionei isso como uma brincadeira, mas ele riu.

— Minha família desapareceu naquele dia. Minha mulher era uma sobrevivente. Precisava ser, com as condições sob as quais vivíamos. Como eu estivera esperando minha morte, ela acreditou que enfim eu a Obtivera. Não havia nada para ela fazer por ali, por isso partiu.

“Senti falta das crianças e consolei-me com o pensamento de que não era meu destino estar com elas. Entretanto, os feiticeiros têm uma tendência peculiar. Vivem exclusivamente ao crepúsculo de um sentimento melhor descrito pelas palavras ‘e no entanto...’ quando tudo está desmoronando ao redor deles, os feiticeiros aceitam que a situação é terrível, e então de imediato escapam para o crepúsculo do ‘e no entanto...’ “Fiz isso com meu sentimento por aquelas crianças e a mulher.

Com grande disciplina — especialmente por parte do menino mais velho — eles haviam recapitulado suas vidas comigo. Apenas o espírito podia decidir o desfecho daquela afeição.

Ele lembrou-me que me ensinara como os guerreiros agiam em tais situações. Faziam o seu máximo, e então, sem qualquer remorso ou arrependimento, relaxavam e deixavam que o espírito decidisse o desfecho.

— Qual foi a decisão do espírito, Don Juan?

Ele perscrutou-me sem responder. Eu sabia que Don Juan estava completamente consciente de meu motivo para perguntar. Eu experimentara uma afeição e uma perda similares.

— A decisão do espírito é outro cerne básico. As histórias de feitiçaria são construídas ao redor deste cerne. Conversaremos sobre aquela decisão específica quando chegarmos a discutir aquele cerne básico.

“Agora, não havia uma pergunta sobre a minha morte que você desejava fazer?

— Se eles pensavam que você estava morto, por que a cova rasa?

Por que não escavaram uma sepultura verdadeira e o sepultaram?

— Isso é mais parecido com você — disse ele, rindo. — Fiz a mesma pergunta a mim mesmo e percebi que todos aqueles trabalhadores da fazenda eram gente devota. Eu era cristão. Os cristãos não são sepultados simplesmente assim, nem são deixados para apodrecer como cães. Penso que estavam esperando que minha família viesse e reclamasse o corpo para dar-lhe um sepultamento apropriado.

Mas minha família nunca veia — Você foi procurá-los, Don Juan?

— Não. Os feiticeiros nunca procuram por ninguém — replicou. — E eu era um feiticeiro. Havia pago com minha vida por um engano de não saber que era um feiticeiro, e que feiticeiros nunca abordam ninguém.

“Desde aquele dia, aceitei apenas a companhia ou os cuidados de pessoas ou guerreiros que estão mortos, como eu.

Don Juan disse que voltara à casa do seu benfeitor onde todos eles logo souberam o que ele havia descoberto. E trataram-no como se ele jamais houvesse partido.

O nagual Julian comentou que por causa de sua natureza peculiar Don Juan havia levado muito tempo para morrer.

— Meu benfeitor explicou-me então que a passagem de um feiticeiro para a liberdade era sua morte — continuou Don Juan. — Contou que ele próprio pagara com a sua vida por essa passagem para a liberdade, como o fizeram todos os demais de sua casa. E que agora éramos iguais em nossa condição de estarmos mortos.

— Também estou morto, Don Juan?

— Você está morto. O grande truque dos feiticeiros, entretanto, é estar consciente de que estão mortos. Seu passaporte para a implacabilidade deve estar envolto em consciência. Nessa consciência, dizem os feiticeiros, seu passaporte é mantido em estado de novo.

“Por sessenta anos, tenho mantido o meu em estado de novo.

Parte VI - Manejando o Intento

O TERCEIRO PONTO

Don Juan, com freqüência, levava-me e os outros seus aprendizes em excursões à cadeia de montanhas próxima a oeste. Nessa ocasião partimos ao amanhecer e voltamos ao final da tarde. Resolvi caminhar com Don Juan. Estar perto dele sempre me acalmava e relaxava; mas com seus aprendizes voláteis sempre produzia em mim o efeito oposto.

Faziam-me sentir muito cansado.

Quando descemos das montanhas, Don Juan e eu fizemos uma parada antes de alcançarmos as planícies. Um ataque de profunda melancolia me envolveu com tal velocidade e força que tudo que pude fazer foi sentar-me. Então, seguindo a sugestão de Don Juan, deitei sobre o estômago, no alto de uma grande pedra redonda.

O resto dos aprendizes zombou de mim e continuou a caminhada.

Eu ouvia os risos e gritos tornarem-se tênues a distância. Don Juan aconselhou-me a relaxar e deixar meu ponto de

aglutinação, que ele disse ter-se movido com súbita velocidade, acomodar-se em sua nova posição.

— Não se apresse — aconselhou-me. — Em pouco tempo você irá sentir uma espécie de puxão, ou uma batida nas costas, como se alguém o tivesse tocado. Então ficará bem.

O ato de estar deitado imóvel sobre a pedra, esperando sentir a batida nas costas, desencadeou uma recordação espontânea tão intensa e clara que nunca percebi a pancada que eu estava esperando. Sabia, entretanto, que a recebi, porque minha melancolia, com efeito, desvaneceu-se imediatamente.

Descrevi com rapidez o que estava recordando a Don Juan. Ele sugeriu que eu permanecesse na pedra e movesse meu ponto de aglutinação de volta ao lugar exato onde se encontrava quando experimentei o evento que estava recordando.

— Obtenha todos os detalhes disso — advertiu ele.

Isso ocorrera muitos anos antes, Don Juan e eu havíamos estado naquele tempo no estado de Chihuahua, no norte do México, no alto deserto. Eu costumava ir ali com ele porque era uma área rica em ervas medicinais que ele colhia. Do ponto de vista antropológico, aquela área também despertava-me um grande interesse. Arqueólogos haviam encontrado, não muito tempo antes, os restos do que concluíram ter sido um grande posto de comércio pré-histórico. Imaginaram que o posto de comércio, estrategicamente situado numa passagem natural, tivesse sido o epicentro do comércio ao longo de uma rota que juntava o sudoeste americano ao sul do México e à América Central.

As poucas vezes em que eu estivera naquele deserto plano e alto haviam reforçado a minha convicção de que os

arqueólogos estavam certos em suas conclusões de que se tratava de uma passagem natural.

Eu, é claro, discursara para Don Juan sobre a influência dessa passagem na distribuição pré-histórica de traços culturais no continente norte-americano. Achava-me profundamente interessado naquela época em explicar a feitiçaria entre os índios do sudoeste americano, do México, e da América Central como um sistema de crenças que fora transmitido ao longo de rotas mercantes e que servira para criar num certo nível abstrato, uma espécie de pan-indianismo pré-colombiano.

Don Juan, naturalmente, ria, fazendo o maior estardalhaço, a cada vez que eu expunha minhas teorias.

O evento que eu recordava começou na metade da tarde depois que Don Juan e eu havíamos colhido dois pequenos sacos de algumas ervas medicinais muito raras. Fizemos uma pausa e Sentamo-nos no alto de algumas enormes pedras. Mas antes de retornarmos para onde eu deixara o carro, Don Juan insistiu em comentar sobre a arte de espreitar. Disse que o local era o mais adequado para explicar suas complexidades, mas que para compreendê-las eu devia primeiro entrar em consciência intensificada.

Exigi que, antes que ele fizesse qualquer coisa, me explicasse outra vez o que realmente era a consciência intensificada.

Don Juan, demonstrando muita paciência, discutiu a consciência intensificada em termos do movimento do ponto de aglutinação.

Enquanto ele falava, percebi a tolice de meu pedido. Eu sabia tudo o que ele estava me dizendo. Comentei que não precisava realmente de tudo explicado, e ele disse que as explicações nunca eram desperdiçadas, porque ficavam

expressas em nós para uso imediato ou posterior, ou para ajudar a preparar nosso caminho para alcançar o conhecimento silencioso.

Quando lhe pedi para falar, com maiores detalhes, sobre o conhecimento silencioso, ele logo respondeu que o conhecimento silencioso era uma posição geral do ponto de aglutinação, que eras atrás havia sido a posição normal do homem, mas que por razões que seriam impossíveis de determinar, o ponto de aglutinação do homem moveu-se daquela localização específica e adotou uma nova, chamada "razão".

Don Juan comentou que nem todo ser humano era o representante dessa nova posição. Os pontos de aglutinação da maioria de nós não estavam localizados exatamente no local da própria razão mas em sua vizinhança imediata. O mesmo ocorrera no caso do conhecimento silencioso: nem todos os pontos de aglutinação dos seres humanos estiveram exatamente naquela localização também.

Falou também que "o lugar da não-piedade", sendo outra posição do ponto de aglutinação, era o predecessor do conhecimento silencioso, e que ainda uma outra posição do ponto de aglutinação, chamada "o lugar da concernência", era o predecessor da razão.

Não vi nada de obscuro nesses comentários críticos. Para mim eram auto-explanatórios. Compreendia tudo o que ele dizia enquanto aguardava por seu costumeiro golpe em minhas omoplatas para fazer- me entrar na consciência intensificada. Mas o golpe nunca chegou, e continuei compreendendo o que ele estava dizendo sem estar de fato consciente de que compreendia tudo. A sensação de estar à vontade, de assumir as coisas como certas, própria à minha consciência normal, permaneceu comigo e não questionei minha capacidade de compreender.

Don Juan olhou para mim fixamente e recomendou que eu deitasse com o rosto para baixo no alto de uma pedra redonda, com os braços e pernas espalhados como uma rã.

Fiquei deitado ali uns dez minutos, completamente relaxado, quase adormecido, até que fui arrancado de minha dormência por um esturro macio sibilante e continuado. Ergui a cabeça, olhei para cima, e o cabelo ficou em pé. Um jaguar gigantesco e escuro estava agachado sobre uma pedra, a não mais de três metros de mim, exatamente acima de onde Don Juan estava sentado. O jaguar, as presas à mostra, encarava-me diretamente. Parecia pronto a saltar sobre mim.

— Não se mova! — ordenou-me Don Juan suavemente. — Não o encare. Olhe para o seu nariz e não pisque. Sua vida depende de seu olhar.

Segui as suas instruções. O jaguar e eu olhamos um para o outro por um momento até que Don Juan quebrou o impasse atirando seu chapéu como um disco à cabeça do jaguar. O jaguar saltou para trás para não ser atingido, e Don Juan soltou um assobio alto, prolongado e perfurante. Ele então berrou com o máximo de sua voz e bateu as mãos duas ou três vezes. Aquilo soou como tiros abafados.

Don Juan fez-me sinal para descer da pedra e juntar-me a ele.

Então berramos e batemos as mãos até nos certificarmos de que o jaguar fugira.

Meu corpo tremia, entretanto eu não estava assustado. Disse a Don Juan que o que me causara mais medo não fora o súbito esturro do jaguar nem seu olhar, mas a certeza de que o jaguar estivera olhando para mim muito antes de eu tê-lo ouvido e erguido a cabeça.

Don Juan nada comentou sobre a experiência. Estava profundamente mergulhado em pensamentos. Quando comecei a perguntar-lhe se havia visto o jaguar primeiro, fez um gesto imperativo para calar-me. Dava-me a impressão de que estava desconfortável ou mesmo confuso.

Após um momento de silêncio, Don Juan fez um sinal para começarmos a andar. Passou à frente. Afastamo-nos das rochas, ziguezagueando num passo rápido através dos arbustos. Depois de cerca de uma hora atingimos uma clareira no chaparral onde paramos para descansar por um momento. Não trocamos uma única palavra e eu estava ansioso para saber o que Don Juan pensava.

— Por que estamos caminhando assim? — perguntei. — Não seria melhor fazer uma linha reta para fora daqui, e rápido?

— Não! — respondeu ele enfaticamente. — Não seria nada bom.

Aquele é um jaguar macho. Está faminto e virá atrás de nós.

— Essa é mais uma razão para sairmos daqui depressa — insisti.

— Não é tão fácil assim. Aquele jaguar não está obstruído pela razão. Sabe exatamente o que fazer para apanhar-nos. E, tão certo como estou falando a você, ele irá ler nossos pensamentos.

— O que quer dizer com o jaguar lendo nossos pensamentos?

— Isso não é uma afirmação metafórica. Falo sério. Animais grandes como aquele podem ler pensamentos. E não quero dizer adivinhar. Mas eles sabem tudo diretamente.

— O que podemos fazer então? — perguntei, muito alarmado.

— Deveríamos tornar-nos menos racionais e tentar vencer a batalha tornando impossível que o jaguar leia nossos pensamentos.

— Em que nos ajudaria ficar menos racionais?

— A razão nos faz escolher o que parece são à mente. Por exemplo, sua razão já lhe disse para correr tão rápido quanto pode numa linha reta. O que sua razão não considerou é que precisaríamos correr cerca de oito quilômetros antes de chegarmos à segurança de seu carro. E o jaguar irá correr mais do que nós. Passará a nossa frente e estará esperando no ponto mais apropriado para saltar sobre nós.

“Uma escolha melhor mas menos racional é ziguezaguear.

— Como sabe que isso é melhor, Don Juan?

— Porque minha conexão com o espírito é muito clara. Isto é, meu ponto de aglutinação está no lugar do conhecimento silencioso. A partir daí, posso discernir que aquele é um jaguar faminto, mas não um que já tenha comido humanos. E está intrigado com nossos atos. Se ziguezaguearmos agora, o jaguar precisará fazer um esforço para antecipar-nos.

— Há outras escolhas além de ziguezaguear?

— Há apenas escolhas racionais. E não temos todo o equipamento que necessitamos para sustentar escolhas racionais. Por exemplo, podemos dirigir-nos para terrenos altos, mas precisaríamos de uma arma para garantir a posição.

“Precisamos igualar as escolhas do jaguar. Essas escolhas são ditadas pelo conhecimento silencioso. Precisamos fazer o que o conhecimento silencioso nos diz, independentemente de quão irrazoável possa parecer.

Don Juan começou seu trote ziguezagueante. Segui-o bem de perto, pois não tinha confiança que correr desse modo iria salvar-nos.

Estava tendo uma reação de pânico retardada. A idéia da sombra escura do enorme animal assomando obcecava-me. O chaparral do deserto consistia de arbustos altos e dilapidados, espaçados de um metro a um metro e meio. A pouca chuva no alto deserto não permitia o crescimento de plantas com espessa folhagem ou vegetação rasteira densa. No entanto, o efeito visual do chaparral era de espessura e impenetrabilidade.

Don Juan movia-se com extraordinária agilidade, e eu o seguia o melhor que podia. Ele sugeriu que eu observasse onde pisava e fizesse menos barulho. Alertou que o som de galhos quebrando sob o meu peso era um delator perigoso.

Deliberadamente tentei pisar na trilha de Don Juan, para evitar quebrar galhos secos. Ziguezagueamos cerca de cem metros dessa maneira até que tive um vislumbre da enorme massa escura do jaguar a não mais de trinta metros atrás de mim.

Berrei com o máximo de minha voz. Sem parar, Don Juan virou- se rapidamente o suficiente para ver o grande gato sair de nossa visão.

Don Juan soltou outro assobio penetrante e ficou batendo as mãos, imitando o som de tiros abafados.

Num quase sussurro, explicou que os gatos não gostavam de subir morros, portanto iríamos atravessar, a

toda velocidade, a larga e profunda ravina poucos metros a minha direita.

Ele deu o sinal para partirmos e nos precipitamos através dos arbustos tão rápido quanto podíamos. Deslizamos num lado da ravina abaixo, atingimos o fundo, e subimos correndo o outro lado. Dali tínhamos uma visão clara das encostas, do fundo da ravina, e do terreno plano onde estivéramos. Don Juan sussurrou que o jaguar estava seguindo nosso cheiro, e se tivéssemos sorte iríamos vê-lo correndo para o fundo da ravina, perto de nosso rastro.

Olhando fixamente para a ravina abaixo de nós, esperei ansiosamente conseguir um vislumbre do animal. Mas não o vi. Já começava a pensar que o jaguar poderia ter fugido, quando ouvi o apavorante esturro do grande gato no chaparral exatamente atrás de nós. Tive a arrepiante percepção de que Don Juan estivera certo. Para chegar aonde estava, o jaguar deve ter tido nossos pensamentos e cruzado a ravina antes de nós.

Sem emitir uma única palavra, Don Juan começou a correr com uma velocidade formidável. Segui-o e ziguezagueamos por muito tempo.

Eu estava totalmente sem fôlego quando paramos para descansar.

O medo de ser caçado pelo jaguar não havia, entretanto, evitado que eu admirasse a soberba destreza física de Don Juan. Ele corria como um jovem. Comecei a dizer-lhe que lembrava de alguém em minha infância que me impressionara profundamente com sua habilidade para correr, mas ele fez sinal para que eu parasse de falar. Ficou escutando com atenção, e eu fiz o mesmo.

Ouvi um ruído suave na vegetação bem à nossa frente. A silhueta negra do jaguar ficou visível por um instante no

ponto do chaparral a uns cinqüenta metros à nossa frente.

Don Juan encolheu os ombros e apontou na direção do animal.

— Parece que não vamos conseguir nos livrar dele — disse num tom de resignação. — Vamos caminhar com calma, como se estivéssemos dando um belo passeio no parque, e você me contará a história de sua infância. Este é o momento e o cenário certos para isso.

Um jaguar está atrás de nós com um apetite voraz, e você está se lembrando sobre o passado: o perfeito não-fazer para estar sendo caçado por um jaguar.

Ele riu alto. Mas quando lhe falei que havia perdido completamente o interesse em contar a história, ele dobrou-se de risos.

— Está me punindo agora por não querer ouvi-lo, não é mesmo?

E eu, é claro, comecei a defender-me. Disse-lhe que sua acusação era definitivamente absurda. De fato perdi o fio da meada.

— Se um feiticeiro não tem auto-estima, não dá uma bosta por ter perdido o fio da história — disse ele com um brilho malicioso nos olhos.

— Como você não tem mais qualquer auto-estima, deve contar sua história agora. Conte-a ao espírito, ao jaguar, e a mim, como se não tivesse perdido o fio em momento algum.

Eu queria dizer-lhe que não me sentia com vontade de atender a seus desejos, porque a história era estúpida demais e o cenário era apavorante. Queria escolher o cenário apropriado para isso, alguma outra vez, como ele próprio fazia com suas histórias.

Antes que eu desse voz às minhas opiniões, ele me respondeu.

— Tanto o jaguar como eu podemos ler pensamentos — disse, sorrindo. — Se escolho o local apropriado e o tempo para minhas histórias de feitiçarias, é porque são para o ensino que desejo obter o máximo efeito delas.

Fez-me sinal para começar a caminhar. Caminhamos com calma, lado a lado. Comentei que havia admirado a sua corrida e sua resistência, e que havia muita auto-estima no núcleo de minha admiração, porque me considerava um bom corredor. Então contei-lhe a história de minha infância da qual me lembrara quando o vi correndo com tanta disposição.

Disse-lhe que eu jogara futebol quando menino e corria muito. Na realidade, era tão ágil e rápido que sentia que podia cometer qualquer travessura com impunidade porque seria capaz de correr mais do que qualquer pessoa perseguindo-me, em especial os velhos policiais que patrulhavam as ruas de minha cidade natal, a pé. Se eu quebrasse uma lâmpada de rua ou algo desse tipo, tudo o que tinha a fazer era sair correndo e estava a salvo.

Mas um dia, sem que eu soubesse, os policiais velhos foram substituídos por um novo corpo de polícia com treinamento militar.

Veio o momento desastroso quando quebrei a janela de uma loja, confiante de que minha velocidade era meu salvo-conduto. Um jovem policial partiu atrás de mim. Corri como nunca havia corrido antes, mas não adiantou de nada. O oficial, que era um craque centroavante no time de futebol da polícia, corria mais que eu e tinha resistência maior que os meus dez anos. Apanhou-me e chutou-me por todo o caminho de volta à loja com a janela quebrada. Com muita

arte, deu nome a todos os seus chutes como se estivesse treinando no campo de futebol.

Não me machucou, apenas deixou-me terrivelmente amedrontado, e no entanto minha intensa humilhação foi temperada por uma admiração de um garoto de dez anos por sua agilidade e seu talento como jogador de futebol.

Falei a Don Juan que havia sentido o mesmo com ele neste dia.

Ele era capaz de correr mais do que eu, apesar de nossa diferença de idade e de eu ter sido um excelente corredor quando criança.

Também contei-lhe que durante anos eu tivera um sonho recorrente no qual eu corria tão bem que o jovem policial não era capaz de sobrepujar-me.

— A sua história é mais importante do que pensei — comentou Don Juan. — Pensei que seria uma história sobre sua mãe espancando- o.

A maneira pela qual enfatizou suas palavras fizeram sua afirmação muito engraçada e zombeteira. Acrescentou que certas vezes era o espírito, e não nossa razão, o que decidia sobre nossas histórias.

Esta fora uma dessas vezes. O espírito havia engatilhado essa história em particular em minha mente, sem dúvida porque a história concernia a minha indestrutível auto-estima. Disse que a tocha da raiva e da humilhação havia queimado em mim por anos, e meus sentimentos de falha e derrota permaneciam intactos.

— Um psicólogo teria um dia de estudo com sua história e seu contexto atual — continuou. — Em sua mente, devo estar identificado com o jovem policial que estraçalhou sua noção de invencibilidade.

Agora que ele o mencionara, tive de admitir que aquele havia sido meu sentimento, embora eu não pensasse nele conscientemente, muito menos o enunciara.

Caminhamos em silêncio. Eu estava tão tocado por sua analogia que esqueci por completo do jaguar à nossa espreita, até que um esturro selvagem lembrou-me de nossa situação.

Don Juan orientou-me para saltar para cima e para baixo sobre os longos galhos baixos dos arbustos e quebrar dois deles para fazer uma espécie de vassoura comprida. Ele fez o mesmo. Enquanto corríamos, usamos os galhos para levantar uma nuvem de pó, remexendo e chutando a terra seca e arenosa.

— Isso deverá preocupar o jaguar — disse ele quando parou outra vez para recuperarmos o fôlego. — Temos poucas horas de luz do dia. À noite o jaguar é imbatível, de modo que será melhor começarmos a correr diretamente na direção daqueles morros rochosos. — Apontou para os morros a distância, talvez um quilômetro ao sul. — Deveríamos ir para leste — sugeri. — Aqueles morros são muito para o sul. Se formos naquela direção, nunca chegaremos ao meu carro.

— De qualquer modo, não chegaremos ao seu carro hoje — retrucou ele calmamente. — E talvez nem amanhã. Quem pode dizer se conseguiremos voltar?

Senti uma pancada de medo, e então uma estranha paz tomou conta de mim. Disse a Don Juan que, se a morte ia apanhar-me naquele chaparral deserto, eu tinha esperanças de que fosse indolor.

— Não se preocupe. A morte é dolorosa apenas quando acontece na cama, numa doença. Numa luta por sua vida,

você não sente dor. A única coisa que pode sentir é exultação.

Falou que uma das diferenças mais dramáticas entre o homem civilizado e os feiticeiros era a maneira pela qual a morte chegava para eles. Apenas com feiticeiros guerreiros a morte era gentil e doce. Eles podiam estar mortalmente feridos e ainda assim não sentiriam dor. E o mais extraordinário ainda é que a morte aguardava por tanto tempo quanto os feiticeiros necessitassem.

— A maior diferença entre o homem médio e um feiticeiro é que o feiticeiro comanda a morte com sua velocidade — continuou Don Juan.

— Se chegar a esse ponto, o jaguar não irá comer-me. Irá comer você, porque você não tem a velocidade para deter sua morte.

Ele então falou sobre as complexidades da idéia de velocidade e morte dos feiticeiros. Disse que no mundo da vida cotidiana nossa palavra ou nossas decisões podiam ser revertidas com muita facilidade.

A única coisa irrevogável em nosso mundo é a morte. No mundo dos feiticeiros, por outro lado, a morte normal podia ser revogada, mas não a palavra do feiticeiro. No mundo dos feiticeiros, as decisões não podem ser mudadas ou revistas. Uma vez que eram tomadas, valiam para sempre.

Avisei-lhe que suas afirmações, impressionantes como eram, não me convenciam de que a morte podia ser revogada, e ele repetiu o que explicara antes. Disse que para um vidente os seres humanos eram massas luminosas, longas ou esféricas, de incontáveis, estáticos, e no entanto vibrantes campos de energia, e que apenas os feiticeiros eram capazes de injetar movimento nessas esferas de luminosidade estática.

Num milissegundo podiam mover seus pontos de aglutinação a qualquer lugar em sua massa luminosa. Esse movimento e a velocidade com o qual era realizado envolviam um deslocamento instantâneo para a percepção de outro universo totalmente diferente. Ou podiam mover seus pontos de aglutinação, sem parar, através de seus campos inteiros de energia luminosa. A força criada por tal movimento era tão intensa que consumia instantaneamente sua massa luminosa inteira.

— Falou que se um desmoronamento estivesse descendo ruidosamente sobre nós naquele preciso momento, ele seria capaz de cancelar o efeito normal de uma morte acidental. Usando a velocidade com a qual seu ponto de aglutinação se moveria, podia fazer a si próprio mudar de universo ou queimar-se numa fração de segundo. Eu, por outro lado, teria uma morte normal, esmagado pelas rochas, porque faltava a meu ponto de aglutinação a velocidade para puxar-me dali.

Argumentei que os feiticeiros apenas encontraram um modo alternativo de morrer, que não era o mesmo que um cancelamento da morte. Ele respondeu que os feiticeiros comandavam a sua morte.

Morriam apenas quando precisavam fazê-lo.

Embora eu não duvidasse do que ele dizia, continuei fazendo perguntas, quase como um jogo. Mas enquanto ele falava, pensamentos e memórias soltos sobre universos perceptíveis se formavam em minha mente, como uma tela.

Disse a Don Juan que estava pensando coisas estranhas. Ele riu e recomendou que me fixasse no jaguar, pois era tão real que podia apenas ser uma verdadeira manifestação do espírito.

A idéia de quão real era o animal fez-me estremecer.

— Não seria melhor se mudássemos de direção em vez de seguirmos diretamente para os morros?

Pensei que podíamos criar certa confusão no jaguar com uma mudança inesperada.

— É tarde demais para mudar de direção — alegou Don Juan. — O jaguar já sabe que não temos para onde fugir a não ser os morros.

— Isso não pode ser verdade, Don Juan! — Por que não?

Disse-lhe que embora pudesse atestar a habilidade do animal em estar um salto a nossa frente, eu não conseguia aceitar que o jaguar tivesse a previsão para imaginar para onde desejávamos ir.

— Seu erro é pensar no poder do jaguar em termos de sua capacidade de imaginar as coisas. Ele não pode pensar. Ele apenas sabe.

Don Juan disse que nossa manobra de levantar poeira era para confundir o jaguar, dando-lhe uma informação sensorial sobre algo para o que não tínhamos utilidade. Não podíamos desenvolver um sentimento real por levantar poeira, mesmo quando nossas vidas dependiam disso.

— Realmente não compreendo o que está dizendo — murmurei.

A tensão começava a fazer efeito. Eu sentia dificuldade para concentrar-me.

Don Juan explicou que os sentimentos humanos eram como correntes quentes e frias de ar e podiam ser detectados com facilidade por um animal. Nós éramos os emissores, o jaguar o receptor.

Independente dos nossos sentimentos, eles iriam encontrar seu caminho até o jaguar, ou melhor: o jaguar podia ler quaisquer sentimentos que nos apresentavam uma história de utilidade. No caso da manobra de levantar poeira, o sentimento que tivéramos a respeito era tão fora do ordinário que podia apenas criar um vácuo no receptor.

— Outra manobra que o conhecimento silencioso poderia ditar seria chutar terra para o alto — disse Don Juan.

Olhou para mim por um instante, como se tivesse esperando por minhas reações.

— Vamos caminhar muito calmamente agora. E você vai chutar terra para cima como se fosse um gigante de três metros.

Devo ter exibido uma expressão estúpida no rosto. Don Juan se sacudia de tanto rir.

— E levante uma nuvem de poeira com os pés — ordenou-me. — Sinta-se enorme e pesado.

Tentei isso e logo tive uma sensação de volume. Num tom de brincadeira, comentei que seu poder de sugestão era incrível.

Realmente sentia-me gigantesco e feroz. Ele assegurou-me que minha sensação de tamanho não era de maneira alguma o produto de sua sugestão, mas o produto de um deslocamento do meu ponto de aglutinação.

Explicou que os homens da antigüidade tornaram-se legendários porque sabiam através do conhecimento silencioso sobre o poder a ser obtido ao mover-se o ponto de aglutinação. Numa escala reduzida, os feiticeiros haviam recapturado aquele antigo poder. Com um movimento de seus pontos de aglutinação podiam manipular seus

sentimentos e mudar coisas. Eu estava mudando coisas, sentindo-me grande e feroz.

Sentimentos processados desse modo eram chamados intento.

— Seu ponto de aglutinação já se moveu bastante — continuou.

— Agora você está na posição e pode perder sua conquista ou mover seu ponto de aglutinação além do lugar onde se encontra agora.

Don Juan falou que possivelmente qualquer ser humano sob condições normais de vida teve numa ou noutra ocasiões a oportunidade de livrar-se das amarras da convenção. Salientou que não queria se referir à convenção social, mas àquelas que amarram nossa percepção. Um momento de sublimidade seria suficiente para mover nossos pontos de aglutinação e quebrar as convenções. Assim, também, o momento de pavor, doença, raiva ou tristeza. Mas ordinariamente, sempre que tínhamos a oportunidade de mover os pontos de aglutinação, ficávamos assustados. Nossa formação acadêmica, religiosa e social iria entrar em jogo. Iria assegurar retorno seguro ao rebanho; o retorno de nossos pontos de aglutinação à proposta prescrita da vida normal.

Disse-me que todos os místicos e mestres espirituais que eu conhecia haviam feito exatamente isso: seus pontos de aglutinação se moveram, seja através de disciplina ou acidente, a um certo ponto; e então retornavam à normalidade, trazendo uma memória que lhes durava para a vida toda.

— Você pode ser um garoto muito religioso e bom — continuou — e esquecer sobre o movimento iniciai de seu

ponto de aglutinação. Ou pode empurrá-lo além de seus limites razoáveis. Você ainda está dentro desses limites.

Eu sabia sobre o que ele falava, e no entanto havia em mim uma estranha hesitação fazendo-me vacilar.

Don Juan forçou ainda mais seu argumento. Disse que o homem comum, incapaz de encontrar a energia para perceber além de limites diários, chamou o reino da percepção extraordinária de feitiçaria, bruxaria ou obra do diabo e afastou-se dela sem examiná-la melhor.

— Mas você não pode mais fazer isso — continuou Don Juan. — Você não é religioso e é curioso demais para descartar qualquer coisa com tanta facilidade. Só a covardia poderia pará-lo agora.

“Transforme tudo naquilo que realmente é; o abstrato, o espírito, o nagual. Não há bruxaria, nem mal, nem diabo. Existe apenas percepção.

Eu o compreendia. Mas não saberia dizer exatamente o que ele desejava que eu fizesse.

Olhei para Don Juan, tentando encontrar as palavras mais apropriadas. Eu parecia ter entrado numa disposição mental extremamente funcional e não desejava desperdiçar uma única palavra.

— Seja gigantesco! — ordenou-me ele, sorrindo. — Acabe com a razão.

Então eu soube exatamente o que ele queria dizer. Com efeito, eu sabia que podia aumentar a intensidade de meus sentimentos de tamanho e velocidade até que eu realmente pudesse ser um gigante pairando sobre os arbustos vendo tudo à nossa volta.

Tentei dar voz a meus pensamentos, mas desisti rapidamente.

Fiquei consciente de que Don Juan sabia tudo a respeito dos meus pensamentos, e, obviamente, muito, muito mais.

Então algo extraordinário aconteceu-me. Minhas faculdades de raciocínio cessaram de funcionar. Literalmente, senti como se um cobertor escuro tivesse me coberto e obscurecido meus pensamentos.

Com isso, deixei partir a minha razão com o abandono de alguém que não tem uma preocupação no mundo. Estava convencido que, se desejasse desfazer o cobertor que proporcionava obscuridade, tudo que devia fazer era sentir-me arremetendo através dele.

Naquele estado, senti que estava sendo propelido, colocado em movimento, algo me movia fisicamente de um lugar para outro. Não experimentava nenhuma fadiga. A velocidade e facilidade em me mover estimularam-me.

Não sentia que estava caminhando; também não estava voando.

Sem dúvida, era transportado com extrema facilidade. Meus movimentos tornavam-se convulsivos e desgraciosos apenas quando tentava pensar a seu respeito. Quando desfrutava deles sem pensamentos, entrava num estado único de relação física sem precedentes. Se já tive momentos de felicidade física como aquele em minha vida, devem ter sido tão curtos que nem deixaram lembrança. No entanto, quando experimentava aquele êxtase, senti uma vaga recognição, como se alguma vez o tivesse conhecido mas esquecido.

A exaltação de me mover através do chaparral era tão intensa que tudo o mais cessou. A única coisa que existia

era aqueles momentos de movimento e paradas.

Contudo ainda mais inexplicável foi a sensação corporal total de pairar acima dos arbustos. Em dado instante, vi com nitidez a figura do jaguar à minha frente. Estava se afastando tão rapidamente quanto podia. Senti que ele tentava evitar os espinhos dos cacto. Era extremamente cuidadoso quanto ao lugar onde pisava.

Tive a subjugante necessidade de correr atrás do jaguar e assustá-lo para que perdesse sua precaução. Sabia que ele precisaria ser ferido pelos espinhos. Um pensamento então irrompeu em minha mente silenciosa — pensei que o jaguar seria um animal mais perigoso pelos espinhos. Aquele pensamento produziu o mesmo efeito que alguém acordando-me de um sonho. Quando percebi que meus processos de pensamento funcionavam outra vez, descobri que chegara na base de uma cadeia baixa de morros rochosos. Olhei ao redor. Don Juan estava poucos metros atrás. Parecia exausto. Estava pálido e com a respiração difícil.

— O que aconteceu, Don Juan? — perguntei, depois de limpar a garganta irritada.

— Conte-me você o que aconteceu — ofegou ele entre duas inspirações.

Revelei-lhe o que havia sentido. Então percebi que mal podia ver o topo da montanha diretamente em minha linha de visão. Havia muito pouca luz do dia naquele momento, o que significava que eu correra, ou caminhara por mais de duas horas.

Pedi a Don Juan para explicar a discrepância de tempo. Ele disse que meu ponto de aglutinação moveu-se para além do lugar da não- piedade, para o lugar do conhecimento silencioso, mas que ainda me faltava energia

para manipulá-lo pessoalmente, ou seja, eu precisaria ter energia suficiente para mover-me à vontade entre a razão e o conhecimento silencioso. Ele acrescentou que se um feiticeiro tinha energia suficiente — ou mesmo se não tivesse energia suficiente mas necessitasse mudar porque era um assunto de vida ou morte — poderia flutuar entre a razão e o conhecimento silencioso.

Suas conclusões a meu respeito foram que, por causa da seriedade de nossa situação, eu havia deixado o espírito mover meu ponto de aglutinação. O resultado foi minha entrada no conhecimento silencioso. Naturalmente, o escopo de minha percepção havia aumentado, o que me dera a sensação de altura, de assomar por cima dos arbustos.

Nessa época, por causa de meu treinamento acadêmico, estava apaixonadamente interessado em validação por consenso. Fiz-lhe minha pergunta padrão daqueles dias.

— Se alguém do departamento de antropologia da Universidade de Los Angeles estivesse me observando, teria me visto como um gigante arremetendo por entre o chaparral?

— Realmente não sei. A maneira de descobrir seria mover seu ponto de aglutinação quando está no departamento de antropologia.

— Eu tentei. Mas nunca acontece nada. Preciso ter você por perto para que alguma coisa aconteça.

— Então não era um assunto de vida ou morte para você. Se tivesse sido, você teria movido seu ponto de aglutinação por si próprio.

— Mas as pessoas iriam ver o que eu vejo quando meu ponto de aglutinação se move? — insisti.

— Não, porque seus pontos de aglutinação não estarão no mesmo lugar que o seu.

— Então, Don Juan, eu sonhei o jaguar? Tudo isso aconteceu apenas em minha mente?

— Não exatamente. Aquele animal é real. Você se moveu por quilômetros e não se sente sequer cansado. Se estiver em dúvida, olhe para os seus sapatos. Estão cheios de espinhos de cactos. Portanto se moveu, assomando acima dos arbustos. E ao mesmo tempo não o fez.

Depende de o ponto de aglutinação do indivíduo estar no lugar da razão ou do conhecimento silencioso.

Eu compreendia sua explicação, mas não conseguia repetir qualquer parte daquilo de modo descontraído. Nem conseguia determinar o que eu sabia, ou por que ele estava fazendo tanto sentido para mim.

O esturro do jaguar trouxe-me de volta à realidade do perigo imediato. Tive um vislumbre da massa escura do animal quando se moveu rapidamente morro acima uns trinta metros a nossa direita.

— O que vamos fazer, Don Juan — perguntei, sabendo que ele também vira o animal movendo-se a nossa frente.

— Continue subindo até o topo e procure abrigo ali — disse ele calmamente.

Depois acrescentou, como se não tivesse uma única preocupação no mundo, que eu desperdiçara tempo valioso satisfazendo meu prazer em assomar acima dos arbustos. Em vez de dirigir-me para a segurança dos morros que lhe havia apontado, eu partira na direção das montanhas mais altas a leste.

— Precisamos alcançar aquela escarpa antes do jaguar ou não teremos qualquer oportunidade — disse ele, apontando para uma encosta quase vertical no próprio topo da montanha.

Voltei-me para a direita e vi o jaguar saltando de uma rocha para outra. Estava cortando caminho para bloquear-nos a passagem.

— Vamos, Don Juan? — gritei em meu nervosismo.

Don Juan sorriu. Parecia estar desfrutando de meu medo e impaciência. Movemo-nos o mais rápido possível e escalamos decididos.

Tentei não prestar atenção à forma escura do jaguar quando aparecia vez ou outra um pouco à nossa frente e sempre a nossa direita.

Nós três alcançamos a base da escarpa ao mesmo tempo. O jaguar estava cerca de vinte metros à nossa direita. Saltou e tentou escalar a face do rochedo, mas falhou. A parede de rocha era íngreme demais.

Don Juan gritou que eu não devia desperdiçar tempo observando o jaguar, porque este atacaria assim que desistisse de subir. Mal Don Juan acabara de falar, o animal atacou.

Não havia tempo para mais estímulos. Escalei seguido por Don Juan. O esturro agudo de frustração do animal soou bem ao lado de meu calcanhar direito. A força propulsora do medo enviou-me pela escarpa lisa acima, como se eu fosse uma mosca.

Alcancei o topo antes de Don Juan, que parara para rir.

Seguro no topo do rochedo, tive mais tempo para pensar sobre o que havia acontecido. Don Juan não queria discutir

coisa alguma.

Argumentou que nesse estágio de meu desenvolvimento qualquer movimento de meu ponto de aglutinação ainda seria um mistério. O desafio no início de meu aprendizado era, disse ele, manter meus ganhos, antes que raciociná-los — e em algum ponto tudo faria sentido para mim.

Aleguei que tudo fazia sentido para mim naquele momento. Mas ele foi inflexível em que eu tinha de ser capaz de explicar o conhecimento a mim mesmo antes que pudesse declarar que me fazia sentido. Insistiu que, para o movimento do meu ponto de aglutinação fazer sentido, eu necessitaria ter energia para flutuar do lugar da razão para o lugar do conhecimento silencioso.

Ficou quieto por algum tempo, varrendo meu corpo inteiro com seu olhar. Então pareceu tomar uma resolução, sorriu e começou a falar.

— Hoje você alcançou o lugar do conhecimento silencioso — disse com decisão.

Explicou que, naquela tarde, meu ponto de aglutinação se movera por si mesmo, sem a sua intervenção. Eu havia intentado o movimento manipulando minha sensação de ser gigantesco e, assim fazendo, meu ponto de aglutinação havia atingido a posição do conhecimento silencioso.

Eu estava muito curioso para ouvir como Don Juan interpretava minha experiência. Disse que a maneira de falar sobre a percepção atingida no lugar do conhecimento silencioso era chamá-la “aqui e aqui”. Explicou que quando eu lhe contara que me sentira assomando acima do chaparral do deserto, devia ter acrescentado que estava vendo o chão do deserto e o topo dos arbustos ao mesmo tempo. Ou que estivera num lugar onde eu me achava parado e ao mesmo tempo no lugar onde o jaguar se

encontrava. Assim, eu fora capaz de perceber o cuidado com o qual ele pisava para evitar os espinhos de cacto. Em outras palavras, em vez de perceber os normais aqui e ali, eu havia percebido “aqui e aqui”.

Seus comentários assustaram-me. Ele estava certo. Eu não mencionara isso para ele, e não admitira sequer a mim mesmo que estivera em dois lugares ao mesmo tempo. Eu não teria ousado pensar naqueles termos se não fosse por seus comentários.

Repetiu que eu necessitava de mais tempo e mais energia para compreender o sentido de tudo. Era jovem demais. Ainda necessitava de muita supervisão. Por exemplo, enquanto eu assomava pelos arbustos, ele tivera de fazer seu ponto de aglutinação flutuar rapidamente entre os lugares da razão e do silêncio do conhecimento silencioso para cuidar de mim, e isto o havia exaurida — Diga-me uma coisa — pedi, testando sua razoabilidade.

— Aquele jaguar era mais estranho do que você deseja admitir, não era? Os jaguares não são parte da fauna desta área. Pumas sim, mas não jaguares. Como explica isso?

Antes de responder, ele franziu o rosto. Subitamente estava muito sério.

— Penso que este jaguar, em particular, confirma suas teorias antropológicas — comentou num tom solene. — Obviamente o jaguar seguia essa famosa rota mercantil que liga Chihuahua com a América Central.

Don Juan riu tanto que o som de seu riso ecoou nas montanhas.

Aquele eco perturbou-me tanto quanto o jaguar. Contudo, não era o eco em si mesmo o que me perturbava, mas o fato de que eu nunca havia ouvido um eco à noite.

Para mim, eles eram associados apenas com a luz do dia. Foram necessárias várias horas para eu recordar todos os detalhes de minha experiência com o jaguar. Durante este tempo, Don Juan não falou comigo. Encostou-se numa rocha e adormeceu. Depois de algum tempo, eu não percebia mais a sua presença, e finalmente adormeci.

Fui acordado por uma dor no queixo. Havia dormido com o lado do rosto comprimido contra uma pedra. Ao abrir os olhos, tentei deslizar da pedra sobre a qual estava, mas perdi o equilíbrio e caí sentado. Don Juan apareceu por trás de alguns arbustos exatamente a tempo de rir.

Estava ficando tarde e imaginei em voz alta se teríamos tempo suficiente de chegar ao vale antes do anoitecer. Don Juan encolheu os ombros e não pareceu preocupado. Sentou-se a meu lado.

Perguntei-lhe se desejava ouvir os detalhes de minha recordação.

Indicou que estava bem para ele, embora não me fizesse quaisquer perguntas. Antes disse que havia três pontos dos quais eu me lembrara, que me eram de grande importância: primeiro, é que eu falara a respeito do conhecimento silencioso; o segundo, que eu movera meu ponto de aglutinação usando o intento; e o último, que eu entrara em consciência intensificada sem necessitar de um golpe entre minhas omoplatas.

— Intentar o movimento de seu ponto de aglutinação foi a sua maior realização — disse Don Juan. — Mas realização é algo pessoal. É necessária, mas não significa a parte importante. Não é o resíduo pelo qual os feiticeiros procuram.

Pensei que sabia o que ele desejava. Disse-lhe que não esquecera totalmente o evento. O que lembrava em estado

normal de consciência era que o leão da montanha, uma vez que eu não podia aceitar a idéia de um jaguar, nos caçou montanha acima, e que Don Juan perguntou se eu me sentira ofendido pelo ataque do animal. Assegurei que era absurdo me ofender com isso, e ele retrucou que eu deveria me sentir da mesma maneira a respeito dos ataques de meus semelhantes. Eu devia proteger-me, ou sair do caminho, mas sem sentir-me moralmente ofendido.

— Não é sobre isto que estou falando — disse ele, rindo. — A idéia do abstrato, do espírito, é o único fator importante. A idéia do eu pessoal não tem valor algum. Você continua a colocar a si mesmo e seus próprios sentimentos na frente. Toda vez que tive oportunidade, agi consciente da necessidade de abstrair. Você sempre acreditou que eu pensava de modo abstrato. Não. Abstrair significa fazer você mesmo disponível ao espírito, estando consciente dele.

Explicou que uma das coisas mais dramáticas a respeito da condição humana era a conexão macabra entre a estupidez e a auto- reflexão.

Era a estupidez que nos forçava a descartar qualquer coisa que não se conformasse com nossas expectativas auto-reflexivas. Por exemplo, como homens comuns, éramos cegos à mais crucial peça de conhecimento disponível ao ser humano: a existência do ponto de aglutinação e o fato de que este podia mover-se.

— Para um homem racional é impensável que haja um ponto invisível onde a percepção é aglutinada — continuou. — E ainda mais impensável que tal ponto não esteja no cérebro, caso ele fosse meditar sobre sua existência.

Acrescentou que o homem racional agarra-se firmemente a sua auto-imagem devido a sua ignorância abismai. Ignorava, por exemplo, o fato de que feitiçaria não

são encarnações e truques, mas a liberdade de perceber, não apenas o mundo aceito como é, mas tudo mais que seja humanamente possível.

— A estupidez do homem comum é mais perigosa — continuou.

— Ele tem medo de feitiçaria. Ele treme diante da possibilidade de liberdade. E a liberdade está na ponta de seus dedos. É chamada o terceiro ponto e pode ser alcançada tão facilmente quanto deslocar o ponto de aglutinação.

— Mas você mesmo me disse que mover o ponto de aglutinação é tão difícil que é uma verdadeira realização — protestei.

— Isso mesmo — assegurou-me. — Esta é outra contradição dos feiticeiros: apesar de muito difícil, é a coisa mais simples do mundo. Já lhe falei que uma febre alta podia mover o ponto de aglutinação. Fome, ou medo, ou amor, ou ódio poderiam fazê-lo; o misticismo também, e assim como o intento inflexivo, que é o método preferido dos feiticeiros.

Pedi que explicasse outra vez o que era intento inflexivo. Don Juan explicou que era uma espécie de obstinação exibida pelos seres humanos; um propósito extremamente bem definido não controvertido por quaisquer interesses ou desejos conflitantes; intento inflexivo também é a força engendrada quando o ponto de aglutinação se mantém fixo numa posição que não é a usual.

Don Juan fez então uma distinção significativa — que me escapara todos esses anos — entre um movimento e um deslocamento do ponto de aglutinação. O movimento era uma profunda mudança de posição, tão extrema que o ponto de aglutinação poderia mesmo alcançar outras faixas

de energia no interior de nossa massa total luminosa. Cada faixa de energia representa um universo completamente diferente a ser percebido. Um deslocamento, entretanto, é um movimento pequeno no interior da faixa de campos de energia, que percebemos como um mundo da vida cotidiana.

Continuou dizendo que os feiticeiros viam o intento inflexivo como um catalisador para desencadear suas decisões imutáveis, ou como o inverso: suas decisões imutáveis eram o catalisador que propelia seus pontos de aglutinação a novas posições, as quais geravam o intento inflexivo.

Devo ter parecido perplexo. Don Juan riu e disse que tentar raciocinar as descrições metafóricas dos feiticeiros era tão inútil quanto tentar raciocinar o conhecimento silencioso. Acrescentou que o problema com as palavras era que qualquer tentativa de esclarecer a descrição dos feiticeiros apenas as tornava mais confusas.

Sugeri que tentasse esclarecer isto de qualquer maneira que pudesse. Argumentei que qualquer coisa que pudesse dizer, por exemplo, sobre o terceiro ponto poderia apenas esclarecê-lo, pois, embora soubesse tudo a respeito, continuava muito confuso.

— O mundo da vida cotidiana consiste de dois pontos de referência. Temos, por exemplo, aqui e ali, dentro e fora, em cima e embaixo, bem e mal, e assim por diante. Assim propriamente falando, a percepção de nossas vidas é bidimensional.

Nada do que percebemos a nós mesmos fazendo tem profundidade.

Protestei que ele estava misturando níveis. Avisei que podia aceitar sua definição de percepção como a

capacidade dos seres vivos apreenderem com seus sentidos campos de energia selecionados por seus pontos de aglutinação — uma definição muito forçada pelos meus padrões acadêmicos, mas que, no momento, parecia coerente.

Entretanto, eu não podia imaginar o que poderia ser a profundidade do que fazíamos. Argumentei que era possível que ele estivesse falando sobre interpretações — elaborações de nossas percepções básicas.

— Um feiticeiro percebe suas ações com profundidade — retrucou. — Suas ações são tridimensionais para ele. Eles têm um terceiro ponto de referência.

— Como poderia existir um terceiro ponto de referência? — perguntei com um certo desagrado.

— Nossos pontos de referência são obtidos primariamente de nossa percepção dos sentidos. Nossos sentidos percebem e diferenciam o que é imediato e o que não é. Usando essa distinção básica, nós concluímos o resto.

“Para atingir o terceiro ponto de referência é preciso perceber dois lugares ao mesmo tempo.

Minha recordação colocara-me numa disposição estranha — era como se eu tivesse vivido a experiência há poucos minutos. Fiquei subitamente consciente de algo que deixara escapar por completo. Sob a supervisão de Don Juan, duas vezes antes experimentei aquela percepção dividida, mas esta era a primeira vez em que realizava tudo por mim mesmo. Pensando sobre recordação, também percebi que minha experiência sensorial era mais complexa do que eu julgara a início. Durante o tempo em que eu assomara acima dos arbustos, estive consciente — sem palavras ou mesmo pensamento — de estar em dois lugares, ou estar “aqui e aqui” como Don Juan chamou.

Minha percepção foi imediata e completa nos dois lugares. Mas também tivera consciência de que minha percepção dupla não tinha a mesma clareza total da percepção normal. Don Juan explicou que a percepção normal tinha um eixo. “Aqui e ali” eram os perímetros daquele eixo, e éramos parciais à clareza do “aqui”. Disse que em percepção normal, apenas, “aqui” era percebido, completa, instantânea e diretamente. Ao seu referente gêmeo, “ali”, faltava o senso de imediato. Era inferido, deduzido, esperado, mesmo assumido, mas não era apreendido diretamente com todos os sentidos. Quando percebíamos dois lugares ao mesmo tempo, a clareza total era perdida, mas a percepção imediata do “ali” era ganha.

— Mas então, Don Juan, eu estava certo ao descrever minha percepção como a parte importante da minha experiência.

— Não, não estava. O que você experimentou foi-lhe vital, porque abriu caminho para o conhecimento silencioso, mas a coisa importante era o jaguar. Aquele era de fato uma manifestação do espírito.

“Aquele grande gato chegou despercebido vindo de parte alguma.

E poderia ter acabado conosco tão certamente quanto estou falando com você. Aquele jaguar era uma expressão de magia. Sem ele você não teria superação, nem lição, nem realizações.

— Mas ele era um jaguar real?

— Pode apostar que sim! Don Juan observou que para um homem comum aquele animal teria sido uma coisa estranha e assustadora. Um homem comum se empenharia em explicar em termos razoáveis o que o jaguar estava fazendo em Chihuahua, tão longe de uma selva tropical.

Mas um feiticeiro, por ter um elo de conexão com o intento, via aquele jaguar como um veículo para a percepção — não uma coisa estranha, mas uma fonte de encantamento.

Havia uma série de perguntas que eu desejava fazer, e no entanto já sabia das respostas antes de conseguir articulá-las. Segui o curso de minhas próprias perguntas e respostas por algum tempo, até que por fim percebi não ser importante saber as respostas sem exibi-las, elas precisavam ser verbalizadas para ter algum valor.

Enunciei a primeira pergunta que me veio à mente. Pedi a Don Juan que me explicasse o que parecia ser uma contradição. Afirmou que apenas o espírito podia mover o ponto de aglutinação e também que meus sentimentos, processados em intento, moveram meu ponto de aglutinação.

— Apenas os feiticeiros podem transformar seus sentimentos em intento — explicou. — O intento é o espírito, logo é o espírito que move seus pontos de aglutinação.

“A parte enganosa de tudo isso é que apenas os feiticeiros sabem a respeito do espírito, o intento é de domínio exclusivo deles. Isto não é verdadeiro de modo algum, mas, na prática, é assim que se apresenta.

A contradição real é que os feiticeiros são mais conscientes de sua conexão com o espírito do que o homem comum, e lutam para manipulá-la. Isso é tudo. Já expliquei que o elo de conexão com o intento é o particular universal partilhado por tudo que existe.

Por duas ou três vezes, Don Juan pareceu começar acrescentar alguma coisa. Vacilava, aparentemente tentando escolher as palavras.

Por fim disse que estar em dois lugares ao mesmo tempo era um marco usado pelos feiticeiros para anotar o momento em que o ponto de aglutinação alcançava o lugar do conhecimento silencioso. Percepção dividida, se realizado por meios do próprio indivíduo, era chamado o movimento livre do ponto de aglutinação.

Assegurou-me que todo nagual fazia consistentemente tudo dentro de seu poder para encorajar o movimento livre dos pontos de aglutinação de seus aprendizes. Esse esforço total era criticamente chamado “estendendo-se para o terceiro ponto”.

— O aspecto mais difícil do conhecimento de um nagual — continuou Don Juan — e decerto a parte mais crucial de sua tarefa é o de estender-se para o terceiro ponto; o nagual intenta aquele movimento livre, e o espírito canaliza ao nagual os meios para realizá-lo. Eu nunca havia intentado qualquer coisa daquela espécie até você chegar. Por isso, eu nunca havia apreciado completamente o esforço gigantesco de meu benfeitor para intentá-lo para mim.

“Ainda que seja difícil para um nagual intentar o movimento livre para seus discípulos, nada é comparado com a dificuldade que seus discípulos têm em compreender o que o nagual está fazendo. Olhe para a maneira como você mesmo luta! A mesma coisa aconteceu comigo. Na maior parte do tempo, eu terminava acreditando que as artimanhas do espírito eram simplesmente as artimanhas do nagual Julian.

“Mais tarde, percebi que lhe devia minha vida de bem-estar. Agora sei que lhe devo infinitamente mais. Como não posso começar a descrever o que de fato lhe devo, prefira dizer que ele me coagiu a ter um terceiro ponto de referência. “O terceiro ponto de referência é liberdade de percepção; é o intento; é o espírito; a cambalhota do pensamento para o miraculoso; o ato de nos estendermos além de nossas fronteiras e tocarmos o inconcebível.

AS DUAS PONTES DE MÃO ÚNICA

Don Juan e eu estávamos sentados à mesa em sua cozinha. Era de manhã cedo. Acabáramos de voltar das montanhas, onde passamos a noite depois que eu recordara minha experiência com o jaguar.

Recordar minha percepção dividida deixou-me num estado de euforia, que Don Juan aproveitou, como de costume, para atirar-me em mais experiências sensoriais que eu agora era incapaz de recordar. Minha euforia entretanto não se desvanecera.

— Descobrir a possibilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo é muito excitante para mim — confessou. — Uma vez que nossas mentes são nossa racionalidade, e nossa racionalidade é nossa auto- reflexão, tudo além de nossa auto-reflexão ou nos apavora ou nos atrai, dependendo do tipo de pessoas que somos.

Olhou para mim fixamente, como se tivesse acabado de descobrir algo novo.

— Ou nos apavora e atrai na mesma medida — disse ele. — O que parece ocorrer com nós dois.

Disse-lhe que comigo não era uma questão de estar apavorado ou atraído por minha experiência, mas uma questão de estar assustado pela imensidão da possibilidade da percepção dividida.

— Não posso dizer, Don Juan, que não acredito ter estado em dois lugares ao mesmo tempo. Não posso negar minha experiência, e entretanto estou tão assustado por ela que minha mente se recusa a aceitá-la como fato.

— Você e eu somos o tipo de pessoas que se tornam obcecadas por coisas como essa, e então esquecem tudo a respeito delas — comentou ele, e riu. — Nós dois somos muito parecidos.

Foi minha vez de rir. Sabia que ele estava se divertindo comigo.

No entanto, projetava tal sinceridade que desejava acreditar na sua sinceridade.

Disse-lhe que entre seus aprendizes eu era o único que aprendera a não levar a sério suas afirmações de ser igual a nós. Eu o havia visto em ação e ouvira-o dizer a cada um de seus aprendizes, no mais sincero dos tons. “Você e eu somos tão tolos. Somos tão parecidos!” E eu ficara horrorizado, vez após vez, ao perceber que eles acreditavam.

— Você não é parecido com nenhum de nós, Don Juan. É um espelho que não reflete nossas imagens. Já está além de nosso alcance.

— O que você está testemunhando é o resultado da luta de uma vida inteira — retrucou. — O que você vê é um feiticeiro que finalmente aprendeu a seguir os desígnios do espírito, mas isso é tudo.

— Descrevi para você, de muitas maneiras, os diferentes estágios pelos quais passa o guerreiro ao longo da trilha do conhecimento. Em termos de sua conexão com o intento, um guerreiro passa por quatro estágios. O primeiro é quando tem um elo enferrujado, não confiável, com o intento. O segundo, quando consegue limpá-lo. O terceiro, quando aprende a manipulá-lo. E o quarto estágio é quando aprende a aceitar os desígnios do abstrato.

Don Juan insistiu que a sua realização não o tornava intrinsecamente diferente. Apenas o tornava mais dotado de recursos; dessa maneira, não estava sendo brincalhão quando dizia para mim ou para seus outros aprendizes que era exatamente como nós.

— Compreendo exatamente pelo que vocês estão passando.

Quando rio de vocês, rio em realidade à memória de mim mesmo em seus sapatos. Eu também agarrava-me, de unhas e dentes, ao mundo da vida cotidiana. Tudo me dizia para soltar, mas eu não conseguia.

Igual a vocês, eu acreditava implicitamente em minha mente, e não tinha nenhuma razão para fazer assim. Eu não era mais um homem comum.

“Meu problema então era seu problema hoje. O impulso do mundo diário me carregava, e eu continuava agindo como um homem comum. Agarrava-me desesperadamente a minhas tênues estruturas racionais. Não faça o mesmo.

— Eu não me agarro a quaisquer estruturas; elas é que se agarram a mim — retruquei, e isso fê-lo rir.

Disse-lhe que o havia compreendido, mas não importava quanto tentasse, era incapaz de me portar como deveria um feiticeiro.

Alegou que minha desvantagem no mundo dos feiticeiros era minha falta de familiaridade com esse mundo. Nele eu precisava me relacionar a tudo de uma maneira nova, o que era muito mais infinitamente difícil, porque tinha pouco a ver com a continuidade de minha vida cotidiana.

Descreveu o problema específico dos feiticeiros como tendo dois aspectos. Um é a impossibilidade de restaurar uma continuidade estilhaçada; o outro é a impossibilidade de usar a continuidade ditada pela nova posição de seus pontos de aglutinação, pois a nova continuidade é sempre tênue e instável demais, e não oferece aos feiticeiros a segurança que necessitam para funcionar como se estivessem no mundo da vida cotidiana.

— Como os feiticeiros resolvem esse problema?

— Nenhum de nós resolve coisa alguma — replicou ele. — O espírito ou o resolve por nós ou não o faz. Se o faz, o feiticeiro encontra- se agindo no mundo dos feiticeiros, mas sem saber como. Esta é a razão pela qual tenho insistido desde o dia em que o encontrei que a impecabilidade é tudo o que conta. Um feiticeiro vive uma vida impecável, e isto parece atrair a solução. Por quê? Ninguém sabe.

Don Juan permaneceu em silêncio por um momento. E depois, como se eu o tivesse dito, comentou sobre meu pensamento. Eu sempre acabava relacionando impecabilidade cora moralidade religiosa.

— Impecabilidade, como afirmei tantas vezes, não é moralidade.

Apenas se parece à moralidade. A impecabilidade é simplesmente o melhor uso de nosso nível de energia. Claro que exige frugalidade, simplicidade, inocência; e, acima de tudo, exige falta de auto-reflexão.

Tudo isso a faz soar como um manual de vida monástica, mas não é.

“Segundo os feiticeiros, para comandar o espírito, ou seja, comandar o movimento do ponto de aglutinação, o indivíduo necessita de energia. A única coisa que armazena energia para nós é nossa impecabilidade.

Don Juan comentou que não precisamos ser estudantes de feitiçaria para mover nosso ponto de aglutinação. Algumas vezes devido a circunstâncias naturais, embora dramáticas, tais como a guerra, as privações, o stress, a fadiga, a tristeza, a impotência, os pontos de aglutinação dos homens empreendem profundos movimentos.

— Se os homens que se encontram em tais circunstâncias fossem capazes de adotar uma ideologia de feiticeiro — disse Don Juan —, seriam capazes de maximizar aquele movimento natural sem problemas. E iriam procurar e encontrar coisas extraordinárias em vez de fazerem o que os homens fazem em tais circunstâncias: ansiarem pelo retorno à normalidade “Quando o movimento do ponto de aglutinação é maximizado, tanto o homem comum quanto o aprendiz de feiticeiro se tornam um feiticeiro, porque, ao maximizar aquele movimento, a continuidade é desmantelada além da reparação.

— Como maximizar o movimento do ponto de aglutinação, Don Juan?

— Inibindo a auto-reflexão — replicou. — Mover o ponto de aglutinação ou quebrar a continuidade de um indivíduo não é a dificuldade real. O difícil é concentrar energia. Se o indivíduo tem energia, uma vez que o ponto de aglutinação se move, coisas inconcebíveis estão ali, bastando pedi-las.

Don Juan explicou que a situação do homem é que ele intui seus recursos ocultos, mas não ousa usá-los. É por isso que os feiticeiros dizem que a luta do homem é o contraponto entre sua estupidez e sua ignorância. Disse que o homem necessita agora, mais do que nunca, que lhe ensinem novas idéias que tenham a ver exclusivamente com seu mundo interior — idéias de feiticeiros, idéias pertinentes ao homem encarando o desconhecido, encarando sua morte pessoal. Agora, mais do que qualquer outra coisa, ele necessita aprender os segredos do ponto de aglutinação.

Sem preliminares e sem parar para pensar, Don Juan começou então a contar uma história de feitiçaria. Disse que por um ano inteiro fora a única pessoa jovem na casa do nagual Julian. Era tão completamente autocentrado que

sequer notou quando, no começo do segundo ano, seu benfeitor trouxe três rapazes e quatro moças para viver na casa. Até onde Don Juan estava envolvido, aquelas sete pessoas que chegaram uma de cada vez no período de dois ou três meses eram simplesmente empregados e sem maior importância. Um dos rapazes ficou como seu assistente.

Don Juan convenceu-se de que o nagual Julian os atraíra e coagira a trabalhar para ele sem salários. E teria lamentado por eles, não fosse por sua cega confiança no nagual Julian e sua doentia ligação a todos e a tudo na casa.

Seu sentimento é que nasceram escravos e, portanto, não tinha nada a dizer-lhes. No entanto, era obrigado a fazer amizade com eles e dar-lhes conselhos, não porque quisesse, mas porque o nagual exigia-o como parte do seu trabalho. Quando procuravam seu aconselhamento, ele ficava horrorizado pela pungência e pelo drama das histórias de suas vidas.

Congratulava-se em segredo por estar melhor do que eles.

Sentia que era mais esperto que todos eles juntos. Gabava-se para eles que podia ver através das manobras do nagual, embora não as compreendesse. E ria diante de suas ridículas tentativas de serem úteis.

Considerava-os servis e dizia-lhes que estavam sendo impiedosamente explorados por um tirano profissional.

Mas o que o enraivecera foi que as quatro moças brigavam por causa do nagual Julian e fariam qualquer coisa para agradá-lo. Don Juan buscava consolo mergulhando em seu trabalho para esquecer sua raiva, ou por longas horas lia os livros que o nagual Julian tinha na casa. Ler tornou-se sua paixão. Quando estava lendo, todos sabiam que não deviam incomodá-lo, exceto o nagual Julian,

que sentia prazer em nunca deixá-lo em paz. Estava sempre atrás de Don Juan para que fizesse amizade com os rapazes e as moças. Disse-lhe repetidas vezes que todos eles, incluindo Don Juan, eram seus aprendizes de feitiçaria.

Don Juan estava convencido que o nagual Julian não sabia nada sobre feitiçaria, mas agradava-o, ouvindo-o sem sequer acreditar.

O nagual Julian não se preocupava pela falta de confiança de Don Juan. Simplesmente continuava como se Don Juan acreditasse nele, e reunia todos os aprendizes para dar-lhes instruções. Periodicamente levava todos eles para excursões, durante a noite inteira nas montanhas locais. Na maior parte dessas excursões, o nagual deixava-os entregues a si mesmos, espalhados por aquelas montanhas agrestes, com Don Juan no comando.

O dado racional para as excursões era que na solidão, num ambiente selvagem, iriam descobrir o espírito. Mas eles nunca o faziam.

Pelo menos não de qualquer maneira que Don Juan pudesse compreender. Entretanto, o nagual Julian insistia tão firmemente na importância de conhecer o espírito que Don Juan ficara obcecado em saber o que era o espírito.

Durante uma dessas excursões noturnas, o nagual Julian incentivou Don Juan a ir atrás do espírito, mesmo sem compreendê-lo.

— Naturalmente, ele queria dizer a única coisa que o nagual poderia querer falar: um movimento do ponto de aglutinação — explicou Don Juan. — Mas ele se expressava de uma maneira que fizesse sentido para mim: ir atrás do espírito.

“Pensei que estava falando bobagens. Naquela época eu já havia formado minhas próprias opiniões e crenças e estava convencido de que o espírito era o que é conhecido como caráter, volição, energia, força. E acreditava que não precisava ir atrás dessas coisas. Tinha-as todas.

“O nagual Julian insistia que o espírito era indefinível, que não se podia sequer senti-lo, muito menos falar a respeito. Podia-se apenas acenar para ele, reconhecendo sua existência. Minha resposta era bastante semelhante a sua; alguém não pode acenar para alguma coisa que não existe.

Don Juan disse-me que discutira tanto com o nagual que ele prometeu-lhe, por fim, diante de todo o seu pessoal, que num único golpe iria mostrar-lhe não apenas o que era o espírito, mas como definilo.

Também prometeu organizar uma enorme festa, convidando mesmo os vizinhos, para celebrar a lição de Don Juan. Segundo Don Juan, naqueles dias, antes da revolução mexicana, o nagual Julian e as sete mulheres de seu grupo passavam-se por ricos proprietários de uma grande hacienda. Ninguém sequer duvidava de sua imagem, especialmente a do nagual Julian, um rico e bem-apessoado proprietário que havia deixado de lado seu ardente desejo de perseguir uma carreira eclesiástica de modo a cuidar de suas sete irmãs solteiras.

Um dia, durante a estação chuvosa, o nagual Julian anunciou que, assim que as chuvas parassem, iria realizar a enorme festa que havia prometido a Don Juan. E no domingo à tarde, ele levou todo o pessoal da casa para as margens do rio, que estava cheio por causa das pesadas chuvas. O nagual Julian montava seu cavalo enquanto Don Juan trotava respeitosamente atrás, como era seu costume no caso de encontrarem qualquer de seus vizinhos; até

onde os vizinhos sabiam, Don Juan era o criado pessoal do proprietário.

O nagual escolheu para seu piquenique um sítio em terreno alto à margem do rio. As mulheres prepararam comida e bebida. O nagual trouxera até um grupo de músicos da cidade. Foi uma grande festa que incluiu os peões da hacienda, vizinhos, e mesmo estranhos que passavam e aproximavam-se furtivos para se juntar à comemoração.

Todos comeram e beberam até ficarem satisfeitos. O nagual dançou com todas as mulheres, cantou e recitou poesias. Contou piadas, e com a ajuda de algumas das mulheres encenou esquetes para o divertimento de todos.

Em dado momento, o nagual Julian perguntou se algum dos presentes, em especial os aprendizes, desejavam partilhar da lição de Don Juan. Todos declinaram. Estavam agudamente conscientes das táticas duras do nagual. Então ele perguntou a Don Juan se tinha certeza de querer descobrir o que era o espírito. Don Juan não podia voltar atrás. Simplesmente não podia recuar. Anunciou que estava tão pronto quanto podia estar. O nagual guiou-o para a margem do rio enraivecido e o fez ajoelhar. O nagual começou uma longa encantação na qual invocava o poder dos ventos e das montanhas e pedia ao poder do rio para aconselhar Don Juan.

Seu encantamento, significativo quanto possa ter sido, era enunciado tão irreverentemente que todos tinham que rir. Quando terminou, pediu a Don Juan para levantar-se com os olhos fechados.

Depois tomou o aprendiz nos braços como faria com uma criança e atirou-o para as águas precipitadas, gritando “Não odeie o rio, pelo amor de Deus!”.

Relatar esse incidente fez Don Juan ter ataques de risos. Talvez sobre outras circunstâncias, eu também poderia ter achado a história hilariante. Desta vez, entretanto, ela abateu-me muito.

— Você deveria ter visto o rosto daquelas pessoas — continuou Don Juan. — Tive um vislumbre de seu desalento enquanto voava pelo ar em meu caminho para o rio. Ninguém imaginou que aquele nagual diabólico me jogaria no rio perigoso.

Don Juan pensou que era o fim de sua vida. Não era bom nadador, e enquanto afundava até o fundo do rio, maldisse a si mesmo por permitir que isso lhe acontecesse. Estava tão zangado que não teve tempo para entrar em pânico. Tudo o que podia pensar era sua resolução de que não ia morrer naquele maldito rio nas mãos daquele terrível homem.

Seus pés tocaram o fundo e propeliu-se para cima. Não era um rio fundo, mas as águas da enchente o haviam alargado muito. A correnteza estava forte e arrastou-o enquanto ele nadava feito um cachorro, na tentativa de se salvar.

A correnteza arrastou-o por uma longa distância. Enquanto estava sendo arrastado e tentando ao máximo não sucumbir, entrou numa estranha moldura mental. Conhecia sua falha. Era um homem muito zangado e sua raiva fazia-o odiar e brigar com todos ao redor.

Mas não podia odiar ou brigar com o rio, ou ser impaciente, ou se apressar, que eram as maneiras pelas quais normalmente se portava com tudo e com todos em sua vida. Tudo o que podia fazer com o rio era seguir seu fluxo.

Argumentou que aquela simples percepção e aquiescência que esta engendrara igualaram os pratos da balança, por assim dizer, e ele experimentou um momento livre de seu ponto de aglutinação.

Subitamente, sem estar de qualquer maneira consciente do que acontecia, em vez de estar sendo puxado pela correnteza, Don Juan sentiu-se correndo ao longo da margem do rio. Corria tão rápido que não tinha tempo de pensar. Uma tremenda força puxava-o, fazendo-o correr por pedras e árvores caídas, como se não estivessem ali.

Depois de correr desse modo desesperado por um bom tempo, Don Juan arriscou um rápido olhar para a água avermelhada e rápida.

E viu a si mesmo sendo rudemente revirado pela correnteza. Nada em sua experiência o havia preparado para tal momento. Soube então, sem envolver seus processos de pensamento, que se encontrava em dois lugares ao mesmo tempo. E num deles, na correnteza do rio, estava indefeso.

Toda sua energia destinou-se a tentar salvar-se.

Sem pensar a respeito, começou a afastar-se da margem do rio.

Foram necessárias toda sua força e determinação para afastar-se alguns centímetros de cada vez. Sentia-se como se estivesse arrastando uma árvore. Movia-se tão devagar que levava uma eternidade para ganhar alguns metros.

O esforço foi demais para ele. Subitamente não se via mais correndo. Estava caindo num poço profundo. Quando bateu na água, sua temperatura o fez gritar. E então estava de volta no rio, e sendo arrastado pela correnteza. Seu susto por encontrar-se de novo na correnteza foi tão

intenso que tudo o que pôde fazer foi desejar com toda sua força estar são e salvo na margem do rio. E imediatamente estava ali novamente, correndo a uma incrível velocidade, paralelo, mas afastado do rio.

Enquanto corria, olhou para a correnteza e viu-se lutando para permanecer na superfície. Desejava gritar ao comando; desejava ordenar a si mesmo nadar em ângulo, mas não tinha voz. Sua angústia pela parte dele que estava na água era avassaladora. Serviu como uma ponte entre os dois Juan Matuses. Instantaneamente estava de volta na água, nadando em ângulo na direção da margem.

A incrível sensação de alternar-se entre dois lugares foi suficiente para erradicar seu medo. Não mais se importava com seu destino.

Alternava livremente entre nadar no rio e correr na margem. Mas, independente do que fazia, movera-se conscientemente para a esquerda, afastando-se do rio ou bracejando em direção à margem esquerda.

Saiu do lado esquerdo do rio quase dez quilômetros rio abaixo.

Ficou ali, por mais de uma semana, escondido nos arbustos.

Esperava que as águas baixassem para atravessar o rio, mas também aguardava até que seu medo se esvaísse e ele Ficasse inteiro outra vez.

Don Juan explicou que a emoção forte e continuada de lutar por sua vida fizeram com que seu ponto de aglutinação se movesse diretamente ao lugar do conhecimento silencioso. Por nunca haver prestado qualquer atenção ao que o nagual Julian dizia a respeito do

ponto de aglutinação, não tinha idéia do que lhe estava acontecendo.

Sentia-se apavorado ao pensamento de que nunca mais poderia ser normal. Mas, à medida que explorava sua percepção dividida, descobriu seu lado prático e achou que gostava do medo. Ficou duplicado durante dias. Conseguia ser completamente um ou outro. Ou conseguia ser ambos ao mesmo tempo. Quando era ambos, as coisas ficavam indistintas, e nenhum dos seres era efetivo, de modo que abandonou aquela alternativa. Mas ser um ou outro abriu-lhe possibilidades inconcebíveis.

Enquanto se recuperava entre os arbustos, estabeleceu que um de seus seres era mais flexível que o outro e podia cobrir distâncias num piscar de olhos e encontrar comida ou mesmo um lugar para esconder-se. Foi este ser que uma vez foi até a casa do nagual para ver se estavam se preocupando a seu respeito.

Ouviu os jovens chorando por ele e aquilo foi certamente uma surpresa. Teria continuado a observá-los por tempo indefinido, uma vez que adorou a idéia de descobrir o que pensavam dele, mas o nagual Julian apanhou-o e pôs um fim àquilo.

Aquela foi a única vez em que realmente ficara com medo do nagual. Don Juan ouviu-o dizendo-lhe que parasse com aquela bobagem. Apareceu de súbito um objeto inteiramente negro em forma de sino, de altura e força imensas. Agarrou Don Juan. Ele não sabia como o nagual agarrava, mas doía de uma maneira extremamente preocupante. Era uma dor nervosa, aguda, que sentia no estômago e nos genitais.

— Instantaneamente eu estava de volta à margem do rio — disse Don Juan, rindo. — Levantei-me, atravessei o rio,

pois o nível da água havia baixado e comecei a caminhada para casa — fez uma pausa e então perguntou-me o que eu pensava de sua história.

Respondi que fiquei apavorado.

— Poderia ter se afogado naquele rio — falei quase aos gritos. — Que coisa brutal para fazer consigo. O nagual Julian devia estar louco! — Espere um minuto — protestou Don Juan. — O nagual Julian era diabólico, mas não louco. Ele procedeu como devia em seu papel como nagual e professor. É verdade que eu poderia ter morrido. Mas este é um risco que todos precisamos correr. Você mesmo poderia ter sido comido com facilidade pelo jaguar, ou poderia ter morrido de qualquer das coisas que o obriguei a fazer. O nagual Julian era rude e autoritário e encarava tudo diretamente. Nada de bater ao redor dos arbustos com ele, nada de falsidade.

Insisti que por mais valiosa que a lição pudesse ter sido, ainda me parecia que os métodos do nagual Julian eram bizarros e excessivos.

Admitia Don Juan que tudo que eu ouvira sobre o nagual Julian me preocupou tanto que formei uma imagem extremamente negativa dele.

— Acho que você está com medo de um dia desses eu jogá-lo no rio ou fazê-lo usar roupas de mulher — retrucou e começou a rir. — É por isso que não aprova o nagual Julian.

Admiti que ele estava certo, e assegurou-me que não tinha intenções de imitar os métodos de seu benfeitor, porque não os considerava funcionais. Achava-se tão implacável, mas não tão prático quanto o nagual Julian.

— Naquele tempo — continuou Don Juan — eu não apreciava sua arte e, decerto, não gostei do que fizera comigo, mas agora, todas as vezes que penso a respeito, admiro-o mais por sua maneira soberba e direta de colocar-me na posição do conhecimento silencioso.

Don Juan disse que por causa da enormidade de sua experiência esquecera por completo o homem monstruoso. Caminhou desacompanhado quase até a porta da casa do nagual Julian, depois mudou de idéia e foi, em lugar disso, ao canto do nagual Elias, à procura de consolo. E o nagual Elias explicou-lhe a profunda consistência das ações do nagual Julian.

O nagual Elias dificilmente conseguia conter sua excitação ao ouvir a história de Don Juan. Num tom entusiástico explicou a Don Juan que seu benfeitor era um espreitador supremo, sempre atrás de praticidades. Sua causa infindável era por pontos de vista e soluções pragmáticas. Seu comportamento naquele dia foi uma obra-prima de espreitar. Havia manipulado e afetado todo mundo. Mesmo o rio parecia estar a seu comando.

Ele alegou que enquanto Don Juan estava sendo levado pela correnteza, lutando para salvar-se, o rio ajudou-o a compreender o que representava o espírito. E graças a essa compreensão, Don Juan pôde entrar diretamente no conhecimento silencioso.

Don Juan disse que, por ser um jovem inexperiente, ouviu ao nagual Elias sem compreender uma palavra, mas ficou comovido, sinceramente admirado com a imensidade do nagual.

Primeiro o nagual Elias explicou a Don Juan que o som e o significado das palavras eram de suprema importância para os espreitadores. As palavras eram usadas por eles

como chaves para abrir tudo que estivesse fechado. Os espreitadores, portanto, tinham de afirmar seu objetivo antes de tentar alcançar. Mas não podiam revelar seu alvo verdadeiro no início, de modo que deviam verbalizar as palavras com cuidado para esconder a intenção principal.

O nagual Elias chamou este ato de acordar o intento. Explicou a Don Juan que o nagual Julian acordava o intento afirmando de modo enfático diante de todo o pessoal de sua casa que ia mostrar a Don Juan, de um só golpe, o que o espírito era e como defini-lo. Isso não tinha sentido nenhum porque o nagual Julian sabia que não havia como definir o espírito. O que realmente tentava fazer era, naturalmente, colocar Don Juan na posição do conhecimento silencioso.

Após fazer a declaração que escondia seu verdadeiro objetivo, o nagual Julian juntou tantas pessoas quanto pôde, assim fazendo-as cúmplices tanto propositais como não-propositais. Todos sabiam sobre seu objetivo firmado, mas nenhum só deles sabia o que de fato ele trazia em mente.

A crença do nagual Elias de que esta explicação iria sacudir Don Juan de sua posição impossível de rebeldia e indiferença totais estava completamente errada, no entanto o nagual pacientemente continuou a explicar-lhe que, enquanto Don Juan lutara com a correnteza no rio, ele atingira o terceiro ponto.

Segundo o velho nagual, a posição do conhecimento silencioso era considerada o terceiro ponto porque para chegar a ele era preciso passar pelo segundo ponto, o lugar da não-piedade.

Explicou que o ponto de aglutinação de Don Juan adquiriu suficiente fluidez para que ele se duplicasse, o que lhe permitiu estar tanto no lugar do conhecimento

silencioso quanto no da razão, seja alternadamente ou ao mesmo tempo.

O nagual disse a Don Juan que sua realização era magnífica.

Abraçou mesmo Don Juan como se fosse uma criança. E não podia parar de falar sobre como Don Juan, a despeito de saber de tudo, transferira sua energia total de um lugar para outro. Isso significava para o nagual que o ponto de aglutinação para Don Juan tinha urna fluidez natural extremamente propiciar Segundo ele, cada ser humano tinha uma capacidade para essa fluidez. Para a maioria de nós, entretanto, estava guardada e nunca a usávamos, exceto nas raras ocasiões que eram provocadas pelos feiticeiros, tais como a experiência que acabara de ter, ou por dramáticas circunstâncias naturais, tais como uma luta de vida ou morte.

Don Juan ouviu, hipnotizado pelo som da voz do velho nagual.

Quando prestou atenção, pôde acompanhar a explicação do homem, algo que nunca conseguira com o nagual Julian.

O velho nagual continuou explicando que a humanidade se encontrava no primeiro ponto, a razão, mas que nem todo ponto de aglutinação dos seres humanos ficava exatamente na posição da razão.

Aqueles que estavam exatamente em seu próprio ponto eram os verdadeiros líderes da humanidade. Na maior parte do tempo, pessoas desconhecidas cujo gênio era exercitar sua razão.

Ele afirmou que houve uma época em que a humanidade estivera no terceiro ponto, o qual, naturalmente, fora o primeiro ponto na época.

Mas, depois disso, a humanidade moveu-se para o lugar da razão.

Quando o conhecimento silencioso era o primeiro ponto, a mesma condição prevalecia. Nem todos os pontos de aglutinação dos seres humanos também estavam exatamente naquela posição. Isso significava que os verdadeiros líderes da humanidade sempre foram aqueles poucos humanos cujos pontos de aglutinação estavam ou no ponto exato da razão ou no do conhecimento silencioso. O resto da humanidade, disse o velho nagual a Don Juan, era meramente a audiência. Em nossa época, são os amantes da razão. No passado foram os amantes do conhecimento silencioso, que admiraram e cantaram odes aos heróis de qualquer das outras posições.

A humanidade, segundo o nagual, passou a parte mais longa de sua história na posição do conhecimento silencioso, e isso explicava nosso grande anseio por ele.

Don Juan perguntou ao velho nagual o que exatamente o nagual Julian estava fazendo com ele. Sua pergunta soou mais madura e inteligente do que ele era. O nagual Elias respondeu-a em termos ininteligíveis para Don Juan naquele tempo. Explicou que o nagual Julian estava treinando Don Juan, atraindo seu ponto de aglutinação para a posição da razão, de modo que pudesse ser um pensador antes do que apenas uma parte de uma audiência não sofisticada mas emocionalmente carregada, que amava os trabalhos ordenados da razão. Ao mesmo tempo, o nagual estava treinando Don Juan a ser um verdadeiro feiticeiro abstrato, em vez de ser meramente parte de uma audiência mórbida e ignorante dos amantes do desconhecido.

O nagual Elias assegurou a Don Juan que apenas um ser humano que fosse um modelo da razão podia mover seu

ponto de aglutinação com facilidade e ser um modelo do conhecimento silencioso.

Disse que apenas aqueles que estavam exatamente em qualquer das posições podiam ver a outra posição com clareza, e que esta foi a maneira pela qual a idade da razão veio a existir. A posição da razão era vista claramente da posição do conhecimento silencioso.

O velho nagual afirmou a Don Juan que a ponte de mão única do conhecimento silencioso para a razão era chamada “concernência”. Isto é, a concernência que os verdadeiros homens do conhecimento silencioso tinham acerca da fonte do que conheciam. E a outra ponte de mão única, da razão para o conhecimento silencioso, era chamada “entendimento puro”. Isto é, o reconhecimento que revelou ao homem da razão que a razão era apenas uma ilha num mar infinito de ilhas.

Acrescentou que um ser humano que tenha as duas pontes de mão única funcionando era um feiticeiro em contato direto com o espírito, a força vital que fazia ambas as posições possíveis. Salientou para Don Juan que tudo o que o nagual Julian fizera naquele dia junto ao rio fora um espetáculo, não para uma audiência humana, mas para o espírito, a força que o estava observando. Ele se exibiu e brincou com abandono e entretendo todos, especialmente o poder ao qual estava se dirigindo.

Don Juan disse que o nagual Elias assegurara-lhe que o espírito apenas ouvia quando o discurso era feito através de gestos, que não significam sinais ou movimentos corporais, mas atos de abandono verdadeiro, atos de liberalidade, de humor. Como um gesto para o espírito, os feiticeiros trazem o melhor de si e em silêncio oferecem-no ao abstrato.

INTENTANDO APARÊNCIAS

Don Juan queria que fizéssemos mais uma excursão às montanhas antes de voltar para casa, mas nunca chegamos a fazê-la. Em vez disso, pediu-me para levá-lo até a cidade. Precisava visitar algumas pessoas.

Pelo caminho falou sobre todos os temas, com exceção do intento.

Era uma trégua bem-vinda. Na parte da tarde, depois que ele cuidara de seus negócios.

Sentamo-nos em seu banco favorito na plaza. O lugar estava deserto.

Sentia-me muito cansado e sonolento. Mas então, sem esperar, despertei totalmente. Minha mente ficou cristalina.

Don Juan logo notou a mudança e riu diante de meu gesto de surpresa. Captou o pensamento diretamente de minha mente; ou talvez tenha sido eu quem captou aquele pensamento na dele.

— Se você pensa a respeito da vida em termos de horas em vez de anos, nossas vidas são imensamente longas — explicou. — Mesmo se pensasse em termos de dias, ainda assim a vida seria interminável.

Aquilo era exatamente o que eu estivera pensando.

Explicou-me que os feiticeiros contavam suas vidas em horas, e que em uma hora era possível ao feiticeiro viver o equivalente em intensidade a uma vida normal. Essa intensidade é uma vantagem quando se trata de armazenar informação num movimento do ponto de aglutinação. Pedi que me esclarecesse isso com mais detalhes. Há muito tempo, por ser tão incômodo tomar notas nas conversações, ele recomendou que eu mantivesse toda a informação que obtinha sobre o mundo dos feiticeiros limpamente

organizada, não em papel nem em minha mente, mas no movimento do meu ponto de aglutinação.

— O ponto de aglutinação, mesmo com o deslocamento mais diminuto, cria ilhas totalmente isoladas de percepção — disse Don Juan. — A informação na forma de experiências na complexidade da consciência pode ser armazenada ali.

— Mas como pode a informação ser armazenada em algo tão vago?

— A mente é igualmente vaga, e no entanto você confia nela porque está familiarizado com ela — retorquiu. — Você ainda não tem a mesma familiaridade com o movimento do ponto de aglutinação, mas é mais ou menos a mesma coisa.

— O que quero dizer é como a informação é armazenada? — insisti.

— A informação é armazenada na própria experiência. Mais tarde, quando um feiticeiro move seu ponto de aglutinação ao local exato onde estava, revive a experiência total. Essa recordação dos feiticeiros é a maneira de recuperar toda a informação armazenada no movimento do ponto de aglutinação.

“Intensidade é um resultado automático do movimento do ponto de aglutinação. Por exemplo, você está vivendo esses momentos com mais intensidade do que o faria ordinariamente; assim, propriamente falando, você está armazenando intensidade. Algum dia você irá reviver esse momento fazendo seu ponto de aglutinação retornar ao local preciso onde está agora. Essa é a maneira dos feiticeiros armazenarem informação.

Expliquei a Don Juan que as intensas recordações que eu tivera dos poucos dias passados haviam simplesmente acontecido, sem qualquer processo mental especial de que eu tivesse consciência.

— Como se pode conseguir recordar deliberadamente? — perguntei.

— A intensidade, sendo um aspecto do intento, está conectada naturalmente ao brilho dos olhos dos feiticeiros. Para relembrar essas ilhas isoladas de percepção, os feiticeiros necessitam apenas intentar o brilho particular de seus olhos associados com a localização à qual desejem regressar. Mas já expliquei isso.

Devo ter parecido perplexo, Don Juan olhou-me com uma expressão séria. Abri minha boca duas ou três vezes para fazer perguntas, mas não consegui formular meus pensamentos.

— Porque a sua taxa de intensidade é maior do que o normal — disse Don Juan —, em poucas horas um feiticeiro pode viver o equivalente a uma vida normal inteira. Seu ponto de aglutinação, mudando para uma posição não familiar, absorve mais energia do que o normal. Esse fluxo extra de energia é chamado intensidade.

Compreendi aquilo com perfeita clareza, e minha racionalidade titubeou sob o impacto da tremenda implicação. Don Juan fixou-me com seu olhar e então preveniu-me para me cuidar de uma reação que afligia tipicamente os feiticeiros: um desejo frustrante de explicar a experiência da feitiçaria em termos coerentes, bem raciocinados.

— A experiência dos feiticeiros é tão bizarra — continuou Don Juan — que os feiticeiros a consideram um exercício intelectual, e usam-na para espreitar-se. Seu trunfo como espreitadores, entretanto, é que permanecem agudamente conscientes de que são os perceptores de que a percepção tem mais possibilidades do que a mente pode conceber.

Como único comentário, exprimi minha apreensão sobre as possibilidades bizarras da consciência humana.

— Para proteger-se daquela imensidade — disse Don Juan — os feiticeiros aprendem a manter uma mistura perfeita de implacabilidade, astúcia, paciência e doçura. Essas quatro bases estão inexplicavelmente interligadas. Os feiticeiros cultivam-nas intentando-as. Essas bases são, naturalmente, posições do ponto de aglutinação.

Continuou dizendo que qualquer ato executado por qualquer feiticeiro era por definição governado por esses quatro princípios. Assim falando propriamente, cada ação de cada feiticeiro é deliberada em pensamento e realização, e tem a mistura específica dos quatro fundamentos da espreita.

— Os feiticeiros usam as quatro disposições da espreita como guias — continuou. — Trata-se de quatro estruturas mentais diferentes, quatro mesclas distintas de intensidade que os feiticeiros podem usar para induzir seus pontos de aglutinação a se moverem a posições específicas.

Subitamente, Don Juan pareceu aborrecido. Perguntei-lhe se era a minha insistência em especular o que o preocupava.

— Estou apenas considerando como nossa racionalidade nos coloca entre uma pedra e um lugar rijo — retrucou. — Nossa tendência é ponderar, questionar, esclarecer. E não há como fazer isso na disciplina da feitiçaria. Ela é o ato de atingir o lugar do conhecimento silencioso, e o conhecimento silencioso não pode ser raciocinado. Pode ser apenas experimentado.

Ele sorriu, seus olhos brilhando como dois pontos de luz. Disse que os feiticeiros, num esforço para se protegerem do avassalador efeito do conhecimento silencioso, desenvolveram a arte de espreitar. A espreita move o ponto de aglutinação diminuta mas firmemente, propiciando, desse modo, tempo aos feiticeiros e, portanto, a possibilidade de se escorarem.

— Na arte de espreitar — continuou Don Juan — há uma técnica que os feiticeiros usam muito: loucura controlada. Segundo eles, a loucura controlada é a única maneira que têm de lidar consigo mesmos, em seu estado de consciência e percepção expandidas, e com todos e tudo no mundo dos afazeres diários.

Don Juan explicou a loucura controlada como a arte do engano controlado ou a arte de fingir estar profundamente imerso na ação — fingindo tão bem que ninguém pudesse distingui-lo da coisa real. A loucura controlada não é um engano direto, mas um modo sofisticado, artístico, de estar separado de tudo permanecendo ao mesmo tempo uma parte de tudo.

— A loucura controlada é uma arte — continuou Don Juan. — Uma arte que causa muitas preocupações, e muito

difícil para se aprender. Muitos feiticeiros não suportam isso, não porque haja alguma coisa inerentemente errada com a arte, mas porque é preciso muita energia para exercê-la.

Don Juan admitiu que a praticava conscienciosamente, embora não gostasse particularmente de fazê-lo, talvez porque seu benfeitor fosse tão adepto a ela. Ou talvez fosse porque sua personalidade — que ele disse ser basicamente tortuosa e mesquinha — simplesmente não tinha agilidade necessária para praticar a loucura controlada.

Olhei para ele com surpresa. Parou de falar e fixou-me com seus olhos maliciosos.

— Na época em que chegamos à feitiçaria, nossa personalidade já está formada — disse, e encolheu os ombros em sinal de resignação —, e tudo que podemos fazer é praticar a loucura controlada e rir de nós mesmos.

Senti uma onda de empatia e assegurei-lhe que para mim ele não era de modo algum mesquinho ou tortuoso.

— Mas esta é minha personalidade básica — insistiu. E eu retruquei que não era.

— Os espreitadores que praticam a loucura controlada acreditara que, em questão de personalidade, a raça humana inteira entra em três categorias — disse ele, e sorriu da maneira que sempre fazia quando estava me preparando algo.

— Isso é absurdo — protestei. — O comportamento humano é complexo demais para ser categorizado tão simplesmente.

— Os espreitadores acham que não somos tão complexos como pensamos ser e que todos pertencemos a uma das três categorias.

Ri de puro nervosismo. Em geral, eu teria tomado tal declaração como uma piada, mas desta vez, porque minha mente estava muito clara e meus pensamentos eram pungentes, senti que ele realmente falava sério.

— Está falando sério? — perguntei, com tanta polidez quanto pude.

— Completamente sério — replicou, e começou a rir. Seu riso relaxou-me um pouco. Ele continuou explicando o sistema de classificação dos espreitadores. Disse que as pessoas da primeira classe são os secretários perfeitos, assistentes, companheiros. Têm uma personalidade muito fluida, mas sua fluidez não é nutritiva. São, entretanto, serviçais, preocupados, totalmente domésticos, dispõem de recursos dentro de certos limites, são bem-humorados, têm boas maneiras, são doces e delicados. Em outras palavras, são as pessoas mais simpáticas que alguém pode encontrar, mas têm uma enorme falha: não conseguem funcionar sozinhas. Estão sempre necessitadas de alguém para dirigi-las. Com direção, são perfeitas, não importando quão difícil ou antagônica essa direção possa ser. Entregues a si mesmas, perecem.

As pessoas da segunda classe não são nem um pouco simpáticas.

São mesquinhas, vingativas, invejosas, ciumentas, autocentradas.

Falam exclusivamente sobre si mesmas e em geral esperam que as pessoas se enquadrem em seus padrões. Sempre tomam a iniciativa mesmo quando não se sentem confortáveis com ela. Ficam profundamente desconfortáveis em qualquer situação e nunca relaxam.

São inseguras e nunca conseguem ser agradadas; quanto mais inseguras se tornam, mais desagradáveis

ficam. Sua falha fatal é que matariam para ser líderes.

Na terceira categoria estão as pessoas que não são simpáticas nem desagradáveis. Não servem e não se impõem a ninguém. Antes, são indiferentes. Têm uma idéia exaltada acerca de si mesmas derivada unicamente de divagações de pensamento desejoso. Se são extraordinárias em alguma coisa, é em esperar que as coisas aconteçam. Estão esperando ser descobertas e conquistadas e têm uma maravilhosa facilidade para criar a ilusão de que têm grandes coisas em suspenso, que sempre prometem liberar mas nunca fazem porque, na verdade, não dispõem de tais recursos.

Don Juan afirmou que ele próprio definitivamente pertencia à segunda classe. Então pediu-me para classificar a mim mesmo, e fiquei chocado. Don Juan estava praticamente no chão, curvado de tanto rir.

Sugeriu-me outra vez que eu classificasse a mim mesmo, e relutantemente sugeri que poderia ser uma combinação dos três.

— Não me dê essa bobagem de combinação — disse ele, ainda rindo. — Somos seres simples, cada um de nós é um dos três tipos. E no que me concerne, você pertence à segunda classe. Os espreitadores chamam-nos peidos.

Comecei a protestar que esse esquema de classificação era humilhante. Mas detive-me exatamente quando eu ia começar uma longa discussão. Em vez disso, comentei que, se fosse verdade que há apenas três tipos de personalidades, todos nós estamos aprisionados numa dessas três categorias para a vida toda, sem esperanças de mudança ou redenção.

Ele concordou que esse era exatamente o caso. Exceto que permanecia um caminho para a redenção. Os feiticeiros

haviam há muito tempo aprendido que apenas nossa auto-reflexão pessoal caía numa das três categorias.

— O problema conosco é que nos tomamos a sério — disse ele. — Independente da categoria na qual se encaixa nossa auto-imagem, isto só importa por causa de nossa auto-estima. Se não fôssemos tão auto- importantes, não importaria nem um pouco em qual categoria entraríamos.

“Sempre serei um peido. E você também. Mas agora sou um peido que não se leva a sério, enquanto você ainda o faz.

Eu estava indignado. Queria discutir com ele, mas não consegui reunir energia para isso.

Na plaza vazia, a reverberação de seu riso era estranha.

Don Juan mudou de assunto então e enumerou os cernes básicos que havia discutido comigo: as manifestações do espírito, o assalto do espírito, as artimanhas do espírito, a descida do espírito, os requisitos do intento e o manejo do intento. Repetiu-os como se estivesse dando à minha memória a oportunidade de retê-los inteiramente. E então sublinhou de modo sucinto tudo que me dissera a respeito. Era como se estivesse fazendo-me armazenar deliberadamente toda aquela informação na intensidade daquele momento. Observei que os cernes básicos ainda eram um mistério para mim. Sentia-me muito apreensivo sobre minha habilidade de compreendê-los. Ele dava-me a impressão de concluir um tópico, sem que eu ainda tivesse entendido sua significação.

Insisti que precisava perguntar-lhe mais sobre os cernes abstratos. Ele pareceu considerar o que eu estava dizendo, depois, em silêncio, anuiu com a cabeça.

— Esse tópico também era muito difícil para mim. Também fiz muitas perguntas. Talvez eu fosse um pouco mais autocentrado que você. E muito desagradável. Resmungar era o único modo que eu conhecia de fazer perguntas. Você próprio é um inquiridor bem beligerante. No final, é claro, você e eu somos igualmente aborrecidos, mas por razões diferentes.

Havia mais uma coisa que Don Juan acrescentou a nossa discussão dos cernes básicos antes de mudar de assunto; que eles se revelavam extremamente devagar, avançando e recuando de modo errático.

— Não posso repetir com freqüência suficiente que cada homem cujo ponto de aglutinação se move pode movê-lo mais além — começou.

— E a única razão pela qual precisamos de um instrutor é para nos espicaçar impiedosamente. De outro modo, nossa reação natural é parar para nos congratularmos por termos coberto tanto chão.

Disse que éramos ambos bons exemplos de nossa odiosa tendência de relaxarmos quanto a nós mesmos. Seu benfeitor, afortunadamente, sendo um estupendo espreitador que era, não o havia poupado.

Don Juan disse que no curso de suas excursões noturnas pelos ambientes selvagens, o nagual Julian o havia instruído extensivamente sobre a natureza da auto-estima e do movimento do ponto de aglutinação. Para o nagual Julian, a auto-estima era um monstro de três mil cabeças. E o indivíduo podia encará-lo em qualquer uma de três maneiras. A primeira delas era cortar uma cabeça de cada vez; a segunda era alcançar aquele misterioso estado de ser chamado o lugar da não-piedade, que destruía a auto-estima, matando-a lentamente à míngua; e a terceira era

pagar com a própria morte simbólica pela aniquilação instantânea do monstro de três mil cabeças.

O nagual Julian recomendava a terceira alternativa. Mas avisou a Don Juan que poderia se considerar um afortunado se tivesse oportunidade de escolher, pois era o espírito quem em geral determinava de que modo o feiticeiro deveria ir, e era dever do feiticeiro seguir.

Don Juan disse que, como me guiara, seu benfeitor o guiara para cortar as três mil cabeças da auto-estima uma por uma, mas que os resultados foram muito diferentes. Enquanto eu respondi muito bem, ele não respondeu de modo algum.

— A minha condição era peculiar — continuou. — Quando meu benfeitor viu-me caído na estrada com um buraco de baía no peito, soube que eu era um novo nagual. Agiu de acordo e moveu meu ponto de aglutinação assim que minha saúde o permitiu. E vi com grande facilidade um campo de energia na forma daquele homem monstruoso.

Mas esta realização, em vez de ajudar como se supunha, obstaculizou qualquer novo movimento de meu ponto de aglutinação. E assim, enquanto os pontos de aglutinação dos outros aprendizes moviam-se com firmeza, o meu permanecia fíxo num nível de ser capaz de ver o monstro.

— Por que seu benfeitor não lhe mostrou o que se passava? — perguntei, verdadeiramente intrigado pela complicação desnecessária.

— Meu benfeitor não acreditava em repassar conhecimento. Para ele, o conhecimento conferido dessa maneira não possuía efetividade.

Nunca estava ali quando se precisava dele. Por outro lado, se o conhecimento era apenas insinuado, a pessoa que

se mostrava interessada iria desenvolver meios para reclamar esse conhecimento.

Don Juan explicou que a diferença entre seu método de ensino e de seu benfeitor era que ele próprio acreditava na liberdade de escolha de cada indivíduo. Seu benfeitor não concordava com isso.

— E o professor de seu benfeitor, o nagual Elias, não lhe contou o que estava acontecendo? — insisti.

— Ele tentou — respondeu Don Juan, e suspirou — mas eu era verdadeiramente impossível. Eu acreditava saber tudo. Simplesmente deixava os dois homens gastarem a saliva em meu ouvido sem nunca ouvir coisa alguma do que diziam.

Para lidar com aquele impasse, o nagual Julian decidiu forçar Don Juan a realizar mais uma vez, mas de modo diferente, um movimento livre de seu ponto de aglutinação.

Interrompi-o para perguntar se isso havia acontecido antes ou depois de sua experiência no rio. As histórias de Don Juan não tinham a ordem cronológica que eu apreciaria.

— Isto aconteceu vários meses mais tarde — replicou. — E não pense você, por um instante, que eu tivesse realmente mudado só porque experimentei aquela decepção dividida; ou que eu estivesse mais sábio ou mais sóbrio. Nada desse tipo.

“Considere o que acontece com você. Não apenas quebrei sua continuidade inúmeras vezes, eu a transformei em farrapos, e olhe para você; ainda age como se estivesse intacto. Isto é uma realização suprema de magia, de intentar.

“Eu era o mesmo. Por algum tempo, eu iria oscilar sobre o impacto do que estava experimentando, então iria esquecer e amarrar as pontas cortadas como se nada tivesse acontecido. Era por isso que meu benfeitor acreditava que realmente podemos mudar se morremos.

Retomando a sua história, Don Juan disse que o nagual usou Túlio, um membro insociável do pessoal da casa, para enviar um novo golpe despedaçante a sua continuidade psicológica.

Don Juan explicou que todos os aprendizes, incluindo a si mesmo, nunca haviam estado em acordo total sobre coisa alguma exceto sobre o fato de que Túlio era um homenzinho desagradavelmente arrogante. Odiavam Túlio porque ele ou os evitava ou os esnobava.

Tratava-os com tal desdém que se sentiam como lixo. Estavam todos convencidos de que Túlio nunca lhes falava porque nada tinha a dizer; e que sua característica mais saliente, seu alheamento arrogante, era um disfarce para sua timidez.

Entretanto, apesar de sua personalidade desagradável, para irritação de todos os aprendizes, Túlio tinha influência indevida sobre a propriedade — especialmente sobre o nagual Julian, que parecia adorálo.

Uma manhã o nagual Julian enviou todos os aprendizes a tarefas na cidade que tomariam o dia inteiro. A única pessoa deixada na casa, ao lado dos membros mais velhos, foi Don Juan.

Por volta de meio-dia o nagual Julian dirigiu-se para seu escritório a fim de fazer a contabilidade diária. Quando estava entrando, pediu casualmente a Don Juan para ajudá-lo com as contas.

Don Juan começou a olhar através dos papéis e lago percebeu que, para continuar, precisava de certa informação que Túlio, o administrador da propriedade, possuía, e esquecera de registrar.

O nagual Julian ficou zangado pelo esquecimento de Túlio, o que agradou a Don Juan. O nagual ordenou impacientemente a Don Juan que encontrasse Túlio, que estava nos campas supervisionando os trabalhadores, e lhe pedisse para vir ao escritório.

Don Juan, exultante com a idéia de aborrecer Túlio, correu por um quilômetro até os campos, acompanhado, naturalmente, por um peão para protegê-lo do homem monstruoso. Encontrou Túlio supervisionando os trabalhadores a distância, como sempre. Don Juan notara que Túlio odiava entrar em contato direto com pessoas e sempre as observava a distância.

Em voz rude e com maneiras exageradamente imperativas, Don Juan exigiu que Túlio o acompanhasse à casa porque o nagual precisava de algumas informações. Túlio, com voz baixa, replicou que se encontrava muito ocupado no momento, mas que em cerca de uma hora estaria livre para ir vê-lo.

Don Juan insistiu, sabendo que Túlio não se incomodaria de discutir com ele e simplesmente o dispensaria, virando a cabeça. Ficou chocado quando Túlio começou a berrar obscenidades. A cena era tão fora do caráter para Túlio, que mesmo os trabalhadores do campo pararam seu trabalho e olharam-se interrogativamente. Don Juan estava certo de que nunca tinham ouvido Túlio erguer a voz, muito menos berrar impropriedades. Sua própria surpresa era tão grande que riu nervosamente, o que tornou Túlio muito zangado. Chegou, inclusive, a jogar uma pedra no assustado Don Juan, que fugiu.

Don Juan e seu guarda-costas correram imediatamente de volta para casa. Junto à porta da frente encontraram Túlio. Ele estava conversando e rindo tranqüilamente com algumas das mulheres. Como era seu costume, voltou a cabeça para o outro lado, ignorando Don Juan, que começou a censurá-lo zangadamente por distrair-se ali enquanto o nagual o desejava em seu escritório. Túlio e as mulheres olharam para Don Juan como se ele tivesse ficado louco.

Túlio, porém, não estava em seu estado habitual naquele dia.

Instantaneamente berrou com Don Juan para calar sua maldita boca e ir cuidar de seus próprios malditos negócios. De modo espalhafatoso, acusou Don Juan de tentar intrigá-lo diante do nagual Julian.

As mulheres mostraram seu desalento suspirando alto e lançando olhares desaprovadores para Don Juan. Tentaram acalmar Túlio. Don Juan ordenou a Túlio para ir ao escritório do nagual e esclarecer as dúvidas. Túlio mandou que ele fosse para o inferno.

Don Juan estava se sacudindo de raiva. A simples tarefa de pedir as contas transformara-se num pesadelo. Controlou seu mau humor.

As mulheres o observavam com atenção, o que o zangou outra vez. Com raiva contida correu para o escritório do nagual. Túlio e as mulheres voltaram a conversar e rir tranqüilamente, como se estivessem celebrando uma piada particular.

A surpresa de Don Juan foi total quando entrou no escritório e encontrou Túlio sentado à mesa do nagual absorto em sua contabilidade. Don Juan fez um supremo esforço e controlou sua raiva.

Sorriu para Túlio. Não precisava mais confrontar tudo. Compreendera subitamente que o nagual Julian estava usando Túlio para testá-lo, para ver se iria perder a compostura. Não lhe daria essa satisfação.

Sem erguer os olhos das contas, Túlio disse que, se Don Juan estava procurando pelo nagual, provavelmente o encontraria no outro lado da casa.

Don Juan correu até lá e encontrou o nagual Julian caminhando lentamente ao redor do pátio com Túlio a seu lado. O nagual parecia compenetrado em sua conversação com Túlio, que lhe puxou suavemente a manga e avisou em voz baixa que seu assistente estava ali.

O nagual explicou trivialmente a Don Juan tudo sobre a conta sobre a qual haviam estado trabalhando. Era uma explicação longa, detalhada e completa. Pediu então a Don Juan para trazer o livro de contabilidade do escritório de modo que pudessem anotar a inserção e fazer com que Túlio a assinasse.

Don Juan não conseguia compreender o que estava acontecendo.

A detalhada explicação e o tom trivial do nagual haviam trazido tudo para o reino dos afazeres mundanos. Túlio ordenou impacientemente que Don Juan se apressasse e apanhasse o livro, porque estava ocupado. Precisavam dele em alguma outra parte.

A essa altura Don Juan resignara-se a ser um palhaço. Sabia que o nagual preparava alguma coisa; tinha nos olhos aquele brilho estranho que Don Juan sempre associava com suas brincadeiras bestiais. Além disso, Túlio falara mais naquele dia do que o fizera nos dois anos inteiros em que Don Juan estivera na casa.

Sem enunciar palavra, Don Juan voltou ao escritório. Como havia esperado, Túlio chegara ali primeiro. Estava sentado a um canto da mesa, esperando por Don Juan, batendo impacientemente no chão com o salto duro da bota. Estendeu o livro que Don Juan viera procurar, deu-o para ele e disse-lhe para ir em frente.

Apesar de preparado, Don Juan estava atônito. Olhou para o homem, que ficou zangado e abusivo. Don Juan teve de lutar para não explodir, continuou dizendo a si mesmo que tudo aquilo era apenas um teste de suas atitudes. Tinha visões de ser jogado para fora da casa se falhasse no teste.

Em meio ao seu turbilhão, ainda foi capaz de se interrogar sobre a velocidade com a qual Túlio conseguia sempre estar um passo a sua frente.

Don Juan certamente antecipou que Túlio estaria esperando com o nagual. Entretanto, quando o viu ali, embora não ficasse surpreso, estava incrédulo. Correra através da casa, seguindo o caminho mais curto. Não havia maneira de Túlio correr mais rápido que ele. Além do mais, se Túlio tivesse corrido, teria feito exatamente o mesmo percurso de Don Juan.

O nagual tomou o livro de Don Juan com ar de indiferença. Fez a inserção; Túlio assinou-o. Então continuaram falando sobre a conta, ignorando Don Juan, cujos olhos estavam fixos em tudo. Don Juan queria descobrir que tipo de teste lhe prepararam. Tinha de ser um teste de sua atitude, pensou. Afinal, naquela casa, sua atitude sempre fora o tema.

O nagual dispensou Don Juan, dizendo que desejava ficar a sós com Túlio para discutir negócios. Don Juan logo saiu, procurando pelas mulheres para descobrir o que elas diriam sobre essa estranha situação. Caminhou alguns

metros e encontrou duas das mulheres com Túlio. Os três estavam envolvidos numa conversação muito animada.

Descobriu-os antes que o avistassem, de modo que correu de volta até o nagual. Túlio estava ali conversando com o nagual.

Uma incrível suspeita passou pela mente de Don Juan. Correu para o escritório; Túlio estava imerso em sua contabilidade e nem sequer lhe prestou atenção. Don Juan perguntou-lhe o que se passava.

Túlio, desta vez, comportava-se normalmente; não respondeu nem olhou para Don Juan.

Naquele momento Don Juan teve outro pensamento inconcebível.

Correu ao estábulo, selou dois cavalos e pediu ao seu guarda-costas da manhã para acompanhá-lo outra vez. Galoparam ao lugar onde haviam visto Túlio mais cedo. Ele permanecia exatamente onde o haviam deixado. Não falou com Don Juan. Encolheu os ombros e virou a cabeça quando Don Juan o interrogou.

Don Juan e seu companheiro galoparam de volta a casa. Deixou o homem cuidando dos cavalos e correu para o interior da casa. Túlio estava almoçando com as mulheres. Túlio também conversava com o nagual, assim como trabalhava nos livros.

Don Juan sentou-se e sentiu o suor frio do medo. Sabia que o nagual Julian estava testando-o com uma de suas brincadeiras horríveis. Raciocinou que tinha três cursos de ação. Podia se comportar como se nada fora do comum estivesse acontecendo; poderia imaginar o teste ele próprio; ou, uma vez que o nagual afirmara estar ali para

explicar tudo que Don Juan quisesse, poderia confrontar o nagual e pedir um esclarecimento.

Decidiu perguntar. Procurou o nagual e pediu-lhe para explicar o que estava sendo feito com ele. O nagual estava a sós então, ainda fazendo a contabilidade. Colocou o livro de lado e sorriu para Don Juan.

Disse que as vinte e uma não-realizações que ensinara a Don Juan eram os instrumentos que podiam cortar as três mil cabeças da auto- estima, mas que aqueles instrumentos não foram efetivos com Don Juan de maneira alguma. Portanto, estava tentando o segundo método para destruir a auto-estima, o qual significava colocar Don Juan no estado de ser chamado lugar da não-piedade.

Don Juan convenceu-se então que o nagual Julian estava completamente louco. Ouvi-lo falar sobre não-realizações ou sobre monstros com três mil cabeças, ou lugares da não-piedade fez Don Juan quase sentir pena dele.

O nagual Julian pediu muito calmamente a Don Juan para ir até o galpão de depósito nos fundos da casa e chamar Túlio.

Don Juan suspirou e fez o máximo para não explodir em risos. Os métodos do nagual eram óbvios demais. Ele sabia que o nagual desejava continuar o teste usando Túlio. Don Juan deteve sua narração e pediu a minha opinião sobre o comportamento de Túlio. Falei que, guiado pelo que eu sabia sobre o mundo dos feiticeiros, Túlio era um feiticeiro, e de alguma maneira estava movendo seu próprio ponto de aglutinação de um modo muito sofisticado para dar a Don Juan a impressão de que estava em quatro lugares ao mesmo tempo.

— Então o que acha que encontrei no galpão? — perguntou Don Juan com um grande sorriso.

— Eu diria que ou encontrou Túlio ou não encontrou ninguém.

— Mas se qualquer uma dessas coisas tivesse acontecido, eu não me abalaria.

Tentei imaginar coisas bizarras e propus que talvez ele tivesse encontrado o corpo de sonhar de Túlio. Relembrei a Don Juan que ele próprio fizera algo similar comigo com um dos membros de seu grupo de feiticeiros.

— Não — retorquiu Don Juan. — O que descobri foi uma brincadeira que não tem equivalente na realidade. E no entanto não foi bizarra, não foi nada fora deste mundo. O que acha que foi?

Avisei a Don Juan que detestava enigmas. Disse que com todas as coisas bizarras que me fizera experimentar, as que eu podia conceber seriam ainda mais bizarras, e desde que isso estava descartado, eu desistia de adivinhar.

— Quando entrei naquele galpão, preparei-me para descobrir que Túlio se escondia — disse Don Juan. — Estava certo de que a parte seguinte do teste seria uma irritante brincadeira de esconde-esconde.

Túlio iria levar-me à loucura escondendo-se no interior daquele galpão.

“Mas nada daquilo para o que me havia preparado aconteceu. Ao entrar, deparei com quatro Túlios.

— O que significa quatro Túlios, Don Juan?

— Havia quatro homens naquele galpão. E todos os quatro eram Túlio. Pode imaginar minha surpresa? Todos estavam sentados na mesma posição, as pernas cruzadas e comprimidos um contra o outro.

Estavam à minha espera. Olhei para eles e fugi aos berros.

“Meu benfeitor segurou-me do lado de fora da porta. Então, realmente horrorizado, vi como os quatro Túlios saíram do galpão e avançaram para mim. Berrei muito enquanto os Túlios cutucavam-me com seus dedos duros, como grandes pássaros atacando. Berrei até sentir algo romper-se em mim e entrei num estado de soberba indiferença. Nunca cm toda a minha vida sentira algo de tão extraordinário. Sacudi os Túlios e levantei-me. Eles apenas cutucaram- me. Dirigi-me diretamente ao nagual e pedi-lhe que me explicasse sobre os quatro Túlios.

O nagual Julian explicou a Don Juan que os quatro homens eram os modelos da espreita. Seus nomes haviam sido inventados por seu professor, o nagual Elias, que, como num exercício de loucura controlada, havia tomado os numerais espanhóis uno, dos, tres, cuatro e acrescentara-os ao nome de Túlio, obtendo dessa maneira os nomes Tuliúno, Tulióde, Tulítre e Tulícuatro.

O nagual Julian apresentou um de cada vez a Don Juan. Os quatro homens estavam parados numa fileira. Don Juan encarou cada um deles e fez sinal com a cabeça, e cada um respondeu retribuindo-lhe o cumprimento. O nagual explicou que os quatro homens eram espreitadores de um talento tão extraordinário, como Don Juan acabara de comprovar, que o elogio não tinha sentido. Os Túlios eram um triunfo do nagual Elias; eram a essência da discrição. Eram espreitadores tão magníficos que, para todos os propósitos práticos, apenas um deles existia. Embora as pessoas os vissem e lidassem com eles diariamente, ninguém, além dos membros da casa, sabia que havia quatro Túlios.

Don Juan compreendia com perfeita clareza a explicação dada pelo nagual Julian sobre os quatro Túlios. Por causa daquela clareza incomum, ele sabia que tinha alcançado o lugar da não-piedade. E compreendeu, por si mesmo, que aquele lugar era uma posição do ponto de aglutinação, uma posição que tornava a autopiedade inoperante. Mas Don Juan também sabia que sua percepção e sabedoria eram extremamente transitórias. Inevitavelmente, seu pomo de aglutinação iria retornar ao ponto de partida.

Quando o nagual perguntou a Don Juan se queria fazer alguma pergunta, ele percebeu que estaria melhor prestando muita atenção à explicação do nagual do que especulando sobre sua própria presciência.

Don Juan desejava saber como os Túlios criavam a impressão de que havia apenas uma pessoa. Estava extremamente curioso, porque, observando-os juntos, percebeu que não eram de fato tão parecidos.

Usavam as mesmas roupas. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho, idade e configuração. Mas essa era a extensão de sua similaridade. E, no entanto, mesmo enquanto os observava, Don Juan poderia ter jurado que havia apenas um Túlio.

O nagual Julian explicou que o olho humano era treinado para focalizar apenas as características mais salientes de qualquer coisa, e que aquelas características salientes eram sabidas de antemão. Assim a arte dos espreitadores destinava-se a criar uma impressão ao apresentar as feições que escolhiam, feições que sabiam que os olhos do observador seriam obrigados a notar. Reforçando com arte certas expressões, os espreitadores foram capazes de criar, por parte do observador, uma convicção imutável quanto ao que seus olhos haviam percebido.

Ele disse que, quando Don Juan chegara vestido em suas roupas de mulher, as mulheres de seu grupo ficaram deliciadas e riram muito.

Mas o homem que estava com elas, que ocorria ter sido Tulítre, logo forneceu a Don Juan a primeira impressão de Túlio. Virou-se ligeiramente para outro lado para esconder o rosto, encolheu os ombros com desdém, como se tudo aquilo fosse aborrecido para ele, e se afastou — para se desmanchar de tanto rir às escondidas —, enquanto as mulheres ajudavam a consolidar aquela primeira impressão, agindo apreensivamente, quase aborrecidas, com ar de insociabilidade do homem.

Daquele momento em diante qualquer Túlio que estivesse à volta de Don Juan reforçava aquela impressão e a aperfeiçoava mais até que o olho de Don Juan não pudesse captar coisa alguma exceto o que lhe era apresentado.

Tuliúno falou então e explicou que levou cerca de três meses de ações muito cuidadosas e consistentes para tornar Don Juan cego a qualquer coisa exceto aquelas que era dirigido a esperar. Após três meses, sua cegueira era tão pronunciada que os Túlios não eram mais sequer cuidadosos. Agiam normalmente na casa. Cessaram inclusive de usar roupas idênticas, e Don Juan não notou a diferença.

Quando outros aprendizes foram trazidos para a casa, entretanto, os Túlios deviam recomeçar tudo. Dessa vez o desafio era difícil, porque havia muitos aprendizes e eles eram afiados.

Don Juan perguntou a Tuliúno sobre a aparência de Túlio Ele respondeu que o nagual Elias sustentava que a aparência era a essência da loucura controlada, e os

espreitadores criavam aparência intentando-a, antes que a produzindo com a ajuda de disfarces. Os disfarces criavam aparências artificiais e pareciam falsos aos olhos.

Intentar aparências era exclusivamente um exercício para espreitadores.

Tulítre falou em seguida. Disse que as aparências eram solicitadas do espírito. Elas eram pedidas e forçosamente chamadas; nunca eram inventadas de modo racional. A aparência de Túlio precisara ser chamada do espírito. E para facilitar isso, o nagual Elias colocou todos os quatro juntos num pequeno quarto isolado, e ali o espírito falou-lhes. O espírito disse-lhes que primeiro tinham de intentar sua homogeneidade. Após quatro semanas de isolamento total, eles conseguiram a homogeneidade.

O nagual Elias disse que o intento os havia fundido um ao outro e que haviam adquirido a certeza de que sua individualidade passaria despercebida. Agora tinham de chamar a aparência que seria percebida pelo observador. E ocuparam-se, chamando o intento para a aparência dos Túlios que Don Juan vira. Tiveram de trabalhar com muito empenho para aperfeiçoá-la. Focalizaram-se, sob a direção de seu professor, em todos os detalhes que iriam torná-la perfeita.

Os quatro Túlios deram a Don Juan uma demonstração das características mais salientes de Túlio. Essas eram: gestos muito marcados de desdenho e arrogâncias; viradas abruptas do rosto para a direita, como se zangado; torções da parte superior do corpo, como se para esconder parte do rosto com o ombro esquerdo; passadas zangadas de mão sobre os olhos, como se para afastar o cabelo da testa; e o passo de uma pessoa ágil mas impaciente, que é nervosa demais para decidir que caminho tomar.

Don Juan comentou que esses detalhes de comportamento e inúmeros outros haviam feito de Túlio um caráter inesquecível. Com efeito, ele era tão inesquecível que para projetar Túlio sobre Don Juan e os outros aprendizes, como se sobre uma teta, qualquer um dos quatro homens precisava apenas insinuar uma feição, e Don Juan e os aprendizes forneceriam automaticamente o resto.

Don Juan disse que, por causa da tremenda consistência dos insumos, Túlio era para ele e os outros a essência de um homem desagradável. Mas, ao mesmo tempo, se procurassem profundamente dentro de si mesmos, teriam reconhecido que Túlio era assustador. Era ágil, misterioso e dava, ciente ou não, a impressão de ser uma sombra.

Don Juan perguntou a Tuliúno como havia chamado o intento.

Tuliúno explicou que os espreitadores chamavam o intento em voz alta.

Em geral o intento era chamado no interior de um pequeno aposento escuro e isolado. Uma vela era colocada sobre uma mesa negra com uma chama a poucos centímetros diante dos olhos; então a palavra intento era vocalizada lentamente, enunciada clara e deliberadamente tantas vezes o indivíduo sentisse que fossem necessárias. O timbre da voz subia ou caía sem qualquer pensamento.

Tuliúno salientou que a parte indispensável do ato de chamar o intento era uma total concentração no que era intentado. Em seu caso, a concentração fora na homogeneidade e aparência de Túlio. Depois de terem sido fundidos pelo intento, ainda precisaram de um par de anos para construir a certeza de que sua homogeneidade e a aparência de Túlio seriam realidades para os observadores.

Perguntei a Don Juan o que ele pensava de seu modo de chamar o intento. Ele explicou que seu benfeitor, como o nagual Elias, era bem mais dado a rituais que ele próprio, portanto, preferiam a parafernália tal como velas, aposentos escuros e mesas negras.

Casualmente comentei que eu próprio era terrivelmente atraído pelo comportamento ritual. O ritual me parecia essencial para focalizar a atenção de um indivíduo. Don Juan levou meu comentário a sério.

Disse que havia visto que meu corpo, como campo de energia, apresentava uma característica que sabia que todos os feiticeiros dos tempos antigos haviam tido e buscavam com avidez nos outros: uma área brilhante na parte baixa do lado direito de nosso casulo luminoso.

Esse brilho era associado com dotação de recursos e uma tendência para a morbidez. Os feiticeiros negros daqueles tempos tinham prazer em dominar esta característica ambicionada e ligá-la ao lado escuro do homem.

— Então há um lado mau no homem — comentei com júbilo — Você sempre o nega. Você sempre disse que o mau não existe, que apenas o poder existe.

Surpreendi-me com essa explosão. Num instante todo o meu passado católico era resgatado para pesar sobre mim, e o Príncipe das Trevas assomou maior do que a vida.

Don Juan riu até começar a tossir.

— Naturalmente, há um lado escuro em nós — disse ele. — Matamos sangrentamente, não é? Queimamos pessoas em nome de Deus. Destruímos a nós mesmos; obliteramos a vida neste planeta; destruímos a terra. E então vestimos mantos, e o Senhor fala diretamente para nós. E o que irá o

Senhor nos contar? Ele diz que deveríamos ser bons meninos ou irá punir-nos. O Senhor tem nos ameaçado por séculos e não faz qualquer diferença. Não porque sejamos maus, mas porque somos imbecis. O homem possui um lado escuro, sim, e é chamado estupidez.

Não falei mais nada, mas aplaudi em silêncio e pensei com prazer que Don Juan era um debatedor magistral. Mais uma vez estava virando minhas palavras contra mim.

Depois de um momento de pausa, Don Juan explicou que na mesma medida que o ritual forçava o homem comum a construir igrejas imensas que eram monumentos à auto-estima, o ritual também forçava os feiticeiros a construir edifícios de morbidez e obsessão. Como resultado, era dever de cada nagual dirigir a consciência de modo que essa possa voar na direção do abstrato, livre de ligações e hipotecas.

— O que quer dizer, Don Juan, com ligações e hipotecas?

— O ritual pode prender nossa atenção melhor do que qualquer coisa que eu possa pensar, mas também exige um preço muito alto.

Esse preço alto é a morbidez; e a morbidez pode ter as mais pesadas ligações e hipotecas sobre nossa consciência. — Don Juan disse que a consciência humana era como uma imensa casa mal-assombrada. A consciência da vida cotidiana era como estar trancado num quarto daquela imensa casa para a vida toda. Entrávamos no quarto através de uma abertura mágica: o nascimento. E saíamos através de outra dessas aberturas mágicas: a morte.

Os feiticeiros, entretanto, eram capazes de encontrar ainda outra abertura e conseguiam deixar aquele quarto fechado enquanto ainda vivos. Uma realização soberba. Mas sua realização mais impressionante era que, quando

escapavam daquele aposento selado, escolhiam a liberdade. Preferiam deixar aquela casa imensa e mal-assombrada inteiramente em vez de ficarem perdidos em outras partes dela.

A morbidez era a antítese da onda de energia que a consciência necessitava para alcançar a liberdade. A morbidez fazia os feiticeiros perderem o caminho e ficarem aprisionados nos becos intrincados e escuros do desconhecido.

Perguntei a Don Juan se havia alguma morbidez nos Túlios.

— Estranheza não é morbidez — replicou. — Os Túlios eram executantes que estavam sendo treinados pelo próprio espírito.

— Qual era a razão do nagual Elias para treinar os Túlios como o fez?

Don Juan encarou-me e riu alto. Naquele instante as luzes da plaza foram acesas. Levantou de seu banco favorito e afagou-o com a palma de sua mão, como se fosse um mascote.

— Liberdade — respondeu. — Ele desejava a liberdade deles da convenção perceptiva. E ensinou-os a ser artistas. A espreita é a arte.

Para um feiticeiro, uma vez que não é patrono ou vendedor de arte, a única coisa de importância em relação a um trabalho de arte é que ele pode ser realizado.

Ficamos parados junto ao banco observando os transeuntes do anoitecer circulando à nossa volta. A história dos quatro Túlios deixara- me com uma espécie de pressentimento. Don Juan sugeriu que eu voltasse para casa; comentou que a viagem para Los Angeles iria dar ao

meu ponto de aglutinação uma trégua de toda a movimentação que executara nos últimos dias.

— A companhia de um nagual é muito cansativa — continuou. — Produz uma estranha fadiga; podia mesmo ser injuriosa.

Assegurei-lhe que não estava nem um pouco cansado, e que sua companhia podia ser qualquer coisa, menos injuriosa para mim. Na realidade, sua companhia afetava-me como um narcótico — eu não podia passar sem ela. Isto soou como se eu o estivesse bajulando, mas esse era o meu pensamento sincero.

Caminhamos ao redor da plaza três ou quatro vezes, em completo silêncio. — Vá para casa e pense sobre os cernes básicos das histórias de feitiçaria — sugeriu Don Juan com uma nota de finalidade na voz. — Ou melhor, não pense a respeito deles, mas faça seu ponto de aglutinação se mover na direção do lugar do conhecimento silencioso.

Mover o ponto de aglutinação é tudo, mas não significa nada se não for um movimento sóbrio e controlado. Portanto, feche a porta da auto- reflexão. Seja impecável e terá a energia para atingir o lugar do conhecimento silencioso.

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros
http://groups-beta.google.com/group/digitalsource